UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA CIÊNCIAS E LETRAS DE RIBEIRÃO PRETO
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Roda de Leitura e Produção de Aprendizagem Inventiva: Um Estudo em Escola
Municipal de Ribeirão Preto com alunos de 8ª série

Antônio Sérgio Ferreira

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP, como parte das exigências para a obtenção do título de Doutor. Área: Psicologia.

RIBEIRÃO PRETO – SP

2015

ANTÔNIO SÉRGIO FERREIRA

Roda de Leitura e Produção de Aprendizagem Inventiva: Um Estudo em Escola
Municipal de Ribeirão Preto com alunos de 8ª série

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutor em Psicologia.

Orientador: Antônio dos Santos Andrade

RIBEIRÃO PRETO – SP

2015

Autorizo a reprodução e a divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Ferreira, Antônio Sérgio

Roda de Leitura e Produção de Aprendizagem Inventiva:
Um Estudo em Escola Municipal de Ribeirão Preto com
alunos de 8ª série.

322 p.: il.; 30 cm

Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação em
Psicologia, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de
Ribeirão Preto da USP.

Orientador: Andrade, Antônio dos Santos

1. Leitura. 2. Cognição. 3. Invenção. 4. Roda de Leitura. 5.
Interpretação

Nome: Ferreira, Antônio Sérgio

Título: Roda de Leitura e Produção de Aprendizagem Inventiva: Um Estudo em Escola Municipal de Ribeirão Preto com alunos de 8ª série

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutor em Psicologia.

Aprovado em: ____/____/____

Banca Examinadora

Prof.Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

A todos aqueles que me incentivaram na jornada de aprender, ensinar e buscar explicações.

À minha querida mãe (*in memoriam*).

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Antônio dos Santos Andrade, meu estimado orientador, que, com sua experiência, conhecimento e paciência dedicou-se profundamente para o desenrolar desta pesquisa, “contaminando” meu ser com seu vasto conhecimento, tornando-me parte da cognição inventiva.

A Secretaria Municipal da Educação que abriu as portas da Rede Municipal para esta pesquisa.

E a todos aqueles que direta ou indiretamente contribuíram para a construção desta pesquisa.

“A leitura não é somente uma operação abstrata de intelecção; ela é engajamento do corpo,
inscrição num espaço, relação consigo e com os outros.”

Roger Chartier

RESUMO

Ferreira, A. S. (2015). *Roda de Leitura e Produção de Aprendizagem Inventiva: Um Estudo em Escola Municipal de Ribeirão Preto com alunos de 8ª série*. Tese de Doutorado, FCLRP – Departamento de Psicologia, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP.

O ato da leitura apresenta uma de suas maiores complexidades na escola contemporânea: a interpretação. Interpretar o que foi lido não é apenas o simples ato de decodificar palavras e recodificá-las novamente para apreender um significado, está muito mais ligado à desconstrução e à reconstrução textuais bem como localizar pistas interpretativas deixadas pelo autor. O texto, portanto, assume um caráter amplo, propiciando uma abertura e multiplicidade de interpretações. Além disso, a interpretação pressupõe uma descoberta de si e do mundo, um mergulho na tessitura textual, uma produção de aprendizagem inventiva e o uso de Rodas de Leitura proporciona um momento de interação do grupo com os participantes e com o texto, um acoplamento do sentido despertado pelo texto e o universo do aluno. A proposta da Roda de Leitura não é apenas solucionar problemas, mas sim, criá-los a fim de provocar desterritorializações que propiciem a passagem para uma cognição inventiva. O presente trabalho objetivou, pois, investigar tal eficácia da prática de rodas de leitura com alunos do Ensino Fundamental e a produção de aprendizagem inventiva decorrente delas. A pesquisa aconteceu com alunos de oitava série de uma escola da rede municipal de Ribeirão Preto durante o período de sete meses em sessões semanais de setenta e cinco minutos. Nas sessões foram lidos e discutidos textos diversos a fim de se verificar a interação dos participantes com os mesmos e a produção de aprendizagem inventiva. A amostra foi composta por um grupo de 12 alunos de 13/14 anos de idade de oitava série do Ensino Fundamental. Para verificar a eficácia das oficinas em relação ao aprendizado da leitura e interpretação de textos foram aplicados questionários antes e depois do período das oficinas. Uma entrevista individual com cada participante também aconteceu nesses dois momentos a fim de estabelecer parâmetros de avaliação da eficácia dos encontros e colher informações sobre a vivência dos participantes quanto à leitura, quantidade de livros lidos, tipo de leitura que mais agrada e expectativas sobre o projeto. Ao final do projeto, novas entrevistas foram realizadas a fim de se verificar a impressão dos participantes acerca dos encontros. Todos os dados foram audiogravados e também registrados em Diários de Campos, para posterior análise de conteúdo. Os dados coletados apontaram uma sensível melhora quantitativa nos resultados quando comparados os pré e pós-testes e qualitativamente quando comparada a evolução e riqueza das discussões do grupo e o aprofundamento nas tramas textuais e para além do texto, para as vidas dos alunos, sugerindo, portanto, momentos de cognição inventiva e o sucesso da prática de Rodas de Leitura como instrumento eficaz de leitura, compreensão e interpretação textuais e desencadeador de aprendizagem inventiva.

Palavras-chave: Leitura, Cognição, Invenção, Roda de Leitura, Interpretação

ABSTRACT

Ferreira, A. S. (2015). *Reading Circles and Inventive Learning Production: A Study in a Municipal School of Ribeirão Preto with 8th grade students*. Doctorate Thesis, FFCLRP – Psychology Department, University of São Paulo, Ribeirão Preto, SP.

Reading presents one of its greatest complexities in contemporary school: the interpretation. To interpret what was read is not just the simple act of decoding words and reprogramming them again to seize a meaning, is much more connected to deconstruction and reconstruction as well find interpretative clues left by the author. The text, therefore, assumes a wide character, providing an opening and multiplicity of interpretations. In addition, the interpretation assumes a discovery of the self and the world, a dip in textual contexture, an inventive learning production and the use of Reading circles provides a moment of group interaction with participants and with the text, a coupling of sense aroused by the text, and the pupil's universe. The proposal of the Reading circles is not only solve problems, but yes, create them in order to cause “deterritoriations” that propitiate the passage to an inventive cognition. The present work aims therefore to investigate such practical effectiveness of Reading circles with elementary students and the production of inventive learning arising from them. The research happened with eighth-grade students of a school in the municipal network of Ribeirão Preto during the period of seven months in weekly sessions of seventy-five minutes. During the sessions were read and discussed various texts in order to verify the interaction of participants among themselves and inventive learning production. The sample was composed by a group of 12 students from the age of 13/14 of eighth grade of elementary school. To verify the effectiveness of the sessions in relation to the learning of reading and interpretation of texts, questionnaires were applied before and after the sessions. An individual interview with each participant also happened in those two moments in order to establish parameters for evaluating the effectiveness of the meetings and gathering information about the experience of the participants about the reading, the quantity of books read, kind of reading that most pleased and expectations about the project. At the end of the project, new interviews were carried out in order to check the printing of the participants about the dates. All data were recorded and written in field journals, for further analysis of content. The collected data indicated a significant quantitative improvement in the results when comparing the pre-and post-tests and qualitatively when compared the evolution and wealth of group discussions and deepening in the textual plots beyond the text, to the lives of students, suggesting therefore moments of inventive cognition and the success of the practice of reading circles as effective instrument for reading, understanding and interpreting textual and inventive learning triggering.

Keywords: Reading, Cognition, Invention, Reading Circles, Intepretation

LISTA DE QUADROS E TABELAS

Quadro 1: Dados dos alunos participantes do projeto.....	38
Quadro 2: Quadro Funcional da Escola em 2014.....	40
Quadro 3: Cronograma Geral das Atividades Realizadas.....	43
Quadro 4: Classes de Categorias Temáticas relativas às Entrevistas Iniciais e Finais....	49
Quadro 5: Classes de Categorias Temáticas relativas às Sessões.....	61
Quadro 6: Classes de Categorias Temáticas Externas ao Texto Agrupadas pelo Tema.....	291
Tabela 1: Dados estatísticos descritivos com as notas da avaliação inicial (anterior ao grupo de leitura) e final (posterior ao grupo de leitura).....	48
Tabela 2: Resultados dos Testes Estatísticos Não Paramétrico para duas amostras relacionadas (Teste de Wilcoxon e Teste dos Sinais).....	49

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
1.1. Conceito de leitura e suas aplicações na Escola contemporânea.....	16
1.2. Estudos de implementação da capacidade leitora de abordagens quase experimentais	20
1.3. A importância da Roda de Leitura como facilitadora do processo de leitura ...	23
1.4. Rodas de leitura como desencadeadoras de produção de aprendizagem inventiva	26
2. JUSTIFICATIVA.....	31
3. OBJETIVOS.....	35
4. MÉTODO.....	37
4.1. Participantes.....	37
4.2. Local.....	39
4.3. Procedimentos	41
4.4. Análise de Dados.....	44
4.5. Aspectos Éticos.....	45
5. RESULTADOS.....	47
5.1. Análise Quantitativa dos Questionários	47
5.2. Análise Qualitativa das Entrevistas	49
5.2.1. Classes de Categorias Temáticas relativas às Entrevistas Iniciais	50
5.2.2. Classes de Categorias Temáticas Relativas às Entrevistas Finais	55
5.2.3. Comparação entre as entrevistas iniciais e finais	59
5.3. Análise Qualitativa das Sessões	61
5.3.1. Classes de Categorias Temáticas relativas ao texto	70
Tema da sessão I.....	70
Temas da sessão II.....	71
Temas da sessão III	74
Temas da sessão IV	76
Temas da sessão V	78
Temas da sessão VI	80
Temas da sessão VII.....	82
Tema da sessão VIII.....	83
Temas da sessão IX	84

Temas da sessão X	87
Temas da sessão XI	90
Temas da sessão XII	94
Temas da sessão XIII	102
Temas da sessão XIV	108
Temas da sessão XV	118
Temas da sessão XVI	121
Temas da sessão XVII	126
Temas da sessão XVIII	130
Temas da sessão XIX	135
Temas da sessão XX	141
5.3.2. Categorias Temáticas Gerais Relativas a mais de uma sessão ou aspectos mais gerais do texto	144
5.3.2.1. Primeiras Impressões sobre o tema do texto lido e o estabelecimento de relações entre eles	145
5.3.3. Classes de Categorias Temáticas Externas ao Texto	151
Relacionamento Amoroso	152
O Erro no relacionamento	181
Bem-estar consigo mesmo	183
A Vida	184
A Morte	206
O Sofrimento Humano	210
A Felicidade na vida	213
O Tempo na vida Humana	216
Os Sonhos	219
A Amizade	229
O Perdão	234
A Expressão de um Desejo	238
A Solidão	242
A importância da Religião	244
A Relação dos participantes com a Família	246
5.3.4. Aspectos Gerais das Classes de Categorias das Sessões	249
5.3.5. A Cognição Inventiva nas Rodas de Leitura	250
5.4. Discussão	273

5.5.	Sobre os resultados Quantitativos e Qualitativos obtidos nos Questionários....	273
5.6.	Sobre as Entrevistas Inicial e Final	274
5.7.	Sobre as Sessões.....	275
5.8.	Balanco geral do alcance dos objetivos	276
6.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	283
7.	IMPLICAÇÕES EDUCACIONAIS.....	285
8.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	287
9.	APÊNDICES.....	291
10.	ANEXOS.....	307

1. INTRODUÇÃO

As questões referentes à leitura têm, cada vez mais, tomado lugar de destaque em pesquisas e discussões. A ideia genérica que o brasileiro lê pouco e mal é bastante conhecida e, em comparação a outros países, os resultados nacionais não são nada animadores.

A fim de verificar como anda a leitura no país, o Instituto Pró-livro conduziu em 2011 a terceira edição do *Retratos da Leitura no Brasil* com objetivos específicos de delinear o perfil do leitor e não leitor de livros no país, bem como a intensidade de leitura de livros e apresentar os índices de leitura brasileiros e também identificar as motivações e preferências do leitor brasileiro. A pesquisa pautou-se pela coleta de opinião através da aplicação de questionários com duração de sessenta minutos realizada em domicílios para alfabetizados ou não a partir de cinco anos de idade e aconteceu de 11 de junho a 3 de julho de 2011. A população estudada foi de 178.082.033, ou seja, 93% da população brasileira e apresenta um intervalo de confiança de 95% e margem de erro de 1,4 pontos percentuais para mais ou para menos. Trabalhou com 52% de mulheres e 48% de homens, com 51% dos entrevistados pertencentes à Classe C; 24% à Classe D/E; 23% à Classe B e 2% à Classe A e apresenta estatísticas interessantes sobre a distribuição da amostra nas áreas brasileiras, o acesso à educação formal, nível de escolaridade, religião, etnia e etc.

Dessa forma, a pesquisa desenhou um grande painel da leitura no Brasil, apresentando dados importantes sobre o assunto. Percebeu-se que 85% dos entrevistados tinham assistido à televisão como atividade livre preferida e apenas 28% deles disseram que ler era seu passatempo predileto. Quanto ao que a leitura significa para os entrevistados, percebeu-se que 64% deles consideravam-na como fonte de conhecimento; 41% como fonte de conhecimento e atualização profissional; 35% como fonte de conhecimento para a escola e faculdade, 21% como uma atividade interessante e apenas 18% como uma atividade prazerosa.

A pesquisa definiu como ponto de partida a definição de leitor como aquele que leu, inteiro ou em partes, pelo menos um livro nos últimos três meses e como não-leitor aquele que não leu, nenhum livro nos últimos três meses, mesmo que tenha lido nos últimos doze meses. Dessa forma, a amostra definiu-se como metade de leitores e metade de não-leitores, sendo 43% leitores e 53% não-leitores do sexo masculino e 57% leitores e 47% não-leitores do sexo feminino. A média de livros lidos nos últimos três meses foi de 1,84 livros no total da amostra, sendo que entre os leitores a porcentagem passou para 3,74.

Apurou-se também que a faixa etária que mais lê está compreendida entre os cinco e dezessete anos com livros indicados pela escola, também verificou-se que dos dezoito aos setenta anos, a maior incidência está na leitura da *Bíblia*. Da mesma forma, a pesquisa também mostrou a penetração da leitura nas diferentes classes sociais e percebeu-se que 79% da Classe A, ou seja, 2,3 milhões de pessoas; 51% da Classe C, ou seja, 46,2 milhões de pessoas leram mais livros de leitura geral, a Classe B – 62% - 25,6 milhões de pessoas, as Classes D/E – 33% - 14,1 milhões de pessoas; a leitura de livros indicados pela escola apontou que a Classe A ficou com 26% - 0,7 milhões, a Classe B – 25% - 10,4 milhões de pessoas, a Classe C com 21% - 19,5 milhões de pessoas e as Classes D/E com 17% - 7,1 milhões de pessoas, no quesito de livros lidos por iniciativa própria percebeu-se que a Classe A ficou com 63% - 1,8 milhões de pessoas; a Classe B – 51% - 21,2 milhões de pessoas, a Classe C ficou com 39% - 35,2 milhões de pessoas, as Classes D/E com 22% - 9,3 milhões de pessoas. Dessa forma, a pesquisa apurou que 71,9 milhões de pessoas foram consideradas leitoras e leram 3,1 livros por ano.

Também apurou-se o tipo de leitura da amostra e percebeu-se que 53% dos leitores liam revistas; 48% jornais; 47% livros indicados pela escola; 47% livros diversos; 30% histórias em quadrinhos; 24% textos escolares; 23% textos na internet; 12% textos de trabalho; 4% livros digitais; 11% livros técnicos e 2% áudio-livros.

Além disso, também verificou-se a periodicidade da leitura dos suportes elencados anteriormente e percebeu-se que 44% liam textos escolares uma vez por dia; 44% liam uma vez por semana e 12% uma vez por mês. Quanto aos livros didáticos indicados pela escola, apurou-se que 37% liam uma vez por dia; 42% uma vez por semana e 21% uma vez por mês. Os livros de literatura indicados pela escola apresentaram a seguinte periodicidade: 26% uma vez por dia; 39% uma vez por semana e 35% uma vez por mês.

De acordo com a pesquisa, o gênero mais lido é a *Bíblia* com 42% dos entrevistados, seguida por livros didáticos com 32%; romances com 31%; livros religiosos com 30%; contos com 23%; literatura infantil com 22% e poesia com 20%.

Da mesma forma, também perguntou-se sobre o escritor mais lido e Monteiro Lobato aparece no topo da lista, seguido por Machado de Assis, Paulo Coelho, Jorge Amado, Carlos Drummond de Andrade e Maurício de Souza. O livro mais marcante também figurou na pesquisa e o primeiro foi a *Bíblia* seguida por *A Cabana*; *Ágape*; *O Sítio do Pica-pau Amarelo*; *Pequeno Príncipe*; *Dom Casmurro*, *Crepúsculo* e *Harry Potter*.

As razões para ler menos foram as mais variadas: 78% afirmaram ter desinteresse pela leitura por falta de tempo; Não gostar de ler – 14%; Preferir outras atividades – 8%; Não ter paciência para ler – 5%; Só ler quando exigido – 1%. 15% relataram ter dificuldades com a

leitura, desses 2% leem muito devagar; 2% não têm concentração ao ler e 1% têm dificuldades de compreender o que leem. Assim, 75% assumiram ler por prazer e 25% por obrigação.

Os fatores que mais influenciaram na escolha de um livro apontaram que 65% dos entrevistados optaram pelo tema; 30% pelo título; 29% por indicação de outras pessoas; 26% pelo autor; 22% pela capa. O lugar em que os entrevistados liam: em casa – 93% e na escola – 33%. A biblioteca e o trabalho também apareceram nas respostas com 12% e 13% respectivamente, porém, de acordo com a pesquisa, o professor foi apontado como o maior influenciador da leitura – 45%, seguido pela mãe 43% e pelo pai – 17%.

Porém, um dado importante na pesquisa mostrou que 88% dos entrevistados apontaram que terem ganhado um livro para ler durante a infância foi fator preponderante para o desenvolvimento do gosto pela leitura.

Talvez o ponto nevrálgico da pesquisa centrou-se nas dificuldades que os entrevistados tinham ao ler. 19% relataram que liam devagar; 20% que não tinham paciência ao ler; 13% apresentavam problemas de visão; 12% apresentavam problemas de concentração; 8% tinham dificuldades de compreender o que liam e 43% relataram não ter dificuldade alguma. As razões básicas para não lerem mais nos últimos três meses apresentou 53% dos entrevistados com falta de tempo, 30% por não gostar de ler e 21% por preferir outras atividades. De todo o universo da amostra, apenas 25% relataram gostar muito de ler; 37 gostam um pouco; 30% não gostam e 9% não sabem ler.

Tendo em vista o quadro proposto pelo estudo feito pelo Instituto Pró-Livro e a partir de dados divulgados sobre a capacidade leitora dos alunos brasileiros em testes internacionais como o PISA (*Programme for International Student Assessment*) e nacionais como a Prova Brasil, torna-se necessário investigar o ato de ler em si e o desenvolvimento de Rodas de Leitura como instrumento facilitador da leitura e provocador de aprendizagem inventiva.

O presente trabalho objetiva compreender os diversos aspectos que garantem a eficácia da prática de rodas de leitura como dispositivo de interpretação textual e em que sentido pode-se falar na produção de aprendizagem inventiva promovida por tais práticas. Para tanto, buscou-se fazer um levantamento da literatura científica acerca do tema a fim de mostrar os pensamentos e caminhos tomados por diferentes pesquisadores. Portanto, o conceito de leitura e suas aplicações na escola contemporânea são apresentados logo na primeira sessão, seguido de estudos de implementação da capacidade leitora de abordagens quase-experimentais, na sequência uma discussão acerca da importância das Rodas de Leitura como facilitadoras do processo de leitura e a importância das Rodas de leitura como desencadeadoras de produção aprendizagem inventiva. Posteriormente, são apresentados os dados e resultados coletados.

1.1. Conceito de leitura e suas aplicações na Escola contemporânea

Muito se tem discutido acerca da leitura e suas aplicações atualmente em vários campos do conhecimento humano. Estudos apontam resultados de pesquisas, sugerem estratégias para uma leitura mais eficaz, consideram sobre as dificuldades de leitura de crianças, jovens e adultos. Mas, antes de se falar sobre o tema, necessário se faz, em primeiro lugar, definir o que é leitura. Segundo Ferreira & Dias (2005), baseadas nos estudos de Marcuschi (1996), a leitura é o resultado da relação entre leitor e texto e este, ao ser escrito, traz consigo todas as sinalizações de possibilidades de construção de sentidos deixadas pelo autor.

De acordo com as pesquisadoras, o ato de ler não significa apenas um mero exercício de decodificação de palavras e texto, mas uma relação mais intrínseca entre o leitor e o próprio tecido textual, principalmente, no que diz respeito à mobilização de conhecimentos prévios e posteriores a ele. A vivência de leitura do sujeito-leitor é de suma importância na articulação de saber sobre o que é lido, a fim de que este possa compreender as intencionalidades que estão sendo lidas/transmitidas. Compreender um texto é, portanto, um processo de desconstrução e reconstrução permanente. O leitor desconstrói o texto criado pelo autor, capta suas intencionalidades e o reconstrói a partir de suas próprias expectativas de entendimento. O texto reconstruído não é mais o mesmo, é outro, visto sob uma nova ótica, sob um novo ponto de vista, sob uma nova mundivivência, mas ainda assim, segue as pistas de compreensão deixadas pelo autor. O leitor compreende o texto e compreende-se, transforma o texto e transforma-se. A verdadeira leitura, aquela que opera no nível de significação é aquela que provoca esse movimento de transformação no indivíduo leitor, pois, além de ser uma atividade cognitiva, é também uma atividade social que permite um diálogo constante entre leitor e texto (Ferreira & Dias, 2005).

Portanto, como atividade construtiva e interativa, a leitura não pode ser vista de forma descontextualizada, pois, é necessário levar-se em conta a constituição do sujeito-leitor no que diz respeito à sua subjetividade (Ferreira & Dias, 2005).

Partindo desses conceitos, o texto assume, portanto, um caráter amplo e diverso, propiciando uma abertura e multiplicidade de sentidos e interpretações. O leitor, precisa, pois, aprender a apreender tais significados, usando estratégias que melhor se adaptem às suas necessidades e realidade sócio-político-culturais. Dessa forma, para Ferreira & Dias (2002) o aprendizado da leitura “apresenta-se como um dos múltiplos desafios da escola e, talvez, como o mais valorizado e exigido pela sociedade” (p.40). O professor deve ensinar o aluno a ler sob

o ponto de vista de sua praticidade, ou seja, lendo. Pois, conforme defendem as autoras baseadas nas ideias de Foucambert (1994), Smith (1999) e Solé (1998), a leitura deve propiciar um “mergulho” nas malhas do significado do texto, o leitor deve desenvolver a capacidade de ver além do que está escrito.

É uma operação sobre o código escrito. Existe, portanto, um significado subjacente que necessita ser desvelado pelo leitor, uma apropriação de pensamentos do autor do texto que deve ser efetivada. Hillesheim, Cruz, Cavagnoli & Marquette (2011) afirmam que ler significa apropriar-se dos pensamentos dos outros, assumindo uma relação intrínseca e dialógica entre o leitor e o texto. Tal apropriação não significa apenas compreender o pensamento alheio, mas também modificá-lo, pois, o leitor é afetado por ele. Ler, portanto, implica apreender não somente sobre o que se lê, mas principalmente sobre si mesmo.

Para as autoras, a leitura ocorre na interação entre obra e leitor, sendo que é a partir do processo de leitura que a obra se constitui como tal. Para elas, a leitura é sempre apropriação, invenção e produção de significados.

Sob esse prisma, as autoras também apontam que devemos olhar para a leitura com a noção de “roubo”, já que o encontro entre leitor e texto é o momento em que tal ato se concretiza, pois, os pensamentos do autor passam a ser do leitor, misturando-se, perturbando, desacomodando e rearranjando lugares dentro do leitor.

Ainda no mesmo estudo, as autoras discutem sobre o que acontece entre leitor e texto, propondo abandonar a noção de “o leitor *ou* o texto” para a ideia “o leitor *e* o texto”.

Trata-se do abandono de um pensamento baseado no isto ou aquilo (o leitor ou o texto), para um pensamento que introduz a conjunção “e” (o leitor e o texto): o olhar se volta para fronteira, um espaço onde não se é nem um nem outro, mas se está “entre”. O leitor encontra-se envolto pela neve da leitura, não pode mais voltar para o mundo de antes, pois, ao passar pela leitura, esta o transpassou; se ele é um “ladrão” que se apropria do texto, o texto também o violenta, introduzindo rupturas, tornando-lhe outro. (pp. 312-313).

Sob esse prisma, a essência da literatura deve sempre ser reinventada ou reencontrada, pois, o texto está sempre por vir, construindo-se à medida que o encontro com o leitor se dá.

Nesse sentido, é preciso entender que a realidade escolar na contemporaneidade privilegia a leitura apenas como um instrumento de aquisição de conhecimentos superficiais do texto, não promovendo o “encontro” de que as autoras falam. Limita-se apenas à resposta de perguntas pontuais e inferenciais sobre o texto. Para quebrar essa visão pontual acerca do texto, Ferreira & Dias (2002, p. 41) ressaltam o ensino de estratégias de leitura “1) *antes*: predições iniciais

sobre o texto e objetivos de leitura; 2) *durante*: levantamento de questões e controle da compreensão e; 3) *depois*: construção da ideia principal e resumo textual”.

É importante salientar que quem promove o percurso de sentido para a criança é o adulto, no caso atual, o professor. Ele indica os possíveis caminhos a serem percorridos pela criança a fim de que esta apreenda os significados do texto e saboreie a experiência de ser construtora de seu próprio saber. As autoras apontam ainda que tal suporte deve ser retirado aos poucos, à medida que a criança ganha autonomia e independência no processo de desconstrução/construção dos sentidos do texto. Ao fazer isso, ganha-se confiança e aumenta-se a autoestima do aluno (Stringer, Reynolds & Simpson, 2003), já que só assim, ao concluir esse processo, a leitura passa a ser significativa.

Para tanto, é imprescindível que o professor seja também leitor. Leitor competente e conhecedor da tessitura textual e dos processos de apreensão de significados propostos pelo autor, portanto, o professor atual precisa mudar sua concepção sobre a leitura, a fim de poder entender que esta está na base de sua ação pedagógica (Ferreira & Dias, 2002).

Kleiman (2008) aponta como dificuldade de compreensão leitora a diferença ou distância que se estabelece entre linguagem oral e escrita. Para ela, no oral, existe uma despreocupação com os acertos gramaticais visto que a comunicação é urgente. Além disso, emissor e receptor ajudam-se mútua e continuamente no ato da fala a fim de ressignificar o texto. Já na linguagem escrita deve existir um tempo para a organização correta do texto, seguindo regras linguísticas e gramaticais rígidas, que muitas vezes não são dominadas pelos interlocutores.

Já para Jung (2009), um dos maiores problemas da escola contemporânea reside na baixa importância que muitos professores dão ao trabalho de compreensão e interpretação de textos em sala de aula. A maioria encara o ato de ler apenas como um processo de decodificação de letras e sons, não se priorizando, portanto, as estruturas mais profundas do texto.

De acordo com Rangel (2005), a escola institui uma prática de leitura que disciplina o olhar do aluno para informações pontuais no texto, mantendo o professor como figura central do processo de decodificação textual. Ainda de acordo com a pesquisadora, a maior parte dos professores limita-se apenas a ler os textos propostos pelos livros didáticos, seguindo fielmente os exercícios formulados pelos autores, concentrando-se em corrigir como certas ou erradas as respostas dadas pelos alunos de acordo com o que está respondido no livro do professor.

Jung (2009) estudou as dificuldades de compreensão leitora em um aluno de oitava série do ensino fundamental através de preenchimento de questionário que buscou resgatar experiências de leituras anteriores e, posteriormente, foi aplicado um teste dissertativo sobre a leitura feita, propõe ainda que a leitura sem um aprofundamento ou a partir de interpretações

pré-estabelecidas faz com que o aluno apenas decodifique o texto, impedindo que o mesmo surja como sujeito construtor do significado. É importante salientar que o conhecimento de mundo representa papel preponderante na boa compreensão do texto, pois, assim, o aluno poderá fazer inferências sobre o tema lido e construir um percurso de sentido lógico proposto pelo tecido textual.

Outro fator a ser destacado é a dificuldade de o aluno resumir mentalmente e por escrito o que foi tratado pelo texto, ou seja, sua compreensão basal sobre o assunto, por outro lado, verificou-se também que quando os alunos são perguntados pontualmente sobre o texto, os mesmos apresentam uma capacidade de responder, sem muitos detalhes, ao que foi perguntado (Jung, 2009). A autora considera essa dificuldade por parte do leitor decorrente de uma prática de leitura enviesada e pouco explorada. O aluno não lê, ou quando o faz, não o faz no sentido de “degustar” as palavras e o texto. Não se sente, portanto, coautor do que está sendo lido, já que não formula hipóteses acerca das intencionalidades do autor. Fica à espera de respostas prontas do professor ou que este lhe indique o caminho significativo a ser seguido, diminuindo assim, seu trabalho perante o texto.

Por sua vez, de acordo com o estudo em questão, o professor precisa direcionar a prática pedagógica em relação ao texto e interferir sistematicamente nas problemáticas que surgem em sala de aula no tocante à compreensão e à interpretação. É necessário, portanto, que o professor proponha atividades de leitura em que os alunos possam descobrir o sentido do texto a ser construído. Desconstruam e reconstruam o que foi lido usando estratégias de um leitor maduro, portanto, o educando precisa aprender esse movimento para poder usá-lo na hora da leitura (Jung, 2009).

Já para Cabral & Kastrup (2009) a leitura está ligada ao conceito de cognição inventiva e à abordagem da enação, este proposto por Varela, Thompson & Rosch (2003). As autoras apontam que a leitura deve ir além de compreender e decifrar as palavras, enfatiza-se a experiência do leitor e os efeitos da leitura sobre ele, sua subjetividade. Para tal, as autoras propõem uma leitura de acolhimento, que, segundo elas é uma outra maneira de ler, pois, nela o leitor entrega-se ao acolhimento daquilo que vem do texto, numa imensa relação de entrega, possibilitando que ocorram “transformações a partir do que leu e das ressonâncias que se deram nele”. (p. 288)

Em continuidade, as autoras dizem que a experiência com a leitura pode levar a uma experiência de devir consciente que é tornar-se consciente de uma experiência relativa à história ou a si, o surgimento de algo de mim que eu não tinha consciência. De acordo com elas, a

estrutura do devir consciente é constituída de um ciclo básico que apresenta três componentes: suspensão, a redireção e o *letting-go* ou deixar vir.

Dando início ao processo de devir consciente, a fase de suspensão reporta-se a um gesto de ruptura em relação aos julgamentos habituais que caracterizam a atitude natural. É um momento de interrupção de um fluxo de ação ou pensamento que impede a atenção a algo que ocorre no presente. A Redireção é uma mudança do funcionamento cognitivo habitual, uma mudança de sentido da atenção do exterior para o interior. É uma dobra sobre si mesmo, concentrar-se em si mesmo, já o deixar vir é uma atividade de receptividade perante a experiência que se torna mais aberta.

Tais componentes acontecem ao mesmo tempo no leitor e estão organicamente ligados. As autoras ainda colocam que a leitura pode provocar “experiências de problematização, estranhamento e invenção de si e do mundo. Tais experiências podem gerar movimentos de produção de subjetividade”. (p. 290).

As pesquisadoras ainda apontam que a experiência de leitura permanece nos leitores e continua a produzir efeitos mesmo após muito tempo e que o devir consciente está ligado à característica de seu potencial aprendizado, pois, trata-se de um aprender fazendo, ou seja, a leitura de acolhimento só se dá através da própria leitura, de seu costume, regularidade e o desenvolvimento de uma capacidade apreciativa.

Sendo assim, o desenvolvimento da leitura em sala de aula é de suma importância, uma vez que esta, além de desenvolver habilidades específicas de seu campo, pode também propiciar momentos de alterização do eu e, conseqüentemente, um encontro consigo mesmo naquilo que há de mais diverso e assim, a aprendizagem acontece.

Possibilitar momentos de leitura durante a prática docente, é, em princípio, favorecer tal encontro e tal aprendizagem. É, pois, necessário e urgente que se repensem as estratégias para um trabalho eficiente e eficaz da leitura na escola.

1.2. Estudos de implementação da capacidade leitora de abordagens quase-experimentais

Com o intuito de propiciar um implemento na capacidade leitora dos alunos nas escolas e, conseqüentemente, melhorar o panorama da leitura e o desempenho em avaliações externas, Santos & Oliveira (2010), Coelho & Correa (2010), Soares & Albuquerque (2013) e Joly & Piovezan (2012) desenvolveram estudos de abordagem quase-experimentais sobre a leitura com

a aplicação de pré e pós-testes a fim de garantir um controle maior acerca dos dados coletados durante a pesquisa. Tais resultados sugerem que houve um incremento na capacidade leitora dos sujeitos participantes após um período de intervenção.

Santos & Oliveira (2010), Coelho & Correa (2010) e Joly & Piovezan (2012) usaram como forma de avaliação a técnica de CLOZE por considerarem adequada, pois, permite ao leitor avaliar a redundância semântica e sintática do texto, bem como seus conhecimentos prévios sobre o que é lido. Além disso, o instrumento possibilita uma larga aplicação, em diferentes níveis. A técnica em si é bem simples, trata-se de um texto comum em que, geralmente, cada quinta palavra é omitida e substituída por um traço. O participante deve preencher as lacunas do texto, a fim de reconstruir o significado do mesmo. No Brasil, o uso dessa estratégia de leitura apresenta resultados interessantes quando comparadas as aplicações do teste antes e depois da intervenção, sugerindo, portanto, um significativo aumento na capacidade leitora dos sujeitos participantes.

Santos & Oliveira (2010) aplicaram a técnica Cloze em 314 alunos de 2ª e 4ª séries do ensino fundamental da região metropolitana de Campinas, SP. O estudo levou em consideração apenas os acertos que correspondiam exatamente ao vocábulo extraído do texto e conferiu uma pontuação máxima de 15 pontos para cada teste (pré e pós intervenção). Após a aplicação do pré-teste, a amostra foi separada em dois grupos – Grupo Experimental e Grupo Controle que foram submetidos à intervenção de treinamento para o uso da técnica durante sete sessões com textos diferentes. Após a aplicação das diferentes etapas da pesquisa, verificou-se que no pré-teste ambos os grupos possuíam uma média de classificação muito próxima, porém, no pós-teste, o grupo Experimental que foi submetido à intervenção, apresentou significativa melhora quanto ao desempenho no teste CLOZE.

O estudo de Coelho & Correa (2010) também apoiou-se no uso de CLOZE com 62 jovens do primeiro ano do Ensino Médio de uma escola particular de Nova Friburgo, RJ, com idades variando entre 14 e 17 anos. A amostra foi dividida em dois grupos: Controle e Experimental. O pré-teste constou de um texto com 250 palavras em média com o meio ambiente como tema. Mais uma vez, cada quinto vocábulo foi omitido e os participantes deveriam preencher com as palavras que julgassem mais adequadas levando-se em conta critérios de coerência e compreensão do texto. Nessa etapa, não se verificaram diferenças significativas nos desempenhos de ambos os grupos. Porém, o grupo experimental, posteriormente, foi submetido à uma intervenção de 11 semanas com encontros que duravam 50 minutos, duas vezes por semana. Nesses encontros, os participantes do grupo experimental deviam ler um texto, procurar falhas de coerência e corrigi-las. Após esse trabalho, os participantes desse grupo

reuniam-se para discutir a temática abordada pelos textos escolhidos para o trabalho. Após a intervenção, ambos os grupos foram submetidos ao pós-teste. Nessa etapa verificou-se que o grupo experimental apresentou um avanço significativo no desempenho do teste. O grupo controle apresentou um desempenho 25% menor que o experimental. Demonstrando assim que o monitoramento é uma habilidade passível de ser treinada e desenvolvida a partir de intervenções específicas.

Ainda baseada na técnica CLOZE, Joly & Piovezan (2012) trabalharam com 58 alunos da 5ª a 8ª séries do Ensino Fundamental de uma escola pública. Os participantes foram divididos em dois grupos por meio de sorteio simples: Grupo de Controle e Grupo de Intervenção, ambos com 29 alunos. Ambos os grupos foram submetidos ao teste CLOZE para verificação inicial da compreensão leitora. O grupo de intervenção foi submetido a três etapas de aplicação da técnica CLOZE. Na primeira etapa, a técnica foi aplicada a três trechos e 150 palavras de textos literários diferentes, com a omissão do 10º vocábulo e apresentando duas opções de escolha para o preenchimento das lacunas. Na segunda etapa, foram aplicados três trechos referenciais de ciências de 200 palavras, cada 8º vocábulo foi omitido e foram apresentadas três opções de escolha para o preenchimento das lacunas. Já na terceira etapa, a técnica CLOZE foi aplicada em três trechos sobre atualidades de 250 palavras cada, com a omissão da 6ª palavra e com uma lista única de palavras para o preenchimento de todas as lacunas. Vale ressaltar que a pesquisadora utilizou o Programa Informatizado de Leitura Estratégica (PILE) desenvolvido por Joly (2008). Ao final do estudo, ambos os grupos foram novamente submetidos a avaliações. Verificou-se que antes das intervenções, ambos os grupos apresentaram desempenhos parecidos, porém, após o período de intervenção de seis semanas, com encontros três vezes por semana com duração total de uma hora por encontro, o grupo de intervenção apresentou desempenho maior na terceira etapa em relação ao grupo de controle.

Por outro lado, Soares & Albuquerque (2013) conduziram um estudo baseado nos descritores da Prova Brasil, que, por sua vez, está alicerçado no conceito de competência e habilidade proposto por Perrenoud (2002). As pesquisadoras selecionaram doze questões da Prova Brasil da 8ª série aplicada em 2009 e trabalharam com três turmas de 9º ano de uma escola pública de Campina Grande, PB. A partir das dificuldades apresentadas no pré-teste, iniciou-se a intervenção de duas aulas semanais de 50 minutos cada, durante um período de três meses. Durante esse período, as pesquisadoras trabalharam com o gênero Crônica, por considerarem a linguagem do texto mais próxima a dos alunos e possibilitar um trabalho com os vários sentidos de um texto literário. Após a intervenção, os sujeitos foram novamente submetidos a um teste a fim de verificar se as competências não adquiridas e observadas no

pré-teste tinham sido desenvolvidas no pós-teste. Observou-se no pré-teste uma pulverização de insucessos dos alunos em vários descritores: D3 – Inferir o sentido de uma palavra ou expressão (67,7% de erros); D4 – Inferir uma informação implícita em um texto (48,2% de erros); D10 – Identificar o conflito gerador do enredo e os elementos que constituem a narrativa (65,6% de erros); D11 – Estabelecer relação entre causa/consequência entre partes e elementos do texto (83,4% de erros); D16 – Identificar efeitos de ironia ou humor em textos variados (64,5% de erros); D17 – Identificar o sentido decorrente do uso da pontuação e de outras notações (85,6% de erros); D18 – Reconhecer o efeito de sentido decorrente da escolha de uma determinada palavra ou expressão (73,4% de erros) e D19 – Reconhecer o efeito de sentido decorrente da exploração de recursos ortográficos e/ou morfosintáticos (61,2%), vale destacar que outros insucessos em outros descritores também foram observados no pré-teste. O pós-teste foi aplicado a 32 alunos, sendo que apenas 22 desses fizeram o pré-teste, verificou-se que o pós-teste também abordava descritores que não foram avaliados no pré-teste, porém, o estudo centrou-se na comparação dos descritores avaliados no pré e pós-testes. Sendo assim, percebeu-se que o descritor D3 – Inferir o sentido de uma palavra ou expressão apresentou resultado de 45,45% no pós-teste em relação a 18,18% no pré-teste; o descritor D4 – Inferir uma informação implícita em um texto passou de 40,9% no pré-teste para 59,09% no pós-teste; o descritor D6 – Identificar o tema de um texto passou de 59,9% no pré-teste para 34,08% no pós-teste; o descritor D10 – Identificar o conflito gerador do enredo e os elementos que constituem a narrativa passou de 63,63% no pré-teste para 86,36% no pós-teste; o descritor D14 – Distinguir um fato da opinião relativa a esse fato passou de 81,81% para 31,81%; o descritor D16 – Identificar efeitos de ironia ou humor em textos variados passou de 40,9% para 52,17%; já o descritor D17 – Identificar o sentido decorrente do uso da pontuação e de outras notações passou de 40,54% no pré-teste para 72,72% no pós-teste.

Os presentes estudos mostram o quanto as questões acerca da leitura e os métodos para aferir a capacidade leitora têm suscitado inquietações. A ideia de se usar pré e pós testes a fim de se verificar com maior exatidão os resultados obtidos durante o período de intervenção corrobora o delineamento utilizado nesta pesquisa.

1.3. A importância da Roda de Leitura como facilitadora do processo de leitura

Outra tentativa de melhorar a qualidade de leitura de crianças, jovens e adultos é a implementação de projetos paralelos ao ensino regular como a Roda de Leitura ou de Literatura, Oficina de Texto ou de Leitura, pois, nelas o objetivo principal é a fruição do texto literário através da leitura compartilhada. (Kastrup, 2008b).

Nesse contexto, a Roda de Leitura ou de Literatura, Oficina de Texto ou de Leitura surge como uma possibilidade de solução do problema apresentado, pois corroboram uma nova perspectiva de ensino, buscando uma realização final através de projetos coletivos (Carvalho; Pereira & Pazini, 2004).

Os autores ainda apontam que trabalhar com oficinas de textos é ver a aprendizagem acontecendo de forma lúdica, oportunizando momentos para o aluno criar hipóteses, questionar o que foi lido e propor soluções, enfim, reconstruir o tecido textual sob uma nova ótica, apropriando-se de um sentido que havia sido expresso pelo autor.

Almeida (2008) aponta que a literatura possui um potencial criativo que pode possibilitar um “encontro que cause a mudança do estado de coisas” e com a alteridade. O autor ainda coloca que na leitura literária, por ser uma atividade tão intensa, não há dissociação entre o sentido e o sentimento. Um se mescla ao outro, provocando uma sensação única de prazer no leitor, o deleite. Provoca, portanto, mudanças de nível subjetivo.

Para Menezes (2006) a leitura pode provocar verdadeiros terremotos internos no leitor, basta deixar-se tocar pelas palavras. O círculo de livros possibilita aos alunos a experimentação de duas importantes dimensões do ato da leitura: o entretenimento e a aprendizagem. Além disso, possibilita a ampliação progressiva da competência leitora, o desenvolvimento da capacidade crítica dos alunos, o estímulo à reflexão crítica do que foi lido, o confronto e a aceitação de diferentes pontos de vistas sobre o que foi lido, principalmente quando diante de temas controversos e polêmicos.

Já para Yano, Rohr e Matos (2008) quanto mais o leitor for capaz de reconstruir em sua compreensão a ideia do que foi lido, melhor a leitura é apreendida e mais proveito se faz dela. Elas ainda apontam que a Oficina de Leitura apresenta-se com uma tentativa de melhorar tal habilidade, uma vez que a leitura solitária dificultaria tal movimento. A leitura compartilhada proporciona o intercâmbio de interpretações e o compartilhamento de ideias, num constante jogo de troca de impressões sob as diferentes óticas. As pesquisadoras seguem dizendo que a prática e exercício da leitura dialogada mobilizam dois aspectos importantes: o aspecto cognitivo e o aspecto social e ainda sugerem que “quanto mais intensa é a compreensão daquilo que se está lendo, mais o processo pedagógico atinge o resultado de formar criticamente um novo comportamento ou uma nova estrutura conceitual” (Yano, Rohr & Matos, 2008, p. 06).

Klages, Pate e Conforti Jr (2007) apontam que uma forma de aumentar o interesse e a colaboração na sala de aula é usar a estratégia de leitura das Rodas de Literatura, visto que elas contribuem para a interação entre os estudantes, motivando-os a ler, ouvir outras opiniões e dar suas opiniões sobre o tópico que está sendo discutido.

Para Briggs (2010), que estudou o uso de rodas de leitura numa terceira série para a qual lecionava, as rodas de literatura ensinam estratégias de compreensão de leitura e envolvem os estudantes através de discussões, permitindo-os responder ao texto em uma variedade de possibilidades. Para a pesquisadora, o uso de rodas de leitura ajuda os alunos a desenvolverem a argumentação quando falam sobre aquilo que leram. Além disso, a observação sobre características do livro, do enredo ou do que o outro participante falou também foi aprimorada. Os processos de interação e acolhimento no grupo também foram desenvolvidos durante a pesquisa.

Bolognese (2012) estudou o uso de rodas de leitura com 28 alunos entre 7-8 anos e aponta que as rodas de leitura são estratégias importantes para o exercício de previsões e reflexões temáticas, pois, estimulam a imaginação, a troca de impressões sobre o tema das histórias e a construção compartilhada de sentidos do texto. A pesquisadora ainda diz que a roda de leitura estabelece uma indiscutível adesão dos alunos à atividade, proporcionando uma ligação extraordinária entre leitor, texto lido e imaginação. Tal situação deve-se ao fato de que os aspectos sociais, afetivos e cognitivos estão intrinsicamente envolvidos na dinâmica da roda de leitura e, sob esse ponto de vista, surge uma impressionante associação entre aprendizagem e motivação, levando os participantes a sempre quererem mais, desenvolvendo o gosto pela leitura ao mesmo tempo que favorece e amplia a competência leitora.

Porcacchia & Barone (2011), em um estudo com cinco crianças de oito anos com dificuldades de leitura e compreensão textual, apontam que a oficina de leitura é uma excelente ferramenta para o desenvolvimento do leitor. Para elas, a atividade permitiu que as crianças se abrissem para a fantasia proposta pela trama do texto, possibilitando assim o movimento do pensamento, a simbolização e a construção de sentido. As pesquisadoras concluem que a oficina de leitura possibilitou o desenvolvimento da criatividade, uma vez que trabalhou com a experiência da ilusão criativa. Ajudou também na construção da subjetividade e na percepção objetiva da realidade. Sob tal perspectiva, a leitura de histórias despertou significados diferentes e essenciais para a aprendizagem, como facilitadora e mediadora no processo de ressignificação de histórias de vidas das crianças, pois o texto literário evocou situações humanas que puderam refletir nas crianças. Por outro lado, a oficina também possibilitou um desenvolvimento cognitivo, visto que as crianças passaram a se interessar pelo significado de palavras do texto.

Nesse contexto, as Rodas de Leitura desempenham um papel de suma importância como ferramenta para o desenvolvimento de habilidades de leitura e interpretação de textos, uma vez que promove o encontro com o objeto em si – o texto - através da cooperação mútua entre os participantes e a consequente e paulatina construção da autoconfiança dos alunos, tornando-os muito mais abertos a novas experiências e, consequentemente, à aprendizagem.

1.4. Rodas de leitura como desencadeadoras de produção de aprendizagem inventiva

Kastrup (2008a), em sua apresentação das concepções de Gilles Deleuze, parte de uma diferenciação fundamental entre a cognição tal como é assumida pela literatura psicológica e uma outra concepção que poderia ser adjetivada como “inventiva”. O próprio da cognição concebida psicologicamente é ser representativa, ou seja, suportada pela representação; enquanto a “cognição inventiva” seria não representativa. Analogamente, a autora propõe a diferenciação entre “aprendizagem recognitiva” e “aprendizagem inventiva”.

A reconhecimento se refere ao reconhecimento do que algo é, caracteriza, portanto, uma classificação, daí que conceituar ou conceber é fundamentalmente inserir numa classe algo que antes era desconhecido, inclassificável, inconcebível. É importante destacar que na reconhecimento esta classe na qual o que era até então desconhecido é inserido ao ato de cognição, por isso “re-cognição” ou “re-conhecimento”. Este é o nosso modo habitual de conceber cognição, estamos sempre “re-conhecendo”, classificando, conceituando algo até então desconhecido em uma categoria ou conceito que já existia. Sua utilidade é evidente para os fins práticos da vida cotidiana, rapidamente realizamos um “ah... então isso é....”, expressão típica do reconhecimento, e daí derivamos todas as ações possíveis em relação a este algo até então desconhecido. Ficamos sempre no plano da reconhecimento ou da representação, já que se pressupõe que o desconhecido é sempre uma “reapresentação” de um conceito ou categoria pré-existente.

Da mesma forma, pode-se pensar a aprendizagem, diferenciando uma aprendizagem recognitiva de uma aprendizagem inventiva. Isso corresponderia a levar a diferenciação nos dois tipos de cognições para o campo da educação, partindo do pressuposto que o aluno ou o aprendiz necessita, acima de tudo, de uma cognição inventiva, ou seja, ele está numa ocasião em que é fundamental que o processo de invenção daquele conceito que lhe está sendo apresentado ocorra em sua cognição. Não basta exigir do aluno reconhecimentos, representações de um conceito que ainda não lhe foi “apresentado”. Aprender é inventar

conceitos, mas, com Deleuze (2000), para se inventar um conceito é preciso, primeiro, criar o problema ao qual o conceito responde. Assim, aprender é inventar problemas, pensar sobre problemas, criar problemas, deixando que a própria cognição do aprendiz “experimente” as mais diversas variedades de soluções possíveis, explorando todo o “campo problemático” que se lhe colocou. Deleuze (2000) diz que “cada problema tem a solução que merece”, querendo com isso destacar que o modo como se coloca o problema é fundamental para se levar a cognição à produção de um dado conceito.

Nesse contexto da aprendizagem inventiva, caberia ao professor, ao facilitador da aprendizagem, ao intercessor, como prefere referir Deleuze, favorecer a conexão adequada da cognição do aprendiz com o modo propício de colocação do problema. De qualquer modo, trata-se sempre de trabalhar com problemas, de colocar o aprendiz diante de situações problemáticas, de favorecer a conexão da cognição com problemas, pois só assim os conceitos poderão ser inventados, produzidos, por ela. É desse modo que o conhecimento se “apresenta”, sempre como uma solução a um problema, só assim se pode ultrapassar a “re-apresentação”, pressuposto de uma concepção idealista da cognição, como se as ideias já existissem no pensamento do aprendiz e só coubesse a eles “re-conhecê-las”. É nesse sentido que esta abordagem pode ser considerada como construtivista, pois trata-se de “produzir”, “construir”, “apresentar”, “levar o aprendiz a experimentar” o conhecimento; ainda que se trate de um tipo diferente de construtivismo, já que não aceita “caminhos necessários” ou “mediações sociais indispensáveis”.

Os atuais modelos de ensino estão, geralmente, ligados à representação e, conseqüentemente, à adaptação do educando à realidade. Prioriza-se a memorização de conceitos e conteúdos e a reprodução dos mesmos. Dessa forma, a aprendizagem torna-se pouco ou nada significativa. A aprendizagem inventiva surge nesse contexto, exatamente para propor uma nova perspectiva de aprendizagem, a invenção de problemas e, conseqüentemente, a posterior solução dos mesmos. Tornando assim, o educando muito mais apto e maleável à imprevisibilidade do cotidiano.

Nesse contexto, as Rodas de Leitura surgem como uma potencial ferramenta de problematização e, conseqüentemente, de aprendizagem inventiva.

Kastrup (2008b) descreve o funcionamento da oficina literária e as dificuldades enfrentadas com as crianças e salienta que “ler demanda tempo” e é necessário “desacelerar o ritmo” das crianças. De acordo com a pesquisadora, um dos maiores obstáculos à leitura está exatamente nessa ideia, pois, as crianças vivem numa sociedade do agora e do tempo que urge. De acordo com a autora, a oficina literária apresenta um funcionamento simples: textos são lidos e

experimentados pelas crianças. A professora propicia a experimentação de novas palavras através de jogos para assim, as crianças poderem “saboreá-las”. É necessário para tanto uma reeducação do tempo, pois é ele que propiciará o processamento da informação apreendida no texto e o seu consequente transpor para outro texto ou a vida.

Kastrup apropria-se da concepção de Chartier (1998) que diz que “a leitura é uma prática concreta, e não um regime cognitivo geral e abstrato” (pp. 248-249) e, com base na Esquizoanálise de Gilles Deleuze e Félix Guattari, apresentada em *O Anti-Édipo* (2010) e *Mil Platôs* (2011), diz que a leitura envolve uma atividade “molecular”, resultado da composição de forças que se expressam em sensações, afectos e devires, que se realiza de forma inconsciente, no plano das virtualidades. O resultado dessa atividade é referido como “molar”, passa-se na consciência, nas formas cognitivas existentes e nas regras constituídas. A atividade molecular, inconsciente, engendra a atividade molar, consciente. (Kastrup, 2008b). Para tanto é necessário sempre quebrar as resistências e atrair o leitor para o livro e para os devires da leitura e é aí que entra a oficina de leitura, pois, desenvolve estratégias propiciando a experiência do contato entre a criança e o livro.

A pesquisadora verificou que o processo de aprendizagem desdobra-se em três níveis: o livro que se torna um dispositivo criando uma disposição cognitiva, uma competência; depois há o encontro da criança com a leitura; e por fim, um terceiro nível da aprendizagem que envolve a literatura é o contato com a literatura, envolvendo um movimento de dessubjetivação, marcado pela desaceleração do tempo e pela experiência densa. (Kastrup, 2008b)

Kastrup (2008c) salienta que a oficina de leitura torna-se um dispositivo de aprendizagem inventiva a partir do contato com a literatura e a consequente experiência de problematização como o estranhamento e a surpresa, completamente diferentes da reconhecimento. Sob tal perspectiva, a oficina de leitura é um dispositivo de produção de subjetividade.

Ainda, de acordo com a pesquisadora “os textos literários possuem notadamente uma potência de problematização” (p.269) e, de acordo com Deleuze:

[...] a literatura só se instala descobrindo sob as aparentes pessoas a potência de um impessoal, que de modo algum é uma generalidade, mas uma singularidade no mais alto grau: um homem, uma mulher, um animal, um ventre, uma criança... As duas primeiras pessoas do singular não servem de condição à enunciação literária; a literatura só começa quando nasce em nós uma terceira pessoa que nos destitui do poder de dizer Eu. (Deleuze, 1997, p.13).

Através da pesquisa, a autora pretendeu estudar o processo de subjetivação e aprendizagem inventiva das crianças a partir do acoplamento delas com o livro. Nesse sentido, a oficina de leitura é um dispositivo de produção de subjetividade e não visa prioritariamente à interpretação

dos textos e à busca do significado, mas sim promover o encontro com o texto naquilo que ele tem de problemático, imediato e singular, escapando dos esquemas cognitivos. A autora observa que o estudo apresenta três dimensões: inclusão das crianças na rede social de livros e leitores, a adoção de livros que “veiculam textos literários” e uma terceira dimensão que se refere “à relação consigo mesmo que a leitura possibilita, apontando o nível da subjetividade em que o trabalho deve operar” (p.277).

A partir da observação das experiências coletadas na roda de leitura percebeu-se que determinados textos suscitavam histórias e experiências adjacentes, provocavam uma fruição de pensamentos e o momento da roda tornava-se o momento de uma confissão.

Por fim, a pesquisadora aponta que os textos literários são potencialmente inventivos, pois, provocam o pensamento, a inteligência e o espírito crítico, colocando o leitor em mundos nunca antes vistos e assim provocam estranhamento e invenção de problemas. A leitura em roda proporcionou experiências claras de dessubjetivação que expandiram os limites do si e da cognição.

Tendo como baliza os estudos realizados nesse campo, a presente pesquisa busca provocar situações que ilustrem tais ocasiões de cognição inventiva através da estratégia da Roda de Leitura dentro de uma escola pública a fim de mostrar a importância do instrumento no desenvolvimento da leitura, da interpretação textual e da aprendizagem.

2. JUSTIFICATIVA

A partir do quadro exposto, é imperativo um repensar sobre o ato da leitura e suas implicações na escola contemporânea, para tanto, antes de se propor instrumentos para o desenvolvimento eficaz da leitura, necessário se faz, discutir acerca dos documentos que organizam a prática docente de língua portuguesa nas escolas.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de Língua Portuguesa apontam que o ensino desse componente curricular deve focar a função social da língua a fim de construir o processo de cidadania e integração à sociedade de forma ativa e responsável do educando.

A competência em língua materna, de acordo com o documento, está intimamente ligada ao domínio de habilidades para se relacionar na sociedade, à adequação às mais diversas formas comunicativas e inesperadas do cotidiano, instrumentalizando o falante a fazer inferências, interferências, argumentações e contra argumentações adequadas e necessárias no momento da comunicação.

O mesmo documento ainda estabelece que ler e escrever são competências que devem ser desenvolvidas na escola através das mais diferentes tipologias textuais, desde o mais simples como um bilhete ao mais complexo com um texto argumentativo ou científico. É, portanto, de suma importância desenvolver tais habilidades nos alunos e instrumentalizá-los para o entendimento de tais tipos de textos, produzidos na sociedade contemporânea. Os PCNs estabelecem o trabalho com o texto como eixo central do ensino de língua portuguesa, rompendo a visão tradicionalista do ensino focado na gramática e esgotado nela.

Tendo em vista a perspectiva discursivo-interacionista proposta pelo Ministério da Educação em que o ensino da língua portuguesa deve ser uma atividade interativa, dentro das práticas sociais que envolvem interlocutores e propósitos comunicativos específicos e determinados, que se concretizam através dos mais diferentes textos (orais e escritos), a prática docente do professor de Língua Portuguesa deveria seguir tal caminho, principalmente, no Ensino Fundamental, porém, recentes dados divulgados acerca do desempenho dos alunos no quesito leitura em avaliações como o PISA (*Programme for International Student Assessment*) 2012, programa desenvolvido e coordenado pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico que avalia o desempenho dos adolescentes ao término da escolaridade básica em três áreas: Leitura, Matemática e Ciências mostra que houve uma piora de dois pontos em relação ao ano anterior, e o país ocupa o 55º lugar na lista geral, com 410 pontos. Ao longo da aplicação do exame, o desempenho dos alunos apresentou leve melhora no quesito leitura: 396 pontos em 2000, 403 pontos em 2003, 393 pontos em 2006, 412 pontos

em 2009. Os dados também mostram que quase metade dos alunos não alcança o nível 2 de leitura que vai até o nível 6, ou seja, os alunos não conseguem deduzir informações do texto, estabelecer relações entre partes dele e tampouco reconhecer marcas de linguagem. A média do Estado de São Paulo não é das mais altas do país – 421,6; os resultados dos Estados da Região Sul, Distrito Federal e Espírito Santo são maiores que os dos paulistas. (Relatório Nacional Pisa, 2012). No que diz respeito à Prova Brasil, o desempenho nacional em língua portuguesa (necessário dizer que a avaliação foca unicamente a competência leitora dos avaliados) dos alunos de 8ª séries no ano de 2011 ficou em 243 pontos. O Estado de São Paulo apresentou 249,10 pontos, abaixo de Estados como Minas Gerais – 257,18 pontos; Espírito Santo – 249,29 pontos; Santa Catarina – 250,79 pontos e o Distrito Federal com 254,63 pontos.¹

Tendo em vista tal panorama, a presente pesquisa insere-se no contexto das investigações que buscam contribuir para uma compreensão dos aspectos psicológicos que permitem a afirmação de que ocorre melhora de habilidades interpretativas da leitura no ensino fundamental com o uso de práticas de rodas de leitura. Pois, como se apresentou na seção anterior, pesquisas apontam que o uso de tais práticas colabora substancialmente para o desenvolvimento e aprimoramento de habilidades de interpretação e degustação da obra literária. O presente estudo pretende também dar continuidade àqueles realizados por Kastrup e colaboradores, que investigaram situações de produção de subjetividade e aprendizagem inventiva propiciados pela prática de rodas de leitura. Para a autora, o procedimento de leitura e discussão de textos desencadeia experiências de estranhamento de si que, nesse momento, são pré-subjetivas e colocam o leitor em contato com sua dimensão pré-egóica, promovendo, portanto, um encontro com a alteridade que habita a subjetividade. (Kastrup, 2005)

A leitura propicia um encontro com a alteridade do texto, do mundo, do outro que habita si mesmo, pois, a leitura vai além do próprio texto, provoca um encontro com a estranheza que está em cada um e que, de fato é nossa própria particularidade. Ao término de um bom livro, não é mais possível imaginar sermos o que éramos, conduzindo a um afastamento do mundo externo, propiciando um recolhimento e relação consigo e, por isso, proporciona uma relação consigo e ao mesmo tempo sai da posição do “eu penso” ou do “eu sei”. Tal experiência se dá no momento em que o leitor deixa-se afetar pelo texto escrito e aquilo que ele evoca, atingindo sua subjetividade. A alteridade do texto acorda a alteridade do leitor, desencadeando momentos de alterização do eu.

¹Fonte: http://download.inep.gov.br/educacao_basica/prova_brasil_saeb/resultados/2012/Saeb_2011_primeiros_resultados_site_Inep.pdf recuperado em 02 de abril de 2014.

As rodas de leitura propiciam uma dobra entre os planos cognitivo e afetivo e as experiências que prevalecem não são aquelas experimentadas por si mesmo, mas aquelas que ressoaram e foram evocadas através da leitura, são estrangeiras e íntimas ao mesmo tempo.

Cabe, portanto, verificar se a prática da Roda Literária é favorável ao fomento da leitura como ferramenta para o ensino e aprendizagem de técnicas de desconstrução, reconstrução e interpretação textuais, propiciando uma melhoria na capacidade leitora e interpretativa dos participantes, através da produção de aprendizagem inventiva.

3. OBJETIVOS

A. Geral

- Compreender os diversos aspectos que garantem a eficácia da prática de rodas de leitura como dispositivo de interpretação textual e em que sentido se pode falar na produção de aprendizagem inventiva promovida por elas;

B. Específicos

- Avaliar a eficácia da prática de rodas de leitura no incremento das capacidades de compreensão e interpretação textuais em alunos da oitava série do Ensino Fundamental;
- Verificar a ocorrência de aprendizagem inventiva durante as rodas de leituras;
- Contribuir para o incentivo ao uso das práticas de rodas de leituras como ferramentas para o ensino e aprendizagem de técnicas de desconstrução, reconstrução e interpretação textuais.

4. MÉTODO

A presente pesquisa caracteriza-se como qualitativa e quantitativa. Este último aspecto se refere ao fato de que antes de se iniciar a intervenção, foram aplicados aos participantes Questionários de Verificação de Competência Interpretativa (QVCI), compostos por um texto e questões interpretativas relativas a ele, cuja avaliação foi feita em notas de zero a dez, por uma professora de língua portuguesa. Salienta-se que a avaliação era cega, pois, a avaliadora não tinha contato algum com os participantes das oficinas ou com o projeto em si. Esse mesmo instrumento foi utilizado também após o encerramento das sessões. O nível dos Questionários é diferente com textos diferentes, sendo o Final mais exigente, tendo em vista que as sessões já haviam decorrido e esperava-se um incremento na capacidade leitora-interpretativa resultante das intervenções realizadas. A diferenciação dos textos e questões justifica-se a fim de evitar vícios nas respostas dadas pelos participantes, e assim, obter dados mais apurados e isentos. Os resultados obtidos nas duas ocasiões foram comparados aritmeticamente e estatisticamente, para que se pudesse ter uma avaliação da eficácia do efeito da participação dos alunos nas sessões. Com isto ficou caracterizado um delineamento quantitativo quase-experimental do tipo “pré-teste e pós-teste aplicados a um grupo” (Campbell & Stanley, 1979, p. 14). Por outro lado, as sessões foram gravadas, transcritas e submetidas a análise de conteúdo, procedimentos típicos da pesquisa qualitativa. Além disto, foram realizadas entrevistas antes do início das atividades e ao final delas, que também foram submetidas a análise de conteúdo. Desta forma fica caracterizada a abordagem mista, quantitativa e qualitativa utilizada na presente pesquisa.

4.1 Participantes:

A amostra foi composta por um grupo de 12 alunos de 14 anos de idade de oitava série^{do} Ensino Fundamental, de uma escola da rede municipal de Ribeirão Preto, conforme quadro abaixo:

Quadro 1: Dados dos alunos participantes do projeto.

Número	Nome	Gênero	Idade	Série Escolar
1	Lucas ²	Masculino	14 anos	8ª série
2	Marcos	Masculino	14 anos	8ª série
3	Ana	Feminino	14 anos	8ª série
4	Márcia	Feminino	14 anos	8ª série
5	Júlia	Feminino	14 anos	8ª série
6	Maria	Feminino	14 anos	8ª série
7	Rodrigo	Masculino	14 anos	8ª série
8	Pedro	Masculino	14 anos	8ª série
9	Ricardo	Masculino	14 anos	8ª série
10	Luciana	Feminino	14 anos	8ª série
11	Fabício	Masculino	14 anos	8ª série
12	Luciano	Masculino	13 anos	8ª série

O grupo foi composto por alunos que se interessaram pelo projeto após esclarecimentos em sala de aula e pelo conhecimento da pesquisa piloto que acontecera no ano anterior. Em conversa preliminar, oito alunos relataram ter problemas com a leitura e interpretação de textos e, portanto, gostariam de participar do projeto a fim de melhorarem suas habilidades, quatro relataram não ter problemas com a leitura e interpretação de textos, mas mesmo assim, gostariam de participar do projeto.

Os alunos que relataram ter problemas com a interpretação de textos foram também indicados pela professora de língua portuguesa da escola.

Todos os alunos que ingressaram no projeto em abril de 2012 continuaram até o final em novembro do mesmo ano.

Os alunos receberam um impresso para entregar aos pais, convidando-os para uma reunião na qual foram explanados o que era o projeto, seus objetivos, duração das sessões e extensão do projeto. Na mesma reunião, após os esclarecimentos, os pais receberam os seguintes impressos: Esclarecimento aos Participantes da Pesquisa: Pais de Alunos (Anexo 2) que foi

² Os verdadeiros nomes dos participantes foram mudados ao longo de todo trabalho a fim de proteger suas identidades.

lido, comentado pelo pesquisador e as dúvidas sanadas e Termo de Consentimento Pós-Esclarecimento (Anexo 3) que foi assinado pelos pais ou responsáveis.

Tanto pais quanto alunos foram esclarecidos que só poderiam participar do projeto após o devido consentimento daqueles e da assinatura do Termo de Consentimento.

Também foi explanado à equipe escolar do que tratava o projeto e seus objetivos em uma reunião de colegiado. Foi entregue um termo de esclarecimentos aos professores de língua portuguesa da escola (Anexo 4) a fim de que os mesmos tomassem conhecimento dos trabalhos desenvolvidos.

Uma vez definido o grupo, os participantes passaram por uma Entrevista Inicial (Anexo 5) a fim de colher impressões sobre o hábito e dificuldades de leitura de cada um deles, posteriormente, foi aplicado um Questionário Inicial sobre a capacidade de leitura e interpretação (Anexo 7) para verificar a capacidade leitora e interpretativa dos participantes antes do início das sessões e assim ter um parâmetro comparativo, pois, ao final das sessões foi realizada uma Entrevista Final (Anexo 6) que se centrou em comentários sobre o que os participantes haviam percebido de melhora após a participação no grupo e um Questionário Final sobre a capacidade de leitura e interpretação (Anexo 8) que, juntamente ao Questionário Inicial serviram de parâmetros para a comparação destacada na sessão Resultados: Análise Quantitativa. Salienta-se que os questionários aplicados diferem entre si a fim de evitar vício nas respostas dos participantes.

4.2. Local:

O projeto foi realizado em uma escola da Rede Municipal de Educação da cidade de Ribeirão Preto em sala designada previamente por sua equipe gestora.

A escola foi criada no final de 1990, e encontra-se na zona norte da cidade, bem afastada do centro. A maioria dos alunos tem casa própria, porém, algumas são alugadas. Os pais trabalham nas mais variadas funções, recebendo uma renda média de 1 a 5 salários mínimos.

Em 2012, a escola funcionava em dois períodos: manhã e tarde com quinze salas de aula em cada período. Atendia aproximadamente 700 alunos dos 06 aos 14 anos, ou seja, do 1º ano a 8ª série. Funcionava das 07h00 às 18h20 diariamente.

Tinha um corpo docente com mais de quarenta professores e vinte funcionários. A equipe de professores demonstrava ser compromissada e estava na escola há muito tempo. Segundo

declarações da equipe gestora, assumiram o projeto pedagógico da mesma e o levaram à prática. Ao lado da equipe docente, existia também uma equipe gestora, formada pelo diretor, vice-diretor e coordenadora, que se declarava bem articulada, engajada e que dava suporte total aos professores para o desempenho de suas funções e cumprimento do Projeto Pedagógico e dos Planos de Ensino. O corpo gestor declarava ainda trabalhar com a gestão participativa, modelo em que as decisões e problemas da escola eram compartilhados por todos os professores e funcionários através de reuniões setoriais e gerais.

Percebeu-se que a escola era bastante organizada e dispunha dos mais variados recursos pedagógicos, tais como: 01 anfiteatro com projetor multimídia, 02 laboratórios de informática com projetores multimídias, 01 sala de recursos multifuncionais na qual eram atendidos alunos com necessidades especiais, sala de coordenação, direção, inspetoras, refeitório, cozinha, quadras poliesportivas, biblioteca com mais de cinco mil volumes todos catalogados em sistema de computador, laboratório de ciências, estufa e horta.

Os alunos participavam dos mais variados projetos educacionais, concursos e olimpíadas, dentre eles: Projeto Mais educação com oficinas de judô, fotografia, rádio escolar, laboratório de ciências e hip-hop; olimpíada de física; olimpíada de matemática, de língua portuguesa e geografia; concurso EPTV na escola, jornal A Tribuna, Agronegócio na escola e etc.

Segundo declaração de seus gestores, devido ao engajamento dos professores e equipe gestora, os alunos eram bastante disciplinados e comprometidos com o estudo, ainda que existissem problemas, mas, perante o universo das escolas públicas, eram bem pequenos. Os pais eram presentes e participativos na escola e compareciam sempre que eram chamados pelos professores e ou equipe gestora.

Quadro 2: Quadro Funcional da Escola em 2014

	Manhã	Tarde
Alunos 1º ao 5º ano	270	150
Alunos 6º ao 8º ano	127	150
Professores PEB II	15	8
Professores PEB III	10	15
Inspetores de Alunos	2	1
Funcionários Serviços Gerais	2	2
Funcionários Cozinha	2	2

Funcionários Administrativos	1	1
Equipe Gestora	2	1

4.3. Procedimentos:

A presente pesquisa teve por meta a verificação de um incremento da capacidade interpretativa dos participantes bem como a verificação de produção de aprendizagem inventiva por meio da realização de oficinas de leitura com alunos de 8ª série do Ensino Fundamental. Tais oficinas foram divididas em duas etapas: oficinas-piloto que ocorreram durante o ano de 2011, nas quais foram observadas as melhores formas de condução e coleta de dados das oficinas definitivas. Foram elaboradas e supervisionadas pelo professor orientador e tiveram seu funcionamento idêntico ao das oficinas definitivas. Portanto, os dados coletados nas oficinas piloto serviram de treinamento para a realização destas últimas, seus dados não foram analisados, a não ser de forma sumária, durante as sessões de supervisão com o orientador, por isso não serão apresentados neste texto.

A fim de se estabelecer um parâmetro comparativo, tal como já mencionado anteriormente, foi feita uma entrevista com os participantes antes do início da primeira sessão com aplicação de um questionário de compreensão e interpretação textuais. Ao final do projeto, foi proposta uma entrevista final e um questionário de compreensão e interpretação final que avaliaram quantitativa e qualitativamente as dificuldades e superações atingidas após as sessões. Ao total, nas rodas de leituras, foram feitas vinte sessões com duração de, aproximadamente, 75 minutos. Todas as sessões tinham funcionamento semelhante: Abertura, momento em que era organizado o grupo e preparada a leitura; Leitura: o texto selecionado para o encontro era lido, no início, ora pelos participantes, ora pelo Mediador e, posteriormente, apenas pelo Mediador, pois, verificou-se que a leitura feita por este, com as pausas e inflexões, facilitava a compreensão do texto; Discussão: após a leitura do texto, abria-se uma discussão sobre o mesmo, levantando-se temas suscitados; e o Encerramento: momento que o Mediador retomava as discussões do grupo e as resumia. Dessa forma a pesquisa foi realizada em três etapas, detalhadas a seguir:

1ª Etapa: Avaliações Iniciais: entrevistas iniciais audiogravadas com os participantes (Anexo 4), ocorridas em 10 de abril de 2012, nas quais foram coletados dados como nome; idade; sexo; experiência, impressões sobre a escola, passatempo

favorito, gosto ou ausência de gosto pela leitura; qual o tipo de leitura mais o agrada; dificuldade ou facilidade de entender o que leu; relatar uma experiência de leitura que foi gratificante para o participante etc., e Questionário de Verificação de Competência Interpretativa Inicial (Anexo 6), aplicado em 17 abril de 2012, no qual foi avaliada a capacidade de compreensão basal do texto; a capacidade interpretativa do texto; a desconstrução e a reconstrução textuais; a produção de aprendizagem inventiva.

2ª Etapa: Roda de Leitura: ocorreram semanalmente no contra turno escolar com duração de setenta e cinco minutos (1h15m); tiveram início em 24 de abril de 2012 e término em 23 de outubro do mesmo ano e contaram com a leitura, análise e discussão de poemas, letras de música e contos. Para iniciar cada sessão e criar um clima de acolhimento e propício à entrega, era feita uma retomada das discussões das sessões anteriores a fim de verificar o nível de prontidão dos participantes acerca do que foi lido. Logo em seguida, eram discutidos os temas suscitados pela leitura do texto. Durante a maior parte da sessão, o seu desenvolvimento, estabeleceu-se uma conversa livre e amigável sobre o texto, caracterizando a “roda de leitura”, na qual os participantes eram incentivados a se posicionarem pessoalmente sobre o texto. Todas as sessões de oficina de leitura foram audiogravadas para posterior transcrição e análise do conteúdo, além disso, também foram descritas, em seus aspectos de observação, em Diários de Campo.

3ª Etapa: Avaliações Finais: entrevistas Finais individuais audiogravadas com os participantes, ocorrida em 30 de outubro de 2012, nas quais foram coletados dados como nome; idade; sexo; impressões do projeto; impressões sobre melhoria na interpretação, expectativas futuras depois do projeto; ações realizadas durante o projeto; e relato de uma experiência gratificante durante o projeto (Anexo 5); e Questionário de Verificação de Competência Interpretativa Final também individual (Anexo 7), aplicado em 06 de novembro de 2012, no qual foram avaliadas a capacidade de compreensão basal do texto; a capacidade interpretativa do texto; a desconstrução e a reconstrução textuais; a produção de aprendizagem inventiva.

Salienta-se que o Pesquisador não ministrava aulas para os participantes das oficinas e que, no momento da execução do projeto, ocupava o cargo de gestão na escola, não havendo, portanto, contato pedagógico com os mesmos. Embora o cargo ocupado pelo pesquisador

implicasse em uma certa autoridade em relação aos participantes, tal fato fora explicitado já na primeira sessão, alertando-se para a necessidade de se diferenciar o Mediador do Gestor da escola, o que ocorreu com prontidão e ao longo dos encontros, a figura da autoridade desaparecia, propiciando um clima de entrega e cooperação.

Quadro 3: Cronograma Geral das atividades realizadas

Data	Sessão	Tipologia	Título/Autor
10/04		Entrevistas	Realização das Entrevistas Iniciais.
17/04		Questionário	Aplicação do Questionário Inicial.
24/04	I	Poema	“Amar”; “Eu” – Florbela Espanca.
15/05	II	Poema	“E tudo termina em um ótimo orgasmo” – Charles Chaplin; “O Tempo” – Willian Shakespeare; “Canção” – Cecília Meireles.
22/05	III	Poema	“Nem tudo é fácil” – Cecília Meireles; “Apesar de Você” – Chico Buarque de Hollanda; “Mergulho” – Autor desconhecido; “O que é Amor” – Domingos Caldas Barbosa e “Motivo” – Cecília Meireles.
29/05	IV	Poema	“Amiga” – Florbela Espanca e “Se eu morresse amanhã” – Álvares de Azevedo.
05/06	V	Letra de Música	“Nos Bailes da Vida” e “Caçador de mim” – Milton Nascimento.
12/06	VI	Letra de Música	“November Rain” (Tradução) – Guns ‘n Roses; “Hey There Delilah” (Tradução) – Plain White T’s.
26/06	VII	Letra de Música	“Duas Metades” – Jorge e Mateus; “João Ribeiro” – Bruninho e Davi e “Faroeste Caboclo” – Legião Urbana.
24/07	VIII	Letra de Música	“Como Dizia o Poeta” – Vinícius de Moraes e “O Poeta está vivo” – Barão Vermelho.
31/07	IX	Conto	“A moça tecelã” – Marina Colasanti.
07/08	X	Conto	“Além do Bastidor” – Marina Colasanti.

21/08	XI	Conto	<i>“Entre a Espada e a Rosa”</i> – Marina Colasanti.
28/08	XII	Conto	<i>“Venha Ver o pôr-do-sol”</i> – Lygia Fagundes Telles.
04/09	XIII	Conto	<i>“As Formigas”</i> – Lygia Fagundes Telles.
11/09	XIV	Conto	<i>“Natal na Barca”</i> – Lygia Fagundes Telles.
18/09	XV	Conto	<i>“A primeira História do Viajante”</i> – Marina Colasanti.
25/09	XVI	Conto	<i>“Um chá bem forte e três xícaras”</i> – Lygia Fagundes Telles.
02/10	XVII	Conto	<i>“Antes do Baile Verde”</i> – Lygia Fagundes Telles.
09/10	XVIII	Conto	<i>“As Pérolas”</i> – Lygia Fagundes Telles
16/10	XIX	Conto	<i>“A Caçada”</i> – Lygia Fagundes Telles
23/10	XX	Conto	<i>“O Peru de Natal”</i> – Mário de Andrade.
30/10		Entrevistas	Realização das Entrevistas Finais.
06/11		Questionário	Aplicação do Questionário Final.

4.4. Análise de Dados:

Os dados coletados nas sessões que compuseram a oficina definitiva foram registrados por meio de audiogravação e de anotações em Diário de Campo. Posteriormente às transcrições das sessões, as mesmas foram submetidas a uma análise temática de conteúdo, tal como recomendada por Bardin (2011), Minayo (2010) e Bogdan e Biklen (1994). Para Bardin (2011) a análise de conteúdo se refere a um conjunto de técnicas de análise das comunicações com procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição de conteúdo das mensagens de indicadores quantitativos ou não que permitem a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção e recepção, para Minayo (2010) a expressão análise de conteúdo é mais comumente empregada no tratamento de dados de uma pesquisa qualitativa. Para Bogdan e Biklen (1994) a entrevista é um excelente momento para recolher dados descritivos na linguagem do sujeito,

permitindo desenvolver intuitivamente uma ideia de como o sujeito interpreta o mundo. A partir da recolha de dados das falas dos participantes, categorias temáticas foram criadas e com elas foi organizado um sistema de categorias que será apresentado na sessão de Resultados. Realizou-se ainda uma verificação das situações que poderiam ser caracterizadas como de aprendizagem inventiva.

Os resultados do questionário e das entrevistas foram tabulados e analisados a fim de se estabelecer um painel comparativo entre as situações anteriores e posteriores às rodas de leitura, além de demonstrar a eficácia da estratégia utilizada e o consequente cumprimento dos objetivos propostos.

Para análise dos dados quantitativos colhidos no Questionário inicial sobre a capacidade de leitura e interpretação e Questionário final sobre a capacidade de leitura e interpretação, foi utilizado o programa analítico de estatística SPSS para ambiente Windows (Bisquerra, Sarriera e Martínez, 2004).

4.5. Aspectos Éticos:

O presente trabalho atendeu às exigências éticas e científicas fundamentais descritas na Resolução nº 196, de 10 de outubro de 1996, que são:

1) A pesquisa foi realizada após assinatura, por parte dos participantes, ou no caso de menores de idade, por seus responsáveis, do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexos 2 e 3), que contém os seguintes aspectos: garantia de que serão esclarecidos, a qualquer momento do estudo sobre os procedimentos, os riscos e benefícios do mesmo; que terão a liberdade de retirar seu consentimento a qualquer momento, sem prejuízo algum e a segurança do sigilo e do caráter confidencial das informações obtidas.

2) Foram esclarecidos, no início da pesquisa, à instituição escolar, aos professores, alunos e seus respectivos pais, os benefícios, tanto atuais como potenciais, individuais ou coletivos do estudo, comprometendo-se ao máximo com eles;

3) Foram assegurados aos participantes da pesquisa os benefícios resultantes do projeto, em termos do retorno educacional, acesso aos procedimentos e aos seus resultados do trabalho.

Neste sentido, o projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da FFCLRP/USP, processo CEP-FFCLRP nº 565/2011 – 2011.1.1014.59.8 de 10 de junho de 2011 (Anexo 1).

5. RESULTADOS

Inicialmente serão apresentados os dados quantitativos obtidos nos dois questionários sobre a capacidade de leitura e interpretação e expressos em análises estatísticas. Pretendeu-se avaliar até que ponto, as sessões de Roda de Leitura contribuíram para melhoria no desempenho dos participantes em suas habilidades de leitura e interpretação de textos e, posteriormente, a análise qualitativa, ou seja, o levantamento das Categorias que surgiram nas Entrevistas Iniciais e Finais e em cada Sessão. Em seguida, serão discutidos os resultados obtidos a partir de uma análise comparativa entre as entrevistas Iniciais e Finais e das Sessões, e também será realizada uma análise dos dados buscando identificar a eficácia das Rodas de Leitura e as situações nas quais a aprendizagem inventiva possa ter ocorrido.

5.1. Análise Quantitativa dos Questionários:

Nesta sessão serão apresentados os resultados obtidos após as análises estatísticas a que foram submetidos os dados brutos colhidos nos dois questionários respondidos pelos alunos. Os questionários foram avaliados por uma professora de língua portuguesa. A professora foi escolhida tendo em vista o distanciamento dela em relação aos alunos e ao projeto em si, proporcionando assim uma análise imparcial das respostas dos mesmos nos questionários. As avaliações desta professora foram realizadas na forma de notas de zero a dez, tais como se costuma utilizar no ensino regular.

Na Tabela 1, abaixo, são apresentados os dados estatísticos descritos, as notas obtidas na Avaliação Inicial e na Avaliação Final realizadas com o Questionário de Verificação de Competência Interpretativa (QVCI).

Tabela 1: Dados estatísticos descritivos com as notas da avaliação inicial (anterior ao grupo de leitura) e final (posterior ao grupo de leitura).

Nome	Nota no Questionário Inicial	Nota no Questionário Final
Lucas	7,5	8
Marcos	6,5	9,5
Ana	8	8,5
Márcia	3,5	7,5
Júlia	2,5	6,5
Maria	5,5	8,5
Rodrigo	4	7,5
Pedro	6	8,5
Ricardo	2,5	4
Luciana	2,5	5,5
Fabício	4	6
Luciano	1,5	5,5
Média	4,5	7,1
Desvio Padrão	2,15	1,62
Mediana	4	7,5
Minimum	1,5	4
Maximum	8	9,5
Percentil 25	2,5	5,6
Percentil 75	6,38	8,5

Os dados apresentados na Tabela 1, acima, foram submetidos a dois testes estatísticos não-paramétricos: Teste de Wilcoxon e Teste dos Sinais, cujos resultados são apresentados na Tabela 2, a seguir. Optou-se por testes não-paramétricos, pois, trabalhou-se com uma amostra de conveniência, um grupo muito pequeno e nessas condições, jamais os dados satisfariam as condições de aleatoriedade e adequação à curva normal de distribuição de frequência suposta como pré-requisito para o uso de testes paramétricos.

Tabela 2. Resultados dos Testes Estatísticos Não Paramétrico para duas amostras relacionadas (Teste de Wilcoxon e Teste dos Sinais).

TESTE DE WILCOXON		TESTE DOS SINAIS
Z	p	p
-3,07	0,002	0

Como se pode verificar na Tabela 2, acima, os resultados dos testes estatísticos revelaram que os valores obtidos pelos alunos no QVCI aplicado após o encerramento da Roda de Leitura foi maior que os obtidos na aplicação inicial com diferenças estatísticas significativas a um nível de $p < 0,01$. Com isto os testes estatísticos sugerem eficácia da atividades desenvolvidas na Roda de Leitura em implementar as competências interpretativas dos alunos que dela participaram.

5.2. Análise Qualitativa das Entrevistas:

Aqui foram elencadas e organizadas as categorias suscitadas ao longo das entrevistas Iniciais e Finais. Na sequência, apresentam-se análises mais detalhadas de cada categoria elencada no quadro abaixo.

Quadro 4: Classes de Categorias Temáticas relativas às Entrevistas Iniciais e Finais

Classes de Categorias Temáticas relativas às Entrevistas Iniciais

- Impressões sobre a Escola.
- Declaração sobre o tipo de passatempo favorito.
- Gosto/ Ausência de gosto pela leitura.
- Tipo de leitura que mais agrada.
- Dificuldade/ Facilidade de entendimento da leitura.
- Leitura que mais emocionou.
- Ligação da leitura feita com a própria vida.

Classes de Categorias Temáticas Relativas às Entrevistas Finais

- Impressões sobre o projeto de leitura.
- Sensação em relação à leitura após a participação no projeto de leitura.
- Benefícios para o futuro com o projeto de leitura.
- Ausência de aspectos negativos no projeto de leitura
- Ponto mais marcante dos encontros

5.2.1. Classes de Categorias Temáticas Relativas às Entrevistas Iniciais

O Projeto teve como princípio as Entrevistas Iniciais, a fim de verificar informações sobre os participantes quanto às impressões sobre a escola, passatempo favorito, gosto pela leitura, tipo de leitura preferido, leitura que mais impactou sua vida, etc.

Impressões sobre a Escola.

Os participantes foram questionados acerca de seus mais variados sentimentos sobre a escola onde estudavam. Em sua maioria, apontaram um grande apego a ela e um sentimento de pertinência a mesma, pois, estudavam lá há alguns anos. Todos apontaram que o diferencial da

escola estava nos professores e na alta qualidade do ensino. A seguir, dois trechos: Entrevistas Iniciais de Marcos e Ana:

Mediador: Qual o seu nome e qual a sua idade?

Marcos: Marcos.

Mediador: Muito bom, Marcos. Você estuda aqui há quanto tempo?

Marcos: Faz dois anos.

Mediador: E aí, o que é que você acha da escola?

Marcos: Eu acho bom.

Mediador: Do que é que você mais gosta?

Marcos: O que eu mais gosto? Ah, dos professores. O ensino é bem (00:00:29)³. Bem melhor do que a outra escola, porque lá era uma bagunça, não estudava direito. Porque o povo ficava correndo na sala. Não tinha maturidade.⁴

Mediador: Entendi. E você tem muitos amigos?

Marcos: Conheço a maioria.

Mediador: Seu nome e a sua idade.

Ana: Meu nome é Ana e eu tenho 14 anos.

Mediador: Ana, faz tempo que você estuda aqui?

Ana: Bom, exatamente há três anos. Com esse ano irão fazer quatro anos.

Mediador: O que é que você acha da escola?

Ana: É uma escola excelente, alto padrão. Por ser uma escola municipal, acho que é uma das melhores escolas para se estudar.

Mediador: O que você mais gosta nessa escola?

Ana: O que eu mais gosto? Mais gosto é os estudos, os professores, a gente brinca bastante com os amigos.

Mediador: Gosta de estudar?

Ana: Bastante. Apesar de, chegando prova, assim, a gente estuda mais, mas, durante o ano é com uma frequência menor.

Declaração sobre o tipo de passatempo favorito.

Nesta categoria foram agrupadas as respostas dos participantes acerca da segunda pergunta do roteiro. Percebeu-se uma multiplicidade de respostas que variavam desde jogar bola ou videogame com os amigos até leitura. Os participantes do sexo masculino apresentaram respostas mais ligadas a esportes e computadores, já os participantes do sexo feminino apresentaram respostas ligadas a inter-relacionamento com amigos, computadores e leitura. Na verdade, poucos admitiram que gostavam de ler, só apresentando um posicionamento quanto à leitura na próxima questão. Percebeu-se que os adolescentes não tinham, necessariamente, a

³ A marcação indica o momento da gravação com um trecho ininteligível.

⁴ Salienta-se que, ao longo de todo projeto, as transcrições das falas dos adolescentes mantiveram o registro linguístico utilizado por eles.

leitura como um passatempo, mas sim como uma obrigação escolar. As Entrevistas Iniciais de Marcos e Ana ilustram:

Mediador: É? Legal. Marcos, o que é que você gosta de fazer para se divertir?

Marcos: Jogar bola.

Mediador: Jogar bola? E além disso?

Marcos: Jogar bola e festas.

Mediador: O que é que você gosta de fazer para se divertir?

Ana: Me divertir? Ah, conversar, sair um pouquinho de casa, de vez em quando com os pais, é sempre bom. E além disso, ah, algumas coisas assim, computador um pouquinho, eu gosto de ler bastante de vez em quando.

Gosto pela leitura / Ausência de gosto pela leitura.

Esta categoria está relacionada à anterior, visto que é um desdobramento da pergunta sobre o tipo de passatempo favorito. Interessante notar que, somente após a pergunta direta se os participantes gostavam de ler é que os mesmos tocaram no assunto, levando a crer, portanto, que a leitura não figurava como um passatempo, uma diversão, mas sim como uma obrigação escolar. Alguns participantes demonstraram não gostar de ler, mesmo quando tal ação fosse uma necessidade acadêmica e mesmo aqueles que responderam gostar de ler, justificavam que a leitura melhorava a fala, o vocabulário e possibilitava melhores chances de trabalho. Foram escolhidos trechos das Entrevistas Iniciais de Rodrigo e de Lucas:

Mediador: Você gosta de ler?

Rodrigo: Não muito.

Mediador: Não? Por que não?

Rodrigo: Porque eu mexo muito em computador, e também eu não tenho muito tempo para ficar lendo.

Mediador: Mas você lê quando o professor pede para você ler?

Rodrigo: Sempre. Na hora que pede lição de casa.

Mediador: É? Então você gosta de ler. Você diria que ler é uma diversão para você?

Lucas: É.

Mediador: Por que você gosta de ler? O que é que te chama a atenção?

Lucas: Eu gosto de ler porque eu sei que vai me fazer bem, vai melhorar meu vocabulário.

Tipo de leitura que mais agrada.

Ainda relacionada à categoria anterior, esta procurou investigar o tipo de leitura que mais agradava os participantes, mesmo quando eles alegavam não gostar de ler. A intenção era verificar se, mesmo não gostando da leitura, o participante apresentava algum tipo de gênero literário ou temática que mais o agradava e pudesse assim romper a intolerância à leitura, mesmo que fosse temporariamente. Percebeu-se que os participantes do sexo masculino apreciavam mais aventuras e histórias fantásticas ou dramas, já os participantes do sexo feminino relataram gostar mais de histórias de amor e dramas também. Os trechos escolhidos mostram bem essa dicotomia. Rodrigo e Ana.

Mediador: E quando você lê, que tipo de leitura você mais gosta?

Rodrigo: Dramática.

Mediador: Drama? Por quê?

Rodrigo: Porque eu gosto das histórias que têm dramas.

Mediador: Por que é que o Rodrigo gosta de drama? Por que o drama mexe com o Rodrigo?

Rodrigo: É uma parte mais interessante da história.

Mediador: Demais? Fala para mim, Ana, o que é que você mais gosta de ler. Que tipo de leitura você gosta de ler?

Ana: Olha, eu estou lendo um livro agora que é o “Capitães da Areia”, do Jorge Amado. Estou amando o livro. Muito legal, tem uma linguagem super atual apesar de ter sido escrito há muitos anos atrás. Então é uma linguagem super atual, fala bastante o cotidiano da vida de alguns meninos que, assim, foram abandonados na vida. Vamos supor, que não têm família. Amizade tem, uns até com os outros, mas amizade verdadeira, que eles procuram o seu ombro amigo...

Ana: Estou sabendo, mas eu prefiro mais ler, porque a cada página...

Mediador: É legal ler, mas depois assistir para comparar.

Ana: Muito interessante, a cada página tem uma nova surpresa. Eu estou gostando bastante.

Dificuldade/Facilidade de entendimento da leitura

Aqui, mais uma vez houve uma divisão de opiniões sobre a capacidade de compreensão da leitura. Sete participantes relataram ter dificuldades de entender aquilo que liam e cinco disseram que tinham facilidade de entender o que fora lido. Percebeu-se posteriormente que a maioria dos participantes que admitiu ter dificuldade de compreensão da leitura eram também aqueles que relataram não gostar de ler. As entrevistas iniciais de Fabrício e Ana foram selecionadas para ilustrarem esta categoria.

Mediador: Você acha que tem mais facilidade ou mais dificuldade de entender o que você leu?

Fabrício: Mais dificuldade.

Mediador: E você acha que você tem mais dificuldade em entender o que leu por quê?

Fabrício: Porque eu não entendo nem todas as palavras.

Mediador: Você tem facilidade ou dificuldade de entender o que leu?

Ana: Bom, geralmente eu tenho mais facilidade, porque tem algumas palavras, é claro, que a gente não usa muito no cotidiano, mas com a ajuda do dicionário dá para entender. Ou alguma coisa que eu não entendi do livro, perguntei para o professor...

Mediador: Certo. Então em geral você tem mais facilidade.

Ana: É, facilidade.

Leitura que mais emocionou.

Aqui, mais uma vez a multiplicidade de respostas ocorreu e mesmo aqueles que relataram não gostar de ler, conseguiram com facilidade apontar um momento da leitura que mais marcou sua vida, embora, às vezes não conseguissem explicar o porquê de tal sentimento. Interessante notar também que algumas vezes, os participantes relataram passagens de livros que marcaram suas vidas, mas que não estavam diretamente relacionadas ao gênero literário ou à temática relatada anteriormente. Nota-se também que muitas vezes os relatos dos participantes nesta categoria mostraram uma carga emotiva durante suas falas: olhares distantes, gestos concentrados no rosto e inflexão da voz. As Entrevistas Iniciais de Ana e Pedro ilustram:

Mediador: Ana, fala para mim, alguma leitura que você fez que você gostou muito. A que você mais gostou.

Ana: A que eu mais gostei? Difícil.

Mediador: Uma que te marcou muito. Que você falou assim, nossa, essa...

Ana: Bom, vamos ver. Tem do Érico Veríssimo, “As Aventuras de Tibicuera”, bem legal também. Gostei. Mas faz tempo que eu li ele, gente. Faz, acho que mais ou menos um ano ou dois. Eu quero ler de novo. Também da Adeline Yen Mah, “A Cinderela Chinesa”. Uma menininha chinesa que era renegada. Muito legal também. “Mohamed, Um Menino Afegão”, só que agora eu não me lembro do autor dele, mas bem legal. Mostra o cotidiano de um menino que vive, logicamente, no Afeganistão. É muito interessante. Como ele perdeu os pais, o que a guerra fez com ele. Muito bom.

Mediador: E você gostou desses livros por quê? O que eles disseram para você?

Ana: O conteúdo. O conteúdo foi. Eu gosto de histórias mais chamativas, assim, depende, se tiver romance no meio, se tiver traição. Eu acho que cada leitor tem um jeito chamativo de prender a gente. Dependendo se for, ao longo das páginas do livro, cada vez que você olhar você vai querer ler mais e mais e mais. Acho que é isso.

Mediador: Muito bom. Obrigado.

Ana: De nada.

Mediador: Entendi. Pedro, fala para mim uma leitura que você fez que você gostou muito, que mexeu com você.

Pedro: “O Pequeno Príncipe”.

Mediador: Fala sobre o quê esse livro?

Pedro: Era um menino pequeno que se tornou um príncipe. Aí fala das boas ações que ele fazia, um monte de coisas.

Mediador: E você gostou desse livro por quê? O que é que ele mexeu com você?

Pedro: Porque fala muita coisa, por exemplo, a paz, que não existe hoje em dia. Que um menino bom assim, como ele, que também não existe hoje em dia, entendeu?

Mediador: Entendi. Mas você acha que isso tem a ver o que com a sua vida?

Pedro: Não sei. Não sei.

Mediador: Certo. Muito bom, Pedro. É isso aí. Obrigado.

Ligação da leitura feita com a própria vida.

Esta categoria foi localizada em apenas uma entrevista. O participante fez a conexão da leitura feita com sua vida, apresentando um acoplamento com o enredo e internalizando a temática e a vivência da personagem. A Entrevista Inicial de Marcos ilustra:

Mediador: Você achou que isso tem alguma coisa a ver com a sua vida, tem alguma coisa a ver com o que você pensa?

Marcos: Tem.

Mediador: Tem?

Marcos: Tem.

Mediador: Quer falar sobre isso?

Marcos: Meu pai tem tipo um sonho, é ir para uma empresa boa, terminar a faculdade dele. E eu também quero ter um futuro bom, poder retribuir para ele o que ele faz por mim.

Mediador: Legal, Marcos. Muito bom. É isso aí. Obrigado.

Marcos: Obrigado você.

Essa Classe de Categorias mostra um posicionamento inicial dos participantes acerca do projeto. Salienta-se que, embora tenham sido comunicados e orientados acerca dos propósitos, objetivos e dinâmica das Sessões, os alunos demonstraram uma grande curiosidade sobre o mesmo. Também observaram-se os hábitos e gostos de leitura dos alunos e destaca-se aqui o fato que a maioria deles não tinha hábito de ler ou gosto pela leitura, mas, mesmo assim, conseguiam relatar com certa facilidade um momento de leitura que mais os marcou.

Observa-se também aqui que a maior parte dos participantes não gostava de ler e apresentava dificuldades de entender o que fora lido, atribuindo tal sensação à obrigatoriedade de ler textos que não eram de seu interesse. A leitura não figurava como passatempo predileto dos participantes, pelo menos não apareceu nas respostas logo de início.

Outro fator também a ser destacado é que os alunos demonstraram grande apego à escola. Sabiam reconhecer com facilidade suas características positivas, pois, estudavam nela há muito

tempo. O ambiente escolar relatado pelos participantes demonstra ser acolhedor possibilitando a participação deles no cotidiano escolar. Todos relataram que sentiriam falta da escola no ano seguinte.

5.2.2. Classes de Categorias Temáticas Relativas às Entrevistas Finais

Dentro de todo contexto da pesquisa, um dos aspectos de grande relevância está nas entrevistas finais. Diferentemente da entrevista inicial, aqui, os participantes estavam mais descontraídos e apresentavam uma vontade maior de falar sobre o projeto como um todo. Agora, podiam avaliar com exatidão os efeitos da roda de leitura em suas vidas.

Neste momento, procurou-se verificar as impressões dos mesmos sobre as rodas de leitura, sua participação e um possível incremento na capacidade leitora e interpretativa dos adolescentes. Houve, de uma certa forma, uma padronização de respostas a algumas perguntas, porém, percebeu-se que quando questionados sobre os resultados do projeto em suas vidas, as repostas variaram.

Impressões sobre o projeto de leitura

Esta categoria abarcou respostas dos participantes acerca de suas impressões gerais sobre o projeto. Todos os participantes apontaram que o projeto favoreceu uma interação com os participantes, facilitando a troca de informações e o crescimento mútuo em relação à interpretação textual. Outro ponto também observado nesta categoria está na percepção de todos os participantes que os encontros de Roda de Leitura eram diferentes da sala de aula, o que favorecia a participação de todos, diminuindo a inibição. As entrevistas finais de Marcos e Lucas exemplificam.

Mediador: Boa tarde. Diga seu nome e a sua idade.

Marcos: Boa tarde. Nome inteiro?

Mediador: É

Marcos: Meu nome é Marcos. Tenho 14 anos.

Mediador: Marcos, quais foram as suas impressões? O que é que você achou do projeto?

Marcos: Eu achei bom, porque você aprende a interagir com os outros.

Mediador: Como assim?

Marcos: Ah, eu não era desse jeito. Tipo, chegava perto de uma pessoa estranha assim, ficava fechado, você não consegue conversar. Aqui não. Aqui a gente, pessoas que eu nem conversava tive amizade agora, você conversa normal, debate sobre o texto, coisa que eu não faço nem com o meu pai.

Mediador: Boa tarde.

Lucas: Boa tarde.

Mediador: Diga o seu nome e a sua idade.

Lucas: Lucas. 14 anos.

Mediador: Lucas, quais são as suas impressões sobre o projeto? O que é que você achou do projeto.

Lucas: Eu achei muito bom.

Mediador: Como assim? Explica melhor. Bom de que jeito?

Lucas: Não é igual uma sala de aula, como você diz. Nós nos reunimos, discutimos sobre os textos, e é isso que eu achei legal. Eu achei diferente. Não é uma coisa que nós fazemos em sala de aula.

Mediador: E você acha que esse foi o grande diferencial?

Lucas: Sim. Os textos também foi um grande diferencial. Interpretá-los foi também muito legal.

Sensação em relação à leitura após participação no projeto de leitura

Esta categoria abarcou respostas dos participantes acerca de sua percepção quanto à leitura após a participação nas rodas de leitura. Percebeu-se que todos tinham muita facilidade em apontar que aconteceram melhorias na capacidade de leitura e interpretação de textos. Todos apontaram que já não liam mais como liam antes, procuravam pontos e informações relevantes no texto que corroborariam com o percurso de sentido seguido por eles. Importante salientar que se perceberam, nesse momento, mudanças comportamentais nos participantes tanto durante os encontros quanto no momento da entrevista final. O sorriso abria-se com facilidade quando todos os participantes eram inquiridos neste item, demonstrando satisfação com o que haviam adquirido. Também se percebeu que todos os participantes, que na Entrevista Inicial relataram não gostar de ler, haviam mudado seu ponto de vista, demonstrando um certo apreço pela leitura e confiança em relação à interpretação de textos. As entrevistas finais de Lucas e Fabrício foram selecionadas.

Mediador: E depois que você fez o projeto, fala para mim a sua, como é que você se sente em relação à leitura?

Lucas: Melhorou bastante a leitura. Depois do projeto eu tive muito mais interesse em livros. Esse ano eu li livros gigantesco.

Mediador: É? Qual, por exemplo?

Lucas: Li “Anjos e Demônios”, que é grande. Li também “Ponto de Impacto”, que também é grande.

Mediador: Legal. E você gostou do “Anjos e Demônios”?

Lucas: Eu gostei. Gostei bastante.

Mediador: Legal.

Lucas: Mesmo tendo o filme eu prefiro ler.

Mediador: E como você se sente hoje em relação à leitura, depois do projeto?

Fabício: Estou entendendo melhor agora.

Mediador: Está entendendo melhor?

Fabício: Bem melhor.

Mediador: Então te ajudou?

Fabício: Sim. Consigo ver a imagem agora na minha mente dos personagens.

Benefícios para o futuro com o projeto de leitura

Aqui, procurou-se verificar a percepção dos participantes quanto aos benefícios da participação no projeto no futuro de cada um deles. Mais uma vez, percebeu-se uma multiplicidade de respostas: dos doze participantes, 04 responderam que a participação no projeto facilitaria o entendimento de textos no futuro, o que os ajudaria de várias formas; 02 apontaram que a roda de leitura facilitaria o entendimento de textos na hora de prestar uma prova; 04 relataram que a contribuição do projeto estaria na hora de uma entrevista de emprego, ajudando a se colocar bem quanto às perguntas feitas pelo entrevistador; 01 disse que aprender a interpretar textos ajudaria na faculdade e 01 não soube pontuar precisamente. As entrevistas finais de Lucas, Marcos e Fabício exemplificam.

Mediador: Legal. Lucas, depois que você participou do projeto, quais são suas expectativas para o futuro?

Lucas: Muito boas. Inclusive assim, falando de provas, quando se fala em interpretação de textos, eu vou saber interpretá-los muito bem. Eu acho que melhorou bastante. Acho que meu futuro vai ser ótimo.

Mediador: Legal. E para o futuro, Marcos, o que é que você espera que essa oficina, que esses encontros tenham te ajudado para o futuro?

Marcos: Me ajudou a melhorar uma coisa que vai me ajudar muito quando for prestar concurso, fazer prova, principalmente em português. É, vai me ajudar muito. É o que eu acho.

Mediador: E para o futuro, Fabício, o que você acha que ele pode te ajudar? Esse projeto pode te ajudar.

Fabício: Para o futuro? Pode me dar um emprego melhor também né? Para eu entender as coisas que estão falando.

Ausência de aspectos negativos no projeto de leitura

Esta categoria apresenta uma avaliação dos participantes sobre o projeto. Todos relataram não haver aspectos negativos ou melhorias a serem consideradas ou algo que houvesse piorado na capacidade de interpretação deles. O relato de Ana exemplifica bem.

Mediador: E piorou alguma coisa?

Ana: Não. Só melhorou.

Ponto mais marcante dos encontros

Aqui se pretendeu que os participantes apontassem momentos que mais marcaram sua participação no projeto. Uma leitura que estabelecesse um vínculo direto com a subjetividade de cada um, provocando desterritorializações importantes. Todos os participantes apontaram momentos interessantes e importantes e os relatos de Ana e Rodrigo ilustram bem

Mediador: Eu queria que você dissesse, Ana, uma experiência que aconteceu aqui no projeto que te marcou. Um texto que te marcou, uma discussão, alguma coisa que te marcou.

Ana: Eu acho que todas as discussões marcaram bastante, mas aquelas que a gente fugia um pouquinho assim, falava sobre as experiências da vida, a gente tratava como se fosse os textos as nossas experiências de vida. Foi bastante marcante. Inclusive todos os livros da Lygia Fagundes Telles que a gente leu depois, foram todos bem interessantes.

Mediador: Muito bom. É isso mesmo. Obrigado.

Ana: De nada.

Mediador: Eu queria que você dissesse agora, Rodrigo, alguma coisa, algum texto que foi lido, alguma coisa que aconteceu, alguma discussão que aconteceu aqui durante o projeto, que te marcou. Que você falou assim, nossa, que legal.

Rodrigo: Foi daquele lá do, eu esqueci, da esperança lá da mulher. Que ele ficava verde, acho.

Mediador: Da (00:01:55)

Rodrigo: Isso.

Mediador: Verde e quente.

Rodrigo: Verde e quente. Isso mesmo.

Mediador: Por que é que ele te chamou a atenção?

Rodrigo: Porque era um texto muito bem montado. Ficava querendo desvendar ele, entender melhor ele para discutir, para tentar achar ele do jeito que ele era.

Mediador: Mas o que mais te chamou a atenção nele?

Rodrigo: Foi da falta de crença.

Mediador: Da mulher?

Rodrigo: É.

Mediador: Você acha que isso está relacionado a hoje em dia?

Rodrigo: Hoje em dia, sim, com certeza.

Mediador: Muito bom, Rodrigo. Muito obrigado.

Rodrigo: Nada.

Essa foi a última Classe de categoria obtida nas entrevistas e, de certa forma, retoma o que foi discutido nas Entrevistas Iniciais.

Salienta-se a melhoria na percepção dos adolescentes nesse momento. Havia uma certa alegria em seus semblantes ao falar de sua participação na Roda de Leitura e como se sentiam frente a leitura de textos e os benefícios do projeto no futuro de suas vidas.

Os participantes demonstraram consciência que se sentiam mais preparados para lidar com textos literários, pois sabiam como lidar com os elementos textuais, levantar hipóteses e propor percursos de sentido para a interpretação dos mesmos. Mas, acima de tudo, relataram sentirem-se mais confiantes em dar suas opiniões em uma discussão, embasando seus pontos de vista, acatando, refutando e contra argumentando a opinião de outrem.

Observa-se também que todos os participantes souberam com precisão apontar pontos marcantes dos encontros, desse ou daquele texto ou discussão, mas principalmente, conseguiam relatar com entusiasmo sua participação e ajuda a fim de elucidar o mistério do texto.

5.2.3. Comparação entre as entrevistas iniciais e finais

Ao avaliar os conteúdos dos dois momentos de entrevistas: Inicial e Final, pode-se perceber uma considerável mudança no padrão das respostas dos participantes. Nas Entrevistas Iniciais o sentimento geral entre os alunos era de desconfiança acerca do projeto e, conseqüentemente, dos benefícios que este poderia trazer para suas vidas, inclusive escolar. Havia uma certa timidez impregnada nas falas e comportamentos dos participantes o que, de uma certa forma, refletiu em suas repostas mais objetivas às perguntas feitas. A postura corporal dos alunos durante esse momento também corrobora tal atitude, todos estavam mais tensos, com os braços cruzados à altura do peito ou com as mãos espalmadas nas pernas, friccionando-as constantemente ao longo da entrevista, esperando o término rápido daquela tarefa.

O conteúdo apurado nessa etapa, mostra, contudo, dados importantes para a pesquisa. Percebeu-se que a leitura não fazia parte do cotidiano dos participantes, não pelo menos como algo desobrigado e prazeroso. E, portanto, o entendimento daquilo que era lido era um tanto limitado. Havia uma espécie de círculo vicioso no comportamento dos alunos quanto à leitura: menos eu leio - menos eu entendo – menos eu leio. O descaso com a leitura não se restringia apenas à Língua Portuguesa e aos textos/livros solicitados para leitura, de uma certa forma, contaminava também outras áreas do conhecimento como História, Geografia e Matemática. Os participantes relataram terem dificuldades de entender o que estava expresso nos textos específicos dessas disciplinas.

Se por um lado as entrevistas Iniciais não apresentaram material tão rico para análise, mostrando apenas algo que já era percebido cotidianamente, as Entrevistas Finais já o fizeram. Ao comparar os dois momentos, pode-se perceber que, no tocante à postura dos participantes, no momento final era completamente diferente. Agora estavam muito mais confiantes, alegres e abertos à conversa. As respostas fluíam com mais facilidade e percebeu-se uma vontade maior de falar o que sentiam quanto à participação no projeto. Os relatos indicando mudança na percepção da capacidade leitora deles são um dos pontos altos desse momento. Nota-se também que surgiu um sentimento de pertencimento ao grupo e que todos eram apoiados por este. A cooperação mútua entre eles durante as sessões foi lembrada e com isso, um fortalecimento das relações interpessoais.

Destaca-se também a percepção da possibilidade do uso da capacidade leitora como instrumento de promoção futura, seja nos estudos ou no trabalho, o que diferencia também do momento das Entrevistas Iniciais, além disso, capacidade de localizar momentos específicos que os tocaram durante as Sessões também foi elencada por eles. Fácil e rapidamente todos elencaram momentos importantes de passagens de textos ou discussões feitas no grupo que os marcaram.

No tocante às Entrevistas, percebe-se uma sensível melhora na qualidade das respostas dos participantes no término do projeto, demonstrando maior fluidez do pensamento e felicidade com o que foi alcançado.

5.3. Análise Qualitativa das Sessões:

Neste subitem, estão elencadas e analisadas todas as Categorias levantadas em cada sessão após a transcrição e análise temática de cada uma delas. Estão organizadas em três grandes classes: Classes de Categorias Temáticas Relativas ao Modo de Funcionamento das Sessões e de Participação; Classes de Categorias Temáticas Relativas ao Texto e Classes de Categorias Temáticas Externas ao Texto. Dada à grande quantidade de dados, optou-se, neste texto, por trabalhar mais profundamente com as Classes de Categoria Temáticas Relativas ao Texto e com as Classes de Categorias Temáticas Externas ao Texto. As Classes de Categorias Temáticas Relativas ao Modo de Funcionamento das Sessões e de Participação estão elencadas no Apêndice B (p. 296) deste trabalho para posterior consulta. O quadro abaixo ilustra de forma ampla e genérica as Categorias levantadas durante as Sessões.

Quadro 5: Classes de Categorias Temáticas relativas às Sessões**A - Classes de Categorias Temáticas Relativas ao Modo de Funcionamento das Sessões e de Participação****1. Procedimentos utilizados na condução de cada uma das sessões**

- Preparação do encontro.
- Recuperação de conteúdo do encontro anterior.
- Comentários sobre a assiduidade aos encontros.
- Leitura do texto.
- Finalização do encontro.
- Retomada de encontros anteriores.

2. Estabelecimento de relações entre atividades diferentes

- Comparação entre a roda de leitura e a sala de aula.
- Comparação entre as duas músicas.
- Comparação entre a letra e o ritmo da música.
- Comentários de um texto análogo ao trabalhado na sessão anterior.

3. Participação dos alunos no grupo e nas discussões

- Comportamento dentro da sala de aula.
- Análise do comportamento presente.
- Tentar até conseguir resolver um problema.

Classes de Categorias Temáticas Relativas ao texto

•Categorias Temáticas Específicas a cada uma das sessões

•Tema da Sessão I

- Recordar *versus* Esquecer.

•Temas da Sessão II

- Comentários sobre o poeta e o poema.
- O tempo é lento para quem espera.
- A importância do sonho para a vida da pessoa.
- Sonho como fator libertador.
- Sonho *versus* Pesadelo.
- Sonho como alimento da alma.
- Desfazer-se de um sonho para poder surgir outro.

•Temas da Sessão III

- O porquê de o poema tocar o leitor.
- Discussão sobre o tema do segundo texto.
- A vida com sentido completo.
- Motivo para cantar a vida.

•Temas da Sessão IV

- Sentimento expresso pelo eu-lírico: Amor ou Amizade?
- Gênero do eu-lírico e da pessoa amada.
- Suposto sofrimento do eu-lírico ao realizar a confissão de seu Amor.
- Aproveitamento da vida.
- Constatação da consequência da morte do eu-lírico.

•Temas da Sessão V

- A importância de não desistir do sonho.
- A necessidade de se encontrar para ser feliz.

•Temas da Sessão VI

- O uso da escrita para aplacar um sofrimento.
- Identificar o sentimento expresso no poema.
- Pensar na pessoa amada como se ela estivesse ao lado.
- A necessidade de se ter alguém na vida.
- Vontade de ser músico.

•Tema da Sessão VII

- O tempo como fator decisivo em uma conquista.
- As duas metades de um ser humano.
- O inusitado da situação vivida.

•Tema da Sessão VIII

- Predileção da participante por uma parte da música.

•Temas da Sessão IX

- Realizar os desejos de alguém para suprir a solidão.
- O interesse como motivo para ficar com alguém.
- Desfazer uma ação para consertar um erro.
- A solidão para evitar a tristeza.
- Fazer o que gosta para ser feliz.
- A felicidade dentro das coisas mais simples.
- Percepção que se pode realizar mais desejos.

Continuação

•Temas da Sessão X

- Transportar-se para dentro do texto.
- A simbologia das cores no texto.
- O bordado como realização de um sonho no texto.
- Paz *versus* Esperança.
- Deixar uma pessoa viver seu sonho.

•Temas da Sessão XI

- Tentativa de resgatar o entendimento do texto.
- Apaixonar-se pelo interior de uma pessoa.
- A simbologia das cores no texto.
- Análise da metáfora do texto.
- A dualidade da vida.

•Temas da Sessão XII

- Querer uma pessoa só para si.
- Plano para pegar uma pessoa.
- Retomada de sentido do texto.
- Dúvidas sobre o texto.
- As aparências enganam.
- Acreditar que uma história é mentira.
- Plano de vingança.
- Concretização de um plano.
- Colocar-se no lugar da personagem.
- Levantamento de hipóteses sobre o texto.
- Tentativa de juntar as discussões sobre o texto e fechar em uma conclusão.
- Assunto central do texto.
- Traição *versus* Vingança.
- Dinheiro como gerador de interesse na vida.

•Temas da Sessão XIII

- Sensibilização para outro desfecho do texto da sessão anterior.
- O desfecho do texto da sessão anterior.
- Sensibilização para o fato de que os participantes estão conseguindo interpretar o texto.
- O simbolismo de passagens do texto da sessão anterior.
- A plausibilidade de passagens do texto.
- Tentativa de interpretação do texto.
- Sonho *versus* Realidade.
- A função do anão no texto.
- A função das horas no texto.
- A função das formigas no texto.
- A função do esqueleto no texto.

Continuação

- Angústia pelo fato de o texto não ter fim.
- O grito.
- Tomada de consciência sobre a interpretação.
- Considerações sobre a autora e o ato de escrever.
- **Temas da Sessão XIV**
 - Tentativa de reconstrução do texto pelo reconto.
 - O simbolismo de passagens do texto.
 - O desfecho do texto.
 - O que aconteceu com a criança.
 - O sonho com a criança.
 - A vida familiar da criança.
 - 7 O psicológico da mãe da criança.
 - As metáforas presentes no texto.
 - As possibilidades de interpretação de um texto.
 - Hipótese religiosa do texto.
 - A função da narradora no texto.
 - Sensibilização para o fato de que os participantes conseguem interpretar o texto.
 - A função do velho no texto.
 - A metáfora do rio *versus* esperança da narradora.
 - A postura da narradora perante a esperança.
 - Sensação de completude ao final da interpretação.
- **Temas da Sessão XV**
 - A morte no texto.
 - Tentativa de interpretação pelo reconto do texto.
 - O cavalo.
 - Tentativa de interpretação do texto.
 - A morte.
 - Tentativa de conclusão do assunto discutido.
- **Temas da Sessão XVI**
 - Tentativa de interpretação pelo reconto do texto.
 - A outra personagem feminina.
 - Tentativa de interpretação do texto.
 - A metáfora da borboleta.
 - A metáfora da rosa.
 - A reação da personagem central.
 - O desfecho do texto.
 - A mudança de estado psicológico da personagem principal.
 - O encontro das personagens.
 - O conhecimento do marido sobre o encontro.

Continuação

•Temas da Sessão XVII

- A esperança da personagem.
- A metáfora da flor.
- O sentimento de desprezo da personagem.
- A simbologia das cores presentes no texto.
- O estado de saúde do pai da personagem principal.
- O desfecho do texto.
- Proposta de outro final para o texto.

•Temas da Sessão XVIII

- Tentativa de reconstrução do texto pelo reconto.
- O colar de pérolas.
- A verdadeira intenção do marido.
- O encontro das personagens.
- A cor do vestido.
- Tentativa de interpretação do texto.
- O casamento da personagem.
- O sofrimento do marido.
- O sentimento da personagem principal.

•Temas da Sessão XIX

- Tentativa de reconstrução do texto pelo reconto.
- Discussão sobre elementos da tapeçaria.
- O arqueiro na tapeçaria.
- A imagem de São Francisco.
- O fato de o homem ter entrado na tapeçaria.
- Tentativa de interpretação do texto.
- O desfecho do texto.
- O ditado “aqui se faz, aqui se paga” depreendido pelo texto.

•Temas da Sessão XX

- O pai do narrador.
- A metáfora do peru de natal.
- A metáfora do Natal.
- Morte *versus* Felicidade da família.

•Categorias Temáticas Gerais Relativas a mais de uma sessão ou aspectos mais gerais do texto

•Primeiras Impressões sobre o tema do texto lido e o estabelecimento de relações entre eles

- Primeiras impressões sobre o texto.
- Primeiras impressões sobre o segundo texto.
- Relação entre os textos lidos.
- Primeiras impressões sobre o quinto texto.
- Discussão sobre os limites da interpretação do texto.
- A música ser melhor que o poema.
- Primeiras impressões sobre a música.
- Relação entre as músicas.
- Despertar para a leitura de um livro.
- Percepção de melhora pela participação na roda de leitura.
- Um participante explica o sentido do texto a outro participante.

Classe de Categorias Temáticas Externas ao Texto

•Temas da Sessão I.

- Amor Passageiro.
- Aproveitar o amor.
- Fazer o amor valer a pena.
- Procurar um grande amor para dar sentido à vida.
- Não fazer para os outros o que não quer para si.
- Amor *versus* Perdão.
- Certeza de que a pessoa amada não errará novamente.
- Importância de se esquecer de um amor.
- Dar valor depois que se perde.
- Consertar para não repetir o erro.
- Sentir-se bem ao dar uma opinião.
- Aproveitar a vida.
- Arriscar-se na vida para aprender a viver.

•Temas da Sessão II.

- Amar como sofrimento.
- Vantagem de viver a vida ao contrário.
- Pecado.
- Relação do poema com a vida.
- Propósito da vida.
- A vida dá oportunidades.
- Temor à morte.
- Morte como consequência da vida.
- Vida após a morte.
- A morte como única certeza da vida.
- Dor da perda de um sentimento amoroso.
- A Felicidade depende de cada um.
- Sonho *versus* Ilusão.

•Temas da Sessão III.

- Amor verdadeiro.
- A difícil convivência entre as pessoas.
- O que é conviver.
- Aceitar as diferenças.
- A importância de se dar bem com as pessoas.
- As pessoas fazem a vida difícil.
- Saber se perder na vida para se encontrar.
- O que é um amigo?
- Diferença entre amigo e colega.
- Confiança na amizade.
- Família como primeiro amigo.
- Como distinguir um verdadeiro amigo.

Continuação

•Temas da Sessão IV.

- Medo de ao confessar seu amor, não ser aceito por outra pessoa.
- Constatação de que compensa se declarar à pessoa amada.
- Constatação do excesso de uma atitude.
- Constatação que o mundo está pior.
- A vida não é fácil.
- Fuga da vida planejada pelos pais.
- A vida hoje é mais fácil que antes.
- Se houver luta, há melhoria na vida.
- Suposição sobre se é uma confissão amorosa de mulher para mulher: o preconceito homofóbico.
- Expressão do último desejo perante o último dia de vida.
- A importância da saúde em detrimento do dinheiro.
- A morte possui um lado bom e outro ruim.
- Morte como solução para os problemas.
- Sofrimento como algo bom.
- Sofrimento ao saber que o ser amado está com outra pessoa.
- Constatação que a alegria e o sofrimento coexistem.
- Constatação que a riqueza não traz felicidade.
- A importância da amizade em detrimento do dinheiro.

•Temas da Sessão V.

- Errar como fator positivo na aprendizagem humana.
- Na vida há momentos bons e ruins.
- Continuar a vida apesar das dificuldades.
- Começa-se de baixo para subir na vida.
- Na vida tem-se que fazer o que gosta.
- Mudar de vida como algo necessário.
- Não desistir de lutar por uma vida melhor.
- Consciência do passado para projetar o futuro.
- Correr atrás do sonho.
- Busca constante por um sonho para substituir outro.

•Temas da Sessão VI.

- Expressar-se como ser apaixonado.
- Uso da carta para expressar um sentimento amoroso.
- Como uma pessoa se sente ao estar apaixonada.
- A vida de um casal de namorados separados pela morte.
- Receber um elogio e ser feliz.
- O uso do tempo para cura de uma dor.
- Ação de amigos perante um relacionamento.
- A importância do perdão em um relacionamento.
- A dificuldade em se perdoar alguém que errou.
- O limite do perdão.

Continuação

• Temas da Sessão VII.

- O fogo da paixão.
- Encontrar a pessoa certa para um relacionamento.
- A dificuldade de relacionamento com os sogros.
- Expressão do fato de se ter mais de um (a) namorado (a).
- Começar uma relação mostrando o lado bom.
- Esconder o lado ruim de uma pessoa em um relacionamento.
- A importância de mudar a personalidade para agradar o outro.
- A importância da convivência para se conhecer uma pessoa.
- Dificuldade de aceitar os defeitos de uma pessoa.
- A importância de se abrir mão de sua essência para construir pontes entre as pessoas de um relacionamento.
- A importância da confiança mútua em um relacionamento.
- A agonia da vida vazia.
- O tempo como fator decisivo em uma conquista.
- A importância do perdão em um relacionamento.

• Temas da Sessão VIII.

- Medo de amar e sofrer.
- Sentir-se bem ao lado de alguém.
- Crescimento ao lado da pessoa amada.
- Abrir-se para as pessoas se aproximarem.
- Aproveitar aquilo que há de bom em uma pessoa.
- Enfrentar os problemas para aprender a ser alguém melhor na vida.
- A importância do amor na vida.
- Arrependimento por uma ação executada.
- Deixar o amor entrar na vida.
- O sofrimento amoroso como forma de aprendizagem.
- Viver um sonho para conseguir algo na vida.
- Vontade de inverter papel com o mediador.
- Solidão como forma de aprendizagem.
- Solidão como preparo para um novo relacionamento.
- Dividir a solidão com outra pessoa.

• Temas da Sessão IX.

- Confessar que gosta de alguém.
- Timidez *versus* orgulho masculino.
- Tomar a iniciativa em um relacionamento amoroso.
- Medo da rejeição.
- Anonimato da internet como facilitador da relação.
- Insociabilidade.
- Ficar com alguém por interesse.
- Usar alguém em uma relação amorosa.
- O homem como agente em uma relação amorosa.
- Aproveitar ao máximo o que se tem na vida.
- Perder para descobrir o valor que se tinha.
- Ter objetivo na vida.
- A felicidade com o pouco que se tem.
- A verdadeira felicidade está dentro da pessoa.
- A felicidade vale a pena.
- Planejar o futuro com o conhecimento que se tem.
- Lutar para conseguir o que se deseja.

Continuação**•Temas da Sessão X.**

- Sofrer por outra pessoa.
- Colocar as diferenças entre as salas de lado.
- Confraternização.
- Reconhecimento pelo trabalho.
- Tratamento igualitário.
- Não saber como iniciar um projeto de vida.
- Viver o momento.
- O limite da responsabilidade na vida.
- A esperança como algo criador na vida.
- Fazer a vida valer a pena.
- Busca da verdadeira felicidade.
- A brevidade do tempo.
- Projetar o futuro para entender o presente.
- Entregar-se a um grande sonho.
- Realização de um sonho.
- Substituição de um sonho já realizado por outro.
- Tentar fazer um sonho dar certo.
- Sonho como meta.
- Sonho como sentido da vida.
- Trabalhar para realizar um sonho.
- Não se entregar totalmente a um sonho.
- Acreditar na possibilidade de um sonho.
- Sonhos para o final de ano.
- Planos para aulas fora da escola.
- Valor de uma amizade.
- Desejo *versus* Realidade.

•Temas da Sessão XI.

- Não se importar com as aparências.
- Não aceitar que alguém controle sua vida.
- Não fugir daquilo em que se acredita.

•Temas da Sessão XII.

- Costumes familiares.
- O impacto da vingança na vida de uma pessoa.
- Mentira para realizar um desejo.
- Vontade de fazer mal a alguém.
- Desejo de vingança.

•Temas da Sessão XV.

- Necessidade de se crer em algo na vida.
- Mudança de vida.
- Objetivo da vida.
- Vida após a morte.
- Vida *versus* Morte.
- Religião *versus* Deus.
- Ciência *versus* Religião.
- Céu *versus* Inferno.

Continuação

- **Temas da Sessão XVII.**

- Coragem de abandonar o pai em um momento de necessidade.
- Retribuição ao pai.
- Estar presente na vida de um pai.
- Responsabilidade em relação aos pais na velhice.

- **Tema da Sessão XVIII.**

- Entregar-se a um relacionamento para esquecer outro.

- **Temas da Sessão XIX.**

- Não há como desfazer as marcas de algo errado.
- Agir por impulso na vida.
- Mágoa.
- O Difícil perdão.

5.3.1. Classes de Categorias Temáticas Relativas ao texto

As Categorias foram agrupadas Sessão a Sessão e mostram comentários específicos ao texto lido e discutido em grupo e se referem, basicamente, à estrutura textual.

Categorias Temáticas Específicas a cada uma das sessões:

Tema da Sessão I:

Nesta Sessão foram discutidos dois poemas de Florbela Espanca: “*Amar*” e “*Eu*”. Os textos foram escolhidos, pois, travam uma discussão existencialista do eu-lírico com o leitor e isso proporcionaria uma discussão abrangente, quebrando assim a timidez inicial dos participantes. Dessa Sessão foi encontrada uma Categoria relativa ao texto.

Recordar *versus* Esquecer.

A leitura do poema desperta a discussão da relação entre Recordar e Esquecer. O grupo sugere que, talvez, o eu-lírico esteja querendo esquecer-se de alguém.

Participante F⁵: Mas essa poetisa, ela deveria ter uma visão mais focada. Ela fala assim que ela quer amar, mas ao mesmo tempo ela fala que ela deve recordar ou esquecer. Que ela deve recordar ou ela deve esquecer? Ela tinha que estar, imaginando na minha cabeça, ela tinha um caso com alguém, aí esquece e volta, mas será que valia a pena ela ter a paixão? Eu acho que sim.

Mediador: Por exemplo, você se lembra do segundo verso? Recordar e esquecer, indiferente.

Participante F: Sim, ela poderia estar tentando esquecer alguém.

Participante F: Ou recordando uma pessoa que perdeu.

Temas da sessão II:

Na Sessão II, foram trabalhados o texto de Charles Chaplin “E tudo termina em um ótimo orgasmo”; o poema “*O Tempo*” de William Shakespeare e o poema “*Canção*” de Cecília Meireles e desses textos surgiram sete categorias relativos ao texto.

Comentários sobre o poeta e o poema.

Nesta Categoria, os participantes tecem comentários sobre o poeta, Shakespeare, e o fato de eles concluírem que ele é muito sensível e sobre o poema.

Participante F: Ele é muito sensível.

Mediador: Gente, vocês sabem quando Shakespeare viveu?

Participante M: Não.

Mediador: Que século nós estamos?

Participante F: XXI.

Mediador: Viveu no século XVI. E aí, quem quer falar sobre o poema? Por que você escolheu esse poema?

Participante: (ininteligível: 00:34:44) eu achei interessante porque (ininteligível 00:34:57)

⁵ Diferentemente do que foi feito nas transcrições das entrevistas em que se optou por usar o nome fictício do participante, nas sessões optou-se por usar Participante M = Masculino e Participante F = Feminino, devido à dificuldade de identificá-los com precisão nas gravações.

O tempo é lento para quem espera.

Dentre vários temas tratados na Sessão II, a questão da lentidão do tempo também chamou a atenção do grupo. Eles discutem que a velocidade do tempo para aqueles que estão esperando algo na vida é lenta.

Mediador: Esse poema do Shakespeare ele está falando de uma questão do tempo. Vocês entenderam que ele está falando do tempo? Qual a opinião de vocês a respeito do tempo?

Participante F: O tempo é lento para quem espera.

Mediador: E para quem não espera?

Participante F: É rápido.

A importância do sonho para a vida da pessoa.

Aqui a discussão centra-se na importância do sonho na vida de uma pessoa e o quanto vale a pena lutar por ele e transformá-lo em objetivo de vida.

Participante F: Eu entendi que ela não quer (ininteligível: 00:43:28)

Mediador: Por que você acha que ela não quer (ininteligível: 00:43:37)?

Participante F: Porque tem uma parte aí ela falando (ininteligível: 00:43:42) chorando (ininteligível).

Mediador: Certo. Mas, espera aí, o sonho dela (ininteligível: 00:44:10)

Mediador: Olha o que o ele está falando. Fala Pedro.

Mediador: (ininteligível) grande sonho, lutar por ele e chegar lá.

Participante F: Ou você esperar.

Sonho como fator libertador.

Nesta Categoria está a discussão do sonho como fator libertador da essência humana.

Participante M: É o que ela está falando, te liberta.

Mediador: Mas te liberta por quê?

Mediador: Então existe um outro sonho. É isso que vocês estão falando?

Participante F: É. Talvez o sonho da (ininteligível: 00:48:40) ideal.

Mediador: Por que é que o sonho (ininteligível: 00:48:44)?

Participante M: Porque ela não esperava (ininteligível: 00:48:47). Ela esperava uma coisa e era outra.

Participante F: É. Talvez ela esperasse algo bom e que ela sonhou (ininteligível: 00:48:56). Uma coisa ruim que ela precisa saber talvez.

Sonho versus Pesadelo.

A relação entre Sonho e Pesadelo fez parte das observações do grupo. Eles focam a discussão no fato que muitas pessoas querem viver um sonho, mas este acaba se tornando um verdadeiro pesadelo.

Mediador: Então não era sonho.

Participante F: É pesadelo. É. Talvez (ininteligível: 00:49:08).

Participante M: Ou se tornou um pesadelo não é.

Participante F: É. Porque estava na cabeça dela, ela pensava que era bom e na mesma hora que ela foi tentar viver o sonho (ininteligível: 00:49:17).

Participante M: Ela fala que ela ia colocar o sonho em um barquinho e o barquinho em cima do mar, eu acho que quando as mãos abrirem as ondas vai o barco naufragar.

Mediador: A gente está falando do sonho, o que é que eu posso fazer com o meu sonho?

Participante: Eu posso (ininteligível: 00:49:43).

Sonho como alimento da alma.

A ideia que o Sonho é o alimento da alma, pois, ele alimenta o ser humano para continuar a vida é discutida na Sessão II.

Mediador: Mas o sonho não é aquilo que alimenta a alma?

Mediador: O sonho não é aquilo que alimenta a alma? Ele vai continuar, continuar, continuar...

Participante F: Mas o sonho dela pode ter sido (ininteligível: 00:52:44).

Mediador: E isso a mantém viva.

Mediador: E a vida não é assim?

Participante F: Mas talvez ela quisesse se livrar do sonho, porque ela não quis mais o sonho, mas...

Mediador: E por isso doeu? Por isso que ela ficou machucada, marcada?

Participante F: É.

Desfazer-se de um sonho para poder surgir outro.

A importância de se desfazer de um sonho para outro poder surgir também é observada durante a Sessão II. O grupo aponta que desfazer-se de um sonho é necessário para outros poderem surgir na vida da pessoa e dar sentido a ela.

Mediador: Ela falou de pôr o sonho dentro do barco.

Participante F: E ele ia desaparecer com ele.

Mediador: Desaparecer com o sonho.

Mediador: Por quê?

Participante M: (...) atrás dela (...), depois chega é uma ilusão (...)

Participante F: Por ela ter conseguido fazer essa (...). Naufragar aquele sonho talvez (...)

Mediador: Realizar? Será que realizar? Ela não está falando que ela quer (...)?

Participante F: Mas aí ela fala que ela está com aquele braço quebrado dela tentar naufragar aquele sonho? É difícil não é. É difícil. (...)

Participante F: Mas sempre ficam marcas.

Participante F: Nem que seja para esperar. É, mas vai ficar marca. (...)

Participante F: Meus olhos secos como pedra. Ela fala (...)

Temas da sessão III:

Nesta sessão foram discutidos cinco textos – “*Nem tudo é fácil*” de Cecília Meireles; “*Apesar de você*” – Chico Buarque de Hollanda; “*Mergulho*” – Autor Desconhecido; “*O que é Amor*” – Domingos Caldas Barbosa e “*Motivo*” – Cecília Meireles, daí se ter identificado as quatro categorias a seguir.

O porquê de o poema tocar o leitor.

Esta Categoria foi criada para incluir trechos da participação dos alunos que mostram a relação do leitor com o texto lido, no caso, um poema de Cecília Meireles. Os trechos citados abaixo são ilustrativos desta conexão entre o leitor e o texto lido, são respostas a uma questão do tipo: como o tema tocou o leitor.

Mediador: E aí, por que é que esse poema mexeu com você?

Participante M: Porque fala de amor e amizade. Felicidade...

Mediador: Eu ainda estou curioso. Mexeu bastante com você o que? O que em você entrou em sintonia com esse poema?

Participante M: O fato de ele falar de amizade.

Mediador: Como por exemplo?

Participante M: O exemplo que eu vou dar agora (ininteligível: 00:26:42) a espera do (ininteligível).

Mediador: É verdade. Lembra a conversa da semana passada que a gente falou de quebrar muros?

Participante F: Talvez essa convivência quando a gente você vai quebrando muros.

Discussão sobre o tema do segundo texto.

Foi criada também esta Categoria para mostrar a discussão do tema do segundo texto lido na sessão, como se pode ver pelas citações abaixo.

Mediador: Qual é o grande tema desse poema?

Participante F: Amigo, amizade.

Mediador: Amigo, amizade.

Mediador: E aí, qual é a relação de tudo isso que a gente está falando?

Participante: (ininteligível: 00:29:15) amizade.

Participante F: Para você conviver, você vai ter que ter amizade. Para você ter amizade, você vai ter que ter confiança e para você ter confiança (ininteligível: 00:29:30).

A vida com sentido completo.

A ideia da vida com sentido completo aparece nesta passagem do grupo. Esta Categoria refere-se ao quinto texto, o poema “*Motivo*” de Cecília Meireles e foi criada para discutir que a vida do eu-lírico está completa.

Participante M: Ela está falando que (ininteligível: 00:54:35).

Participante F: Mostra que o momento da vida dele está (ininteligível: 00:54:42)

Participante F: (ininteligível) ele está vivendo o momento que ele gostaria de (ininteligível).

Mediador: Qual é o motivo (ininteligível: 00:54:53)

Participante F: Por que a vida dele está completa?

Mediador: E qual é o motivo? Por que é que ele canta?

Participante M: Porque ele é alegre.

Participante F: Porque ele está muito alegre.

Motivo para cantar a vida.

Esta Categoria ainda refere-se ao quinto texto lido em sessão e foi criada para considerar os motivos que o eu-lírico tem para cantar a vida.

Participante M: (ininteligível: 00:55:59) porque ele tem a possibilidade de cantar.

Mediador: Por que (ininteligível: 00:56:05)?

Mediador: Qual é o motivo então?

Participante: Porque esse instante da vida dele pode ser bom.

Mediador: Porque ele está vivendo um instante na vida dele que pode ser bom. Tira uma palavra mais importante disso. Qual é o motivo?

Participante F: Ele está querendo dizer que tem momentos...

Mediador: Eu canto porque eu estou?

Mediador: E qual é o grande barato de cantar? A vida.

Participante F: Porque a gente tem uma só.

Mediador: Porque a gente tem uma só e porque, fala mais alto.

Mediador: Porque a vida, na verdade, é uma grande?

Participante F: Oportunidade.

Mediador: Uma grande oportunidade. É um grande presente.

Mediador: E por isso (ininteligível), que a gente tem que?

Participante F: Aproveitar.

Mediador: Aproveitar. Viver a vida.

Participante M: Do jeito que ela é.

Mediador: Do jeito que ela é. Nem tudo são flores, mas nem tudo está perdido.

Temas da sessão IV:

As participações ocorridas na sessão IV em relação ao texto foram mais diversificadas, a partir de vários pontos de vistas, isso originou as cinco categorias que se apresentam a seguir. Foram lidos dois textos pelo mediador, o primeiro da poetisa portuguesa Florbela Espanca – “Amiga” e o segundo do poeta brasileiro Álvares de Azevedo – “*Se eu morresse amanhã*”.

Sentimento expresso pelo eu-lírico: Amor ou Amizade?

Esta Categoria foi criada para diferenciar o sentimento expresso pelo eu-lírico do primeiro poema se era Amor ou Amizade.

Participante F: No último poema que a gente tinha lido, ela parecia que sofria por isso, que ela gostava de alguém, que a tratava só como amiga. Foi isso.

Participante M: No finalzinho eu acho que é um homem que está falando de uma amiga, só que ele tem mais do que amizade.

Mediador: O que vocês acham desse poema?

Participante F: Ou será que era ela que considerava, por exemplo, ela era amiga dele, só que ele só queria a amizade dela.

Participante M: Eu tirei essa conclusão pela última linha.

Participante F: Ele tentou dar um beijo na boca dela, e só não conseguiu (00:08:01 ininteligível).

Mediador: E aí?

Participante F: De estragar a amizade.

Mediador: Medo de quê?

Participante F: De estragar a amizade.

Mediador: Mas por que teria medo de estragar a amizade?

Participante F: Porque era amigo dela faz muito tempo.

Participante M: Se de repente ele chegasse: eu quero que você namore comigo, não.

Participante F: Aí não ia ter mais amizade.

Gênero do eu-lírico e da pessoa amada.

O grupo foca sua discussão na relação de gênero do eu-lírico e da pessoa amada presentes no primeiro texto trabalhado pelo grupo. Os participantes discutem se o texto foi escrito por uma mulher e direcionado a outra mulher.

Participante M: Eu acho que é de uma mulher.

Participante F: Eu acho que isso foi escrito de uma mulher.

Participante M: Para ser tua amiga.

Participante F: Olha, deixe-me ver. Porque ela escreveu para um rapaz que talvez ela gostasse, só que ela a considerava como amiga. Eu acho que é mulher, principalmente porque (00:12:47 ininteligível).

Suposto sofrimento do eu-lírico ao realizar a confissão de seu Amor.

O suposto sofrimento do eu-lírico ao realizar a confissão de seu Amor no primeiro texto é o centro da discussão nesta passagem.

Participante F: É, como a gente leu, ela falava que ela estava triste por alguma coisa. Deu a entender que, todo mundo concluiu que ela estava magoada. Talvez ela esteja, esse complementa o outro. Talvez ela esteja... Está tudo ligado. Eu não estou entendendo, quer dizer, ela ficou triste por não ter falado, ela se arrependeu. Ela sonhou com uma coisa que não aconteceu.

Participante F: Não tem poeta feliz, não?

Participante F: Todo poeta expressa os seus sentimentos. Então ela deve ter expressado que ela estava se sentindo bem.

Mediador: Você quer falar alguma coisa?

Participante M: Não.

Mediador: Não quer falar nada? Você quer falar alguma coisa? Não? Quer falar?

Participante M: Falou o quê?

Participante F: Eu acho que se refere que ela queria expressar o seu amor por alguém, e a pessoa a considerava só como amiga, não queria mais nada.

Aproveitamento da vida.

Esta Categoria foi criada para mostrar que o eu-lírico do segundo texto aproveitou bem a vida e que a morte seria uma boa opção.

Participante M: Eu acho assim, que, eu estava comentando com o Lucas, tem gente que não se declara e pensa se eu morresse amanhã? Aí acabou.

Mediador: Mas necessariamente (00:24:22 ininteligível).

Participante F: Ele aproveitou bem a vida, então se ele morresse amanhã para ele, ele ia ficar feliz da vida.

Constatação da consequência da morte do eu-lírico.

Aqui os participantes focam seus comentários nas consequências da morte do Eu-lírico do segundo texto na família e no seu círculo de amizades.

Participante F: Se ele morresse a irmã viria fechar os olhos dele.

Participante F: Talvez ele já estivesse planejando o suicídio nessa época, porque ele falou: se eu morresse amanhã. Talvez pudesse ser algo premeditado do que ele ia fazer, podia ser um antecedente. Talvez ele poderia estar querendo avisar. Talvez ele já estivesse com alguns pensamentos, não sei.

Participante F: Ele tinha vinte anos só.

Participante F: Ou ele pensava que a vida dele ele já tinha aproveitado bastante, para ele se morresse amanhã só ia ficar a consequência, porque aqui ele está falando, a consequência do que ocorreria. Por exemplo, a mãe ia ficar com saudades, ele não ia ver o futuro dele.

Temas da Sessão V:

Nesta Sessão foram trabalhadas duas músicas de Milton Nascimento: “*Nos Bailes da Vida*” e “*Caçador de mim*” e ambas proporcionaram duas Categorias internas ao texto.

A importância de não desistir do sonho.

O grupo aponta a importância de não desistir de um sonho, pois, isso dá razão à vida e a mantém sempre em movimento, o que, de acordo com eles, seria o grande objetivo da vida.

Participante M: Porque isso daí é uma experiência da vida que (ininteligível: 00:28:58). Porque depois ele chegar tão longe.

Mediador: Legal. Que mais?

Participante F: É uma música popular brasileira também.

Mediador: Mas o ritmo é alegre ou é triste?

Participante M: Triste.

Participante F: Alegre.

Participante M: Alegre.

Participante F: É alegre.

Mediador: Qual é a relação desse ritmo alegre com a letra da música que a gente discutiu aqui?

Participante M: Conseguiu o que ele quis.

Participante F: Conseguiu o que ele quis e está alegre agora fazendo o que ele quer.

Mediador: Ele está agora fazendo o que?

Participante F: Podendo se expressar através de uma canção alegre.

Participante F: Eu acho que ele está dando um exemplo para as pessoas não desistirem e continuarem...

Participante F: É um incentivo...

Participante F: Eu acho que a letra em si é triste (ininteligível: 00:29:53).

A necessidade de se encontrar para ser feliz.

A música “*Caçador de mim*” suscita discussões sobre a necessidade de se encontrar para realmente ser feliz, procurar-se para entender-se.

Participante M: Vai.

Participante M: Esqueci o que eu ia falar.

Mediador: Quem gostaria de colaborar? O que é que vocês acharam dessa música?

Participante F: Eu achei legal. Ele se baseia no que ele viveu.

Participante M: Eu acho que ele quer se entender.

Participante M: Se entender. É.

Mediador: Por que “Caçador de Mim”?

Participante F: Ele está se procurando.

Participante F: Ele quer se entender.

Participante M: Ele quer saber o que ele vai ser.

Mediador: “Eu sou aquele que veio ao mundo para te ver, e nunca na vida te encontrou”.

Participante F: Mas para a gente entender as pessoas a gente precisa primeiramente se entender para saber.

Mediador: Então, por isso “Caçador de Mim”. “Por tanto amor, por tanta emoção, a vida me fez assim. Doce ou atroz, manso ou feroz”. Atroz é aquilo que, assim, deixa acontecer. “Eu caçador de mim”. “Preso a canções, entregue a paixões, que nunca tiveram fim. Vou me encontrar longe do meu lugar, eu caçador de mim”. E aí?

Participante M: Ele podia ser triste, alegre (ininteligível: 00:36:00).

Participante M: Ele quer saber como ele é realmente.

Mediador: “Vou me encontrar longe do meu lugar”.

Participante F: Que ele tem certeza que ele vai se encontrar.

Mediador: Ele vai se encontrar aqui?

Participante M: Não.

Mediador: Ele vai encontrar a si mesmo aqui?

Participante M: Não.

Participante F: Não.

Mediador: E aí?

Participante M: (ininteligível: 00:36:27) dentro dele.

Participante F: Pensamento à distância.

Temas da sessão VI:

Nesta sessão foram trabalhados dois textos; duas letras de música acompanhadas de suas respectivas execuções – “*November Rain*” – *Guns ‘n Roses* e “*Hey There Delilah*” – *Plain White T’s*. As músicas foram escolhidas pelos participantes do grupo e traduziam um desejo aparente de discutir aquilo que estava expresso nelas. As discussões ficaram um pouco prejudicadas nessa sessão, pois, as duas músicas eram em inglês e as traduções ficaram aquém do real.

O uso da escrita para aplacar um sofrimento.

O fato de o eu-lírico usar a escrita para aplacar um sofrimento amoroso é discutido pelo grupo nesta Categoria. A escrita proporcionaria uma forma de entendimento daquilo que ele está sentindo.

Participante F: Será que ela partiu, o coração dele se foi ou será que ela partiu o coração dele morrendo?

Mediador: O que é que a (ininteligível) falou de desgosto?

Participante F: Mas eu não entendi ainda. Ela morreu de desgosto. Ela está morta já.

Participante M: Parece que ele está tentando consolar ela.

Mediador: Será que a música é para ela ou é para ele mesmo?

Participante F: Ou é para ele conseguir se curar, sei lá, expressar seus sentimentos. Não guardar. Eu acho que ele está querendo se expressar para não ter isso dentro do coração porque enquanto ele está escrevendo ele está se expressando de alguma forma.

Participante M: Igual essa questão (ininteligível: 00:18:25)

Participante F: De como ele está se sentindo.

Identificar o sentimento expresso no poema.

Esta Categoria foi criada para mostrar a identificação por parte dos participantes do grupo do sentimento expresso na segunda música trabalhada em grupo.

Mediador: Mas qual o sentimento desse cara pela Delilah?

Participante M: Amor.

Participante M: Amor.

Mediador: E aí, as meninas, se recebessem uma declaração de amor dessas?

Participante F: Eu já o que eu penso sobre isso. Eu morreria. Sem comentários.

Pensar na pessoa amada como se ela estivesse ao lado.

O eu-lírico da música deixa claro que mesmo com a distância da amada, ele pensa nela a todo momento como se estivesse ao seu lado.

Participante M: Ele pensa tanto nela...

Mediador: Pensa tanto nela que...? Ela está lá, em Nova Iorque.

Participante M: Mas ele fala como se ele tivesse do lado dela.

Participante F: Como se tivesse perto dela.

A necessidade de se ter alguém na vida.

Depois da leitura da tradução da música trazida por uma participante do grupo, surgiu a discussão sobre a necessidade de se ter alguém na vida. Avalia-se essa importância a partir da ideia que o cuidado com o próximo é necessário.

Mediador: Nós vamos escutar a música daqui a pouco.

Participante F: Ele fala, “você não acha que precisa de alguém? Todos precisam”. Quer dizer, ela não é a única que precisa.

Mediador: E aí, o que é que vocês acham? Por que é que você escolheu essa música?

Participante F: (ininteligível: 00:11:56) gostava da música do *Guns N' Roses*, aí eu comecei escutando, aí eu gostei do ritmo (ininteligível: 00:12:00).

Mediador: Mas você tinha ideia do que falava a letra?

Participante F: Mais ou menos. (ininteligível: 00:12:09).

Vontade de ser músico.

Na Sessão VI, o grupo discute o desejo do eu-lírico de ser músico, para assim, poder dar uma vida melhor à amada.

Mediador: “Eu sei que os tempos estão se tornando difíceis, mas acredite em mim, menina. Um dia eu pagarei as contas com esse violão”. Quer dizer, ele acha que ele iria fazer o que?

Participante M: Uma música.

Participante F: Ser músico.

Mediador: Ser músico, ser cantor. Ele ia fazer sucesso. “Nós teremos isto. Nós teremos a vida que sabíamos que teríamos. Minha palavra é de confiança”.

Participante F: Ai gente, que lindo esse.

Temas da sessão VII:

Nesta Sessão, foram trabalhadas músicas trazidas pelos participantes. A primeira foi “*Duas Metades*” de Jorge e Mateus, a segunda foi “*João Ribeiro*” de Bruninho e Davi e “*Faroeste Caboclo*” da Legião Urbana e delas surgiu apenas um tema interno ao texto.

O tempo como fator decisivo em uma conquista.

Esta Categoria marca a discussão do grupo sobre a postura adotada pelo eu-lírico da música em relação à conquista da mulher amada.

Participante F: Eu entendi, tipo assim, ele (ininteligível: 00:08:25) para impressionar ela, aí, com o tempo ele vai conquistar ela. Com o tempo ela vai gostar dele. (ininteligível: 00:08:33) segunda metade que ele tem.

As duas metades de um ser humano.

Esta Categoria apresenta a discussão sobre o fato de todo ser humano ter duas metades – um lado bom e outro ruim. Em princípio, um integrante do grupo não entende a proposta do eu-lírico da música e o restante do grupo vai ao auxílio.

Participante M: Eu não entendi esse negócio de duas metades.

Participante F: Talvez a outra metade dele quer que ele encontre outra pessoa.

Mediador: O que é que você achou?

Participante M: Que ele está apaixonado.

Participante F: E que ele está apresentando as duas metades, a ruim e a boa.

Participante F: Ele está tentando conquistar ela.

O inusitado da situação vivida.

O fato de o eu-lírico da música ter cinco namoradas mostra o inusitado da situação vivida por ele e o grupo aborda a questão, expondo seus comentários.

Mediador: O que é que mais chamou a atenção de vocês nessa música?

Participante M: A situação.

Mediador: A situação.

Participante M: Cinco mulheres...

Participante F: No começo ele gostava de todas, mas ele teve que escolher só uma. (ininteligível: 00:32:25).

Participante F: Aí ele ficou rico, aí ele pôde satisfazer todas.

Participante F: É. Ele fez todas felizes.

Participante M: Ele ficou com uma.

Participante F: Ele deu o coração para uma só.

Mediador: E aí? (ininteligível: 00:32:42). Na verdade ele queria (ininteligível) de todas as outras, mas para quem ele realmente deu o coração foi para quem?

Participante F: Foi para a Renatinha.

Mediador: Para a Renatinha.

Participante M: Mas e essas outras aí?

Participante F: Essa daí queria viver só de pensão.

Tema da sessão VIII:

Nesta Sessão foram trabalhadas as músicas de Vinícius de Moraes “*Como dizia o poeta*” e “*O poeta está vivo*” do Barão Vermelho. As discussões centraram-se no tema Amor e Vida, enfocando a importância desse sentimento nas vidas das pessoas.

Predileção da participante por uma parte da música.

Uma participante aponta sua predileção por uma parte específica da música, mostrando que tal passagem tocou-a.

Participante F: Eu gostei do versinho, “quem nunca curtiu uma paixão, nunca vai ter nada”.

Mediador: É verdade. “Quem nunca curtiu uma paixão, nunca vai ter nada”.

Participante F: Que bonitinho.

Temas da sessão IX:

Na Sessão IX o texto escolhido para trabalho foi o conto de Marina Colasanti - “*A moça tecelã*”, dele surgiram discussões bastante interessantes e profundas.

Realizar os desejos de alguém para suprir a solidão.

A partir da leitura do conto trabalhado na Sessão IX, o grupo chega à conclusão que a personagem, para evitar a solidão que se encontrava anteriormente, realizava todos os desejos do marido.

Mediador: E aí?

Participante F: Aí ela começou a esquecer os desejos dela para fazer os dele.

Mediador: Por que fazer os desejos dele? Tem um ponto muito importante que vocês estão esquecendo, estão deixando passar. Qual é a mudança? Ela teceu o marido para suprir o quê?

Participante F: A sua solidão.

Mediador: Qual era o motivo dela ter um marido?

Participante M: Suprir a solidão.

O interesse como motivo para ficar com alguém.

Esta Categoria diz respeito ao interesse do marido da protagonista em ficar com ela.

Mediador: E qual era o motivo dele ficar com ela?

Participante M: Interesse.

Participante M: Eu acho que o objetivo dela era fazer o esposo dela feliz.

Desfazer uma ação para consertar um erro.

A personagem principal do conto “*A moça tecelã*” tecia coisas e estas se tornavam realidade. Depois de tecer um marido, o mesmo percebe o poder do tear e pede mais e mais à moça que depois de avaliar a postura do amado, conclui que fora um erro tê-lo tecido para aplacar sua solidão e então começa a destecê-lo. Interessante notar que esse movimento da personagem é notado e discutido pelo grupo como algo certo.

Participante F: Era um por vez.

Mediador: Eram cada vez mais exigências. E aí o que ela fez? Ela tomou uma decisão, que eu acho que foi uma decisão muito difícil.

Participante M: Ela desteceu.

Mediador: Desteceu.

Participante M: Voltou a tecer aquilo que ela necessitava.

Mediador: Ela começou a destecer. Ela desteceu primeiro o quê?

Participante M: O palácio.

Mediador: O palácio que o marido tinha pedido. Ela precisava do palácio?

Participante M: Não.

Participante F: Ela era feliz com o que ela tinha.

Mediador: E o que ela tinha?

Participante M: Uma casa simples.

Participante F: Uma casinha.

A solidão para evitar a tristeza.

Durante a mesma Sessão, o grupo ainda discutiu o fato de a personagem preferir destecer tudo o que havia tecido e ficar sozinha a ficar triste no futuro, sofrendo uma desilusão.

Participante M: Mas então ela continuou solitária?

Mediador: Tudo indica que sim Pedro.

Participante M: Era melhor sozinha, do que ficar triste depois.

Fazer o que gosta para ser feliz.

A Sessão IX foi bastante interessante quanto ao tema da Felicidade. Nesta Categoria o grupo discute a importância de se fazer o que gosta para ser feliz.

Mediador: Por que ela era feliz?

Participante F: Porque ela faz o que ela gosta, e ela é feliz.

Mediador: E o que ela precisava ela tinha. Mas surgiu um tempo em quê?

Participante F: Ela quis um esposo para ela.

Mediador: Ela se sentiu solitária. E aí veio que ideia?

Participante M: Tecer o esposo.

A felicidade dentro das coisas mais simples.

Ainda na Sessão IX, o grupo destaca que a verdadeira felicidade encontra-se dentro das coisas mais simples e que tudo que é necessário para ser feliz sempre está ao lado da pessoa, basta saber procurar.

Mediador: Que era pouco, mas aí é que está, a grande questão do texto. O que ela tinha? Você falou uma coisa muito importante.

Participante M: Pobreza.

Mediador: Ela tinha pobreza. Mas dentro dessa pobreza, que não era total, ela tinha? Qual é a palavra?

Participante M: Felicidade.

Mediador: Felicidade. Ela não tinha felicidade? Mesmo estando sozinha. E ela só descobriu que ela era de fato feliz sozinha, depois de quê?

Participante M: Depois que ela teve o esposo.

Mediador: Que ele na verdade queria o quê?

Participante M: Pode.

Participante M: Tudo.

Participante F: Tudo o que ele queria ela teci.

Participante F: Ele tinha tudo que ele queria através dela.

Mediador: Então eu trocava o adjetivo pobre por outro adjetivo. Humilde, eu acho que é bom. O que mais? Ela era uma pessoa humilde, não era uma pessoa humilde? Simples até.

Participante F: Ela tinha tudo o que precisava para viver.

Mediador: E ela descobriu que a felicidade estava do lado dela, sempre esteve ao lado dela, como?

Participante F: Nas coisas simples. Ela percebeu que o que ela tinha para ser feliz estava perto dela.

Percepção que se pode realizar mais desejos.

Nesta Categoria, a ideia de desejo está ligada à discussão da vontade do personagem do conto que, ao perceber que o tear usado pela mulher fazia os desejos se tornarem realidade, ele pede mais e mais para a mulher tecer e assim, satisfazer os desejos dele.

Mediador: A sua solidão, por causa da felicidade dela não é? Não é verdade? Mas o marido logo começou a ter um comportamento diferente. Ele percebeu o quê?

Participante F: Que ela podia tecer.

Participante F: Que tinha algo a mais no tapete.

Mediador: E qual era o poder do tapete? Realizar...

Participante M: Os desejos.

Mediador: Tudo o que a pessoa quer, os desejos, os sonhos. Logo o marido percebeu que?

Participante F: Ela tinha realizado os sonhos dele.

Mediador: E, portanto, ele poderia?

Participante F: Ele poderia fazer mais coisas.

Participante M: Estava se aproveitando.

Temas da sessão X:

Nesta sessão foi trabalhado o texto “*Além do Bastidor*” de Marina Colasanti. Os textos dessa autora trabalham com o realismo fantástico na literatura, o que despertou nos participantes do grupo discussões muito frutíferas. Importante salientar que as discussões de textos narrativos ao lado dos textos poéticos foram as mais produtivas, dado ao caráter aberto dos mesmos, claro, que os textos poéticos suscitaram discussões presas ao texto, mas, em vários momentos, os comentários giravam em torno de assuntos ligados à vida ou a necessidades pessoais.

Transportar-se para dentro do texto.

Esta Categoria mostra o momento da personagem do conto de se transportar para dentro do bordado e os participantes relacionam tal passagem com o fato de a leitura transportar o leitor para dentro do texto lido.

Mediador: Isso é fantástico, certo? Isso é o elemento fantástico do texto.

Participante M: Ela bordando, se imaginando, né?

Mediador: Legal! Isso acontece quando estamos lendo uma história?

Participante F: É, principalmente quando estamos lendo um livro.

Mediador: O texto né? O livro ou alguma coisa, que vocês gostam, né?

Participante F: Tem tudo a ver.

Mediador: Parece que você tá lá, perto do lugar.

Participante F: É, no cadáver do vampiro, no teatro do Sesi que eu participava.

Mediador: Parece que você tá lá dentro.

Participante F: Nós estávamos falando disso, parece que você tá lá dentro do navio.

Mediador: Isso aconteceu com a moça, menina. Na hora do bordado, ela foi bordando porque ela percebia que era legal terminar o bordado, ela foi bordando, e o que aconteceu?

Participante F: Ela começou a se transportar pra lá.

Mediador: Mais lá do que cá.

Participante F: Do que.

Mediador: Até que um dia...

Participante M: A irmã dela...

Participante F: Percebeu que ela não estava lá.

Participante M: Percebeu o bordado da garça.

Mediador: A irmã dela nunca tinha visto o bordado pelo que parece, né?

Participante F: É, ela chegou lá e quis ver.

Participante M: Ela foi lá e bordou os cabelos.

Mediador: Ela viu a irmã no bordado.

Participante M: Ela viu o rosto da irmã.

Mediador: Ela viu a irmã e conforme ela foi bordando a irmã...

Participante F: A irmã foi ficando presa lá dentro.

Mediador: Legal! Ela ficou presa no bordado.

Participante F: Nossa!

Mediador: Finalmente, a irmã fez o quê?

Participante F: A irmã cortou a linha e ela não pode sair.

A simbologia das cores no texto.

O grupo discute a importância da simbologia das cores presentes no texto e sua relação com a interpretação. Os participantes concluem que tal figura de linguagem é importante para o entendimento global do texto.

Mediador: Verde...verde...

Participante F: Igual nosso time, paz, alegria.

Mediador: Ih! Verde, tem outro significado além da grama.

Participante F: Paz. Sei lá. Hare Krishina.

Participante M: Tem significado de muitas coisas, como pode isso?

Participante M: Aqui tem amarelo aqui, vermelho aqui.

Participante M: Preto.

Participante M: Nossa, essas cores assim...

Mediador: Vamos pensar da seguinte forma: branco significa?

Participante M: Paz.

Participante M: Paz.

Participante M: Liberdade.

Participante F: Tranquilidade. Vermelho.

Mediador: Vermelho significa?

Participante M: Amor.

Participante F: Tranquilidade, sabe lá, família.

Mediador: Verde é?

Participante M e Participante M: Esperança.

Participante M: Paz, sabe lá.

Mediador: E essa ideia?

Participante M: De ganhar um título importante.

Participante M: De perder a copa do Brasil.

Participante F: Cala essa boca!

Mediador: E essa ideia de esperança, hein? É bem tranquilo?

Mediador: Como assim?

Participante M: Verde é assim, ela tinha esperança que com o verde...

Participante F: Ela ia começar alguma coisa, ela tinha esperança que um dia ela ia começar como quando ela imaginava.

Mediador: Como o quê na verdade?

Participante F: Agora não sei você me apertou.

O bordado como realização de um sonho no texto.

Esta Categoria foi criada para mostrar a relação do bordado com a concretização de um sonho da personagem.

Participante M: A esperança dela de bordar.

Participante F: É de bordar a imaginação dela.

Mediador: Como assim bordar? Significa o quê?

Participante M: Sei lá, esperança.

Mediador: Esperança. Tá ligado a que?

Participante M: Bordar.

Participante F: O sonho dela de bordar a realidade diferente.

Mediador: De realizar, de fazer.

Participante F: Realidade diferente da dela.

Participante F: É que minha vida.

Mediador: Real, não tá bom. Então, é por isso que vou fugir do sonho, não é? Depois ela pega outra cor, lá pra baixo quando ela vai fazer a garça.

Participante F: Verde?

Mediador: Foi branco.

Participante F: Será que depois...

Participante M: Ela teve paz.

Participante M: Aconteceu alguma coisa terrível, você vê.

Participante F: Será que depois que ela bordou essa gaivota sei lá o quê...

Paz versus Esperança.

Ainda na Sessão X, o grupo agora enfoca a relação entre Paz e Esperança depreendida através do texto trabalhado. A simbologia das cores usadas no conto leva os participantes a discutir sobre a relação da Categoria.

Participante F: Será que essa garça que ela bordou no final é, significa paz de tudo o que ela já tinha feito? De tudo que ela já tinha bordado?

Participante M: Eu acho que não.

Participante F: Não, mas, ela bordou.

Mediador: A garça não.

Participante M: Ela quer paz.

Participante F: Ela começou com verde, a esperança.

Participante M: Não tem o verde no final?

Participante F: É, ela começou com o verde, com a esperança que ela queria, depois que ela conseguiu, que ela já estava em paz, ela bordou a garça.

Participante M: A princípio.

Participante M: A garça deve ser tudo.

Participante F: É, ela bordou a garça pra ela ter paz, deu paz, pra ela...

Participante F: Bordou ela com a garça porque viu que ela já estava em paz, viu que ela já tinha conseguido a paz.

Deixar uma pessoa viver seu sonho.

Esta Categoria foi criada para discutir que é importante deixar uma pessoa viver seu sonho a fim de poder encontrar a felicidade. Sessão X.

Mediador: Mas ainda fica uma coisa pela minha cabeça: porque a irmã cortou a linha prendendo a irmã dentro do bordado?

Participante M: Acho que ela não sabia.

Participante F: Por que ela não sabia?

Mediador: Isso quer dizer o quê?

Participante F: Ela se sentiu tão...

Participante M: Ela se sentiu...

Mediador: O que ela fez da vida dela?

Participante F: Ela se sentiu tão feliz que a irmã teve que dar um basta nela.

Participante M: Vixe! O que ela fez com a vida dela?

Participante F: Não foi isso, a irmã abriu os olhos dela.

Participante M: Deixou viver lá pra sempre.

Participante M: Matar a pessoa.

Participante F: É.

Mediador: A verdadeira felicidade.

Participante F: É, se ela estava tão feliz lá dentro.

Temas da sessão XI:

Nesta sessão, foi trabalhado o texto “*Entre a espada e a rosa*” também de Marina Colasanti. E foram identificadas categorias que se referiam diretamente sobre o texto lido e discutido durante a sessão.

Tentativa de resgatar o entendimento do texto.

Durante a Sessão, o grupo tenta resgatar o entendimento do texto após discussões. Tal movimento mostrou-se eficiente e necessário, pois, a partir dele, o grupo pôde redirecionar as discussões e apresentar um percurso de sentido.

Participante F: Isso de se disfarçar de homem é por causa da barba.

Participante M: É singular.

Mediador: O singular da barba são as rosas. Você não entendeu isso?

Participante M: É.

Mediador: Então vamos pegar o texto? Ler ele primeiro, porque acho que vocês estão com dificuldade de entender.

Participante M: É isso que não entendi, por que nasceram rosas?

Participante M: Nasceram rosas.

Participante F: Mas, ela não queria barba.

Mediador: Ela queria o quê?

Participante M: Ela queria casar.

Participante F: Ela queria se casar com o vestido vermelho que o pai deu pra ela.

Mediador: Mas, essa era uma das soluções, porque ela dormiu pediu, pediu, pediu, chorou, chorou, chorou, pediu.

Participante F: Aí, o próprio corpo dela.

Mediador: Que alguém mandasse uma solução pra ela, no dia seguinte apareceu.

Participante F: Porque uma barba?

Mediador: Ué!

Participante F: No outro dia: “Ai meu Jesus, o que eu faço”?

Participante M: Qual a solução?

Mediador: Presta atenção, fala aí.

Participante M: Não entendi a solução.

Mediador: Essa solução. Deixa-me ver como fazer a pergunta. Essa solução foi escolha de quem? Foi pedido de quem?

Participante M: Dela.

Participante F: Da princesa.

Mediador: Mas ela pediu pra vir uma barba?

Participante F: Não uma solução.

Mediador: Ela ficou contente com que ela recebeu?

Participante F: Não, ela queria seguir em frente mesmo assim.

Mediador: Não. O que ela queria, resolveu o problema?

Apaixonar-se pelo interior de uma pessoa.

O tema Amor volta ao foco das atenções do grupo e aqui se discute o fato que as pessoas, na verdade, devem se apaixonar pelo interior de uma pessoa, não por sua aparência.

Participante F: Será que é por causa. Por exemplo, atrás da armadura tinha uma pessoa.

Participante F: A armadura. Que aconteceu com ela?

Mediador: E o rei?

Participante F: Quem?

Mediador: Não o pai dela, o outro rei pra quem ela foi trabalhar.

Participante F: Ele não se apaixonou por ela?

Mediador: Peraí! É verdade! Eles se apaixonaram, mas por quem?

Participante F: Por quem estava dentro da armadura, não quem estava fora.

Mediador: Ele sabia o que estava dentro da armadura?

Participante F: Não! Por isso ele quis descobrir.

Participante M: Não entendi, porque agora?

Participante F: É ótimo assim, peraí, pode continuar.

Participante F: Ela sabia fazer as coisas como homem, mas também como mulher, né? Por exemplo, ela tinha a sutileza, a gentileza de uma mulher, mas também a valentia do homem, porque você vai lutar.

Mediador: Eu consigo afirmar que o rei se apaixonou por um homem?

Participante M: Ele não sabia o que tava lá dentro.

Mediador: Mas, ele não entendia que quem fosse aquela pessoa.

Participante F: Ele achava que era um amigo. É um amigo, porque ele fala assim que começou se apaixonar pelos atos de nobreza, mas.

Mediador: Mas ele se apaixonou por um homem ou por uma mulher? Ou pela pessoa?

Todos: Pela pessoa!

Participante F: Pela pessoa, porque pelo momento que ele era.

A simbologia das cores no texto.

Mais uma vez, o grupo foca seus comentários na importância da simbologia das cores presentes no texto e sua relação com a interpretação.

Mediador: Muito bom, nesses dez minutinhos que faltam...

Participante F: Já? Nossa!

Mediador: Vocês levantaram muitas ideias: barbas ruivas, rosas vermelhas, vestido cor de sangue. Chegou a hora de a gente desvendar esse mistério.

Participante F: Nossa!

Participante M: E agora? A linha que teceu o vestido, fala a cor?

Mediador: Não! Não fala a cor.

Participante M: Não fala a cor.

Mediador: Verdade, a grama era verde, era verde, quem chegou à conclusão, tinha outra cor no texto.

Participante F: Branco.

Mediador: Branco que era...

Participante F: Paz.

Participante F: Sim.

Mediador: Vocês viram a cor que era vermelha?

Participante F: Sangue, amor, sabe lá.

Participante F: Vermelho tá ligado à paixão, sangue.

Participante F: Por isso que eu falei sangue.

Mediador: A função do sangue é?

Participante M: Ih!

Participante F: Importante.

Mediador: Isso faz dele essencial? Vocês sentem vida?

Participante M: Eu sinto.

Participante F: Amor.

Mediador: Amor a que?

Participante F: A tudo, a tudo o que eu tenho.

Análise da metáfora do texto.

Em continuidade à Categoria anterior, o grupo novamente mostra a tentativa de analisar as metáforas presentes no texto e desvendar o universo simbólico proposto pela autora.

Participante F: Será que ela era a rosa, antes?

Mediador: Interessante. Como você chegou a essa conclusão?

Participante M: Está justificando igual a mim.

Participante F: Será que fazia parte do interior dela.

Mediador: Que precisava desabrochar?

Participante F: Que precisava desabrochar pro mundo?

Mediador: Mas como? E aí?

Participante F: Ela acordou brava. Ela dormiu valente e acordou delicada.

Mediador: Interessante.

Participante F: Eu não estou conseguindo chegar a uma conclusão! Estou ficando desesperada já.

Mediador: Tá conseguindo sim!

Participante F: Estou não! Você não tá escutando.

Mediador: Eu estou escutando, eu estou falando toda hora. Ela deu uma pista muito importante.

A dualidade da vida.

A discussão sobre o lado bom e o lado ruim da vida é enfocada nesta Categoria. Os participantes apontam que a personagem do conto apresenta essa dualidade e que todas as pessoas também apresentam.

Mediador: Eu adoro o mundo que está nascendo, não gosto da minha sala, gosto da sala de aula, isso é o que gosto. Eu amo meu pai, eu amo minha família, e isso dá pra gente o quê? Alegria.

Participante F: Vida.

Mediador: A gente continua tocando nossa vida, mas eu já falei demais, agora o arremate final é de vocês.

Participante F: Entre a espada e a rosa, entre o amor e a delicadeza?

Participante M: Expressão de espanto. Cacetada! Também pode ser o jeito dela de se expressar.

Participante F: A voz dela. Ela tem que ser brava pra enfrentar o que vem pela frente, depois delicada pra voltar a ser o que era.

Mediador: Interessante isso.

Participante F: Interessante.

Mediador: Mas, a prova quando surge pela primeira vez não significa uma barreira, um empecilho.

Participante M: Significa...

Participante F: Ai gente, a delicadeza, ela teria que ter o interior, ela tinha um lado bravo e delicado.

Mediador: O bravo tá aonde?

Participante M: Tá no sabre.

Participante F: E a delicadeza é nela ser mulher toda noite. O cheiro.

Mediador: Isso.

Participante F: Ai meu Deus, que vergonha!

Mediador: Que isso, o tempo que a gente tá aqui já era pra vocês terem perdido a vergonha.

Participante F: Eu não tenho vergonha.

Mediador: E aí gente, o que é certo ou errado? Eu não posso falar que no texto tá falando do cachorrinho que foi na praia...

Temas da sessão XII:

Nesta sessão foi trabalhado o conto de Lygia Fagundes Telles – “*Venha ver o pôr do sol*”. O texto propiciou discussões muito ricas e produtivas. Os participantes discutiram vários temas suscitados pelo texto, bem como, temas relativos à vida, mostrando que as discussões extrapolaram os limites do conto.

Querer uma pessoa só para si.

O conto trabalhado na sessão XII trata da obsessão da personagem principal, Ricardo por sua ex-namorada que agora está com outro homem mais rico. Tal sentimento provoca o desejo de vingança em Ricardo que quer a mulher apenas para si.

Participante M: Por que ele prendeu ela lá?

Mediador: Gostei da pergunta, por que ele a prendeu lá?

Participante F: Porque ele queria ela só pra ele?

Mediador: Interessante, por que isso?

Participante F: Porque ela estava com outro cara, será que é isso?

Mediador: Se ela estava com outro cara e ele a queria só pra ele, não tá faltando alguma peça nesse quebra-cabeças?

Participante F: Que ele amava ela?

Mediador: Que ele amava ela, tá, legal, fascinante, o que mais vocês acham?

Participante M: Porque ela estava com outro.

Mediador: Que isso tem a ver?

Participante F: Ele queria ela só pra ele.

Plano para pegar uma pessoa.

Categoria criada para discutir o plano engendrado pela personagem Ricardo para poder induzir a personagem Raquel a encontrá-lo em um cemitério abandonado e assim dar cabo ao seu objetivo e se vingar da mulher. Os participantes do grupo mostraram-se interessados pela atitude calculista da personagem Ricardo e o quanto ele se esmerou em seu plano.

Participante M: Eu não entendi essa parte aqui...

Participante M: Quando ele sorri ele voltava a fazer o mal.

Participante M: Grito inumano.

Mediador: Era ela que estava presa lá gritando. Parecia um animal gritando porque ela queria sair de lá logo.

Participante M: Eu pensei que era o lobisomem gritando, olha aqui grito inumano.

Participante M: Ele esraçalhou ela.

Participante M: Grito inumano. Será que tudo que ele gostava ele tranca ali?

Participante M: Hã?

Mediador: É dá pra ouvir os uivos dela, porque parece que ela tá presa dentro do túmulo.

Participante M: Será que ele não mentiu pra ela pra levar ela pra lá?

Mediador: O que te leva a pensar isso?

Participante M: O quê?

Participante M: Por causa do pôr do sol.

Participante M: Fala aí. Fala logo.

Mediador: Repita para seus colegas o que você falou.

Participante M: Que ele mentiu pra ela só pra levar ela no cemitério.

Participante M: Ele é um psicopata.

Mediador: Se ele fez isso. Eu penso assim. Se ele fez isso pra levar ela para o cemitério, ele tem um objetivo.

Participante M: Prender ela lá.

Retomada de sentido do texto.

Percebeu-se que, quando o grupo se deparava com um texto difícil, e após discussões exteriores a ele, era necessária uma retomada de sentido do texto após outras discussões.

Mediador: Não, isto não tem no texto. Ele chamou, vamos tentar entender, quais são os personagens?

Participante M e Participante M: Ele.

Mediador: Que chama Ricardo.

Participante M: A mulher.

Mediador: Que chama?

Participante M: No túmulo?

Mediador: Raquel.

Participante M: Raquel.

Mediador: As crianças estavam lá brincando.

Participante M: Brincando.

Mediador: De roda.

Participante M: Perto do cemitério.

Participante M: Abandonado ainda.

Mediador: Perto de cemitério abandonado.

Participante M: Mas, o pai e a mãe deixaram?

Participante M: Por que isso?

Participante M: Ele falou do pôr do sol, por que lá em cima é mais bonito.

Participante M: Porque é mais bonito, eu acho que deve ser bonito.

Participante F: Como assim?

Dúvidas sobre o texto.

Ainda no quesito texto difícil, o grupo tenta elucidar dúvidas sobre ele. Através da discussão e da ajuda mútua, os participantes tiravam suas dúvidas sobre o texto lido.

Participante F: Mas como ele? Peraí.

Participante M: Se perdeu no caminho, certo?

Mediador: O que você falou?

Participante M: Esqueci.

Participante M: Ele falava assim: “Que ela é minha... É minha...”

Participante M: Então quer dizer que aquelas pessoas que estavam lá, foi ele...

Participante M: Que tinha prendido. Ele prendia ou coisa assim.

Participante M: Então, ele queria que aquela pessoa lá...

Participante M: Por exemplo, as pessoas que ele amava ele prendia lá...

Participante F: Ele queria um motivo.

Participante M: Ele queria trancar ela lá.

As aparências enganam.

O mesmo texto suscita outras discussões sobre a personagem Ricardo. O fato de sua aparência ser a de um jovem qualquer ludibria o leitor que não pensaria que o mesmo fosse capaz de engendrar um plano para se vingar de sua ex-namorada.

Participante M: Aparência.

Participante M: Ele era novo.

Participante M: Vai saber.

Mediador: A gente imagina que...

Participante M: Que ele era novo.

Participante F: É ele era novo.

Mediador: No entanto...

Participante M: Vai saber.

Mediador: A gente imagina...

Participante M: Vai saber se ele era.

Participante F: Eu ainda acho que ele é um vampiro.

Participante M: O cara é vegetariano, e ainda...

Participante F: Ele tá novo e bonito.

Acreditar que uma história é mentira.

Ainda trabalhando com o mesmo texto, surge agora a discussão sobre o fato de Ricardo mentir para dar continuidade ao seu plano. Raquel acredita na história contada por seu ex-amante e segue-o sem contestar.

Participante F: Por que ele subiu as ruas e desapareceu?

Participante M: Pois é...

Participante M: Eu acredito que era mentira a história da prima dele.

Mediador: Mentira?

Participante M: Não podia ser verdade? Já que ele era ciumento.

Participante M: Mas, tudo bem.

Participante M: Por que a mulher que ele gosta, ele trancou lá, sozinha!

Mediador: Por que?

Participante M: Porque ele gostava dela.

Participante M: Ela mesma fala, que teve outros casos.

Participante F: Ou pra ela não descobrir alguma coisa sobre ele.

Plano de vingança.

O conto ainda instiga os participantes a discutirem sobre o plano traçado pelo personagem Ricardo para prender sua ex-namorada Raquel. O grupo avalia que, entre outras coisas, o homem queria a mulher só para si, não aceitando a atual relação dela com outro homem.

Mediador: Então foi um plano?

Participante M: É.

Participante M: Eu acho que ele queria ela só pra ele.

Participante F: Mas se ele queria ela só pra ele, porque ele não se trancou com ela?

Participante M: E se ele...e se ele era jovem, a mãe dele já tinha morrido? Já?

Mediador: Poderia ser mentira também?

Participante M: É. Poderia ser...

Participante M: Se ele matava as pessoas que amam ele.

Participante M: É talvez ele matasse. Se ele amasse a prima dele quando ela nasceu há cem anos?

Participante M: Se ele gosta da prima dele.

Participante F: É.

Participante M: Se ele amava a prima dele, ela estava lá. Se ele amava a mãe dele, ela estava lá, ele amava ela, colocou ela lá.

Participante M: Há cem anos???

Participante M: O pai dela também estava lá.

Participante F: Será que ele se encontrava? Eu tive uma ideia.

Participante M: Ela gostava do pai dele.

Participante F: Não é essa ideia.

Participante M: Ele era o Espírito Santo.

Participante M: Ah!

Participante M: Ele era o espírito que ficava lá dentro.

Participante F: Como ele não teria ela, ele teria que matar ela.

Participante M: Osso.

Participante F: Eu acho que ele matou a família.

Participante M: Hã? O que você tá falando? Só pensa em matar.

Participante F: Não penso. Tem nexó uma coisa dessas?

Participante M: Virou mania.

Concretização de um plano.

Ainda sobre o mesmo conto, o grupo agora trata da concretização do plano da personagem masculina em relação à sua ex-namorada.

Mediador: Olha, pôr do sol, cemitério,

Participante F: Abandonado

Participante M: É espírito ou não?

Mediador: Cemitério abandonado, tem uma parte quando ele a trancou lá embaixo, ela vai correndo pelas escadas, ele puxa a chave, lembram-se dessa parte?

Participante M: Aí ele puxa lá em cima.

Mediador: Ele estava lá em cima e puxa a chave, tá? Ele fecha a portinhola aqui e puxou a chave. A grade. Aí, ela ficou presa na parte de baixo.

Participante F: Da grade?

Mediador: Da grade. Portinhola é uma grade, né? O que aconteceu? Ela começou a balançar a grade e ele a chave no dedo, ela olhou pra fechadura da grade, a fechadura era...

Participante M: Nova! Ele trocou a fechadura.

Mediador: A fechadura era nova, ela olhou para as barras da grade que eram?

Participante M: Antigas.

Mediador: Antigas. Carcomidas de ferrugem,

Participante M: Ferrugem.

Mediador: O narrador fala.

Participante M: Já faz algum tempo isso...

Colocar-se no lugar da personagem.

Esta Categoria foi criada para mostrar a tentativa dos participantes do grupo de se colocar no lugar da personagem do conto lido.

Mediador: Vocês já trabalharam com texto mais difícil que esse?

Participante F: Deixa eu ver, ela foi lá pra ver.

Participante M: Ah, tchau. Eu que atendi.

Mediador: Alguém te liga e diz: “Vamos nos encontrar.”

Participante M: Se for homem, não!

Mediador: Então tá, vamos a algum lugar.

Participante F: Eu não vou, não te conheço.

Participante M: O quê? Eu levo uma faca.

Participante M: Eu te conheço?

Mediador: Legal o que vocês estão falando.

Participante F: Eu não estou escutando nada.

Mediador: Pensa agora, feche os olhos.

Participante F: Peraí, pede pra ele fechar a cortina.

Participante M: Você já conhecia ela.

Mediador: Levaria um ano.

Levantamento de hipóteses sobre o texto.

Durante as discussões, eram levantadas hipóteses sobre o texto pelos participantes, a fim de dar uma pista de interpretação do mesmo. Esta Categoria mostra tal movimento.

Participante F: Será que ela tirou tudo o que ele tinha? Por isso que ela quis largar ele?

Participante M: Será que ele perdeu toda a riqueza? Por isso ele tava daquele jeito?

Participante M: Será que é verdade?

Participante F: Mas porque fala aqui...

Participante M: Então ele é um assassino e pronto! Ele tortura ela e deixa lá.

Participante M: Pronto! Então é vampiro, está brilhando.

Participante F: Peraí...É *glitter*.

Participante M: Não ele levou ela lá e deixou lá. Ela tem os olhos dela.

Participante F: Ah! Então ele levou ela.

Tentativa de juntar as discussões sobre o texto e fechar em uma conclusão.

Depois de levantadas as hipóteses sobre o texto e de várias discussões sobre o mesmo, os participantes tentam juntar as discussões e fechar em uma conclusão sobre o texto lido e discutido.

Mediador: Vamos juntar, vamos juntar, tá na hora de juntar tudo.

Participante M: Tá tudo quebrado. Tá faltando parte. Tá faltando parte. Falta o final.

Participante F: Eu não posso...

Participante M: Será que é verdade?

Participante M: Ele é mentiroso. E a medusa?

Mediador: Ele diz que a Medusa é a senhoria, a dona da pensão em que mora desde que ficou pobre.

Participante M: Fica olhando pela fechadura.

Participante M: Ela é rica.

Mediador: Ele era pobre ficou mais pobre.

Participante M: Não vou dormir com essa dúvida.

Participante F: Não, não, não.

Mediador: Tem a ver com o pôr do sol. Então, eu quero que vocês pensem, e aí? E as crianças?

Participante M: As crianças?

Participante M: As crianças são tudo parte do plano.

Participante M: Que tem de elas brincarem perto do cemitério? E as almas?

Mediador: Não tem nada de sobrenatural.

Participante M: A alma não tem nada de sobrenatural, ninguém sabe, né?

Mediador: Por que pôr do sol?

Participante M: Quando o sol aparece e renasce no outro dia. É de noite...

Participante M: É o Espírito Santo.

Assunto central do texto.

Aqui está a discussão do grupo sobre o assunto central do texto. Após discussões variadas sobre o conto, o grupo foca seus comentários no tema central.

Mediador: Pessoal, o texto tá basicamente falando de uma questão chamada...

Participante M: Amor.

Participante M: Loucura.

Participante F: Tá mais pra doentio.

Participante M: Vingança.

Mediador: Peraí, gente, o que vocês me falaram da vingança? Já foram magoados antes?

Participante M: Não a ponto de fazer isso! (todos falam ao mesmo tempo).

Traição versus Vingança.

O sentimento de traição vivido por Ricardo extrapola as barreiras do emocional e do psicológico da personagem e o levam a perpetrar um plano de vingança contra Raquel, partindo da ideia que se ela não podia ser sua, não seria de mais ninguém. O tema *Traição versus Vingança* desperta a indicação de um livro para os participantes do grupo: “*Dom Casmurro*”.

Mediador: Tem um livro brasileiro. Tem um livro brasileiro chamado “Dom Casmurro”, de um autor brasileiro chamado Machado de Assis. Fala mais ou menos da traição, né?

Participante M: Da Vingança?

Mediador: É. Ele se casa com uma moça muito bonita por quem ele tava apaixonado, mas, ele desconfia que essa moça tá traindo ele com o melhor amigo, né? Um belo dia, eles se casam, têm um filho, e quando esse filho nasce parece com o amigo dele. Quando o filho tá mais velho, ele chama o filho pra ir até o escritório. O filho entra no escritório. Antes de o filho entrar no escritório, ele pega um café. Um chá, faz o chá e põe veneno no chá, e chama o filho pra entrar no escritório.

Participante M: Nossa!

Mediador: Quando o filho entra no escritório...

Participante M: Ele mata.

Mediador: Ele não se dava com o filho, ele não conseguia aproximação com o filho. Porque ele achava que o filho era do amigo dele. O menino fica todo feliz porque o pai o chamou pra ir ali, ele sabia que o pai não gostava dele.

Participante F: Tadinho.

Mediador: Aí, o pai estende a xícara de chá para o menino: “Tome o chá”, o menino de bom grado pegou a xícara, e já ia levando à boca, o pai se arrepende e dá um tapa na mão do menino. Na xícara. Joga a xícara no chão. Então, vejam até aonde pode chegar à questão da vingança.

Participante M: Quem fez isso? É uma história?

Mediador: É uma história. É um livro.

Participante M: Um livro?

Dinheiro como gerador de interesse na vida.

O conto trabalhado suscita a discussão do dinheiro como fator gerador de interesse na vida das pessoas. O grupo avalia essa postura arraigada em muitas pessoas.

Mediador: Qual a diferença desse cara que ela está agora pra ele?

Participante M: O outro cara tinha dinheiro.

Participante M: Tinha dinheiro, acabou.

Participante M: Tinha dinheiro.

Participante M: Tinha dinheiro pra mulherada, só isso.

Participante F: Tá falando do Ricardo ou do outro?

Participante M: Do outro.

Mediador: E aí? Vai reconstruir?

Participante M: Ai, não tinha dinheiro.

Participante F: Ela se apaixonou por ele.

Participante M: Ele se apaixonou por ela, não tinha dinheiro, ela não ia ficar com ele, aí trancou ela.

Temas da sessão XIII:

Nesta sessão, foi trabalhado outro texto de Lygia Fagundes Telles – “*As formigas*”. Em princípio, os participantes desconfiaram do título do conto, achando que não seria bom, porém, após a leitura do mesmo, os participantes perceberam sua riqueza e a discussão tornou-se bastante produtiva. Percebeu-se que, à medida que os textos narrativos eram discutidos pelo grupo, as discussões tornavam-se cada vez mais focada no sentido específico do texto.

Sensibilização para outro desfecho do texto da sessão anterior.

Nesta Categoria, o grupo apresenta uma discussão sobre a possibilidade de outro desfecho para o texto lido. Os participantes do grupo relacionaram-se de tal forma com o texto discutido na sessão anterior que chegaram a propor novo desfecho a ele.

Participante M: Daquele jeito eu escreveria o meu texto, ele já é de terror. Eu ia melhorar, eu ia tentar, sabe...

Mediador: O que você melhoraria no texto da semana passada?

Participante M: Sei lá.

Participante M: Eu mudaria o final, as crianças achando a mulher.

Participante F: Aí, ela seria morta com as formigas, porque elas podiam ficar presas lá com a mulher, um cadeado fechado.

Participante M: E aí colocava as crianças para dentro.

Mediador: Mas espera aí, ele já tinha descido, ele já tinha saído.

Participante F: Aí, eles vão lá resgatar ela, eles conseguem abrir.

Participante M: As crianças estavam assim (00:03:22)

Participante F: Eu falei que elas poderiam salvar a mulher.

Participante M: Então, como ia abrir a porta?

Participante F: Eu falei isso, é a minha imaginação. Mas, elas poderiam ter salvado a mulher, sim.

Mediador: Mas então, espera aí, a mulher se vingaria depois dele?

Participante F: Sim, seria bem legal.

Participante M: Como ela ia sair?

Mediador: Ela é estilo Carminha, não é?

Participante M: É estilo Rita.

Participante M: A Carminha mata ele. É igualzinho a Nina.

Participante F: A Nina é mulher, eu sou másculo.

O desfecho do texto da sessão anterior.

O texto trabalhado na Sessão anterior e as discussões por ele suscitadas voltam à discussão nesta Sessão e os participantes retomam comentários sobre o desfecho do texto da sessão anterior.

Participante M: No final teve que resumir, senão... No final ela morre.

Mediador: Eu discordo, Luciano. Vocês estavam fazendo o trabalho de vocês muito bem feito.

Participante M: Tinha gente que não abria a boca. Aquela lá eu não ouvi nem um nada.

Participante F: Eu falei sim, quem não falou foi ela.

Participante M: Eu não entendi nada.

Mediador: E a ciranda?

Participante F: É, eu fiquei pensando meio assim...

Mediador: Lembra que, quando ela chegou, a Raquel chegou, havia as crianças brincando de ciranda e até o Ricardo fala: “olha lá, são criancinhas brincando, nem as crianças têm medo.”

Participante M: Para deixar o lugar mais contente.

Participante F: Isso.

Sensibilização para o fato de que os participantes estão conseguindo interpretar o texto.

Esta Categoria foi criada para mostrar a sensibilização por parte do mediador que os participantes estão conseguindo interpretar o texto através das discussões e da ajuda mútua.

Mediador: Está vendo? Como vocês falam que não estão chegando lá. Eu falei.

Participante M: Nós estamos chegando, mas aquele lá estava difícil.

Mediador: Liga uma informação com a outra.

Participante F: Ele fala que não tinha apelido.

O simbolismo de passagens do texto da sessão anterior.

Ainda no universo das metáforas, esta Categoria foi criada para mostrar o simbolismo de algumas passagens do texto da sessão anterior. A retomada de discussão de textos de Sessões anteriores aconteceu algumas vezes, mostrando o interesse dos participantes pelo que foi discutido e uma necessidade de arrematar suas conclusões sobre o mesmo.

Mediador: A gente não sabe se ele colocou as crianças lá. As crianças poderiam estar lá de fato, o que importa é a narradora que colocou as crianças no texto. O que o Marcos falou eu acho que é bem interessante. O que vocês acham?

Participante F: Eu também acho.

Participante M: Eu esqueci já.

Mediador: Fala de novo.

Participante M: Para deixar o lugar mais inocente.

Participante F: Deixar alegre.

Mediador: Por quê?

Participante M: Para ela não ficar insegura e com medo.

Mediador: Viu?

Participante F: Se eu fosse ela, eu fingia. Ela podia fazer uma vingança.

Mediador: Mas mesmo ele, ele fala: “Essas criancinhas estão aí brincando, nem elas têm medo.”

Mediador: E o que ele respondeu?

Participante M: Não, não sei o que tem.

A plausibilidade de passagens do texto.

O caráter surreal de algumas passagens do texto leva o grupo a discutir a plausibilidade delas. No caso do conto trabalhado na Sessão, os participantes focam seus comentários nas formigas que, à noite, montavam o esqueleto de um anão.

Mediador: Esse tipo de coisa é possível acontecer?

Participante M: Eu não acho.

Participante M: As formigas são muito inteligentes.

Participante M: E aquela formiga que se defendia?

Participante M: Como assim?

Participante M: Ela ia pisar na formiga, a formiga fazia assim, se defendia. Ela não pisava nela, achava engraçado.

Participante F: Elas pisavam mesmo.

Participante F: Por que será As Formigas?

Participante M: Sei lá, um negócio estranho.

Participante M: E, por que o grito do gato no final?

Tentativa de interpretação do texto.

Depois de várias discussões e do estranhamento inicial do texto, os participantes tentam interpretá-lo com os elementos que já possuem. O questionamento de um participante que ainda não há peças suficientes para fechar uma interpretação é o que chama atenção.

Mediador: E aí gente, vamos juntar peças?

Participante M: mas não tem peça.

Mediador: Tem um monte de peças nas mãos de vocês, vocês já falavam quase todas elas.

Participante M: É tudo peça quebrada, sei lá. Não montou.

Mediador: Na verdade vocês têm as peças, vocês precisam é começar a montar o quebra cabeças.

Participante M: O anão era o esqueleto. Como é que ele deu o grito?

Participante M: Então, porque as formigas tinham montado ele.

Participante F: E por que as formigas estavam juntando ele?

Participante M: E por que ela não ficou ali para ver as formigas terminar?

Participante M: Porque ela não queria que isso acontecesse.

Sonho *versus* Realidade.

O texto trabalhado na Sessão XIII levanta o questionamento do que seria Sonho e o que seria Realidade no conto. A mescla proposta pela narradora entre tais elementos marca a discussão do grupo.

Mediador: O que eu gosto dos textos dela é exatamente isso, você termina.

Participante M: Ela sonhou, o segundo namorado era o anão.

Participante F: Eu acho que era um aviso.

Participante M: O sonho dela diz alguma mensagem.

Mediador: Então junta, refaça o seu pensamento, ordena o teu pensamento.

Participante M: Ele queria ser formiga na outra vida.

Mediador: Vamos escutar o pensamento dela e vamos ver se vocês concordam ou não concordam, e vão acrescentando peças. Hoje eu vou ficar só escutando.

Participante F: Poderia ser um aviso da parte, não sei de quem para ela, para elas poderem sair de lá, e ela mesma imaginava, era como se o anão encaixasse nos sonhos dela.

Mediador: Como se o anão estivesse avisando para ela em sonhos...

A função do anão no texto.

O conto trabalhado na Sessão é repleto de metáforas e aqui está a discussão do grupo acerca da função metafórica do anão no texto. Os participantes levantaram hipóteses, propondo um percurso de sentido plausível e pertinente ao texto.

Participante F: Será que foi a mulher que matou?

Participante M: Não é isso que eu estou pensando.

Participante M: Eu acho que ela inventou esse negócio de hóspede.

Participante F: Aí, ela estava querendo matar as mulheres e o anão estava querendo impedir.

Participante M: Mas, não foi ela que chamou as mulheres para irem.

Participante F: É verdade, o anão pode ser uma vítima dela.

Participante M: O anão foi uma vítima dela, e ele estava impedindo que ela fizesse novas vítimas.

Participante M: E ele acabou fazendo elas irem embora sem a mulher acordar.

Participante M: Mas ele puxou elas para o quarto.

Participante F: Ele quis levar elas rápido, acordou ela às três horas da manhã, para dar o aviso para ela.

A função das horas no texto.

Já aqui, a discussão foca-se na função das horas no texto. Os participantes levantaram hipóteses, propondo um percurso de sentido plausível e pertinente ao texto.

Mediador: Que horas era o café da manhã?

Participante M: Das sete às nove.

Participante F: Por isso que ela falou do horário.

A função das formigas no texto.

Outra metáfora presente no conto. O grupo discute a função metafórica das formigas no texto. Os participantes levantaram hipóteses, propondo um percurso de sentido plausível e pertinente ao texto.

Participante M: E por que as formigas?

Participante F: A formiga era um meio do anão avisar.

Participante M: Era o *facebook*, as formigas.

Mediador: Por que o *facebook*?

Participante M: Porque ele usava as formigas para se comunicar com elas.

Participante F: Ele usava as formigas para cumprimentar elas.

Participante M: E as formigas foram mais rápidas, na hora que elas estavam indo embora faltava pouco para...

Participante F: E as formigas apressaram para que elas saíssem mais rápido.

A função do esqueleto no texto.

Já esta Categoria foi criada para discutir a função metafórica do esqueleto no texto. Os participantes levantaram hipóteses, propondo um percurso de sentido plausível e pertinente ao texto.

Participante M: Então, tipo, o esqueleto sendo montado é como se fosse uma ampolheta.

Participante M: É tipo o tempo.

Participante F: É como se montasse a última peça.

Participante M: Quando o esqueleto se montasse... Ela ia guardar o esqueleto das moças.

Mediador: Aí, ao invés do caixotinho...?

Participante M: Ia ser um caixotão.

Participante M: Iam ser dois caixotes.

Participante M: Mas, por que ela matava?

Mediador: Não foi explicado.

Angústia pelo fato de o texto não ter fim.

A característica de enredo aberto do conto trabalhado na Sessão deixa um participante angustiado, pois, segundo ele, o texto não apresenta fim e, conseqüentemente, não consegue fechar uma interpretação sobre o conto.

Participante M: Tem que trazer texto com fim.

Participante M: É, igual Chapeuzinho Vermelho, Os Três Porquinhos.

Participante M: Que tem um fim, e eles viveram felizes para sempre.

Participante M: Mas é você que tem que fazer o fim. Assim eu fico angustiado...

Mediador: Mas angustiado, você poderia ficar se você não chegasse à conclusão do texto. Mas você chegou a ela.

Participante M: Chegou?

Mediador: Chegou.

O grito.

A narradora fala de um grito dado na calada da noite no momento em que as personagens estão fugindo da pensão. Os participantes discutem a função metafórica do grito. Os participantes levantaram hipóteses, propondo um percurso de sentido plausível e pertinente ao texto.

Participante F: Esse grito foi da bruxa?

Participante M: É verdade.

Participante F: Porque ela perdeu duas vítimas.

Participante M: Como eu não pensei nisso? Era o grito da bruxa.

Tomada de consciência sobre a interpretação.

Aqui os participantes tomam consciência que conseguiram interpretar o texto sem a ajuda do mediador. Este, ao longo das discussões, mostra que estão conseguindo interpretar o conto.

Mediador: Vocês pararam para ver uma coisa muito interessante que acabou de acontecer aqui?

Participante M: Você não falou.

Mediador: Eu não falei. E quem montou o quebra-cabeças?

Participante F: Eu.

Participante M: E eu.

Mediador: Olha aí, de todas as peças que vocês foram tirando, tirando, tirando, vocês foram montando e resolveram em exatamente quarenta minutos.

Participante M: Mas é uma hipótese, não sabe, não tem fim.

Considerações sobre a autora e o ato de escrever.

Os comentários aqui são sobre a autora e o ato de escrever o conto. O Mediador alerta que a interpretação de um texto é feita a partir de hipóteses levantadas sobre ele. Tais hipóteses precisam ser confirmadas ao longo do texto.

Mediador: Mas o legal de um bom texto é o fato de você ter uma hipótese, que ela pode ser convincente, e você jamais vai ter a verdadeira certeza, porque não tem fim. Se a gente estivesse com a autora aqui nessa sala, ela ia morrer de rir das nossas conversas. Porque ela ia dizer: nossa, eu não pensei nada disso.

Participante M: Quem?

Mediador: A autora.

Participante M: Ela só ia deixar o povo angustiado.

Mediador: Porque ela escreveu. O autor escreve as coisas que ele vai sentindo. Não é necessariamente que ele quis colocar porque ele quis colocar daquele jeito.

Participante F: É deve ser meio louca.

Participante M: Eu acho que eles escrevem para um mundo só para eles.

Temas da sessão XIV:

O texto escolhido para esta sessão foi “*Natal na Barca*” de Lygia Fagundes Telles e dele foram retiradas dezesseis categorias intrínsecas ao texto lido e discutido, tornando a sessão uma

das mais produtivas. Em princípio, o grupo mostrou dificuldades para entender e interpretar o conto, pois, o mesmo é cheio de metáforas e apresenta um universo simbólico bastante amplo.

Tentativa de reconstrução do texto pelo reconto.

Esta Categoria foi criada para mostrar a tentativa do grupo de reconstruir o texto a partir do reconto do mesmo. A técnica do reconto foi utilizada visto que os participantes estavam com dificuldade de entendimento do texto lido. Percebeu-se que, durante a operação de reconto, os praticantes conseguiam remontar o texto e propor um percurso de sentido, o que aliviava a angústia de não conseguirem interpretar o texto.

Mediador: Recontar. Onde que elas estavam?

Participante F: Gostei mais ou menos porque tem muito detalhe, está muito difícil.

Participante M: Na barca.

Mediador: Na barca no meio do rio. Qual era o ambiente?

Participante M: Verde e quente.

Mediador: O rio era verde e quente. Na verdade, não era verde e quente. Era quente e verde. E isso tem muita importância. Reparem que ele fala bem aqui: quente e verde. E lá no final do texto ela fala: verde e quente.

Participante F: Espera aí, deixa tentar.

Participante M: O que muda?

Participante M: Tem a ver?

Mediador: Tem, tem a ver.

Participante M: De noite é frio, de dia é quente, e de tarde é morno.

Participante F: De dia é verde, de dia é quente e verde e de noite...

Participante F: Mas, por que estava gelado, então?

Participante M: Porque estava noite.

Participante M: Não, estava de manhã já.

Mediador: Não, era noite.

Participante F: Não, ela falou que de manhã ia ficar quente.

Participante F: E o sol esquentava.

Participante M: E o sol está atrás da lua, à noite.

Participante F: Está... Deixe-me pensar, agora. Espera aí, ela morava com os filhos e com o esposo. Ela perdeu o filho, e depois ela perdeu o esposo.

Mediador: O esposo foi embora.

Participante F: Foi embora. Ainda assim, ela continuou com esperança. Esperança forte.

Participante M: Aí, perdeu a irmã.

Participante M: Nem de irmã fala.

Mediador: Fala da mãe dele, que foi morar na casa da mãe dele.

Participante F: Gente, eu estou tentando reconstruir, ela tinha esperança e estava indo para outro lugar para ver se o filho dela podia ser curado. E, Natal tem a ver com esperança. Ela tinha esperança que o filho dela ia ser salvo.

Participante F: Ela foi na véspera do Natal, ela tinha a esperança que o filho dela ia ser... Naquele dia.

Participante F: Naquele dia, porque ela achou que como Jesus foi salvo... Ah, estava na véspera, estava como se fosse do dia vinte e quatro para o dia vinte e cinco.

O simbolismo de passagens do texto.

Nesta Sessão foi trabalhado mais um conto repleto de simbologias e metáforas e aqui está a discussão do simbolismo de algumas passagens do texto.

Mediador: E aí? E o verde?

Participante F: Esperança?

Mediador: Ela falou que mora em Lucena.

Participante F: Não tem nada a ver com esperança não é?

Participante M: Verde?

Participante F: Ah, será que ela entrava na barca com esperança que ia ver o filho dela de novo?

Participante M: O que tem a ver o Natal?

Mediador: O que significa o Natal?

Participante M: O nascimento de Jesus.

Mediador: E Jesus veio ao mundo para quê? Qual era a missão dele?

Participante: Salvar a humanidade.

Mediador: Esperança de salvar alguém, salvar a humanidade. Boa, está juntando na cabeça.

Participante M: Ela estava com esperança de salvar o filho dela.

Participante F: É por isso que ela estava embarcando no barco, para tentar curar ele.

O desfecho do texto.

A fim de abarcar a discussão de hipóteses sobre o desfecho do texto. Os participantes do grupo apresentaram várias propostas sobre o final do mesmo, discutindo as metáforas presentes.

Participante M: Quem achou que ele tinha morrido?

Mediador: A narradora, que era a outra mulher que estava do lado.

Participante M: E ela sacudiu o filho da outra assim?

Mediador: Não, não é que ela sacudiu. Havia um xale e aí a outra mulher levantou o xale para ver a criança. E, ao levantar o xale ela viu que a criança estava morta.

Participante F: Mas, será que a esperança da mãe salvou a criança?

Mediador: Se a gente está acreditando nisso, a gente está acreditando em um milagre. Será que é isso que o texto aponta para a gente? Um milagre?

Participante F: A não ser que ela estaria enganada.

Mediador: Ela poderia estar enganada? Ela não fala que havia uma escuridão na barca?

Participante F: Ele poderia estar dormindo.

Mediador: Ele poderia estar dormindo e ela chega...

Participante F: Eu acho que ela ficou impressionada.

Mediador: Mas, ela ficou impressionada com que?

Participante F: Porque o menino estava com febre, aí, ela já tinha visto que o outro já tinha morrido. Aí ela deve ter pensado...

Participante M: De dia só acontece coisa boa.

O que aconteceu com a criança.

Categoria criada para discutir hipóteses sobre o que aconteceu com a personagem que era a criança mais velha, filho da mulher que carregava um bebê dentro da barca. Os participantes levantaram hipóteses, propondo um percurso de sentido plausível e pertinente ao texto.

Mediador: Como assim?

Participante M: O menino acordou de dia.

Participante M: Quando eles chegaram.

Participante F: E voou. Por que ele voou?

Participante M: Porque ele queria fazer a mágica, ele queria voar.

Participante: Não, eu sei...

Participante M: Ele tinha quatro anos, você espera o quê?

Participante M: Não, mas ela disse assim, ele pulou, ele voou.

Participante M: A mãe deixou um filho de quatro anos...

Participante F: Não, pode ter sido isso: voou para o céu.

Mediador: Olha o que ela falou. Ela falou foi, exatamente isso. Foi a mais perfeita, quer dizer voou, voou. Era um menino tão alegre e tinha verdadeira mania por mágica. Claro que não saía nada, mas, era muito engraçado. A última mágica que ele fez foi...

Participante M: Voar.

Mediador: Voar.

Participante M: E voou. Voou direto para o chão.

Mediador: Ele falou uma coisa que eu acho que é mais importante.

Participante M: Ele voou primeiro para o chão e depois para o céu.

Participante: Mas, se ela viu que um menino de quatro anos estava em cima do muro ela não vai tirar ele de lá?

Mediador: Mas, ela não achou que estava fazendo uma mágica?

Participante F: Mas como ela ia saber que ele tinha quatro anos e ia conseguir escapar de lá?

Mediador: Mas ela estava achando que ele estava brincando. Ela não podia achar isso: Não sei...

Participante F: É, ela podia achar que ele só estava ameaçando. Ai tadinho, ele pensou que ele ia viver.

Participante M: Ele morreu achando que não era mágica. Mas ele fez a mágica.

Participante F: É, coitadinho.

Participante M: E quando ela sonhou com ele?

O sonho com a criança.

Mais uma metáfora do texto passa a ser o centro das atenções do grupo e o grupo levanta hipóteses sobre o sonho da mãe com o filho mais velho que havia morrido.

Mediador: E tem essa história do sonho com ele.

Participante F: Ela pediu para vê-lo mais uma vez.

Participante F: O que importa é que ele estava feliz, ele morreu feliz.

Participante M: Natal, brincando com o Menino Jesus. É isso?

Participante: Ah, ele ressuscitou!

Mediador: Ajuda o Pedro.

Participante F: Ah, não sei o que eu falei.

A vida familiar da criança.

A vida da familiar do filho mais novo da personagem do conto é discutida pelo grupo. Os participantes levantam hipóteses sobre tal fato a fim de concluírem a análise sobre os elementos do conto.

Participante M: Mas esse outro filho era de outro pai?

Mediador: Ela engravidou. Ela tinha os dois filhos e o marido morava com ela. Eles tinham um menino de quatro anos que morreu. Depois que o menino morreu, tudo indica que depois que o menino morreu o marido abandonou a mulher com o bebê.

Participante M: E o bebê ficou doente.

Mediador: Ele deixou uma carta para ela dizendo que ele tinha ido morar com a mãe.

Participante F: Foi morar com a mãe. Mas, por que sou professora? Não faz sentido.

Mediador: Faz sentido sim.

Participante: A não ser que seja amante dele.

Mediador: Na verdade, ele viu, ele encontrou uma ex-namorada.

O psicológico da mãe da criança.

Categoria criada para discutir hipóteses sobre o estado psicológico da mãe da criança. Os participantes levantaram hipóteses, propondo um percurso de sentido plausível e pertinente ao texto.

Participante F: Mas, ela parecia tão feliz, não é?

Mediador: Feliz?

Participante F: É, ela tinha esperança, apesar de tudo.

Mediador: É, mas, esperança do quê?

Participante F: Que o filho dela sarasse.

Participante M: Do filho dela curado, do neném dela curado.

Participante F: Mas, apesar de você não estar bem, você tem que pensar pelo lado positivo, não é só pelo lado negativo.

As metáforas presentes no texto.

Várias metáforas estão presentes no conto lido e o grupo apresenta hipóteses sobre as metáforas presentes no texto, o que os intriga e propicia discussões acaloradas.

Participante M: Mas ela não estava triste, porque já era de manhã.

Participante F: Será que tem a ver estar...?

Mediador: Explica então, isso. Por que você chegou a essa conclusão?

Participante M: Porque era de manhã, aí de manhã o rio fica verde, quente e verde, e era dia de Natal.

Mediador: Quente é sinônimo de quê?

Participante F: Esperança, sei lá...

Participante M: Esperança quente...

Participante F: É esperança viva, sei lá, esperança viva.

Participante F: Esperança muito forte ela tinha.

Participante F: Mas por que ela relaciona itens do texto com os personagens? Não tem nada a ver, o rio está quente com a vida emocional dela. Eu não estou entendendo.

As possibilidades de interpretação de um texto.

Aqui o grupo e o mediador apresentam a discussão sobre as várias formas de se interpretar um texto, assumindo a ideia que o ato interpretativo não é uma ciência exata e opiniões divergem, contribuindo para a construção final da interpretação.

Mediador: Eu estou vendo que vocês separaram um monte de peças do quebra-cabeças. Eu acho que já está na hora de juntá-las.

Participante M: Não junta.

Mediador: Junta sim. Vocês falaram isso para mim da outra vez.

Participante F: Eu descobri um canalzinho agora.

Participante M: Eu ainda tenho dúvida da outra vez.

Mediador: Que dúvida?

Participante F: É a do anãozinho, Pedro. O anãozinho mandou as formiguinhas lá para avisar elas para sair de lá por causa da mulher.

Participante M: Mas ele não falou da mulher, é uma suposição aquilo lá.

Mediador: Na verdade, o texto é feito de suposições porque a autora não está aqui do nosso lado para dizer para a gente qual foi a verdadeira intenção dela. Entendeu? É feito de suposição mesmo. Graças a Deus, que isso aqui não é uma ciência exata.

Participante M: Qual graça teria se fosse exata?

Mediador: Aquilo que está ali na lousa é uma ciência exata.

Participante M: Se fosse exata, que graça teria?

Mediador: Não teria graça; a gente não estaria discutindo. Vocês discutem aquilo que está na lousa?

Participante M: Não, só aprende.

Participante F: É verdade, você não vai discutir o que já sabe que é certo.

Mediador: Exato, não tem discussão. Se dois e dois são quatro, dois e dois são quatro em qualquer lugar e em qualquer situação. Não tem discussão sobre isso.

Hipótese religiosa do texto.

A partir de determinados elementos do texto, como, por exemplo, a presença ou não de um milagre faz com que o grupo levante a hipótese de um possível caráter religioso do conto.

Mediador: Espera aí, gente. Eu acho que a gente está caminhando demais para religião. Será que o texto é religioso?

Participante M: Não, o Natal é religioso, tem trechos que falam sobre o Natal, mas não todos, não todo o texto.

Mediador: Então, mas parece que a gente está indo muito para o lado do milagre. Mas, será que tem milagre nessa história?

Participante F: Não estava na véspera?

Participante: Ele sarou sozinho?

A função da narradora no texto.

O conto é narrado em primeira pessoa e é a partir da visão destituída de fé na humanidade da narradora que a história é contada e os personagens são apresentados. O grupo discute a função da narradora dentro do texto e suas relações com os demais personagens.

Mediador: Será que ele estava doente? Será que de fato ele estava doente ou doente estava a visão da outra? Eu estou achando estranho porque vocês só estão falando da mulher que estava segurando a criança. E, não estão falando em nenhum momento da narradora.

Participante M: O que ela tem a ver?

Mediador: Ela que está contando a história para a gente.

Participante M: Mas, ela está contando a história da mulher.

Mediador: Mas, ela está contando a história sob que perspectivas, sob qual ponto de vista?

Participante M: Dela.

Mediador: Dela mesma.

Participante F: Ah, ela achou que o bebê estava morto.

Mediador: Por que ela achou que o bebê estava morto?

Participante M: Por que ela não tinha esperança.

Mediador: Agora, surgiu outro ponto de interrogação.

Participante F: Ah, ela não tinha esperança de vida tanto quanto a mulher.

Mediador: Então, realmente estou gostando muito de vocês.

Participante F: Então, quer dizer que a mulher tinha, mas ela não.

Mediador: E, a mulher, na verdade, estava fazendo o quê?

Participante F: Tentando ajudá-la a ter esperança na véspera de Natal para que ela pudesse... A mulher então foi como aqueles espíritos de Natal.

Participante M: Tipo o espírito da estrela.

Participante F: Ela não tinha esperança, então ela viu, a mulher serviu como uma lição para ela. Esperança. Mesmo tendo acontecido isso tudo...

Mediador: Ou seja... legal, gente. Olha a narradora, não está no texto, mas, eu quando leio este texto, sempre tenho a impressão de que a narradora é socialmente, ou financeiramente melhor que a mulher que a mulher que está com a criança nos braços.

Participante F: Maleta...

Mediador: Maleta, pasta, aquela coisa toda.

Participante M: E ela não tem esperança.

Mediador: Ela que tem tudo não tem esperança.

Participante F: E a outra que não tem nada...

Mediador: E, quem não tem nada perdeu o filho, perdeu o marido, e as roupas ela falou que são gastas, lembram? Mas ela tem o mais importante: não perdeu a esperança.

Participante F: Mas, então, ela viu o bebê morto porque ela não tinha esperança de que ele poderia estar vivo? Consegui entender. Quem deu a solução fui eu. Todo mundo..., não foi só eu.

Sensibilização para o fato de que os participantes conseguem interpretar o texto.

Aqui o mediador incentiva os participantes do grupo mostrando que eles conseguem interpretar o texto, mesmo sendo difícil.

Mediador: Gente, esse é o trabalho de equipe, e as coisas só estão funcionando porque cada um está dando a sua contribuição.

Participante F: É se ela não tivesse falado da esperança e, ele outra coisa...

Participante M: A Ana não teria conseguido.

Mediador: O que eu mais acho interessante é o quanto vocês reclamam. Porque quando eu entrego o texto vocês ficam assim: texto grande.

Participante F: Eu nunca falei isso.

Participante M: Eu nunca reclamo.

Mediador: Aí, a gente lê o texto, esse texto é muito difícil. E aí, vocês começam a discutir, discutir, e resolvem isso que acabamos de ler.

Participante F: Mas, eu fico pensando se cair um texto desses no vestibular, vou ter que ficar uma hora lendo, porque até eu conseguir analisar, reestruturar...

Participante M: Eu vou ter que chutar.

Mediador: O que vocês estão conseguindo hoje é a mesma coisa que vocês conseguiam antes de estar aqui?

Participante F: Não.

A função do velho no texto.

A presença de um velho bêbado no conto desperta o interesse e a discussão do grupo sobre sua função metafórica. Os participantes levantaram hipóteses, propondo um percurso de sentido plausível e pertinente ao texto.

Participante F: Mas, tem alguma coisa a ver o velho, sei lá?

Mediador: Tem muita coisa a ver. A gente só vai conseguir desvendar mesmo em nosso próximo encontro.

Participante F: Ah não!

Participante M: Ou é só observação da narradora, só a observação dela.

Participante F: Ah, ou ele também, tinha uma esperança!

Mediador: Até ele?

Participante F: Até ele tinha esperança, que era um bêbado.

Participante M: Todo mundo ali tinha esperança menos ela.

Participante F: Menos ela. Já viu que ela era a errada da história.

Participante M: E o outro era um pobre coitado.

A metáfora do rio *versus* esperança da narradora.

Em algumas passagens do conto, a narradora faz referência ao rio por onde navega a barca onde estão. O grupo levanta hipóteses da relação da cor e temperatura do rio com a esperança da narradora frente aos fatos por ela narrados.

Participante F: Será que o rio era gelado por que significava a esperança dela?

Mediador: Que era?

Participante F: Que era fria como a esperança dela?

Participante F: Que era fria, gelada?

Mediador: Por que de dia era quente? Quando que veio a constatação da esperança dela?

Participante M: Depois que ela conversa.

Mediador: Que parte do dia era?

Participante M: De dia.

Participante M: Natal.

Participante F: Já era Natal.

Mediador: Dia.

Participante M: Natal.

Mediador: Então, de manhã...

Participante M: Natal.

Participante F: Quente.

Mediador: Quente e verde. E era de manhã, e ela tinha tido a constatação de que quem não tinha esperança...

Participante F: Era ela.

Participante F: Espera aí, quente. Até a mulher falou para ela que era quente. Desde o começo ela estava falando...

Mediador: Ela pôs a mão no rio de noite, e o rio era?

Participante F: Gelado, mais gelado que o normal.

Participante M: E enxugou a mão.

Participante F: De manhã é vivo?

Participante M: De manhã, sei lá, tem esperança.

Mediador: Olha como ela falou.

Participante M: De manhã é vivo? De manhã ela vai ter esperança. A esperança dela vai viver.

Mediador: A esperança nasceu nela de manhã. Tentem, vocês conseguem.

Participante F: A esperança era viva, quer dizer que a esperança dela não morreu, sei lá.

Mediador: Só estava?

Participante F: Adormecida!

Mediador: Adormecida. Talvez, alguma coisa tivesse acontecido com ela e ela perdeu a esperança. E, quando ela coloca a mão no gelado: Gelado? Quando eu sei que uma pessoa está viva, o calor dela, ela está quente, e ao contrário...

Participante M: De quem está morta.

Participante M: Gelada.

A postura da narradora perante a esperança.

A postura da narradora perante a esperança ou falta dela desperta a curiosidade do grupo e os comentários se intensificam. O interesse aumenta à medida que a trama vai sendo descortinada pelas discussões do grupo.

Mediador: Liguem as coisas.

Participante M: A esperança dela estava morta.

Participante F: Quem tem esperança é viva e quem não tem esperança é como se estivesse morto.

Participante M: Quem tem é porque está vivo.

Mediador: Quem não tem esperança é como se estivesse morto. Nossa gente, estou muito contente com vocês.

Participante M: A esperança é a última que morre.

Mediador: Então, quem estava morta por dentro?

Participante M: Ela.

Mediador: A narradora.

Participante M: A esperança não tinha morrido.

Participante F: A esperança não tinha morrido, só tinha adormecido.

Mediador: Mas, ela precisou de um belo tapa na cara para aprender não é? Vocês conseguem enxergar ganhar um tapa na cara bem dado? Porque uma mulher mais pobre, cheia de desgraças na vida...

Participante M: Com aquela calma toda.

Mediador: Com aquela calma toda deu uma lição nela.

Participante F: E até o bêbado que estava lá.

Participante M: E ela achava que a mulher era pobre que não tinha esperança...

Sensação de completude ao final da interpretação.

Após a discussão do texto e diante da complexidade do mesmo, os participantes relatam sentir uma sensação de completude ao conseguirem finalizar a interpretação do texto e

apresentar uma solução para o problema gerado pelas discussões. Uma participante relata, inclusive, que não se sentirá com um peso na consciência.

Participante M: Eu gostei desse aí.

Participante F: Ai, eu gostei!

Mediador: E daí, gente? Gostaram?

Participante F: Eu gostei.

Participante M: Todo mundo conseguiu entender.

Mediador: E dentro do prazo. E se a gente lembrar que começou um pouco mais tarde.

Participante F: Na semana que vem eu não estarei com um peso na consciência. Vou ficar livre.

Mediador: Olha que legal! O estudo é uma sensação boa?

Participante F: Ah eu me sinto muito bem.

Participante M: Porque você já evoluiu.

Participante F: Eu estava imaginando a mulher lá na barca. Ah, tem até os olhos dela brilhantes.

Participante F: Eu pensei em um barco velhinho.

Temas da sessão XV:

“*A primeira História do viajante*” de Marina Colasanti foi o texto escolhido e trabalhado nesta sessão. Vários temas surgiram a partir da leitura e discussão do conto, dentre eles, destaca-se a morte.

A morte no texto.

A presença da morte com seu cavalo com patas em chamas alerta o grupo e o leva a discutir hipóteses sobre a personagem principal de o texto ser a morte.

Participante M: Dúvidas.

Mediador: Dúvidas? Vamos a elas.

Participante M: Primeiro, a personagem seria a morte. Certo? Então, por que durante o texto ele se refere à morte com outros nomes como invencível, essas coisas?

Mediador: Porque, na verdade, a morte tem essas características. O que vocês acham? Você tem como vencer a morte?

Participante M: Intransponível...

Mediador: Tem como transpor a morte? Para não ficar repetindo a palavra morte, o narrador foi usando essas palavras.

Participante M: Eu pensei que a morte fosse uma pessoa.

Mediador: Está aqui personificada. Então, o que a gente aprendeu quando a gente não entende o texto?

Participante M: Tem que voltar de novo.

Tentativa de interpretação pelo reconto do texto.

Mais uma vez, a técnica do reconto foi utilizada devido à complexidade do texto. Através dela os participantes puderam reconstruir a história e assim interpretá-la.

Mediador: E aí, o que conta a história? Um belo dia...

Participante F: A morte decidiu levar o rei.

Mediador: A morte decidiu levar o rei. E aí?

Participante F: E ele começou a enrolá-la e ela concordou porque o que ele estava propondo era aceitável.

Participante F: Porque para ela seria interessante levar vários ao invés de só ele.

Mediador: Não só. Primeiro, ele falou que ia ter um torneio, uma festa, o que era?

Participante F: Um torneio.

Mediador: E nesse torneio morrem muitas pessoas. Então, o que ele propôs para ela? Então, ao invés de ela levar uma pessoa, se ela esperasse, ela seria recompensada por esperar porque ela levaria?

Participante M: Várias.

Mediador: Várias pessoas. E aí, o que aconteceu? O torneio veio... Mas antes, o torneio veio, e ele foi conversar com ela de novo.

Participante M: Foi conversar com ela de novo e deu a desculpa de que teria alguns informantes.

Mediador: Um complô. Sabe o que é complô? Alguém estava planejando matá-lo. Matar o rei. Aí, o que ele falou para a morte?

Participante F: Que ele estava indo para uma guerra com os países do Leste.

Mediador: É primeiro era o complô. Primeiro, antes ele falou?

Participante F: Ela pensou que um dia a menos não pesaria na eternidade.

O cavalo.

A figura do cavalo montado pela morte, personagem principal do conto, desperta no grupo o interesse em discutir hipóteses sobre sua função metafórica.

Participante F: Mas tem algum fato que interfere (00:14:51)?

Mediador: Sim, vai aumentando. E à noite o que ele fez?

Participante M: Desceu, pegou um cavalo.

Participante M: Mas, o cavalo era da morte? Porque ele foi soltando fogo, alguma coisa assim.

Mediador: No começo fala. Olha lá.

Participante M: Ele era negro.

Participante F: Com os cascos incandescentes.

Participante M: Acho que ele foi para o inferno já.

Participante: Galopava...

Mediador: Ele fugiu na noite, na escuridão que ele chegou lá na cavalaria, Vocês sabem o que é cavalaria? Cavalaria é onde ficam os cavalos. Chegando à cavalaria a vela apagou. Ele não deve ter visto o cavalo que ele estava pegando, e pegou o primeiro que ele viu lá.

Participante M: Era o da morte.

Mediador: E, para onde que o cavalo da morte ia levá-lo?

Participante M: Para o inferno.

Mediador: Para a morte. E aí? Qual é a moral dessa história?

Participante M: Ele encontrou com a morte.

Tentativa de interpretação do texto.

Após algumas discussões sobre o texto, o grupo tenta encaminhar seus comentários para uma interpretação.

Participante F: Ele tentou tanto que ele não conseguiu.

Participante M: Que se tivesse uma lanterna ele sobreviveria.

Participante M: Às vezes não.

Participante M: Naquela época acho que não existia lanterna não.

Participante M: Que ela aparece em qualquer lugar, não adianta tentar fugir.

Mediador: Tem como fugir, pessoal, da morte?

Participante M: Não.

Participante M: A morte é certa.

A morte.

Categoria criada para discutir a presença da Morte no texto e sua função na narrativa.

Mediador: E aí? Vocês querem falar a respeito disso?

Participante F: Não, é muito triste.

Mediador: Mas triste... Então, só por que é triste a gente não vai falar? E aí gente? Maria? Maria estava sumidinha, Fabrício também estava sumidinho, costuma participar. E aí, o que você acha?

Participante M: É sinistro.

Mediador: É sinistro, mas, dá para conversar a respeito ou não?

Participante F: Não tem jeito para a morte.

Participante F: É por isso que você tem que aproveitar a vida, porque se morrer já era.

Participante M: Ele sobrevive, e morre no final. Ele fugiu da morte, mas no final...

Mediador: Ele até tenta enganar a morte no fim.

Tentativa de conclusão do assunto discutido.

Esta Categoria foi criada para mostrar a tentativa do grupo de concluir as discussões e a interpretação do texto lido.

Participante M: Não dá para fugir da morte.

Mediador: Não tem como fugir! E, no fim das contas não tem conclusão. Tem conclusão?

Participante M: Não.

Mediador: Tem conclusão?

Participante M: Não.

Mediador: Gente, não ter conclusão, é a prova mais evidente que a nossa história aqui ainda não acabou. Que o dia que tiver conclusão é esse dia, é o dia da morte.

Participante F: Vou casar com o Neymar.

Mediador: Casar com o Neymar?

Participante: Nossa Senhora!

Temas da sessão XVI:

Para esta sessão foi escolhido o texto “*Um chá bem forte e três xícaras*” de Lygia Fagundes Telles. O conto é repleto de metáforas, o que suscitou várias discussões intrínsecas ao texto. Os participantes do grupo apresentaram várias possibilidades de interpretação do texto e demonstraram um grande poder de percepção quanto a esse quesito. Percebeu-se, mais uma vez, que à medida que os encontros caminham para o final do projeto, os participantes tornam-se cada vez mais atentos às discussões e ao tecido textual e a produção do grupo fica mais interessante e acertada. Percebeu-se também que os participantes ficaram mais rápidos no exercício da interpretação.

Tentativa de interpretação pelo reconto do texto.

Esta Categoria foi criada para mostrar a tentativa dos participantes do grupo de interpretar o texto através do reconto. A técnica do reconto foi utilizada visto que os participantes estavam com dificuldade de entendimento do texto lido. Percebeu-se que, durante a operação de reconto, os praticantes conseguiam remontar o texto e propor um percurso gerativo de sentido.

Participante F: Parece que flor foi desabrochando e ela foi indo junto... A hora que começou a pétala cair é que ela começou a ficar nervosa.

Mediador: Ela começou a ficar nervosa por quê? Primeiro a gente tem que reconstruir o texto. A gente já sabe disso.

Participante M: Quantas pessoas são?

Mediador: É ela e a empregada.

Participante M: Tem o menino.

Mediador: O menino é o vizinho que está tocando.

Participante M: Augusto é o doutor.

Mediador: Augusto é o doutor, que por sua vez...

Participante F: Não estava.

Mediador: Vocês têm um monte de elementos na mesa, vai lá.

Participante F: Será que o doutor tinha uma relação com essa menina que ela estava esperando?

A outra personagem feminina.

A presença de outra personagem feminina no texto desperta a curiosidade do grupo que, neste ponto, foca seus comentários. Seria essa personagem uma simples estagiária ou a amante do marido da personagem principal?

Participante F: Mas aí, no caso a Lygia escreve como se fosse ela, igual a mulher lá, da Mulher sem Esperança?

Participante F: E a outra podia ser amante, sei lá.

Mediador: Quem é a amante?

Participante F: A que ia chegar.

Mediador: A que ia chegar para o chá? Se ela é amante, a que ia chegar para o chá, a Maria Camila é o quê?

Participante F: Esposa.

Mediador: Interessante. O que vocês acham?

Mediador: Ela era estagiária. Quem era estagiária?

Participante F: A moça.

Mediador: Mas o que levou vocês a acreditar que a moça de dezoito anos estava tendo um caso com o doutor?

Participante F: Porque ela estava demorando a chegar, ela estava nervosa.

Participante F: A Maria Camila estava nervosa com a chegada da menina, e se a menina trabalhava com o doutor poderia ter alguma coisa, poderia estar com ele.

Participante M: E ela disse que os mais velhos preferem as pessoas mais novas.

Participante F: Nossa!

Mediador: E isso quer dizer que o doutor era mais velho.

Participante F: Era mais velho, a Maria Camila também, e a moça, está falando aqui em um pedaço que ela tinha dezoito anos. E até ela estava se referindo a moça como menina.

Tentativa de interpretação do texto.

Após algumas discussões sobre o conto lido, o grupo tenta interpretá-lo. As dúvidas apresentadas mostram o quanto o grupo estava atento à trama textual.

Participante F: Mas por que ela chama de doutor ele? Se fosse esposa ela não chamaria de doutor.

Mediador: Mas doutor quem chama é a empregada.

Participante M: Ah, a empregada!

Mediador: E aí gente?

Participante F: Eu acho que ela estava esperando ela muito nervosa porque ela estava decidida...

Participante M: Ela está falando do céu rosado, que parece com a mulher...

Mediador: É ela mesma, a Camila.

Participante M: E ela estava muito nervosa.

Mediador: Ela estava muito nervosa no começo.

Participante F: No começo ela estava nervosa porque a mulher que ela tinha marcado de encontrar era amante do doutor.

Mediador: Mas será que ela já sabia?

Participante F: Ela sabia, mas...

Mediador: Ela quem?

Participante M: A mulher.

Mediador: A mulher, a Maria Camila?

Participante F: A Maria Camila. Agora, a mulher podia não saber, poderia ser simplesmente convidada para tomar um chá.

Mediador: A moça, de dezoito anos?

Participante F: A moça.

Mediador: Ela foi convidada para um chá. Por que chá bem forte e três xícaras. A minha pergunta é essa.

Participante F: Ela está querendo envenenar, matar ela.

Participante F: Um chá forte porque ela se faz de forte, e três xícaras para os três.

Mediador: Que três? O doutor...

Participante F: O doutor, a esposa e a amante.

Mediador: Então espera aí. O doutor, a esposa, a Maria Camila, e a moça de dezoito anos.

Participante F: Isso.

Mediador: Então, vocês estão dizendo que a moça tinha um caso com o doutor. E aí?

Participante F: E aí, a Maria Camila chamou para ter uma conversa, tomar um chá.

Mediador: E quem poderia chegar de surpresa?

Participante F: O doutor.

Mediador: E aí?

Participante F: Ver as duas conversando, por isso que ela pediu para a empregada chegar e trazer mais uma xícara.

A metáfora da borboleta.

Surge no conto a presença de uma borboleta amarela com um friso preto nas asas. O inseto desperta uma postura e um comportamento da protagonista do conto. O grupo discute a função metafórica da borboleta no texto e a relação dela com a personagem principal.

Participante F: Mas o que tem a ver a borboleta, será que a borboleta era porque alguma coisa... Ah, quando uma flor está secando ele tem que ser obrigado a ir para outra.

Mediador: E quem seria a borboleta?

Participante F: A borboleta seria o doutor.

Participante F: Ela.

Mediador: Ela quem?

Participante F: A Maria Camila.

Participante F: Por que a Maria Camila?

Participante M: Não, ela é jovem.

Mediador: A borboleta não era jovem?

Participante F: Por quê?

Participante F: Ah, a menina de dezoito anos.

A metáfora da rosa.

Também presente no conto está uma rosa que é apanhada e dilacerada pela protagonista. Como na Categoria anterior, o grupo discute hipóteses sobre a função metafórica da rosa no texto.

Participante F: A flor era ele. E ela estava nervosa e estava querendo...

Mediador: E a flor estava... O que estava acontecendo com a rosa?

Participante F: Ela estava se despedaçando.

Mediador: Quem era a rosa?

Participante M: E a menina queria dar um golpe, que ela era jovem.

A reação da personagem central.

Categoria criada para discutir hipóteses sobre a reação atitudinal da personagem principal frente aos fatos narrados e ao fato de estar diante de uma possível traição de seu marido com sua estagiária.

Participante F: Deixa eu tirar uma dúvida.

Mediador: Tire.

Participante F: A menina que chegou, que espantou a borboleta seria ela?

Mediador: Não, uma menina que passou na calçada.

Participante F: Mas a borboleta representa, por isso que a Maria Camila apertou a flor, porque ela ficou com ódio do marido ao ver que a borboleta estava tocando.

Mediador: E por que ela ficou com nojo da borboleta?

Participante F: Porque a borboleta era a amante.

Mediador: Gente, esse texto era difícil, hein!

Participante F: Era.

Participante F: Ela teve a ideia do caso com o doutor e a gente...

O desfecho do texto.

O desfecho do texto passa a ser o foco de atenção do grupo. Os participantes, após as discussões e ajuda mútua, propõem possibilidades de final para o conto.

Participante F: E aí, ela falou das peças do quebra-cabeças e eu me lembrei da borboleta. Mas, não tem final.

Participante M: No final ele abre o jogo com ela também.

Mediador: Abre o jogo?

Participante F: Mas ele poderia chegar.

Mediador: Mas vamos ver o final, fala assim no final, ela estava bem chateada, não estava?

Participante M: Mas e o menino que estava tocando os instrumentos?

Mediador: Então, o menino que estava tocando os instrumentos só está ali como um distrator.

Participante F: E teve as crianças gritando na rua também.

Participante M: Eu acho que tinha o menino, porque...

Mediador: Tem umas coisas que têm a ver.

Participante M: Porque ele tocava, em alguns momentos ele parava.

Participante F: Será que era uma música triste que ela lembrava?

Mediador: Não, não fala. Como fala aí no final? Leia para mim que eu não estou achando aqui no meu texto.

Participante M: Maria Camila levantou a cabeça e caminhou decidida em direção ao portão.

Mediador: Qual era o estado da Maria Camila...

Participante F: Nervosa.

Mediador: Antes de nervosa?

Participante F: Chateada.

Participante F: E quando a menina chegou ela foi decidida já a falar tudo.

Mediador: Por que essa mudança?

Participante F: Porque esperar a pessoa chegar é uma coisa, você vai ficar ansiosa, para esperar a chegada dela. Quando a pessoa chega você já está decidida a falar.

A mudança de estado psicológico da personagem principal.

O grupo agora foca seus comentários na mudança de estado psicológico da personagem principal que estava calma e após constatações da possível traição do marido com a estagiária, torna-se nervosa.

Participante F: A circunstância, porque a menina ia chegar, ela não poderia estar chateada, ela teria que sobressair, ela teria que falar o que ela sentia.

Mediador: Mas será que era só isso?

Participante F: Por ela ter sofrido.

Mediador: Ter sofrido muito. E agora ela tinha decidido o quê?

Participante F: Que não ia mais sofrer.

Mediador: Por quê?

Participante F: Porque ela não queria mais sofrendo do jeito que ela estava.

Participante F: Ela até fala gente, que ela...

O encontro das personagens.

O texto foca um convite para um chá da tarde entre a protagonista e a possível amante de seu marido, tal encontro das duas personagens desperta no grupo a necessidade de discutir o que aconteceria a partir daí.

Mediador: Vocês acham que foi planejado esse encontro?

Participante F: Mas a borboleta, ela imaginou como se fosse a borboleta. A borboleta estava ali bonitinha.

Mediador: Não, ela estava ali bonitinha, ela só comparou. E aí vocês acham que foi planejado?

Participante F: Foi.

Participante F: Por ela foi, porque ela estava esperando às cinco horas, então ela já teria marcado já.

Mediador: Cinco horas é o horário que quem costuma chegar cinco horas em casa?

Participante F: O marido dela.

Mediador: E ela se decidiu por quê? Porque ela chegou à conclusão...

Participante F: De que não queria mais sofrer. Mas, por que, como ela descobriu que o marido já estava traindo ela?

Participante M: Por causa da empregada que ficava escutando atrás das portas.

Participante F: E ela marcou como esse encontro?

Participante M: Essa pergunta que ela fez, ela falou: nossa, marcou um encontro (00:24:05).

Participante F: Ela deve ter ligado, sei lá, investigado.

O conhecimento do marido sobre o encontro.

O grupo levanta hipóteses sobre o possível conhecimento prévio do marido a respeito do encontro das duas mulheres: esposa e amante. Os participantes discutem qual seria a reação do marido.

Participante F: E o doutor tinha falado para a empregada que quando ela ligasse não era para marcar o nome.

Participante F: Não era para marcar porque a mulher poderia descobrir o nome se ela falasse. E já poderia descobrir a traição.

Mediador: Então não era um indício de que ele estava escondendo as coisas?

Participante F: Nossa, amei esse.

Temas da sessão XVII:

O conto escolhido para esta sessão foi “*Antes do Baile Verde*” também de Lygia Fagundes Telles. Trata-se de mais um texto repleto de metáforas que ampliam a discussão do mesmo.

Além disso, a situação central na qual são colocadas as personagens proporciona a extrapolação das discussões.

A esperança da personagem.

O conto trata da falsa esperança da protagonista acerca do estado de saúde de seu pai. O grupo discute hipóteses sobre tal sentimento: se ele sobreviveria à noite para ela poder ir ao baile.

Participante M: E esse baile verde, a cor, não tem nada a ver com isso? A cor do vestido?

Participante F: Verde...esperança.

Mediador: Explica essa esperança falsa.

Participante M: Era uma esperança que ela estava criando para ter uma desculpa para poder ir ao baile.

Mediador: A esperança dela era baseada...

Participante F: Esperança falsa é uma esperança que não é?

Mediador: Então, mas qual era a esperança dela?

Participante M: Ela não quer acreditar nisso.

Participante F: Ela não queria acreditar que o pai dela estava morrendo.

Participante M: Ela estava com esperança de que o pai dela não ia morrer naquele dia, só para ter a desculpa para ir para ao baile.

Participante F: Fingia que não estava acontecendo.

A metáfora da flor.

Categoria criada para discutir hipóteses sobre a função metafórica da flor no texto. Os participantes levantaram hipóteses, propondo um percurso gerativo de sentido plausível e pertinente ao texto.

Mediador: E aí?

Participante M: E aquela flor?

Mediador: Vermelha não é? Crisântemo vermelho. Crisântemo não é flor que geralmente se coloca em velório?

Participante M: Quer dizer que ele morreu?

Participante M: E ele chorou no quarto dele.

Participante M: Chorou ao pensar no egoísmo dela, que ela não queria que ele atrapalhasse ela. Ele sabia disso.

O sentimento de desprezo da personagem.

O sentimento de desprezo que a personagem principal tinha em relação ao pai mesmo sabendo que ele estava doente e poderia morrer naquela noite foi observado pelo grupo durante as discussões.

Participante F: Era ver o desprezo da filha. Por exemplo, ele está morrendo lá e ela não está nem aí para ele. A dor dele foi essa, que a filha prefere um baile.

Participante F: Nossa que pai, a filha despreza... Ela queria deixar ele no hospital para não ter que cuidar.

Mediador: Que pai ou que filha?

Participante F: Que filha.

Participante F: Os dois.

Participante F: Que pai por perder a paciência com ela. Ela não estava nem aí, que morresse amanhã, mas hoje eu não posso.

Participante M: E ela não tinha mãe?

Mediador: Pelo que tudo indica não. Não fala da mãe no texto.

Participante F: Mas ela estava atrasada para ir para uma festa, então ela queria ir para a festa de qualquer jeito porque no ano passado ela não tinha ido. Talvez o pai até que cuidou dela.

A simbologia das cores presentes no texto.

Categoria criada para discutir hipóteses sobre a simbologia das cores presentes no texto. Os participantes levantaram hipóteses, propondo um percurso gerativo de sentido plausível e pertinente ao texto.

Mediador: Qual a idade do pai? Sessenta e seis anos.

Participante M: Ele era jovem.

Mediador: O que vocês acham disso?

Participante M: Mas, eu não entendi porque as cores.

Mediador: O verde é esperança, e o vermelho? Nós já falamos do vermelho.

Participante M: Sangue.

Mediador: Que está ligado ao quê?

Participante M: Morte.

Mediador: Muito pelo contrário.

Participante F: Era o amor que o pai tinha por ela, ao ponto de não querer atrapalhar ela.

Mediador: Tipo, me deixa aqui que eu vou morrer mesmo e vai para o seu baile, eu não vou te atrapalhar para ser feliz.

Participante M: É verdade, o pai é verde também.

Participante M: O baile, tem uma hora que ele vai acabar, não vai durar para sempre. E o pai dela também é o último dia de vida dele.

Participante M: Ela vai para o baile, aí ela vai pensar: nossa, meu pai morreu e eu não fiquei com ele.

Participante F: Tudo que é verde amadurece, chegou a hora dela amadurecer, sei lá, para tomar as decisões certas da vida.

Participante M: Ela viu que a vida também não é só curtidão, tem as responsabilidades também.

Participante F: Ela tinha que amadurecer, ficar mais responsável. Talvez a morte ia servir de lição para ela.

O estado de saúde do pai da personagem principal.

O grupo levanta hipóteses sobre o estado de saúde do pai da personagem principal. É perguntado aos participantes do grupo o que eles pensam sobre o estado de saúde do pai da personagem principal, pois, há uma dúvida no texto sobre tal condição e a discussão que se segue surge.

Participante F: Nossa, o pai, vamos supor que ele tenha tido certa dificuldade para criá-la, porque aparentemente a mãe dela não era viva, ou não estava junto com ele. Ele criava a filha e ela chega e nem quer saber da vida do pai.

Participante M: Ela quer acreditar que ela não morreu.

Participante M: Por dentro ela estava desesperada, porque ela sabia que o pai dela ia morrer naquela noite.

Participante M: Na verdade ela sabia que o pai ia morrer, ela não queria acreditar.

Participante F: Eu acho que o pai dela já tinha morrido já.

Participante M: Será que ela estava com peso na consciência.

Participante M: É que o baile ia acabar e o pai dela também.

O desfecho do texto.

O grupo agora foca sua atenção no desfecho do texto. Após várias discussões, os participantes do grupo apontam possibilidades para outro final do conto.

Participante F: Hoje foi diferente.

Participante M: Não, isso daí foi em menos de cinco minutos.

Mediador: E aí, qual a conclusão final de vocês sobre esse texto?

Participante F: Eu achei que é isso.

Participante M: Tudo tem seu preço.

Mediador: Como assim?

Participante M: O preço, ela foi para o baile, e perdeu o pai dela.

Mediador: No final ela foi para o baile, tanto é que algumas lantejoulas caíram.

Participante F: Ela podia ter ficado, era a última noite dele, ela poderia ter ficado com ele.

Participante M: Mais para frente vão ter outros bailes.

Participante M: A lantejola que caiu, que ela perdeu, no momento em que ela tomou a decisão de ir para o baile.

Participante F: Ela foi embora, a esperança dela já acabou.

Proposta de outro final para o texto.

Na sequência, o grupo aponta possibilidades para um desfecho diferente do texto lido e discutido.

Mediador: Vamos imaginar uma coisa, ela voltando do baile. E aí?

Participante F: O pai lá morto.

Participante M: Ela feliz, e ao mesmo tempo triste.

Participante M: Bipolar.

Participante F: Ai, eu não faria isso, gente. Não sei quem falou, vai ter outros bailes. Sempre tem carnaval, todo ano, podia deixar para outro, ainda ia ter continuação. Não ia ter outros dias?

Mediador: Era um baile de carnaval.

Participante M: Um baile verde.

Participante M: Ela ia ficar com peso na consciência a vida inteira.

Participante M: Ela podia passar o último dia com o pai dela. Nossa, eu fui para o baile e não fiquei com ele o último dia da vida.

Mediador: Imagina você viver o resto da sua vida atormentada com essa ideia que ele acabou de falar.

Participante M: É o último dia dele, não dela.

Mediador: Será que ela não poderia abrir mão de um dia dela para alguém que já abriu mão da vida por ela?

Participante M: O que seria um dia?

Temas da sessão XVIII:

Para esta sessão foi escolhido o texto “*As Pérolas*” de Lygia Fagundes Telles. Também é um texto cheio de metáforas que ampliam o sentido do mesmo e, além disso, trabalha com a situação de uma possível traição que promove a extrapolação da discussão.

Tentativa de reconstrução do texto pelo reconto.

Categoria criada para mostrar a tentativa do grupo de reconstruir o texto a partir do reconto do mesmo. A técnica do reconto foi utilizada visto que os participantes estavam com dificuldade de entendimento do texto lido. Percebeu-se que, durante a operação de reconto, os praticantes conseguiam remontar o texto e propor um percurso gerativo de sentido.

Mediador: Então vamos montar o texto.

Participante F: Ele estava doente, quase morrendo.

Mediador: Quem estava doente?

Participante F: O Tomás. E estava olhando ela pelo espelho. Ela estava se olhando e estava olhando porque gostava dela magra. Aí parece que eles estavam se arrumando para alguma coisa.

Mediador: Uma reunião, uma reunião qualquer. É uma reunião que ia tocar Chopin, e que ela não queria ir.

Participante M: Ela não gostava do ponche.

Mediador: Ela não gostava do ponche porque era muito doce, o uísque era ruim, que o sanduíche de frango era sempre igual.

Participante F: Ele não saía por quê?

Mediador: Porque ele estava doente.

Participante F: Aí, ela perguntava para ele se ele estava bem, e ele não queria atrapalhar ela se arrumar. Mas eu não entendi porque ele escondeu o colar e depois devolveu.

Participante M: Mas quem era o Roberto, quem foi esse Roberto?

Mediador: O que vocês acham? Ele fala do Roberto.

Participante M: Mas quem deu o colar, foi o Roberto? Esse Tomás ficou com ciúmes.

Mediador: Tomás é o que dela?

Participante M: Marido dela.

Participante F: E o Roberto podia ser um admirador, ou um ex-namorado dela.

Participante M: Porque ele fala de dez anos atrás, o jantar de dez anos atrás. Eles deveriam ser casados nessa época.

O colar de pérolas.

O texto trabalha com várias metáforas e aqui o grupo discute hipóteses sobre função metafórica do colar de pérolas que a personagem principal estava usando. Os participantes levantaram hipóteses, propondo um percurso gerativo de sentido plausível e pertinente ao texto.

Participante F: Ou eles foram casados, ou só namoro. Aí ele pegou e deu o colar de pérolas para ela, e o Tomás não gostava porque o calor fazia ela se lembrar dele.

Participante M: Mas por que ele devolveu depois?

Participante M: Tinha alguma coisa a ver com o colar ser falso?

Participante M: Eu acho que o colar além de fazer lembrar o Roberto, era falso.

Participante F: A intenção dele era pegar o colar certo?

Participante F: A intenção dele foi pegar o colar e guardar no bolso. Aí depois que ela saiu... Para simbolizar que o casamento deles era uma coisa importante, ele foi e colocou no bolso para esconder, aí depois ele lembrou que poderia ser falso e pegou e devolveu.

Participante M: Mas você já descobriu o negócio do colar?

Participante F: Ele queria terminar com aquela lembrança.

Mediador: Ele queria terminar com aquela lembrança, mas por que ele devolveu para ela então?

Participante F: Porque ele viu que era falso.

Mediador: E ainda fala daquele jeito: “deixou que o fio escorresse por entre os dedos”.

Participante M: Ele aceitou aquilo.

Participante F: Ele aceitou perder ela.

Participante M: Ele viu que ela ia ficar mais feliz com ele, porque ele ia morrer.

Participante F: Se ele amava ela, ele queria a ver bem com outro, mesmo que isso fosse sofrimento.

Mediador: Mas ele estava sofrendo.

Participante F: Mas ele queria ver ela feliz, então ele deixou ela escapar por entre os dedos.

Participante M: Não tinha jeito mais dele consertar isso.

Participante F: Talvez ele tivesse tomado ela do Roberto. Assim, eles namorando, ela tivesse conhecido ele, e ele deve ter sido...

Mediador: Vocês sabem como é produzida uma pérola?

Participante F: Não.

Mediador: Então, a pérola é produzida da seguinte forma: tipo assim, sabe a ostra? A ostra está lá, aí a ostra abre-se para poder se alimentar e filtrar a água. Às vezes nessa abertura entra um grão de areia e se deposita na ostra e machuca a ostra. Machuca a ostra. E aí a ostra para se curar daquele machucado, solta uma substância que se chama madreperla. Essa substância envolve o grão de areia e vai formando uma bolinha, e que depois vira uma pedra.

Participante F: Interessante isso.

Mediador: Então a gente pode dizer que uma pérola é fruto de um sofrimento. E aí?

Participante F: Espera aí, deixa eu colocar as minhas ideias no lugar.

Participante F: Espera aí, o que você falou, que é uma ideia de sofrimento?

Participante M: Aquele colar de pérolas significava o fruto do sofrimento dele.

Mediador: Mas que sofrimento é esse?

Participante F: De ele ter que entregar ela para ele. Porque ele vai perder...

Mediador: Mas as pérolas não eram falsas?

Participante F: Por isso que ele devolveu, que o sentimento era falso.

A verdadeira intenção do marido.

Nesta Categoria a discussão foca hipóteses sobre a verdadeira intenção do marido em relação à sua esposa ao insistir que ela deve ir à reunião e se encontrar com o outro homem.

Mediador: Mas aqui não parece que ele está jogando ela, querendo que ela vá à reunião e se encontre com o Roberto?

Participante F: Porque ele vai morrer.

Mediador: Aqui ele fala: “podia ao menos esperar eu morrer, estou vivo ainda”.

Participante F: Mas e se ela foi encontrar com ele.

Participante M: Quem estava doente era o Tomás.

Mediador: O Tomás estava doente. Tudo indica que parecia que ele ia morrer.

Participante M: E ele não queria que ela ficasse com o Roberto?

Mediador: Ele não queria que ela ficasse com o Roberto, parece que não.

Participante F: Mas ela sabia que ele ia morrer?

Mediador: Tudo indica que sim.

O encontro das personagens.

Categoria criada para discutir hipóteses sobre o encontro das duas personagens: a mulher e o homem, suposto amante daquela. Se havia ou não traição por parte da mulher.

Participante F: Ela pode ter ido se encontrar com ele.

Participante M: Ela saiu.

Participante F: Então será que ela saiu e foi se encontrar com ele?

Mediador: O Roberto?

Participante F: É.

Mediador: O Roberto estaria na reunião. Ele não falou que ele tinha voltado?

Participante F: Ela perguntou se ele estava namorando, ela demonstrou um certo interesse.

A cor do vestido.

O grupo levanta hipóteses sobre a função metafórica da cor do vestido que a personagem principal estava usando para ir à reunião. Os participantes do grupo discutem o simbolismo das cores e apontam interpretações para o fato.

Participante M: Mas ela foi de preto.

Participante F: E ela ia com o verde.

Mediador: Por que ela pôs preto?

Participante M: Porque o Roberto gostava.

Participante F: Para lembrar.

Mediador: Mas quem a fez pôr o preto?

Participante F: Foi o Tomás. Então, ele preferiu fazer ela ficar feliz com outro homem. Ele ia morrer mesmo. Talvez ele tinha tomado ela dele.

Mediador: Do Roberto?

Participante F: E queria se redimir antes da morte, para devolver, tipo, fazer uma devolução dela.

Tentativa de interpretação do texto.

Após algumas discussões, o grupo tenta fechar uma conclusão acerca do que fora lido. As conclusões do grupo mostram que estavam mais atentos em relação à interpretação.

Mediador: E aí, o que vocês acham disso?

Participante F: Para consertar tudo, ele queria levar ela para se encontrar com ele. O colar... Primeiro ele queria que ela colocasse preto. Aí, ela queria também pôr o colar, que só aquele dava certo, mas ele sabia que ele colocava junto com ele. Aí, depois, ele lembrou que era falso, e devolveu para ela.

Participante M: Então, mas uma coisa não está encaixando. O fato de ele ter pegado o colar, e ter tentado esmigalhar o colar.

Participante F: Ter tentado quebrar.

Mediador: Não conseguiu. E aí, ele resolve devolver o colar para ela, deixando escapar entre os dedos.

Participante F: Não valia a pena estragar o que ela teve com ele.

Participante M: Ele pegou o colar e esmigalhou.

Participante F: Ele talvez lembrou ou amassou.

Mediador: Ele quis romper essa...?

Participante: Ele quis fazer com que ela não conseguisse se lembrar dele. Mas se ela estava...

Mediador: Mas quem estava mais amargurado com a lembrança, era ela ou era ele?

Participante M: Ele Tomás, que estava mais amargurado. Toda hora ele ficava lembrando, não era?

Participante F: Mas por que esse jantar há uns anos atrás, dois dias antes...

O casamento da personagem.

A questão do casamento supostamente infeliz da personagem principal é discutida pelo grupo.

Participante M: Dois dias antes do casamento dela com o Tomás.

Participante F: Então ela pôs a roupa para tentar, ela pôs a roupa, uma coisa assim, ele colocou o colar para poder agradar o Roberto dois dias antes do casamento dela?

Participante M: Talvez ela não estivesse certa do casamento dela.

Mediador: E aí?

Participante F: E casou à força com o Tomás.

Mediador: Não, à força não está no texto.

Participante F: Não à força, mas não estava apaixonada.

Mediador: Ela não fala que se casou à força com Tomás.

Participante F: Talvez o Roberto abandonou ela, foi para uma viagem... Faz sentido.

O sofrimento do marido.

Aqui, em continuidade à discussão anterior, o grupo foca comentários sobre o possível estado de saúde e do sofrimento do marido da protagonista.

Participante F: É ele que está sofrendo.

Participante M: Mas ele sabia que o Roberto gostava dela.

Mediador: Pode ser que sim, pode ser que não. Não é verdade? Por ser que sim, pode ser que não. Qual era a certeza que ele tinha aí?

Participante F: A certeza que ele ia morrer.

Mediador: Mas ele estaria lá para conferir isso?

Participante F: Não, talvez ela poderia fazer o que ela quisesse.

Mediador: Valia a pena ele ficar daquele jeito?

Participante F: Não vale a pena sofrer por antecedência.

O sentimento da personagem principal.

Esta Categoria foi criada para discutir hipóteses sobre o sentimento amoroso da personagem principal em relação ao marido e em relação a outra personagem masculina, Roberto.

Mediador: Que a Lavínia não gosta do Tomás? Não fica claro também.

Participante F: A gente pode deduzir que ela tenha um certo interesse.

Participante M: Mas ela tem um interesse.

Mediador: É, fica claro que ela tem um interesse. Esse interesse também a gente não sabe de quando é esse interesse, se é um interesse de agora, se é um interesse de antes dela se casar, uns dez anos.

Participante F: Mas então, o certo é que ele tinha feito uma viagem, que o Tomás disse que ele tinha voltado há um ano. Então, talvez o Roberto deixou ela para a viagem, e ela acabou se casando com o Tomás.

Mediador: Interessante.

Participante M: É verdade, ele voltou de viagem.

Participante F: Porque, vamos supor, ele troca ela por uma viagem. Aí ele vai deixar ela, (00:32:28) ela casa com o Tomás.

Temas da sessão XIX:

O conto “*A Caçada*” de Lygia Fagundes Telles foi o escolhido para esta sessão. Salienta-se eu o grupo o escolheu aleatoriamente, olhando os vários títulos presentes no livro de contos. Através dele, os participantes puderam se deparar com a situação inusitada da mistura da realidade com a fantasia. A narradora apresenta um homem que se sente dentro de uma tapeçaria pendurada em um velho antiquário. O texto apresentou várias dificuldades para o grupo, principalmente quanto à situação anteriormente citada e, portanto, a interpretação demorou um pouco mais e foi necessária a interferência do mediador em várias passagens.

Tentativa de reconstrução do texto pelo reconto.

O grupo faz tentativas de reconstruir o texto a partir do reconto do mesmo. A técnica do reconto foi utilizada visto que os participantes estavam com dificuldade de entendimento do

texto lido. Percebeu-se que, durante a operação de reconto, os praticantes conseguiam remontar o texto e propor um percurso gerativo de sentido.

Mediador: Uma caçada, era uma imagem de uma caçada. E aí?

Participante F: Ele começou a se achar estranho, achou que ele fazia parte daquilo.

Participante M: Ele achou familiar.

Mediador: Ele achou familiar. Por que ele achou familiar? Ele não sabia se ele era o caçador ou se ele era...

Participante F: Acho que era a caça. Ele se viu naquela floresta, meio perseguido e de repente sai correndo, e foi atingido pela seta.

Mediador: Isso é possível?

Participante F: Não, eu acho que no sonho dele.

Mediador: Mas, ele voltou para a loja, não voltou?

Participante F: Ele voltou.

Mediador: Ele foi para a loja viu a tapeçaria, a velha conversou com ele, e daí ele foi para casa. Ele entrou no cinema, não ficou no cinema, não conseguia tirar a imagem da tapeçaria da cabeça dele, e ele foi para a casa. Estava suando muito. E o que houve?

Participante M: Um sonho.

Participante M: Ele parou em uma esquina...

Mediador: E aí e ele sonhou com quem?

Participante M: Com a tapeçaria.

Mediador: Aí ele acordou com a voz da velha falando da tapeçaria, e ele voltou para a loja.

Participante M: Olhou pela vitrine.

Mediador: Olhou pela vitrine e viu o que lá no fundo?

Participante M: A tapeçaria.

Mediador: A tapeçaria. Ele estava fissurado pela tapeçaria.

Participante F: De tanto ele ficar pensando, de tanto ficar pensando de tanto ficar revendo acabou fazendo parte.

Participante M: Mas tinha a ver com alguma coisa da vida dele o que aconteceu?

Mediador: Eu acho que talvez tenha.

Participante F: Será que foi ele que vendeu o quadro?

Discussão sobre elementos da tapeçaria.

Esta Categoria foi criada para discutir elementos da tapeçaria presentes no texto. A tapeçaria torna-se o elemento principal na narratividade do conto. A narradora propõe uma mescla entre esse objeto e a personagem principal.

Mediador: Ele começa a fugir, começa a correr, ele pressente alguma coisa estranha. Ele não estava na tapeçaria, ele estava na floresta, ele sentiu uma coisa estranha. Aí ele se lembra da touceira, do arbusto. Ele se joga no arbusto. Quando ele se joga no arbusto ele escuta a seta passando.

Participante M: Legal.

Participante M: Não entendi nada.

Participante M: Eu também não.

Participante M: Ele era caçador, pronto. Já entendemos o texto, pode ir embora.

Participante F: Ele chegou na tapeçaria.

Participante F: Ele foi atingido pela seta.

Mediador: Aí ele sente a dor.

Participante M: A flecha.

Mediador: Na tapeçaria não tinha um arqueiro com uma flecha e um arco na mão? O arco estava retesado, puxado?

Participante M: Mas, é tudo tipo um tapete desenhado?

Mediador: Era um tapete que era uma cena de uma caçada.

O arqueiro na tapeçaria.

Ainda sobre a tapeçaria descrita no conto, o grupo centra seus comentários em um elemento desta, o arqueiro. Os participantes discutem a função metafórica do mesmo e a relação deste com a personagem principal.

Participante M: Nesse tapete tinha um arqueiro?

Mediador: Tinha um arqueiro no primeiro plano. E no plano de fundo tinha um companheiro dele. Esse arqueiro estava com um arco na mão e, o arco puxado, como se ele tivesse para caçar.

Participante F: Como se ele estivesse avistado a vítima.

Mediador: Exatamente. O homem que estava vendo a tapeçaria, falava que tinha uma flecha. A velha falava que não tinha a flecha, que era um buraco na parede. Só ele que via.

Participante F: Será que foi porque ele mesmo... Não tem ciúme? Não tem uma conclusão lógica, porque ele tinha que ter passado por lá.

Mediador: Como assim?

Participante F: Eu pensei nisso, mas eu acho que não...

Mediador: Animal?

Participante M: É, ele é um animal. Não vai caçar humano.

Participante F: É, ele pode ser a caça.

Mediador: Vamos gente, vocês estão caminhando.

Participante F: E ele viu a gravura com os caçadores.

A imagem de São Francisco.

Presente no antiquário uma imagem de São Francisco com as mãos decepadas. Os participantes do grupo ficam intrigados com a figura descrita e discutem a função metafórica do santo dentro da estrutura textual.

Mediador: Tem a imagem de São Francisco com as mãos decepadas.

Participante F: Mas, existe isso?

Mediador: Então, isso é um símbolo aí. Um significado interessante.

Participante M: Ou ele estava morrendo...

Participante M: Mas essas gravuras são coisas que existiam ou não?

Mediador: Essa imagem de São Francisco existia na loja. Estava lá na loja.

Participante M: Sem mãos?

Mediador: Sem mãos.

Participante M: Decepadas. Qual o significado?

Mediador: Tinha um esverdinhado.

Participante F: Pode ter a esperança, se era verde.

Participante M: Ele estava onde?

Participante M: O verde

Participante F: O verde, céu nublado, quer dizer que é um ver não tão feliz.

Participante M: O verde apagou.

Mediador: Teoricamente, o santo faz o que?

Participante F: Diante da situação dele não podia fazer nada porque ele estava com a mão cortada.

Mediador: Olha o que ela falou.

Participante F: Que diante da situação dele, o santo não podia fazer nada porque estava com as mãos cortadas.

Participante M: Mas só o santo podia fazer.

Mediador: Agora inverte a ideia que vocês estão colocando aí do santo e pensem nele. Dele, a posição do homem.

Participante M: Ninguém podia ajudar ele.

Participante F: Porque ele estava se sentindo...

Participante M: Ele não ia suporta a flechada.

Participante M: Ele tinha esperança de sair de lá.

Participante F: Diante da situação dele o santo não podia fazer nada, então é como se ele não pudesse fazer nada.

Mediador: Como assim?

Participante F: Não tivesse uma esperança... Uma esperança de que aquilo já tivesse acontecido.

Participante M: Ele não tinha salvação.

O fato de o homem ter entrado na tapeçaria.

O fato de a personagem principal transportar-se para dentro da cena representada na tapeçaria chama a atenção do grupo e os participantes discutem hipóteses sobre tal fato, participando da cena registrada no tapete.

Mediador: Mas ainda resta, eu estou intrigado com uma coisa. Ele entrou na tapeçaria, ele entrou na tela.

Participante M: Talvez era um sonho dele.

Participante M: Uma lembrança.

Mediador: Mas, se era lembrança de alguma coisa, por que exatamente ele tinha que se tornar a caça?

Participante M: Porque, talvez antes ele tivesse sido o caçador.

Mediador: Porque ele vivia perguntando: era a caça ou era o caçador? Ele se perguntava isso.

Participante F: Porque talvez ele estivesse no lugar de ser perseguido. Tinha invertido.

Mediador: Com que função, para que?

Participante: Ele tinha sido o caçador e agora ele talvez fosse a caça. Aí, ele ficava pensando: hoje eu sou a caça.

Mediador: E o santo?

Participante M: Não podia ajudar em nada.

Participante F: Não podia ajudar ele a não se tornar a caça. Espera aí, tem a ver que o santo não podia ajudar ele porque tinha sido atingido.

Mediador: E aquele ditado? Um dia da caça...

Participante M: Então, o outro do caçador.

Participante F: Um dia ele era a caça e o santo não podia ajudar.

Participante M: O santo fez ele virar a caça. Eu não entendi direito...ele entrar na tapeçaria.

Mediador: Vocês entram no livro, vocês não leem? Quando a história é muito boa você não chega a imaginar?

Participante M: Então, mas a história só se passa nesse tapete. A tapeçaria também. Tem alguma coisa a ver?

Participante F: A velha pegou o grampo também.

Mediador: Isso é só para distrair.

Participante F: Então se um dia era da caça e outro era do caçador, um dia ele seria a caça. Só que ele não queria acreditar que ele seria a caça um dia.

Tentativa de interpretação do texto.

Mais uma vez, o grupo tenta fechar a conclusão do que foi discutido até então. Apesar de o texto ser difícil, o grupo persiste e arrisca-se na interpretação. Foca seus comentários na tapeçaria e na cena retratada nela. A inversão de papéis do caçador e da caça presente no tapete também se torna o centro das discussões do grupo.

Mediador: E aí?

Participante F: Ele não queria acreditar que ele era a caça, e o santo era a esperança de que salvasse ele. Mas ele não podia ajudar porque ele estava sem a mão. Mas por que ele estava sem a mão?

Participante M: Porque ele pecou, e quem peca não merece salvação.

Participante F: É porque, talvez, era o destino dele. Mas por que então ele era a caça? Porque a caça é uma coisa perseguida, que tem que ser morta no final. O objetivo é esse.

Mediador: O objetivo de uma caçada é esse.

Participante F: Ele não queria morrer.

Participante M: O santo fez ele se sentir como a caça.

Participante M: Ninguém podia ajudar ele naquele momento, só ele mesmo.

Mediador: Explica isso. Eu gostei disso.

Participante M: O santo não podia ajudar ele naquele momento, era só ele e ele.

Participante F: Porque não tinha ninguém.

Mediador: Por que só ele?

Participante M: Por causa dos pecados que ele cometeu.

Participante F: Ninguém podia ajudar ele naquele momento.

Participante M: É como uma prova, é só você e você, ninguém pode te ajudar.

Participante M: Só depende de você.

Participante F: É uma coisa que só você mesmo pode se ajudar.

Participante M: Nem o santo ajudou ele.

Participante M: Talvez ele estava no purgatório.

Participante M: Será que ele estava morto.

Participante F: É, porque estava um céu verde nublado, tipo como se fosse uma esperança perdida.

Participante M: Também podia ser um aviso.

Mediador: Um aviso de que?

Participante M: Para não fazer mais, não cometer os erros de antes.

Participante F: Para ele não ser a caça, para ele ser o caçador de novo.

Mediador: Mas na verdade, as peças não estão encaixando na minha cabeça. De que adiantaria eu tentar fazer as formas diferentes, se eu já fiz aqui? Já eu já fui atrás um caçador?

Participante M: Porque todo mundo merece uma segunda chance.

Participante M: Para você aprender.

Participante M: Para você ter a chance de mudar.

Participante F: Para você se sentir no lugar de quem você matou. É o oposto, um dia da caça e outro do caçador.

Mediador: Então, na verdade, tudo isso que a gente está falando é metáfora?

Participante F: O inferno que ele mesmo... Talvez um lugar de sofrimento, do animal que está sendo caçado.

Mediador: Precisava ser um animal?

Participante M: Isso aplicando na sua vida, se eu fizer o mal para ela, se equipara.

Mediador: Um dia da caça outro do caçador.

Participante F: E como ele já tinha feito o sofrimento, agora ele ficou no lugar para ver o que ele fez para a outra pessoa.

Participante M: E aprender.

Participante F: E aprender e mudar. Por isso o santo não quis ajudar ele, porque ele tinha que aprender a lição.

Participante M: Sozinho.

Participante M: O santo mostrou para ele que ele não merecia ajuda.

Participante M: Não, ele merecia uma segunda chance.

O desfecho do texto.

Categoria criada para discutir hipóteses sobre o desfecho do texto. O grupo apresenta dificuldades na interpretação do mesmo e foca seus comentários no final do conto a fim de tentar concluir o entendimento dele.

Participante M: Não entendi nada.

Participante M: No final ele parecia que era a caça e tinha o sofrimento, sei lá.

Mediador: A pessoa tem que sentir na pele aquilo que ela fez para outra pessoa. Se eu fiz um mal para ela, um dia esse mal vai voltar para mim, e eu vou ter que sentir esse mal para poder aprender que o que eu fiz para ela...

Participante M: Tudo vai, tudo volta.

Mediador: Aquilo que vai, volta. Ou o que se planta se colhe.

Participante M: É o purgatório.

Participante M: Eu estava pensando em cachorro. Estava falando de coisa séria, e pensando em cachorro.

O ditado “aqui se faz, aqui se paga” depreendido pelo texto.

Esta Categoria foi criada para discutir o ditado popular “aqui se faz, aqui se paga” depreendido do texto.

Mediador: Para a gente finalizar a nossa conversa de hoje, sobre essa ideia aqui se faz, aqui se paga. O que vocês acham?

Participante F: Às vezes acontece, você vai fazer o mal para uma pessoa você vai pagar.

Participante M: Carminha.

Participante M: O caçador mata.

Mediador: Mas a gente consegue fazer o bem cem por cento do tempo?

Participante M: Às vezes, até com a mãe você erra.

Participante M: Por exemplo, uma vingança.

Mediador: A vingança, o que vocês acham da vingança?

Participante M: É um troco.

Participante M: O que o outro fez, ele vai e faz talvez a mesma coisa.

Temas da sessão XX:

Esta foi a última sessão e o texto escolhido para ela foi “O Peru de Natal” de Mário de Andrade. A presença marcante de símbolos e a dualidade entre a felicidade da família e a morte do pai dão tom a esse conto que é narrado pelo filho mais novo, tido como louco. A aparente loucura do personagem-narrador também torna-se foco das discussões do grupo.

O pai do narrador.

O conto trabalhado na Sessão trata de uma família que perdera o pai há alguns meses e, com a proximidade do Natal, os familiares vivem a angústia se devem ou não comemorar a data. O grupo discute hipóteses sobre o pai do narrador do texto. O porquê do sentimento da família e do personagem-narrador em relação a ele.

Mediador: Mas por quê? Eu fiquei curioso.

Participante M: Porque esse Natal que eles passaram sem o pai deles foi um Natal mais feliz.

Participante F: Talvez esse Natal serviu para lembrar que o pai dele não era uma pessoa tão ruim, também foi uma pessoa boa, significativa na vida deles, e também pôr uma pedra na morte, por exemplo.

Participante M: Esqueceu as coisas tristes e lembrou só as coisas boas do pai dele.

Participante F: Aí, quando ele começou a partir o peru que a mãe tinha feito, ele deu o melhor pedaço para a mãe, e a mãe lembrou do pai. E começaram a chorar.

Participante M: E aí, ele ficou com raiva do pai porque o pai morreu.

Participante F: E aí, começaram a se lembrar das coisas boas que o pai tinha feito por eles.

Mediador: Ele começou a lembrar as coisas boas que o pai tinha feito para poder tirar a imagem do pai da história.

Participante M: Porque cada vez que ele tentava chamar a atenção da família dele eles lembravam mais.

Participante F: E eles ficaram lembrando a felicidade que era.

A metáfora do peru de Natal.

Em continuidade à discussão anterior, o grupo agora levanta hipóteses sobre a função metafórica do peru de natal presente no texto. O fato de o pai do narrador sempre comer Peru em festas da família, forçar a mesma a uma vida miserável e o fato de ser Natal despertam no grupo belas discussões. O simbolismo do peru de Natal e a relação entre ele e o pai do narrador-personagem tornam-se o foco das atenções.

Participante M: Ele quer servir. Ele falou que comeria menos para deixar a família dele alegre.

Mediador: Eu não sei, alguma coisa não está encaixando aí.

Participante F: Porque o melhor pedaço dela...

Participante M: Porque representa a consideração.

Participante F: Para ela ficar mais feliz.

Mediador: Tudo bem, ele não queria que ela servisse, porque ela sempre servia.

Participante F: Queria fazer ficar feliz, pelo menos nessa hora, queria dar o melhor pedaço.

Mediador: Mas, ela ficando feliz, ela se lembrou do pai, e ele ficou muito nervoso.

Participante M: Porque o pai sempre estava lá.

Participante M: Porque o pai estragou o Natal deles, aí ficou uma briga com os mortos.

Mediador: Os dois mortos. Quem são os mortos?

Participante M: O pai dele.

Mediador: O pai e o peru.

Participante M: O peru era a felicidade.

Mediador: Por que o peru era a felicidade?

Participante M: Porque eles estavam comendo, e era bom.

Mediador: Eles comiam sim.

Participante M: Em todas as festas.

Mediador: Por que não era tão bom quanto esse?

Participante M: Porque esse o pai dele estava morto.

Participante F: Porque o pai dele estava morto, não vivo.

Participante M: Porque ele não estava presente. Só que mesmo com o pai dele não estando presente, ele ficou triste porque o pai dele não estava presente.

Mediador: Ele não queria os familiares na casa, porque só fazia peru para os familiares comerem. Aí os familiares comiam tudo, iam embora levando um pedaço para os outros, e a mãe que tinha se matado lá na cozinha não comia nada.

Participante M: Por isso ele deu o maior pedaço para ela.

Mediador: Por quê?

Participante F: Ela sempre fez para os outros, por que não para ela?

A metáfora do Natal.

Na sequência, o grupo discute hipóteses sobre a função metafórica do Natal e sua relação com o texto.

Mediador: Tudo bem, mas ainda... Por que no Natal?

Participante M: Porque só no natal comia peru.

Mediador: Não, mas ele fala que nas festas comia peru.

Participante M: Ele tinha problema de cabeça, chamaram ele de louco.

Mediador: Ele tinha o apelido de louco.

Participante M: Ele era bipolar.

Mediador: Não, bipolar não. Gente, vocês estão colocando peças na mesa. Já está na hora da gente começar a juntar.

Participante F: Tem a ver com o pai?

Mediador: Tem a ver, lógico.

Participante F: Depois... Espera aí, mais ou menos assim que a gente falou, associação do peru ao pai, depois da morte do peru que veio a felicidade. Eles comeram e lembraram da morte do pai.

Mediador: E se eu falasse que de repente tinha uma terceira morte aí?

Participante M: Da mãe?

Participante M: De quem?

Mediador: Pensa.

Participante M: Da alegria.

Participante M: Da tristeza.

Mediador: Por que da tristeza?

Participante M: Porque, para eles, a tristeza morreu.

Participante M: Porque isso aí ficou no passado para eles.

Participante M: Porque o pai dele não conseguia ficar na tristeza, e morreu.

Participante M: A tristeza ficou no passado.

Mediador: Eu ainda acho que tem uma peça que assim... A gente está começando a fechar o quebra-cabeças. Mas eu não sei, ainda falta uma peça bem no centro, que é o Natal.

Participante M: Esperança de felicidade.

Participante M: Ele tinha a esperança da família ser feliz.

Mediador: Calma gente, eu escuto um só, e o gravador também um só.

Participante M: Ele estava esperando a felicidade voltar àquela família.

Mediador: Eles não falam disso. Mas, o Natal, não tem outra ideia junto?

Participante M: Confraternização.

Mediador: Gente, Natal celebra o quê?

Participante F: Celebra a morte de Jesus.

Participante M: Morte? Que morte? É nascimento.

Participante M: Sanguinária.

Participante F: O Nascimento. A morte é na páscoa.

Mediador: Páscoa é ressurreição.

Participante F: Então, agora eu falei certo.

Mediador: Gente, vamos lá.

Participante M: É que a felicidade dele está para nascer.

Mediador: Gente, olha o que ele falou, que interessante!

Participante M: É que a felicidade dele estava nascendo.

Mediador: Por quê?

Participante M: Porque o pai estava lá com Jesus.

Participante M: Natal celebra nascimento de Jesus. Aí ele estava celebrando o nascimento da felicidade da família dele, por causa da morte do pai.

Morte *versus* Felicidade da família.

A questão da morte do pai e a felicidade da família estavam intimamente ligadas. A libertação da família da vida opressora e medíocre que o pai proporcionava dá-se depois de sua morte e o clímax do conto está no momento em que a família come o Peru de Natal que simbolizava o pai morto.

Mediador: Mas não é estranho comemorar o nascimento da felicidade de uma família através da morte do chefe da família?

Participante M: Baseada na tristeza que se foi com ele.

Mediador: Felicidade e tristeza?

Participante M: Não ainda ficar também se ele só traz tristeza.

Mediador: Mas e aí?

Participante M: Mas é uma tristeza que traz felicidade.

Participante M: Veio a tristeza, mas depois a felicidade.

Mediador: A tristeza já tinha vindo, não tinha? Com a morte do pai?

Participante M: Faltava a felicidade.

Mediador: Mas para eles se livrarem da tristeza eles precisavam fazer o quê?

Participante M: Esquecer o pai dele, esquecer a morte do pai dele.

Mediador: Celebrando?

Participante M: Celebrando a felicidade.

Mediador: Que eles nunca teriam?

Participante M: Antes.

Mediador: Vamos fechar? E aí? Vai gente, vamos fechar? E aí?

Participante M: É estranho.

Participante F: Para a família ele trouxe a felicidade que não tiveram.

Mediador: Eles não tiveram? Como é que vocês entenderam isso?

Participante M: Eu entendi assim, que ele queria ter esperança que ele ia voltar e ia viver com a família dele.

Mediador: Através do quê?

Mediador: Tanto é verdade que tem uma hora que ele fala que o pai virou uma estrelinha. Estrelinha, olhando bem de longe. O peru, então, simboliza o quê?

Participante M: Natal.

Participante F: O pai havia morrido, mas depois vinha a felicidade.

Participante M: Simbolizava a felicidade.

Mediador: E assim como o peru tinha que ser morto, tinha que ser crucificado, tinha que ser eliminado, o pai...

Participante M: O pai também tinha.

5.3.2. Categorias Temáticas Gerais Relativas a mais de uma sessão ou aspectos mais gerais do texto:

5.3.2.1. Primeiras Impressões sobre o tema do texto lido e o estabelecimento de relações entre eles

Esta Classe foi criada para abarcar categorias que se relacionavam com o caráter preditivo dos participantes do grupo. Primeiras impressões sobre um texto, relação entre textos diferentes, predileção por gêneros textuais, etc.

Primeiras impressões sobre o texto.

Praticamente em todas as Sessões, depois de lido o texto, os participantes expunham suas primeiras impressões sobre o que fora lido. Importante frisar que, neste momento, o grupo está expondo ideias esparsas e vagas sobre o texto. Tal categoria aparece em várias sessões, escolheram-se passagens da Sessão IX e XII como exemplo:

Participante M: Gostar eu gostei, mas eu achei difícil.

Mediador: Mas o desafio de hoje é esse. Primeira coisa, o que vocês acharam do texto? Impressões, estranharam, gostaram, não gostaram?

Participante M: Eu gostei.

Mediador: Você gostou? O que te chamou a atenção no texto?

Participante M: Tudo que ela tecia, dependendo da cor, da linha, da grossura ela ia tecendo e ia saindo as tristezas, eu achei isso interessante.

Participante F: Ela foi tecendo o que ela achava que para ela era necessário, mas acabou sendo desnecessário.

Participante F: Ele tem mais de cem anos?

Participante M: Eu acho que ela morreu, porque depois que ele saiu, ele falou que tava passeando pelo cemitério.

Participante F: Era um vampiro.

Primeiras impressões sobre o segundo texto.

Relacionada à Categoria anterior, esta Categoria foi criada para mostrar as primeiras impressões sobre o segundo texto lido e discutido pelos participantes do grupo na Sessão III:

Mediador: (ininteligível: 00:20:37). E aí, o que é que vocês dizem?

Participante F: É que (ininteligível: 00:21:00) convivência dele, com uma pessoa muito autoritária, que quer tomar conta de tudo. Mas ele um dia vai dar o troco para ela (ininteligível: 00:21:10).

Participante M: Ela quer cuidar de toda a vida dele.

Participante F: É, talvez ela tenha autoritarismo demais e ele quer ser um pouco mais livre. E ele não consegue fazer isso com uma pessoa que é tão autoritária. Eu acho que ela tem que ser autoritária com ele (ininteligível: 00:21:27), não ser autoritária de (ininteligível) ser legal, mas, assim, terminantemente...

Participante F: Então, eu acho que é isso. Quem concorda? (ininteligível: 00:22:00).

Participante M: (ininteligível). Você quer saber quem concorda?

Relação entre os textos lidos.

Ainda na esteira das Categorias anteriores, esta categoria foi criada para mostrar as discussões dos participantes do grupo relacionando os textos lidos. O grupo tenta relacionar os textos lidos e discutidos através de suas temáticas.

Mediador: Ok. Por que é que esse poema conversou com você?

Participante M: Porque aqui (ininteligível: 00:41:39).

Mediador: Pus meu sonho no navio e o navio no fundo do mar. Entre outras coisas. E aí, conversa ou não conversa?

Participante F: Está relacionando tudo, gente. Ninguém (ininteligível: 00:42:21)

Mediador: E aí, os dois poemas conversam?

Participante F: (ininteligível: 00:42:28). Na convivência você tem que ter uma amizade. (ininteligível: 00:42:35).

Participante F: Aí já deve ter gente que já entra na vida da gente falando que é amigo e tem outros que não.

Participante M: (ininteligível: 00:43:34), aí chega na hora (ininteligível).

Primeiras impressões sobre o quinto texto.

Esta Categoria foi criada para mostrar as primeiras impressões sobre o quinto texto discutido durante a Sessão II.

Participante F: Ela fala que ela não sente nada (ininteligível: 00:52:30) poeta. (ininteligível) que ela fala que ela está perdida, que ela (ininteligível).

Mediador: O poema se chama Motivo. Motivo. E já me chama atenção aqui. Quer dizer, (ininteligível: 00:52:49) Motivo. Por que Motivo? “Eu canto porque o instante existe, e a minha vida está completa. Não sou alegre nem sou triste: Sou poeta. Irmão das coisas fugidas, não sinto gozo nem tormento. Atravesso noites e dias no vento. Se desmorono ou se edifico, se permaneço ou me desfaço, não sei, não sei. Não sei se fico ou passo. Sei que canto. E a canção é tudo. Tem sangue eterno e asa ritmada. E um dia sei que estarei mudo. Mais nada.”

Mediador: E aí? Esse é menos complicado um pouquinho.

Participante F: A última estrofe refere-se àquilo que a gente estava conversando que um dia tudo passa, a única coisa que é certa na nossa vida é a morte.

Mediador: “E um dia eu estarei mudo”.

Participante F: Mais nada.

Mediador: Eu estarei mudo.

Participante F: É a única certeza dela, porque o poeta (ininteligível: 00:54:00). Eu sempre falo o que eu penso.

Mediador: Ele fala o que ele pensa ou ele fala o que ele...

Participante F: O que ele sente.

Participante M: O que ele sente.

Discussão sobre os limites da interpretação do texto.

O grupo volta sua atenção para o que seria uma interpretação de texto, quais seus limites. Até onde pode ir uma interpretação. O que é possível ou não dizer sobre um texto. Os participantes levantaram a discussão sobre que é interpretar um texto e seus limites na Sessão IV.

Participante F: Mas se ele amasse tanto a família dele, ele não teria se matado então, para não deixar eles para trás.

Participante M: Mas por esse poema, como é que você vai saber a história? Pelo que está lendo.

Participante M: É verdade.

Participante F: Só tem a possibilidade. É uma possibilidade.

A música ser melhor que o poema.

As primeiras quatro Sessões foram feitas a partir da leitura de poemas; da quinta a nona, a leitura e a audição de uma música trazida pelos participantes passam a ser os objetos analisados. Na Sessão V, os participantes relatam que preferem analisar e interpretar uma música a um poema.

Mediador: Alguém quer falar mais alguma coisa? Gostaram?

Participante F: Eu gostei da música.

Participante M: Eu achei melhor trabalhar com música do que com o poema.

Participante F: Eu também.

Participante M: Eu também.

Participante M: Mas não faz tanta diferença porque, como você disse, a música é um poema.

Participante F: Ele transmite uma coisa a mais.

Participante F: Mas a gente nem sempre presta atenção na letra. Quando a gente para pra analisar...

Participante M: É verdade.

Primeiras impressões sobre a música.

Categoria criada para mostrar as primeiras impressões dos participantes do grupo sobre a música trabalhada nesta sessão. Esta categoria aparece em duas sessões, VII e VIII. Foi escolhido um trecho da sessão VII para exemplificar a categoria.

Mediador: E aí, você está apaixonado ou não?

Participante F: Está.

Mediador: Alguém quer fazer uma pergunta para ele? O porquê dessa música?

Participante F: Ele está apaixonado.

Mediador: Pessoal, vamos lá. O que mais chamou a atenção para essa música?

Participante M: Como ela repete.

Participante F: É você...

Participante M: Eu não entendi muito bem o título. (ininteligível: 00:08:15).

Participante F: Ai, que legal.

Mediador: E aí? Essa também eu não conhecia.

Participante F: Esse foi feliz.

Participante M: É, foi.

Participante M: Essa é bem legal.

Participante F: E está falando que ele foi bem feliz.

Mediador: E aí, me conta o que é que vocês acharam?

Participante M: Eu gostei do ritmo.

Participante M: O ritmo é bem legal não é.

Participante M: A história também.

Participante F: É.

Relação entre as músicas.

Após a discussão de duas músicas o grupo tenta mostrar a relação entre elas. Os participantes do grupo conseguem perceber uma relação entre as duas músicas ouvidas e discutidas e gera uma grande discussão sobre o tema. Esta categoria também ocorre em duas sessões: VII e VIII. Escolheu-se um trecho da sessão VII para exemplificar.

Mediador: Existe uma relação entre essa música e a anterior?

Participante F: Eu acho que sim. Ele encontrou a outra metade dele.

Participante M: (ininteligível: 00:33:26). A outra metade das mulheres.

Participante M: A metade que ele queria era essa daqui. Aí, resolveu...

Participante F: Aí, ele resolveu ficar com a parte boa, que é a Renatinha.

Mediador: Então, mas ele não acabou ficando com aquela que é interesseira, a Sheila, que só pensava em dinheiro. Vocês ficariam com alguém interesseiro?

Participante M: Eu não.

Participante M: Não. (ininteligível: 00:33:52).

Mediador: Eu entendi que ela fica indo para o *shopping* e para cruzeiros e tudo mais com o dinheiro dele.

Participante M: Isso que não dá para entender. Por que é que ele fez isso, não é?

Participante F: E quem canta?

Participante M: João Mineiro, não é?

Participante F: João Mineiro e Marciano. (risos)

Participante M: É. Alguma coisa dali.

Mediador: Deixa-me ver o nome de quem canta.

Participante M: Bruninho e Davi.

Mediador: Mas eu achei a musiquinha interessante.

Participante F: Eu também gostei. (ininteligível: 00:34:48).

Mediador: Eu também acho. É verdade. (ininteligível: 00:34:50). Só que “Faroeste Caboclo” (ininteligível: 00:34:55).

Mediador: Então está bom gente.

Participante M: “Faroeste Caboclo” também é do Lucas. Fala a vida inteira dele.

Mediador: O estrago que ele fez no serviço.

Mediador: Já que a gente está falando do “Faroeste Caboclo” e talvez vocês se lembrem da, qual foi o grande erro do Santo Cristo?

Participante M: Ir para as lojas roubar...

Participante M: Deixar a mulher dele (ininteligível: 00:35:50).

Participante M: Ele queria ganhar dinheiro fácil.

Participante M: Roubando. Aí um dia ele foi roubar, aí os caras bateram nele, surraram ele, aí veio um bandidão lá (ininteligível: 00:36:05). Aí ela traiu ele com o Jeremias...

Participante M: Ele matou ela?

Participante M: Não. Aí ele falou assim que ia matar o Jeremias e ela. Aí eles marcaram um lugar para duelar. Aí o Jeremias (ininteligível: 00:26:24) tiro pelas costas dele (ininteligível: 00:36:30).

Mediador: Winchester.

Participante M: A Winchester 22 que o primo disparou para ele. Aí foi lá e matou o Jeremias com 5 tiros, aí a Maria se arrependeu, matou ele e se matou depois.

Participante F: Por que é que a Maria fez isso?

Mediador: Você conhece?

Participante M: A música sim, só que (ininteligível: 00:36:55).

Participante F: Eu conheço ela inteira.

Mediador: É. Ela é grande. Então está bom, pessoal. Quem vai trazer na próxima semana, depois do feriado, quem vai trazer as músicas? Então a Márcia vai trazer no nosso próximo encontro, duas músicas.

Participante F: Já acabou?

Mediador: Já. Vocês querem falar mais alguma coisa? Nossas reuniões são muito rápidas. Vocês querem falar mais alguma coisa? Alguém quer falar alguma coisa? Então está bem, pessoal. Bom dia dos namorados para vocês.

Despertar para a leitura de um livro.

Categoria criada para mostrar que o mediador, após as discussões, incentivou os participantes do grupo a lerem um livro relacionado ao tema trabalhado na sessão. Alguns participantes relatam ter dificuldade em imaginar o que foi descrito no texto lido e, portanto, o mediador indica um livro com descrições fartas e persuasivas.

Mediador: Quem tem dificuldade para imaginar, tem um livro na biblioteca chamado “Os Sete”, para 8ª série. Chama “Os Sete”. É um livro que fala de sete vampiros portugueses que vieram parar no Brasil. Não tem como não ler aquele livro e não imaginar tudo.

Participante F: Nossa, interessante.

Participante M: Principalmente quando você conhece o local (ininteligível: 00:26:35).

Mediador: Muito bom. E se passa aqui no Brasil. O autor é brasileiro.

Participante F: Os Sete Vampiros. Eu vou bem...

Mediador: Aí, tem continuação. Tem algumas continuações para quem quiser depois ler, mas vale a pena ler “Os Sete”.

Participante F: Nossa, eu vou pegar amanhã.

Mediador: Vocês vão gostar.

Participante F: Eu falei primeiro.

Mediador: É o tipo de livro que você começa a ler e você não para mais. Não, eu quero ver o que vai acontecer. Quero ver o que vai acontecer com esse vampiro. Eles começam a atacar as pessoas, começa aquele banho de sangue. Muito legal. Então, pegue o livro para ler. Pessoal, eu vou ter que encerrar por aqui, já tem gente me esperando. Obrigado. Desculpa mais uma vez pelo atraso de hoje. Quem vai trazer?

Participante F: Eu trago.

Percepção de melhora pela participação na roda de leitura.

Durante as discussões, alguns participantes relatam que perceberam melhoria na leitura e interpretação de texto com a participação na roda de leitura.

Participante F: Até leitura de livro mais complicado assim, você tenta ler e já dá para pensar, não, espera aí...

Mediador: E depois das férias nós vamos começar com os textos mesmo. Eu vou trazer textos para vocês também. E nós vamos passar por tudo. Passamos pelos poemas, pelas músicas e agora nós vamos para as narrativas, para os textos. Vocês já fizeram esse exercício? Não reparou se mudou nada? Não? Rodrigo, melhorou alguma coisa?

Participante M: Melhorar eu melhorei. Bastante.

Mediador: Comecem a reparar. Eu acho que é legal fazer esse exercício de olhar e falar assim, é verdade, está melhorando.

Participante M: Quando eu estou lendo, parece que vem uma imagem na minha cabeça.

Mediador: Isso é a melhor coisa, Marcos. Quando você começa a ler e começa vir imagem na sua cabeça e você começa a imaginar o que você está lendo é porque está assim, olha, está realmente funcionando.

Participante F: Eu imaginei esse desenho (ininteligível: 00:25:45).

Um participante explica o sentido do texto a outro participante.

Esta Categoria foi criada para mostrar quando um participante do grupo explica o sentido do texto a outro participante do grupo. Percebe-se que a ajuda mútua torna-se uma constante durante as sessões, fortalecendo o vínculo afetivo entre eles.

Mediador: E aí?

Participante M: Não entendi o começo...

Mediador: Ana, tem algum problema, o Lucas não entendeu o começo...

Participante F: Eu? É que é assim, o pai dela ia apresentar pra ela um dos reis do norte, pra casar com ela...

Participante M: Mas ai não casou...

Participante F: Só que não queria, ele despediu ela de chinela, ela deixou tudo pra trás, o pai expulsou ela, porque depois que ela chorou muito à noite, aconteceu o que ela menos esperava apareceu uma barba, o pai dela expulsou ela com medo da vergonha que ele ia passar com ela, ela deixou o passado e foi pra frente sem saber o que ia acontecer com ela...

De maneira geral, as Categorias incluídas nessa Classe correspondem basicamente a discussões feitas em cada Sessão, despertadas pela leitura do texto trabalhado na ocasião. São comentários específicos sobre a estrutura ou a semântica textuais. Interessante salientar que à medida que os encontros aconteciam e o nível dos textos aumentava a exigência do grupo, as percepções, discussões e comentários também evoluíam. Percebeu-se que o grupo começou a ficar mais atento a relações metafóricas expressas nos textos e focava seus comentários e discussões nisso. Quando a imagem suscitada por determinada metáfora ou sentido conotativo de uma palavra ou expressão não era prontamente elucidado pelo grupo, todos debruçavam-se sobre o tema e o discutiam exaustivamente a fim de chegar a um possível significado. Salienta-se a insistência e ajuda mútua dos participantes no trabalho investigativo da elucidação do sentido conotativo do texto, propondo assim, um percurso de sentido plausível e aceitável dentro do tecido textual. As discussões acerca das temáticas metafóricas dos textos tornaram-se cada vez mais ricas e textos mais simbólicos foram introduzidos ao longo das sessões a fim de avaliar tal entrega.

Concentra-se aqui dessa forma um dos pontos centrais do projeto, pois, a riqueza dos comentários e discussões mostram o crescimento do grupo como um todo e o desenvolvimento cognitivo individual dos participantes.

5.3.3. Classes de Categorias Temáticas Externas ao Texto

Já aqui, as categorias incluídas dizem respeito a discussões do grupo acerca de temas suscitados pelo texto, comparados ou não à vida particular de cada participante ou à vida em geral. Mostram, de maneira geral, o quanto os textos lidos e as discussões levaram os participantes para outras paragens. Estão agrupadas pela temática das categorias levantadas que podem ser acompanhadas no Quadro de Classes de Categorias Externas ao texto Agrupadas pelo Tema, no Apêndice A (p. 291).

Relacionamento Amoroso:

Em várias sessões, o tema Amor aparece e é discutido pelo grupo de forma desatrelada do texto. O grupo relaciona o tema à vida de cada um, extrapolando a proposta do texto lido e discutido. Por se tratar de um assunto amplo, esta Classe divide-se em cinco subclasses: O Amor e sua importância; Dificuldades em se entregar a um novo Amor; As dificuldades em manter um Amor que, por sua vez, subdivide-se em duas subclasses: Dificuldades de convivência e Dificuldades ligadas à infidelidade; Estratégias para se superar as dificuldades em manter o Amor e Estratégias para se abrir a um novo Amor.

O Amor e a sua importância

Esta subclasse trata da importância do amor na vida das pessoas e a relação que elas têm com esse sentimento.

Amor passageiro.

O grupo aqui discute o fato de o amor ser, em muitos casos, passageiro. A partir do poema lido na Sessão I, os participantes do grupo relacionam o tema com suas vidas e experiências.

Participante F: Eu acho que o amor é passageiro. Você tem que aproveitar.

Mediador: Então, você disse: o amor é passageiro. O que vocês acham?

Participante M: Acho interessante.

Mediador: Por que o amor é passageiro?

Participante M: Eu acho que depende.

Mediador: Como assim? Depende do quê?

Participante M: Depende das pessoas, porque, talvez você pode só gostar, e vai ser diferente. Vamos supor, amar, tem gente que vive longe cinquenta anos, e mesmo assim se amam, mesmo estando separados. Depende.

Mediador: Então, você não concorda? Você concorda ou não concorda com o que está no poema?

Participante M: Na verdade eu acho que eu concordo, apesar de não estar dizendo bem do jeito que é, mas eu acho que eu concordo sim. Porque tem muita gente que está, como diz, muitos anos juntos e não se amam, sei lá.

Mediador: Diga lá...

Participante F: E acho que sim, porque, aqui, “e se um dia hei de ser pó, cinza e nada, mas que seja a minha noite uma alvorada”. Com certeza ela ama.

Participante F: Eu acho que ela pode arrumar outra pessoa para amar.

Participante F: É igual todo mundo diz, até que a morte nos separe. Eu acho que o amor pode ser até que a morte nos separe. Depende da educação. Tem gente que fala, que se casa por amor. Não é amor, é apenas uma atração. Sei lá.

Aproveitar o amor.

Categoria criada para mostrar a discussão dos participantes do grupo, na Sessão I, sobre o fato que se deve aproveitar o amor de todas as formas, pois, o mesmo passa com rapidez.

Mediador: Tudo bem, mas eu estou curioso com um verso aqui, com a terceira estrofe: há uma Primavera em cada vida, é preciso cantá-la assim florida, pois se Deus nos deu voz, foi pra cantar. E aí, o que vocês acham disso?

Participante M: Você tem que aproveitar tudo.

Mediador: Olha que legal isso, vocês concordam?

Participante M: Sim.

Mediador: Vocês estão que estão! E aí?

Participante F: O amor tem que aproveitar no começo, porque depois acalma. No tempo certo não aproveita, aí quer aproveitar depois.

Participante M: É que ela fala assim, que eu saiba perder para eu me encontrar.

Fazer o amor valer a pena.

A necessidade de fazer o amor valer a pena a qualquer custo é discutida pelo grupo também na Sessão I. De acordo com eles, esse é o sentimento mais belo que existe.

Mediador: Não sei, mas eu vou querer um sofrimento desnecessário?

Participante F: Não.

Participante F: Acho que tem que fazer valer a pena, as pessoas têm que fazer valer a pena.

Mediador: Tudo bem. Concordo com você. E qual a minha certeza de que aquela pessoa vale a pena?

Participante F: Conhecendo a pessoa. Você conhecendo a pessoa vai ter certeza de que vale a pena.

Procurar um grande amor para dar sentido à vida.

O tema amor foi bastante profícuo durante a Sessão I. Esta Categoria foi criada para mostrar a discussão dos participantes do grupo sobre o fato de que é necessário procurar um grande amor para dar sentido à vida.

Mediador: Mas aí já entra quem larguei.

Participante F: Não. Não estou falando, porque tipo, por você ter começado um grande amor...

Participante F: Você tem sempre que procurar um grande amor para dar sentido à sua vida.

Participante M: Não quero estragar a amizade.

Amor verdadeiro.

Categoria criada para mostrar a discussão dos participantes do grupo na Sessão III sobre o amor de uma forma geral, a relação das pessoas com esse sentimento e o fato de se dar valor ao verdadeiro amor que o perde.

Participante F: É verdade. (ininteligível: 00:48:02). Todo mundo (ininteligível) amor (ininteligível).

Participante M: E quando a gente perde vai dar valor.

Participante F: Tem amor de (ininteligível: 00:48:15), tem amor da família...

Mediador: Por que você escolheu esse...

Participante F: (ininteligível: 00:48:30). Ninguém sabe o que é o amor. O amor é (ininteligível).

Mediador: Cada um entende do seu jeito. Cada um ama do seu jeito.

Participante M: Cada um vê o amor de um jeito.

Participante F: (ininteligível: 00:49:00) amor.

Participante F: (ininteligível) aquela beleza deslumbrante (ininteligível).

Mediador: (ininteligível: 00:50:30) alguém se lembra?

Participante F: (ininteligível) quatro estrofes com quatro versinhos.

Expressar-se como ser apaixonado.

Durante a execução da música trabalhada na Sessão VI, uma participante relata ser apaixonada pela mesma.

Participante M: Essa música.

Mediador: Qualquer poema (ininteligível) música.

Participante F: Já me apaixonei por ele já.

O fogo da paixão.

A ideia de fogo da paixão expressa na música passa a ser discutida pelo grupo. Os participantes discutem a importância de um amor ter paixão na Sessão VII.

Mediador: Aí, ele fala assim no verso dois, “O que de um grande amor se espera, é que tenha fogo. Que domine o pensamento e traga sentido novo”. (ininteligível: 00:20:48) um grande amor?

Participante F: Tem.

Mediador: Que tenha fogo, que tenha paixão. O que é esse fogo?

Participante F: Se não acontecer incêndio.

Mediador: Aí eu acho interessante quando ele fala, no terceiro verso, “que domine o pensamento”. Um amor que domine o pensamento. O que quer dizer isso?

Participante F: Eu acho que ele (ininteligível: 00:21:06).

Mediador: Aquela pessoa que você fica pensando não é? Não sai do seu pensamento.

Entregar-se a um relacionamento para esquecer outro.

Esta Categoria foi criada a partir da discussão do texto da Sessão XVIII, refletindo a necessidade dos participantes de se entregar a um relacionamento amoroso para esquecer outro.

Mediador: A gente costuma fazer isso, para se curar de uma dor de um relacionamento, a gente se entregar para outro relacionamento? A gente faz isso?

Participante F: Deu uma risadinha...

Mediador: Deu uma risadinha, quer falar? Não?

Participante F: Para você esquecer uma pessoa você tem que lembrar de outra.

Mediador: Se na verdade ele devolve as pedras para ela... Fala...

Participante F: Ela está falando das experiências amorosas dela.

Mediador: E aí? Já aconteceu de você arranjar outro namorado para se esquecer de alguém?

Participante F: Não.

Mediador: E você? Já aconteceu de você arranjar alguma namorada para se esquecer de alguém?

Participante M: Aconteceu com o meu cachorro.

Mediador: Seu cachorro?

Participante M: O meu cachorro morreu, aí eu peguei outro cachorro para esquecer dele.

Mediador: O cachorro dela morreu na piscina?

Participante F: Não morreu de hidropisia.

Mediador: O peixe morreu afogado?

Participante F: Gente, hidropisia não é isso, ele morreu de frio. Veja bem, quando está muito frio, a água fica gelada, tem que colocar em cima da geladeira, para poder aquecer a água. Aí, o que aconteceu? Estava muito frio, aí eu deixei ele no aquário, só que eu esqueci de pôr ele em cima da geladeira, aí ele morreu com o corpo roxinho no outro dia. Aí eu chorei.

Participante M: Por que você não esquentou ele com água?

Participante F: E não me faz lembrar dessa dor, que essa dor está esquecida já.

Mediador: E aí? Para se esquecer de alguém, você ficou com alguém? Não? Não acredita nisso?

Participante M: Não.

Participante F: Nós estávamos falando a mesma coisa, tipo, não chegou a namorar, mas gostava de uma pessoa. Aí, para se esquecer dela tem que gostar de outro.

Participante F: A história é muito aberta. A gente cria o final.

Dificuldades de se entregar a um novo Amor:

Esta subclasse trata das dificuldades que as pessoas têm de se entregar a um novo Amor e os efeitos que podem advir dessa situação.

Medo de ao confessar seu amor, não ser aceito por outra pessoa.

O medo dos participantes ao confessar seu amor à pessoa amada e não ser aceito por essa pessoa passa a ser o foco das atenções. Percebe-se na fala deles que o medo da rejeição é uma constante. Sessão IV.

Participante F: De não ser aceito. A resposta negativa.

Mediador: Mas tudo bem, você corre o risco da pessoa não gostar de você, mas aí você vai ficar vivendo uma indecisão?

Participante M: É, porque assim, quando você se declarou para ela, ela percebeu que você quer mais do que amizade, e ela vai agir de um modo diferente.

Participante F: Porque é assim, tem muita gente que tenta adivinhar a resposta que a pessoa vai dar. Será que ela vai falar não, será que ela vai falar sim? Será que eu me declaro ou não?

Mediador: Mas eu não consigo entender ainda. Não é mais fácil você falar para a pessoa o que você realmente sente, mesmo que você escute um não da pessoa, não, você está confundindo tudo, não é assim, do que você viver amargurado você mesmo, na possibilidade de poder ter falado alguma coisa, e não ter falado? E anos depois você encontra aquela pessoa, e fala: nossa, eu gostei tanto de você! Mas você nunca me disse nada, eu também gostava de você.

Participante F: Nossa!

Participante M: É como um dia eu estava em uma festa, uma menina xavecando aqui, e xavecando aqui na outra. Me dá a ideia de que estava namorando. Aí a outra falou assim: é, deu a ideia de que está namorando e vai ficar agora? Não, é que eu queria ficar com você, agora não quero mais, fica com a outra.

Participante F: Igual, teve um menino da sétima que estava gostando de uma amiga minha. Só que ele ficava na minha cabeça: eu gosto dela, mas o que eu faço? Aí eu falei: é melhor você falar. Porque ele não conversou (00:10:57 ininteligível). Ele chegou lá e falou: se eu não tivesse falado com ela eu talvez teria me arrependido. Mesmo que eu levei um não, mas se eu não tivesse falado com ela, eu teria me arrependido. Mas agora ele está mais triste do que antes, porque ele falou para mim, porque até os meninos falaram que ele está mais triste, mais para baixo, mas depois passa.

Mediador: Você acha que fica mais triste mesmo?

Participante F: Se ele está gostando da pessoa, a pessoa vai lá e dá um não, o que ele espera?

Participante M: Tem aquelas pessoas que debocham da sua cara. Não, estou de boa. Ficam falando de você, vixe, fico bravo.

Participante M: Eu não sei, mas ainda acho que é melhor você ir lá e falar com a pessoa.

Participante M: Eu acho, porque, talvez, você não sabe os sentimentos dela.

Participante F: Por você. É o que ele falou, você encontra com a pessoa depois, a pessoa: eu gostava de você. E você não vai ter mais chance.

Participante M: Entendeu? A menina chega e você fala: vamos começar um relacionamento? E se ela falar não, é porque não está levando... Está levando na brincadeira, está levando na maldade, isso aí. E se ela não quiser, você está vendo que ela não está com a intenção de ficar com você.

Constatação de que compensa se declarar à pessoa amada.

Ao mesmo tempo em que apresentam medo de se declarar à pessoa amada, alguns participantes também relatam que compensa se declarar a essa pessoa, mesmo sem saber se ela o aceitará ou não. Sessão IV.

Mediador: Mas ainda volta na primeira pergunta que eu fiz para vocês: compensa não falar? Eu li aqui, ela não falou, não expressou para a pessoa amada que ela estava apaixonada por ele, e sofre com isso. O sofrimento dela, vocês falaram muito bem, o sofrimento está aqui, está transbordando no poema. Compensa isso?

Participante M: Compensa, se chegar com estilo.

Uso da carta para expressar um sentimento amoroso.

Esta Categoria foi criada para mostrar que o uso da carta para expressar um sentimento amoroso ainda é válido nos dias de hoje para o eu-lírico da música. Sessão VI.

Participante F: Ai que linda, gente.

Mediador: E aí, essa é mais fácil de entender do que a outra?

Participante F: Essa é. (ininteligível: 00:46:15).

Participante F: Ele estava escrevendo uma carta para ela não é.

Participante F: A gente está se perdendo.

Mediador: Ele está escrevendo uma carta para ela porque ela está em outra cidade. Onde ela está?

Participante M: Em Nova Iorque.

Participante M: Nova Iorque.

Como uma pessoa se sente ao estar apaixonada.

Aqui os comentários refletem como uma pessoa se sente ao estar apaixonada por outra pessoa. Discussão suscitada pelo sentimento expresso pelo eu-lírico da música e depois extrapolada pelos participantes. Sessão VI.

Mediador: Como se tivesse do lado dela fazendo a música para ela. Aí ele fala, “O que é que você fez comigo?”. O que é que ela fez com ele?

Participante M: Deixou ele desse jeito.

Participante F: Deixou ele apaixonado, tadinho.

Mediador: E alguém já se sentiu assim? Alguém já chegou a pensar nesse refrão aqui?

Mediador: Já? E aí, foi bom?

Mediador: E aí? Você ficou apaixonado?

Participante M: Ah, não sei.

Participante F: Ah, eu gostava quando (ininteligível: 00:49:40).

Mediador: Mas sempre tem alguém (ininteligível: 00:49:52) assim. Aí a musiquinha fica mais interessante ainda.

Mediador: E não é quando está apaixonada assim?

Participante F: Sei lá. (ininteligível: 00:50:18). Não.

Mediador: Não? Você já ficou?

Participante F: Já.

Mediador: Já.

Participante M: Eu já também.

Mediador: Foi bom ou foi ruim?

Participante M: Foi bom não é. (ininteligível: 00:50:40). Eu acho que ninguém aqui amou de verdade, porque é adolescente ainda (ininteligível: 00:51:00).

Encontrar a pessoa certa para um relacionamento.

A necessidade de se encontrar a pessoa certa para um relacionamento é de suma importância para o grupo. Discussão suscitada pelo sentimento expresso pelo eu-lírico da música e relacionada à vida dos participantes. Sessão VII.

Mediador: Mas é você, de acordo com o texto que a gente está vendo aqui, o que é que ele está falando?

Participante M: É a pessoa certa.

Participante F: É a pessoa certa para ele.

Mediador: A pessoa certa. É a pessoa que vai fazer o quê?

Participante M: Tudo isso.

Participante F: Fazer ele feliz.

Participante F: Seria a outra metade.

Mediador: Que preencha, olha lá, repararam aqui, ele fala lá em cima, olhem lá na estrofe de cima, “que preencha a vida vazia”. Depois embaixo ele fala, “que preenche a vida vazia”. Tem uma diferença de sentido aí?

Participante F: Tem.

Mediador: Olha, vou continuar lendo. “É você, que preenche a vida vazia. Que manda embora a agonia e que trouxe paz para o coração”. Lá em cima ele falou “e que traga paz para o coração”.

Participante F: Lá em cima ele está buscando. E depois ele achou.

Mediador: Legal. Lá em cima ele estava?

Participante M: Procurando.

Participante F: Procurando.

Mediador: E aqui embaixo?

Participante F: Ele achou.

Participante M: Ele achou.

Mediador: Viram como a mudança do tempo dos verbos mostra para a gente o que já aconteceu e o que vai acontecer? Olha que legal. No final ele arremata assim, “é você que é a dona do meu coração”.

Participante F: A gente pensa, será que ele fez a música pensando nos sentimentos dele?

Mediador: Será que não?

Participante F: Acho que (ininteligível: 00:23:48).

Mediador: E aí, gostaram?

Participante F: Eu gostei dessa música. Deu vontade de chorar.

Participante M: Eu gostei.

Medo de amar e sofrer.

Outra situação também importante para o grupo é o medo de amar e sofrer. Sessão VIII.

Mediador: “Eu francamente já não quero nem saber, de quem não vai porque tem medo de...”?

Participante F: Sofrer.

Participante M: Sofrer.

Participante F: Porque não vai amar por medo.

Participante M: Só isso você já está sofrendo, não é?

Participante F: Só de você ficar sozinho, já...

Confessar que gosta de alguém.

Mais uma vez, a necessidade de confessar que gosta de alguém é focada pelo grupo. A leitura e discussão do texto levam uma participante expor a necessidade de sempre se abrir com a pessoa amada, admitindo gostar dela. Sessão IX.

Participante F: Não, mas assim, no exemplo, eu confessaria para ela, eu estou gostando dele também.

Mediador: Então você chegaria para ela e falaria que você também gosta dele. Vocês fazem isso? Vocês têm coragem de falar para a pessoa que vocês gostam da outra pessoa?

Participante M: Os meus amigos lá são todos arrastão.

Mediador: Espera aí, não entendi, o que é arrastão?

Participante M: Eles começam a fazer gracinha.

Participante M: Que eles fazem alguma coisa que é falsa. Só faz besteira.

Participante F: Não, eu vou dar um exemplo, lá na minha igreja tem o Mateus.

Mediador: A gente não conhece o Mateus.

Participante F: Mas ele é muito... Não vale a pena conhecer.

Participante F: Vamos supor, aí um dia, mas é meio estranho você... Um dia o irmão dele veio e falou assim para mim que ele gostava de mim. E o irmão dele veio e falou para mim que ele gostava de mim, tudo, e depois foi até chato, porque eu vou falar para ela que você falou isso... fica chato para ele também.

Mediador: Mas ele não queria falar com você?

Participante F: Ele tem vergonha, ele é bem tímido. Mas tem hora que ele é meio doido, mas ele é tímido.

Timidez versus orgulho masculino.

Categoria criada para discutir a relação entre Timidez e orgulho masculinos. Após discussões sobre o comportamento masculino durante a corte a uma menina, o mediador coloca que em geral os meninos são tímidos ao lidar com as meninas. Sessão IX.

Mediador: Em geral todos os meninos são tímidos. A gente faz graça falando que não é, mas a gente é tímido.

Participante F: É orgulho.

Mediador: É nada, é timidez mesmo.

Participante F: Ele brinca bastante, mas...

Tomar a iniciativa em um relacionamento amoroso.

A necessidade de o homem tomar a iniciativa em um relacionamento amoroso é levantada por um participante. Ele mostra-se hesitante ao expor que o homem deve sempre tomar a iniciativa em um relacionamento amoroso. Sessão IX.

Mediador: Você chega em uma menina, então?

Participante M: Depende.

Mediador: Depende do quê?

Participante M: Das circunstâncias.

Mediador: Quais circunstâncias?

Participante M: Depende.

Mediador: Quais circunstâncias? Dá um exemplo.

Participante M: Mas se eu sei que a menina já está com outra pessoa. Eu tenho que conhecer ela.

Medo da rejeição.

Mais uma vez, surge nas conversas do grupo, o medo da rejeição ao se declararem à pessoa amada. Os participantes expõem que causa estranhamento o fato de uma pessoa gostar de outra e não se declarar a ela, principalmente porque tem medo de ser rejeitado. Sessão IX.

Participante M: Muitos têm medo de tomar um não.

Participante M: Se ela aceitar eu vou lá.

Participante M: Se você souber que ela vai aceitar, você vai lá. Só que, como você vai saber que ela vai aceitar?

Participante F: Mas será que compensa você só ficar? Vai ficar uma meia hora ali e tchau, se você abraçou? Não, pede em namoro, então, fica um tempo com ela. Se ela não quiser... mas você pode tentar.

Mediador: Isso é o que acontece.

Participante F: Porque fala: mas ele não gostava de mim, e não chega? Fica até meio chato, porque agora fica todo mundo zoando. O irmão dele chega e fala. Agora eu estou mais perto dele, a gente conversa um pouco, não como a gente conversava, entendeu?

Mediador: E isso te faz mal?

Participante F: É, porque eu fico com vergonha dele e ele com vergonha de mim.

Participante M: Tem medo de levar um não.

Mediador: Medo de várias coisas, do quê? Eu tinha vergonha de chegar em uma menina quando eu tinha a idade de vocês. Você tem vergonha?

Participante M: Mais ou menos, depende das circunstâncias.

Mediador: Você tem vergonha?

Participante F: Tenho.

Mediador: E você? Tem vergonha?

Participante F: Se eu gosto do cara eu vou ficando para a cara dele, sem saber o que vai acontecer, não, eu falo para ele, se sim, se não, tchau. Eu vou ficar com vergonha?

Participante M: Mas ela não é ruiva, mas é igual.

Participante F: Vamos respeitar o sentimento.

Anonimato da internet como facilitador da relação.

Categoria criada para discutir como o anonimato da internet facilita a relação amorosa, pois, nela pode-se dizer aquilo que, na realidade, a pessoa não teria coragem de dizer a outrem. Sessão IX.

Participante M: Mas na hora que está no MSN fala mais do que tudo.

Participante F: É diferente.

Mediador: Por que é mais fácil falar no MSN?

Participante F: Porque você não está olhando.

Mediador: Mas, não é um jeito de magoar a pessoa também?

Participante M: É, ela pode pensar...

Mediador: Porque uma coisa é eu estar olhando aqui para vocês. O jeito que eu falo, a entonação que eu falo, o jeito que eu falo, como eu falo, você vai interpretar de um jeito, que talvez seja um jeito que eu quero que seja interpretado. E lá no MSN que não tem entonação, não tem nada. Você interpreta, você não está vendo a cara da pessoa para saber o que ela está falando, não sabe a expressão dela.

Participante M: Mas, você não fica sem jeito, é até melhor.

Mediador: Já aconteceu de você entender uma coisa e depois a pessoa falar: mas eu não quis falar isso?

Participante F: Ontem.

Participante M: Vai, eu ouvi você falando ontem.

Mediador: Todos nós ouvimos você falando ontem. O que aconteceu ontem?

Participante M: Ela ficou encabulada.

As dificuldades em manter um Amor:

Esta subclasse trata do Amor e das dificuldades de se manter esse sentimento ou a pessoa amada e se subdivide em Dificuldades de convivência e Dificuldades ligadas à infidelidade. Em ambas foram tratados temas que afligiam os participantes e eles viram na roda de leitura uma oportunidade de expor seus sentimentos e angústias de igual para igual.

Dificuldades de convivência

As dificuldades de convivência entre as pessoas tornam-se cada vez mais patentes nos dias de hoje. Isso se deve a vários fatores que foram discutidos pelos participantes do grupo. Foram levantadas nove categorias que abarcam tal sentimento.

Não fazer para os outros o que não quer para si.

Os participantes do grupo, após discussões sobre o texto lido “*Amar*” de Florbela Espanca, levantam o questionamento que não se deve fazer a outrem o que não quer para si mesmo. Sessão I.

Participante M: Eu não faço com os outros o que eu não quero passar.

Mediador: Isso é importante. Você quer falar alguma coisa?

Participante M: Não.

Participante F: Mas ninguém quer perder.

Amar como sofrimento.

Na sessão II o tema do encontro anterior volta a ser discutido, e os participantes, após lerem o poema “*O Tempo*” de William Shakespeare discutem que o sentimento amor, embora não devesse, provoca sofrimento.

Participante F: (ininteligível: 00:29:10). Sobre o amor.

Mediador: Dá para ligar?

Participante F: Dá.

Participante M: Dá.

Mediador: O amor é absurdo, amar é absurdo?

Participante F: Não, (ininteligível: 00:29:45)

Participante F: Eu acho que dá para ligar...

Participante M: Se amar fosse escolha, ninguém ia chamar amar de sofrimento.

Mediador: Ele disse que se amar fosse uma escolha a gente não chamaria amar de sofrimento. (ininteligível: 00:30:17)

Mediador: Certo. Essa é uma perda muito grande. (ininteligível: 00:30:50) a gente chora, a gente sofre quando perde um amor. Vocês já passaram por isso?

A difícil convivência entre as pessoas.

A leitura do poema “*Nem tudo é fácil*” de Cecília Meireles desperta nos participantes do grupo o desejo de discutir a respeito da difícil convivência entre as pessoas. De acordo com eles, na contemporaneidade, está cada vez mais difícil conviver com as pessoas, pois, os pensamentos e atitudes diferem de um indivíduo a outro. Sessão III.

Participante F: Porque as pessoas que convivem têm que pensar que ninguém pensa igual. Pode até achar outra pessoa, mas ninguém tem o mesmo pensamento (ininteligível: 00:08:28). Todo

mundo é diferente um do outro. Se a gente fosse igual, a convivência seria um pouco mais fácil, porque se todo mundo pensasse do mesmo jeito (ininteligível: 00:08:42)

Mediador: Se a gente pensasse igualmente, o mundo ia ter essa diversidade que tem ele hoje?

Participante F: Ia ser sempre a mesma coisa.

O que é conviver?

Ainda na sessão III, o tema convivência continua a ser debatido. Depois de tratarem que está cada vez mais difícil conviver com as pessoas, os participantes do grupo discutem o que é conviver e concluem que conviver é, acima de tudo, aceitar as diferenças das pessoas. Sessão III.

Mediador: Eu acho que está meio complicado esse tema, não é. Então eu vou inverter a conversa. O que é a convivência? O que é conviver? (ininteligível: 00:10:08)

Mediador: O que é conviver?

Participante F: É interagir (ininteligível: 00:10:45)

Mediador: Estão me perguntando? É isso?

Participante F: Eu acho que se cada pessoa aceitasse as diferenças, seria (ininteligível: 00:12:09).

Aceitar as diferenças.

Em continuidade à discussão anterior, os participantes dialogam sobre a importância de se aceitar as diferenças das pessoas a fim de proporcionar uma convivência harmoniosa. Sessão III.

Mediador: Por que é que as pessoas precisam aceitar nossas diferenças?

Participante F: Porque (ininteligível: 00:12:16).

Participante F: (ininteligível: 00:13:08). Por exemplo, tem gente que vive (ininteligível: 00:13:20). É igual a gente falou do primeiro poeta (ininteligível: 00:13:24), mas a gente muda. (ininteligível). Só a convivência que nós vamos saber como é difícil. Tem pessoas também que se fecham (ininteligível: 00:13:36)

Mediador: Certo. Ela não quer conviver com ninguém. E (ininteligível: 00:13:54)?

Participante F: Porque você tem que conviver com as pessoas para não se perder. Para poder saber o que você tem de errado. Definir a gente (ininteligível: 00:14:05) outras pessoas.

A dificuldade de relacionamento com os sogros.

A dificuldade de relacionamento com os sogros surge nas discussões do grupo após a execução da música “*João Ribeiro*” de Bruninho e Davi. O grupo foca suas observações na postura dos sogros ao tentar impedir ou atrapalhar o relacionamento amoroso. Sessão VII.

Mediador: E aí, quem é que tem problema com sogra?

Participante F: Quem não tem?

Mediador: Você (ininteligível: 00:29:45), o que é que acontece com sua sogra?

Participante F: Compartilhar suas desilusões.

Participante M: Minha ex-sogra (ininteligível: 00:29:50).

Mediador: Ela não deixava você beijar ela?

Participante M: Não. Ficava perto dela o tempo inteiro.

Mediador: Então, você não gostava da menina.

Participante M: Gostava.

Mediador: Então, por que largou dela?

Mediador: E você, tem algum problema com a sogra?

Mediador: Já amou alguém?

Participante M: Não.

Participante M: Lógico que sim.

Mediador: É ele (ininteligível: 00:31:10). E ele já teve problema com a sogra?

Participante M: Não. Também nem conheci.

Mediador: E quem teve problema com o sogro?

Mediador: Meu sogro só (ininteligível: 00:31:30). Só isso.

Participante M: Só porque os dois estavam discutindo (ininteligível: 00:31:37).

Mediador: Por que é que você escolheu essa música?

Participante M: Porque é engraçada também.

Insociabilidade.

Durante a discussão do texto “*A moça tecelã*” de Marina Colasanti um participante do grupo concluiu que a atitude da protagonista ao destecer o que havia tecido e se tornado realidade era antissocial, pois, chegou-se à conclusão que o fato de a personagem querer ficar sozinha gerava tal característica. Sessão IX.

Participante M: É antissocial.

Mediador: É antissocial? Por que você chegou a essa conclusão?

Participante M: Ela ter o seu marido, ele gostou, ela foi lá e desteceu e ficou sozinha, e ficou alegre ainda. É antissocial.

Ficar com alguém por interesse.

O texto trabalhado na Sessão IX suscitou discussões variadas sobre a personagem da moça tecelã e, conseqüentemente, sobre aquilo que ela tecia e se tornava realidade. As discussões focaram, neste ponto, a figura do príncipe tecido pela moça que, ao perceber que o tear era valiosíssimo, começa a pedir regalias para a moça tecer, para assim, tornar sua vida mais cômoda e rica. Tal discussão foi extrapolada e levada à vida real dos participantes.

Mediador: Aí eu vou fazer uma pergunta: quem já ficou com alguém e descobriu depois que a pessoa só estava interessada?

Participante F: Me ajuda.

Mediador: Quem já ficou com alguém e depois você descobriu que aquela pessoa só estava interessada em outras coisas?

Mediador: De repente, estar interessada em ficar com você para chegar ao seu amigo.

Participante M: É isso aí.

Mediador: Está com vergonha de chegar ao seu amigo.

Participante F: Tinha uma que queria ficar com o um para chegar no outro.

Mediador: O que o ele tem para falar disso?

Participante M: É ruim.

Mediador: O que você acha disso, da menina chegar perto dela para ficar com você?

Participante M: Mas ele está zoando.

Mediador: Mas e se fosse verdade, de alguém daqui se aproximar de alguém para ficar com você?

Participante M: É chato, né.

Mediador: O que você faria?

Participante M: Ah sei lá.

Mediador: Você não ficaria com a pessoa, ou ficaria assim mesmo.

Usar alguém em uma relação amorosa.

Ainda na mesma Sessão, em continuidade à discussão anterior, o grupo centra suas observações no fato de alguém usar alguém em uma relação amorosa. Os comentários surgem após perceberem que havia interesse na relação do príncipe tecido pela moça para aplacar sua solidão naquilo que era tecido, cada vez mais, o homem tornava-se ganancioso por aquilo que o tear podia proporcionar, o que o leva a usar a moça para satisfazer suas vontades. Os participantes do grupo, além de considerarem o texto, levam-no para a vida real, comparando o fato narrado com acontecimentos reais de suas próprias vidas. Sessão IX.

Participante F: Eu vou dar um exemplo, ela vai estar usando ele, por exemplo vamos dizer que o Pedro se apaixona por ela, ela vai estar usando. Um exemplo, vamos supor que ele se apaixonou por ela, e depois ela: eu não quero você, eu quero o seu amigo. Daí, vamos supor que ele começa a namorar com ela, ele vai ficar triste, porque ele acreditou que ela gostava.

Mediador: Qual a sensação se der usado? De se sentir usado? Alguém já foi usado?

Participante M: Eu não.

Participante F: Conte mais sobre essa experiência.

Participante M: Não, eu não lembro.

Participante F: Como foi isso?

Participante M: Foi traumático.

Participante F: Você tem que dividir as experiências para nós ajudarmos.

Participante M: Ele já está ajudado.

Participante F: Para que nós possamos te ajudar.

Participante M: Foi uma menina. Eu esqueci, ele me mandou fazer alguma coisa para essa menina, uma coisa assim muito estúpida e inútil. Eu fui e fiz essa coisa para ela, só que aí o meu irmão levou créditos por isso.

Participante F: E o seu irmão com a fama que ele tem...

Participante F: E você gostava dela?

Participante M: Não.

Participante F: Pode falar a verdade. Se você ficou bravo pelo crédito que ele levou pela outra, então você sentia alguma coisa. Está bom então, ele quer continuar falando sobre as dores dele, vamos escutar.

Mediador: E você? E aí, o que você gostaria de compartilhar com a gente?

Participante F: Porque de vez em quando as minhas amigas, por exemplo, querem conversar com um menino, querem, vamos supor, ficar, alguma coisa, ela: ah Ana, vai lá, pergunta para ele se ele quer. Mas se bem que isso para mim...

Mediador: Não, mas aí você vai atrás do menino, de quem você está interessada?

Participante F: Não, vamos supor, assim, chega uma amiga minha e fala: eu estou a fim de fulano, eu quero ficar com ele. Uma suposição. Eu vou lá: a minha amiga quer ficar com você. Você quer ficar com ela? Entendeu?

Dificuldades ligadas à infidelidade:

Nesta subdivisão estão as categorias relacionadas a dificuldades ligadas à infidelidade e nela encontrar-se-ão duas categorias depreendidas de várias sessões com o grupo.

Expressão do fato de se ter mais de um (a) namorado (a).

A música trabalhada durante a sessão remete à ideia de o eu-lírico ter mais de uma namorada, cada uma com sua característica própria. Tal fato leva os participantes a discutirem a postura adotada pelo eu-lírico em relação às mulheres, pois, percebem que de todas as namoradas, apenas uma realmente o ama. Sessão VII.

Participante F: Ele tinha cinco, cada uma queria uma coisa dele ele conseguiu dar tudo.

Mediador: Mas ele, na verdade, era apaixonado por uma só.

Participante M: Renatinha.

Participante M: Renatinha.

Mediador: Por uma só.

Participante M: As outras é só para dar uns amassos.

Participante M: Eu ainda não sei é muito estranha essa história de mais de um namorado.

Participante F: Você acha estranho ter mais de um namorado, mas, mais de uma namorada, não acha.

Participante M: Não tem nada a ver, a gente tem que ter uma só.

Sofrer por outra pessoa.

O texto trabalhado na Sessão X levanta várias discussões, dentre elas, a ideia de sofrimento por outra pessoa. O foco das observações de um participante do grupo centra-se no fato que o sofrimento é inevitável.

Participante M: sei lá, modo de falar, né? A pessoa que gosta de você, você não gosta dela no mínimo você vai sofrer com outra pessoa eu acredito que você sempre quis, né?

Participante F: só se você não enxergar, procurar outra pessoa...

Participante F: você não percebe.

Estratégias para se superar as dificuldades em manter o Amor:

Esta subclasse abarca quatorze categorias encontradas em sessões variadas que se relacionam com as estratégias que as pessoas tecem para superar as dificuldades em manter um Amor.

Amor versus Perdão.

O poema “Amar” de Florbela Espanca desperta nos participantes do grupo a discussão sobre a relação entre amor e perdão. Os limites do perdão e o caráter pedagógico do mesmo também fazem parte da observação dos adolescentes. Sessão I.

Mediador: Mas não é um sentimento egoísta esse?

Participante: É.

Mediador: Ou será muito mais isso aqui de ter aquela pessoa que a gente perdeu para outra pessoa?

Participante F: Às vezes, é isso.

Participante M: Aí você fica triste.

Participante F: Aí quando você volta, você faz a mesma coisa tudo de novo.

Participante M: É, mas quem ama de verdade perdoa.

Mediador: Eu quero discutir isso aqui com você. Quem ama de verdade sempre perdoa. Então pode errar sempre?

Participante F: Não.

Participante F: Não, pode errar, mas vai ter que assumir os seus atos.

Mediador: Então é complicado. Está bom, eu errei, tudo bem, ela vai me perdoar mesmo. Ela me perdoa. Tudo bem, eu vou continuar errando, porque ela vai continuar me perdoadando.

Participante M: Mas também, depende da situação.

Mediador: Como assim?

Participante M: Depende da situação que acontecer, quer dizer, depende da pessoa. Se ela perdoar uma vez, ela vai saber que aquela pessoa vai continuar errando, mas aí vai dela falar chega, não dá mais. Ela vai cortar ali, ela vai parar por ali. Mas, às vezes, ela vai continuar perdoadando.

Participante F: Se ela disser sempre não, não, não, sempre vai ser aquela pessoa que diz não.

Participante M: Mas eu acho que a gente perdoa, tipo, para a pessoa melhorar.

Participante M: Eu acho que se você gostar mesmo de alguém não vai voltar a fazer de novo.

Participante F: Falou tudo agora.

Certeza de que a pessoa amada não errará novamente.

Esta categoria está relacionada à anterior. A questão do perdão deu continuidade e a discussão foca-se no fato que perdoar é necessário, porém, é preciso certeza de que a pessoa amada não errará novamente. Sessão I.

Participante M: Você tem que querer a pessoa, se você quiser a pessoa realmente, ela não vai ficar vacilando toda hora.

Participante F: Eu acho que tem a parte ruim e a parte boa. Não, vai ficar perdoadando, larga e volta. Aí sempre perdoa, aí volta de novo, a pessoa aceita. Tem que dizer não uma hora, vai ficar eternamente: eu te perdoo, eu te perdoo, meu amor querido.

Participante F: Eu já vi um cara que perdoou assim, e ele vai lá e fica com outra.

Mediador: Você já viu ou é você?

Participante F: Amigas minhas.

A importância de se dar bem com as pessoas.

Durante a discussão do texto trabalhado na sessão, o mediador pergunta ao grupo qual seria a importância de se dar bem com alguém e a partir daí, surgem os comentários que seguem. Sessão III.

Mediador: Eu vou fazer a mesma pergunta de novo. Qual a importância de você se dar bem com uma pessoa?

Participante F: Senão você vai ser uma pessoa isolada.

Mediador: Isso foi o que nós já conversamos a semana passada.

Constatação do excesso de uma atitude.

As discussões do poema “*Se eu morresse amanhã*” levam o grupo a se colocar na situação e uma participante diz que se fosse o último dia de vida dela, ela pegaria o cartão de crédito do avô e gastaria com compras diversas. Outro participante avalia tal atitude como excesso. Sessão IV.

Participante F: Eu achei que a nossa conclusão foi boa hoje. A conclusão delas foi boa, que ela ia viver em um dia o que ela não viveu antes.

Participante M: A Maria falou certo, ela vai lá, gasta tudo o cartão do avô dela, aí chega na hora de morrer ela não morre. Nossa, eu gastei tudo! Eu ia morrer.

Participante M: Mas o avô dela vai ficar tão bravo que ela vai morrer no outro dia, e vai enterrar. Pelo menos ela aproveitou o último dia dela feliz.

Começar uma relação mostrando o lado bom.

A música trabalhada na Sessão despertou a necessidade de se discutir o costume de se começar um relacionamento amoroso mostrando apenas o lado bom da pessoa. O grupo aponta que ninguém, de fato, mostra as duas metades de si mesmo para a pessoa amada no início de uma relação. Sessão VII.

Mediador: “Pra falar do amor de verdade, vou começar pela melhor metade. E te mostrar tudo de bom que tenho”.

Participante F: Começar pela melhor metade dele.

Mediador: Melhor metade?

Participante F: Dele.

Participante F: A melhor metade dele.

Mediador: O que é que ele tem de?

Participante F: Melhor.

Mediador: De melhor. E aí, para que ele vai fazer isso?

Participante M: Para conquistar ela?

Participante M: Para impressionar. Todo mundo faz isso...começa um namoro mostrando o lado bom.

Esconder o lado ruim de uma pessoa em um relacionamento.

Em continuidade à categoria anterior, durante a mesma sessão, os participantes do grupo apontam que as pessoas sempre escondem seu lado ruim no início de um relacionamento amoroso e que, aos poucos, a verdade vai se revelando. Sessão VII.

Participante F: Talvez, se ele começar pelo lado bom dele, quando ele falar do ruim ela não vai achar tão ruim.

Mediador: Mas, será que em um relacionamento, eu mostrando o que eu tenho de melhor, supera o que eu tenho de pior?

Participante F: Não.

Participante F: Depende.

Participante F: Depende dos podres que você tem. Se você só faz coisa errada e tiver uma coisa ou outra de bom, não vai compensar o que você faz de ruim.

Participante M: Depende. Às vezes, uma coisa boa vai compensar uma coisa ruim.

Participante F: É.

Mediador: Mas, eu fico aqui pensando, será que realmente as coisas boas de fato superam as coisas ruins de uma pessoa?

Participante: Depende. Se for uma coisa boa...

Participante M: Ninguém vai mostrar o lado ruim. (ininteligível: 00:11:43).

Participante F: Eu acho assim, não adianta você ter um sorriso falso. A pessoa vai perceber o que você é pelas atitudes.

A importância de mudar a personalidade para agradar o outro.

A música suscita várias discussões, e continuando o tema do relacionamento amoroso, surgem comentários a respeito da importância de mudar a própria personalidade para agradar a pessoa amada. O grupo aponta que tal procedimento é comum e que, no início de qualquer relação, os envolvidos mudam suas personalidades para agradar um ao outro. Sessão VII.

Mediador: É. Mas não mostrar o que eu verdadeiramente sou. Eu sou as duas metades, a metade boa e a metade ruim, que todos nós somos, mas não mostrar o meu outro lado para a outra pessoa, é falsidade?

Participante F: Eu acho assim, se eu gosto dele e ele gosta de mim, ele não tem que mudar só para me agradar e nem eu tenho que mudar só para agradar ele.

Participante M: Eu acho que a gente tem que mudar.

Participante F: Depende. Se for uma coisa (ininteligível: 00:12:30).

Mediador: Por que tem que mudar?

Participante M: Tem que mudar (ininteligível: 00:12:33).

Participante F: É, se a pessoa não aceitar os seus defeitos (ininteligível: 00:12:38).

Mediador: Mas existe isso de você mudar em virtude de outra pessoa?

Participante M: Existe.

Mediador: Existe?

Participante M: Existe o quê?

Mediador: Mudar por outra pessoa.

Participante M: Radicalmente.

Mediador: É?

Participante F: Mas não de mudar o seu jeito de ser por inteiro (ininteligível: 00:13:00).

Mediador: Esse dia dos namorados está prometendo.

Mediador: Vocês acreditam realmente que alguém muda alguém?

Participante F: Depende da pessoa.

Participante F: Por inteiro, não.

Participante F: Se ela fez uma coisa ruim a vida inteira, se a outra pessoa ajudar ela pode tentar mudar, porque ela vai ver que a outra pessoa vai ajudar ela (ininteligível: 00:14:55).

Mediador: Alguém muda alguém?

Participante M: Eu acredito que sim.

Mediador: Como assim? De que jeito?

Participante M: Eu acho que não por dentro assim, no dia a dia (ininteligível: 00:15:14).

Participante F: Mas, você fala assim, por exemplo, um defeito. Um defeito é uma coisa. Se a pessoa fala assim, eu não gosto disso que você faz, você vai mudar por ela.

Participante F: Depende da pessoa.

Participante F: Se você gosta da pessoa (ininteligível: 00:15:25), você vai querer mudar, ser uma pessoa melhor, para agradar ela.

Participante M: E se a pessoa aceitar seus defeitos?

Participante F: É. E se a pessoa aceitar você?

Mediador: Todo mundo aceita os defeitos da gente?

Participante M: Não.

Participante F: Não.

Mediador: E não vai querer mudar um pouquinho a gente?

Participante F: Claro que vai. Sempre. Sempre. Para ser do jeito que ela quer.

A importância da convivência para se conhecer uma pessoa.

O tema da importância da convivência para se conhecer uma pessoa também surge durante a sessão e os participantes colocam que só com a convivência diária com as pessoas é que se pode conhecê-las bem. Sessão VII.

Mediador: Uma coisa que me chamou a atenção, é assim “se for preciso eu desenho, que eu amo você, que eu quero você. A outra metade é defeito. Você vai saber de qualquer jeito. Anjo ou animal, suave ou fatal”. Ele vai começar conquistando ela mostrando a metade?

Participante M: Boa.

Participante F: Boa.

Mediador: E a outra metade?

Participante F: Ela vai descobrir de qualquer jeito. Mesmo a metade ruim.

Mediador: Será que isso é verdade? Será que a gente consegue descobrir a outra metade da pessoa convivendo com ela?

Mediador: E aí? E vale a pena?

Participante F: Vai depender da pessoa.

Participante F: Talvez essa pessoa que tem muitos erros está esperando você chegar para mudar ela, de uma forma boa.

Dificuldade de aceitar os defeitos de uma pessoa.

Ainda na mesma sessão, surge a discussão sobre a dificuldade de se aceitar os defeitos de uma pessoa. Os participantes percebem que, ao longo de qualquer relacionamento, a tendência das pessoas é sempre tentar mudar a outra pessoa. Sessão VII.

Mediador: Todo mundo aceita os defeitos da gente?

Participante M: Não.

Participante F: Não.

Mediador: E não vai querer mudar um pouquinho a gente?

Participante F: Claro que vai. Sempre. Sempre. Para ser do jeito que ela quer.

A importância de se abrir mão de sua essência para construir pontes entre as pessoas de um relacionamento.

O grupo observa que para um relacionamento poder dar certo é importante construir pontes entre as pessoas, a fim de que elas possam se aproximar e se conhecer melhor. Sessão VII.

Mediador: Mas, você não está perdendo a sua personalidade por causa de outra pessoa?

Participante F: Isso que eu estava pensando.

Mediador: Você não vai perder a sua essência por causa de outra pessoa?

Participante F: Não vale a pena você se perder para depois se achar? Talvez achar algo melhor? Mas daí você tem que construir ponte, não tem que construir muro. Você tem que ir melhorando tipo uma pessoa que você gosta.

Mediador: É interessante isso que você falou.

Participante F: Você tem que construir ponte para você cada vez mais ir conquistando a pessoa porque se você construir muro, você vai ficar isolado.

A importância da confiança mútua em um relacionamento.

Sob a linha da discussão do tema relacionamento amoroso, ainda na sessão VII, os participantes discutem o valor da confiança mútua em um relacionamento amoroso. O tema gerou uma longa e bastante produtiva discussão no grupo.

Mediador: O que seria (ininteligível: 00:16:27)?

Participante F: É isso que eu queria saber.

Participante F: Aí você gosta da pessoa, aí a pessoa não gosta de você. Quando você sai com os seus amigos, você (ininteligível: 00:16:40) os amigos voltam tarde.

Participante F: Isso é um absurdo. Eu acho isso um absurdo. Você vai deixar (ininteligível: 00:16:50). Não vai confiar mais na sua palavra.

Mediador: Mas, de que adianta a gente ficar construindo vários muros entre a gente e a gente viver numa redoma de vidro porque está com medo de sofrer? Sofrer todo mundo vai. Tem gente que sofre mais, tem gente que sofre menos...

Participante F: Cada um sofre do seu jeito.

Mediador: Então, mas não é essa a verdadeira função da vida, a gente sempre lidar com outras pessoas?

Participante F: É, depende da pessoa, porque tem gente que sofre, mas...

Participante F: Talvez tenha que ser uma mudança de ambas as partes.

Participante F: Eu acho o seguinte: vamos supor que meu namorado saiu com os amigos ou com as amigas, mas você foi para curtir, não fez nada demais e você chegou e contou para ele. E ele, ah, você está me traindo.

Participante F: Isso é um absurdo. Você tinha, por exemplo, ele, não vai deixar sair com os amigos. Ele tinha amigos antes.

Participante M: Eu duvido, eu aposto, se você tiver namorando, sua namorada foi para uma festa cheia de meninos, duvido que você...

Participante F: Se eu confiar nele ele pode ir para onde ele quiser sim.

Participante F: Ah, eu acho que não.

Participante F: Ele não me levou...

Participante F: Mas se foi escondido, aí...

Participante F: Não me avisou, um lugar cheio de mulher...

Participante M: Confiança.

Participante F: É. Tudo solteira...

Participante F: Não, aí já é diferente.

Participante F: Vai que aparece uma melhor que você...

Participante F: Então, aí você vai pensar, imagina se tem uma pessoa lá melhor do que eu, que ele gosta da pessoa.

Participante F: Também não adianta você amarrar a pessoa. Pode sentir atração pela outra. Por exemplo, eu estou namorando um rapaz, eu vou numa festa de formatura, tal, eu conheço outro mais legal, mais interessante, eu vou sentir atração, mas eu não vou ficar com ele, que eu vou saber que tem outro lá.

Participante F: Você larga ele e fica com o outro.

Participante F: Não.

Participante M: (ininteligível: 00:19:30) uma pegação.

Participante F: É verdade.

Participante F: Como que eu vou chegar (ininteligível: 00:19:33).

Participante F: Não, mas se não gosta mais...

Participante F: É. É melhor largar do que ficar na mentira não é.

Mediador: O que seria (ininteligível: 00:16:27)?

Participante F: É isso que eu queria saber.

Participante F: Você gosta da pessoa, a pessoa não gosta de você. Quando você sai com os seus amigos, você (ininteligível: 00:16:40) os amigos voltam tarde. A pessoa (ininteligível).

Participante F: Isso é um absurdo! Eu acho isso um absurdo! Você vai deixar (ininteligível: 00:16:50). Não vai confiar mais na sua palavra.

Mediador: Mas alguém possui alguém? Será que eu tenho o direito de não deixar a pessoa fazer o que ela quer?

Participante F: Não.

Participante M: Não.

Sentir-se bem ao lado de alguém.

Já na Sessão VIII, o tema aparece sob a perspectiva de sentir-se bem ao lado de alguém. Os participantes apontam a importância de tal sensação e a relação que ela tem com o relacionamento amoroso.

Mediador: Qual é a grande vantagem de eu estar do lado de alguém ou alguém estar do meu lado?

Participante M: Você se sente bem.

Mediador: Me sinto bem.

Participante M: Você pode se expressar.

Participante F: É. Você divide.

Mediador: Também tem uma coisa.

Participante F: Para compartilhar seus problemas.

Mediador: Legal. Compartilhar seus problemas. Que mais?

Participante M: Suas alegrias.

Participante F: Desabafar.

Mediador: Suas alegrias. Desabafar.

Participante M: Os sentimentos.

Crescimento ao lado da pessoa amada.

Em continuidade à Categoria anterior, a discussão foca a noção de crescimento pessoal ao lado da pessoa amada. Os participantes apontam que uma discussão está atrelada à outra e se complementam tornando uma relação a dois, possível. Sessão VIII.

Mediador: Os sentimentos. Mas, acima de tudo, estar com outra pessoa possibilita que eu?

Participante F: Cresça em algum sentido.

Mediador: Que eu cresça. Que eu me torne uma pessoa melhor.

Participante F: Talvez com os seus erros, ela vai te fazer ver.

Mediador: Eu vou aprender.

Participante M: Ser mais social.

Mediador: Exatamente. E seu eu não estiver com alguém? Preferir a solidão. Eu vou ter tudo isso que vocês estão falando?

Participante M: Não.

Participante F: Não.

Estratégias para se abrir a um novo Amor:

O tema Amor é bastante profícuo e gera inúmeras discussões. Os participantes do grupo têm necessidade de falar sobre o sentimento e suas implicações na vida. Desta subclasse

originaram-se Categorias que estão relacionadas com as estratégias para se abrir a um novo Amor.

Importância de se esquecer de um amor.

Nesta Categoria, o grupo conclui que é importante se esquecer de um amor para poder partir para um próximo relacionamento. Sessão I.

Mediador: Legal, muito bem. Então está, que lucro eu tenho querendo esquecer a pessoa que eu amei.

Participante M: Poder partir para a próxima.

Participante F: É, ela acha que partindo para outra ela vai se sentir melhor.

Mediador: Por que melhor?

Participante F: Assim, às vezes, a pessoa se dedica à pessoa que ama, mas, por ter sofrido demais com aquilo, ela acha que partindo para outra ela não vai sofrer tanto. É, foi encerrado.

Participante M: É isso.

Mediador: Mas, porque você chegou a essa conclusão?

Participante M: Por que ela fala que nunca mais vai perder alguém.

Mediador: Mas aí tem um problema, o poema não está falando. Ela fala: “recordar e esquecer, Indiferente”. É o que ela está falando aqui. Eu me preocupo com isso. Eu não quero recordar a pessoa com quem eu estava, ou esquecer, tente esquecer um amor. Não é a minha preocupação.

Participante F: Agora eu acho que ela quer ser independente.

Abrir-se para as pessoas se aproximarem.

As músicas trabalhadas na Sessão VIII deram margem a discussões bastante produtivas, pois, elas tratavam do tema Amor e, conseqüentemente, de relacionamentos. A necessidade de se abrir para as pessoas se aproximarem e assim constituírem um círculo de amizades e amoroso passa a ser o foco das atenções. Sessão VIII.

Participante M: É a mesma coisa que uma pessoa pergunta para você, o que é que está acontecendo com você? Você fala, nada. E tem muita coisa acontecendo.

Participante F: É.

Mediador: A gente esquece, às vezes, que quando alguém chega para a gente e pergunta, o que é que está acontecendo, não é porque aquela pessoa quer fazer fofoca da gente. É porque ela quer ajudar.

Participante F: É verdade.

Mediador: E, às vezes, gente, pelo simples fato de falar o que está acontecendo, o que está me deixando amargurado, já me deixa melhor.

Participante M: Depende da pessoa, também não é.

Mediador: Ah, mas você não vai falar para qualquer um.

Participante F: Mas, igual você falou, que a pessoa pergunta se você está bem e você fala que não está, mas, às vezes, você só quer um abraço e a pessoa...

Mediador: Então, mas você precisa mostrar para a outra pessoa o que você está querendo. E eu concordo que você não vai falar para qualquer um. Mas, o verdadeiro amigo, aquele que sabe quem é você, sabe quando você está mal.

Participante F: Sabe quando você está mal.

Mediador: Sabe quando você está mal, e vai te oferecer ajuda, e vai... E eu vou negar se eu estou precisando?

Participante M: Talvez. Tem uns que falam, não vou deixar ele se meter na minha vida não.

Participante F: Se você estiver precisando de comida, você vai morrer de fome?

Participante F: É. Tem uns que...

Participante M: Tem uns que são orgulhosos.

Participante F: É igual ele falou, ah, vai entrar na minha vida, vai querer perguntar.

Participante M: Você percebeu? Você fala, está lá chorando...

Aproveitar aquilo que há de bom em uma pessoa.

Outra categoria inter-relacionada às anteriores. O grupo avalia que é sempre importante aproveitar o que há de bom em uma pessoa para poder incorporar a si mesmo e assim aprender a se relacionar com as diferentes personalidades. Sessão VIII.

Mediador: Nunca vai ter nada. Como é que eu vou pegar o que é de bom da outra pessoa? Tem hora que eu pego o que há de ruim também. Ninguém quer o que há de ruim, mas eu pego o que há de ruim para eu aprender que aquilo para mim não serve. Como é que eu vou aprender que aquilo para mim não serve? Como é que eu vou ter certeza que eu não gosto de jiló se eu nunca comi jiló?

Participante F: Experimentando.

Participante F: Experimentando.

Participante M: Experimentando.

O homem como agente em uma relação amorosa.

O tema Amor continua na Sessão IX e o grupo discute a postura do homem como ser que toma a atitude em uma relação amorosa. Percebe-se nessa discussão uma postura culturalmente arraigada e transmitida pela família.

Mediador: Por que é tão difícil para o menino, sempre que o menino tem que tomar a decisão, tomar a iniciativa de ir lá e falar?

Participante M: Ele é homem.

Mediador: Mas não é a questão dele ser homem.

Participante F: Tem que respeitar o tempo de cada um.

Colocar as diferenças entre as salas de lado.

Na Sessão X surge a discussão das diferenças pessoais entre as duas oitavas séries da escola. Os participantes apontam que há uma espécie de sentimento de aversão entre as salas. O mediador, portanto, aponta a importância de se colocar tais diferenças de lado.

Mediador: Eu estou falando que vocês precisam sentar botar as diferenças de lado, a gente sempre tem diferença, botar as diferenças de lado, sentar você de lá, você aqui, depois juntar oitava b com oitava c e fazer alguma coisa em conjunto...

Participante M: Verdade...

Participante M: Posso falar? Tipo... No Cascata... A gente podia juntar todo mundo, oitava b, oitava c...

Mediador: É bom mesmo...

Participante M: Nada de trapaceiro...

Mediador: Não é vivido... Viver o sonho?

Participante M: É

Mediador: Que talvez você falou...

Participante M: Que nem você falou podia juntar as duas salas, você leva as duas salas...

Confraternização.

Relacionada à Categoria anterior, esta trata da intenção de se fazer uma Confraternização entre as duas oitavas séries a fim de colocar as diferenças de lado. Sessão X.

Participante M: Professor, eu vou falar você vai lembrar, conhece a Beth?

Mediador: Beth? Nunca vi essa Beth...

Participante M: Que fazia aqui ultimamente? Ela quis reunir amigos e fazer tipo um churrasco em lá na sua casa, música...

Mediador: Isso é bom pra fazer na sua sala.

Participante M: É, na sua casa não dá?

Participante M: Professor, o senhor não pode?

Mediador: Eu não posso...

Não se importar com as aparências.

O texto lido proporciona a discussão sobre o fato de que as pessoas não devem se importar com a aparência das outras pessoas, mas sim com seu interior. Esta liga-se à Categoria Interna ao Texto: Apaixonar-se pelo interior de uma pessoa complementando seu sentido. Sessão XI.

Mediador: Eu vou mudar, deixar isso de lado um pouquinho, e vou fazer uma pergunta pra vocês... Você tem um amigo ou uma amiga, que você conta seu segredo, você confia na pessoa, que a pessoa tá ali do seu lado, você vê ela pode contar com ela, não é legal isso? Será que eu poderia dizer que o que eu sinto pelo meu amigo, é uma espécie de amor?

Participante F: Sim!

Mediador: Não o amor que eu sinto pela minha namorada, não o amor que eu sinto pela minha mãe pelo meu pai, mas é um amor. Se eu tenho amizade com ele e ele é meu melhor amigo...Indiscutivelmente eu amo o Marcos. Não entenderam? Eu amo o Marcos, como meu amigo. Porque eu vi no Marcos coisas que são comuns de amigo, talvez ele goste da mesma música que eu, ele goste de jogar futebol... Entenderam? Coisas que são comuns de amigos...Ideia de compartilhar é isso... Então no caso de uma amizade, eu sendo homem e ele homem, importa isso?

Participante F: Não...O que importa é a pessoa...

Mediador: Vamos ver o texto. O rei se apaixonou pelo que?

Participante F: No caso aqui, ele se apaixonou por aquilo que ele não sabia...

Mediador: Mas precisava saber?

Participante F: Não dava pra entender que...

Mediador: Eu preciso saber quem é o Marcos?

Participante F: Pelo gesto...

Mediador: Eu preciso saber quem é meu verdadeiro amigo? Se eu estou com ele? Se aquilo que a gente faz me faz sentir bem? Não preciso. Eu preciso saber onde ele mora, não preciso disso. Então tá, vamos supor...Eu quero saber onde o Marcos mora. Vou lá e descubro onde o Marcos mora. De repente, eu descubro que ele mentiu, per aí, não me serve mais... Não tem gente que é assim?

Participante F: Tem, mas aí...

Mediador: Importava saber onde ela mora (murmúrios) Importava quem estava atrás do elmo? (Murmúrios) Porque importava?

Participante F: O que importa é o coração!

Participante M e Participante M: Nossa!

(risadas)

Participante F: Arrasou... (todos falam ao mesmo tempo)

Mediador: Tudo bem, isso importa? Será que ele se importaria com a aparência dela? Se ela tivesse tirado o capacete ali na hora, e mostrado barba escura e vermelha...

Participante F: Nossa

Mediador: Eu acho que não, ele queria ver o rosto...

Participante M: Ele não conseguiu...

Mediador: Ele queria ver o rosto, não importasse se esse rosto fosse de um homem, ele queria ver... Um cavaleiro...

Participante F: É ...

Mediador: Entenderam, de repente vê uma mulher...Não importava pra ele... A impressão que tenho é essa...

Participante F: Se ele já estava interessado...

Mediador: Não importava, no caso que o Participante M contou...Não importa se era ex-presidiário, já havia um sentimento, e no fim a família acabou gostando...

Participante F: Ficou claro.

Costumes familiares.

Nesta Sessão, em um dos temas abordados pelo grupo, o grupo centra suas observações sobre os diferentes costumes familiares e como eles interferem no comportamento das pessoas. Sessão XII.

Participante M: Ela falou da vó dela... (risadas e conversas paralelas). Aí, ela pegou tudo e bateu no liquidificador... (risadas e conversas paralelas)...

Participante F: Lembra da tia dela? Ela guardava os dentes dela debaixo da cama... (risadas)

Participante M: Que nojo...

Participante F: Quando ela faz frango... A cabeça do frango também vai pra debaixo da cama...

Participante M: Ô...Louco...

Participante F: Nossa Senhora, eu tinha me esquecido disso... (todos falam ao mesmo tempo)

Participante M: Você vai na casa dela e chama. A vó dela: "Não tá!" E ela: "já vou"... E assim, você vai falar alguma coisa: "Participante F, Participante F" Essa doida" Some daqui", sai chutando portão... Tá vendo. Isso é sinistro, sério...Ela tem pra quem puxar...

Participante F: Também...

Dar valor depois que se perde.

O poema "*Eu*" de Florbela Espanca foi um dos trabalhados durante a Sessão I e dele surgiu a discussão sobre o costume das pessoas que só dão valor ao que têm depois que perdem.

Mediador: Então esse é outro enigma desse poema. Me saiba perder para me...

Participante F: É depois que a pessoa perde que ela vai sentir o que perdeu.

Mediador: Mas por que isso acontece? Por que vocês acham que isso acontece? Por que vocês acham que a pessoa tem que perder para encontrar?

Participante M: Porque tem gente que só depois que perde valoriza. Tipo, perdeu, perdi alguém. Aí para eu encontrar ele, como é que você vai voltar para alguma coisa que perdeu? Aí está falando que tente me encontrar.

Mediador: E aí vocês concordam com isso, o que vocês acham? Tem gente muito quietinha. Não precisa ter vergonha não, pode falar. Alguém quer falar alguma coisa? Não? Pedro quer falar alguma coisa?

Participante M: Eu acho que a pessoa muda. Pode mudar para pior ou para melhor, e quando ela perde ela tem que ser melhor para recuperar.

Mediador: Não, é por aí, recuperar, valeria a pena recuperar aquilo que já está perdido?

Participante M: Depende de como foi perdido.

Mediador: Ela falou, eu quero ouvir. Está bom. Você quer falar alguma coisa? Por quê? Por que eu quero isso, por que eu quero recuperar algo que eu perdi?

Participante M: Arrependimento.

Mediador: Porque, se era bom para mim, por que eu quis perder?

Participante M: Arrependimento.

Participante F: Não deu valor.

Participante F: Você não deu valor e perdeu, agora você quer recuperar.

Constatação que o mundo está pior.

As discussões sobre os relacionamentos interpessoais levam um participante do grupo a comentar que o mundo está muito pior do que já foi um dia. Sessão IV.

Participante M: Eu acho assim, que o mundo apodreceu, e quem apodreceu com ele não tem que existir daí. O mundo apodreceu, e quem apodreceu com ele não deve existir, porque senão, não vai ter jeito de melhorar.

Mediador: Como você chegou à conclusão de que o mundo apodreceu?

Participante M: Olhando ao redor.

O Erro no relacionamento:

O Tema Erro aparece em três Sessões distintas sob algumas nuances. Percebe-se que o grupo foca o assunto de forma bastante peculiar, analisando seriamente e adotando uma postura tipicamente adulta.

Consertar para não repetir o erro.

Em relação a um dos poemas lidos na Sessão I, surge a discussão a respeito do fato de perder o ser amado. Tal situação é apontada como um erro pelos participantes do grupo e, portanto, é necessário consertar o que estava errado para não repetir o erro.

Mediador: A gente está discutindo coisas que estão ligadas a você, que dá para discutir, é essa a diferença da sala de aula. Querem voltar lá? “Que saiba perder para me encontrar”.

Participante F: Se a pessoa perder ela vai saber consertar e não repetir o erro.

Errar como fator positivo na aprendizagem humana.

Já na Sessão V, a ideia do erro aparece como fator positivo na aprendizagem humana, pois, de acordo com discussões do grupo, através dos erros cometidos, aprende-se a não errar mais e assim, alcança-se o objetivo traçado.

Mediador: Muito bom. Ele fala assim, terceira estrofe, “com a roupa encharcada e a alma repleta de chão”.

Participante M: Não importa a situação que ele estava ele sempre fazia o que ele gostava.

Mediador: E o que é que ele gostava?

Participante M: De cantar.

Mediador: “Com a roupa encharcada e a alma repleta de chão”.

Participante M: Ele ficou marcado com o que ele passou.

Mediador: Essas marcas foram positivas ou negativas?

Participante M: Positivas.

Participante F: Positivas, porque ele aprendeu.

Participante F: É, para seguir em frente. Se ele não tivesse aprendido como é que ele ia seguir em frente?

Participante F: Ele alcançou o que ele queria.

Participante F: Quem erra uma vez aprende a andar de novo.

Mediador: Eu só aprendo a caminhar quando eu aprendo a?

Participante M: Errar.

Participante M: Errar.

Mediador: Exatamente.

Participante M: Só sai do lugar quando você levanta.

Não há como desfazer as marcas de algo errado.

O grupo avalia a proposta do mediador sobre um erro uma vez feito, não há como voltar igualmente ao que era antes. Nesta categoria procurou-se relacionar essa ideia e mostrar os rumos da discussão dos participantes. Sessão XIX.

Mediador: Como aquela velha história, uma vez que você rasgou uma folha, ela nunca mais vai voltar a ser aquela folha. Você pode colar, você pode fazer o que você bem entender com a folha, ela nunca mais será a mesma folha.

Participante F: Eu ouvi uma história que um pai, que falou para o filho que cada vez que ele maltratava era como um prego. Ele falou que cada dia que ele falava alguma coisa para o pai, pregava um prego na madeira. Aí no final o pai dele falou: agora você vai tirando os pregos um por um. Você furou, deixou uma marca, nunca mais sai, ficaram as marcas. Quer dizer, você tirou, mas ficam as marcas.

Mediador: Não tem como voltar atrás. É a mesma coisa, se eu botar fogo nessa cortina aí, nunca mais. Eu posso comprar outra cortina igual e colocar, mas não é a mesma cortina.

Participante M: Você vai ficar sempre lembrando daquilo.

Mediador: E o que isso tem a ver com a amizade?

Participante M: Nunca mais vai ser a mesma.

Mediador: Uma vez que você traiu a confiança... E aí?

Participante M: É assim mesmo, depois que perdeu a confiança...

Bem-estar consigo mesmo:

O Tema Bem-estar também aparece nas discussões do grupo e foi percebido em três Sessões diferentes, surgem, pois, três Categorias relacionadas a esse tema.

Sentir-se bem ao dar uma opinião.

A ideia de Bem-estar está presente nesta Categoria pelo fato de os participantes externarem que faz bem dar uma opinião e ela ser aceita pelo grupo, diferentemente da sala de aula. Sessão I.

Mediador: É isso que vocês acham? É aquela história, aqui em sala, é a hora que você sentir vontade. Se você sentir vontade de falar alguma coisa, fala, e a gente debate. Certo? Não tem certo, e não tem errado. A gente está falando de amor. Ninguém vai falar que o cachorrinho foi à praia. Se você não fugir do assunto, não tem certo e não tem errado. É isso que eu quero mostrar para vocês. É para isso que eu estou aqui. Vejam, nós estamos discutindo, e as opiniões estão surgindo, é legal isso. A gente vai dando a opinião conforme sente a vontade de dar a opinião. Mas eu vou dizer uma coisa, legal dar opinião. Dá diferença?

Participante F: Dá.

Participante M: Faz bem dar a opinião.

Mediador: Melhor ainda, aquele calor assim, sobre um calor. Não precisa ter medo não, é só dar opinião. Pode dar opinião.

Reconhecimento pelo trabalho.

Durante a discussão do texto, um participante fala sobre a imaginação da personagem principal e diz que gostaria de ser programador de vídeo games. Os outros participantes externam seu contentamento ao reconhecerem o trabalho realizado pelo colega. Sessão X.

Participante F: Nossa a imaginação desse garoto é forte ... (risadas) jogando vídeo game... Você, já pensou você ficar rico fazendo vídeo game e meu filho jogando? Nossa, meu filho, conheci ele...

Participante M: Conheci ele, esse cara estudou comigo

Participante F: É, esse cara estudou comigo...

Tratamento igualitário.

Esta Categoria retrata a discussão do mediador com os integrantes do grupo acerca do tratamento que aquele dispensa a estes. Os integrantes percebem que há um tratamento igualitário dentro do grupo o que os motiva mais. Sessão X.

Mediador: (assovios ao fundo) Mas tá errado eu estou fazendo, vocês não... (várias pessoas falam ao fundo) Mas que ideia vocês vão me trazer? Que ideia vocês vieram me trazer? Professor, que tal a gente fizesse (arrastam uma cadeira ininteligível) ... Para a formatura? Vamos pensar juntos... Vocês pararam pra pensar que eu não trato vocês como criança mais...

Participante M: É, professor, mas somos adolescentes... (risadas)

Mediador: Isso que tenho que falar com vocês, a gente conversa de igual pra igual... Como a gente tá falando aqui...

Participante F: Ai que calor! (risadas)

Participante M: Caraca!

Mediador: Mas vocês só me veem diferente aqui nesse momento...

Participante M: Tá vendo?

Mediador: Já reparei nisso...

Participante M: Quando passa no corredor ...

Mediador: Eu sempre gostei de vocês...

Participante M: Sempre que passa no corredor não olha pra cara de ninguém...

Mediador: Sempre olho pra sua sala, olho você sempre está aqui na frente, mas eu sempre olho pra sala de vocês, eu gosto da sala de vocês...

Participante F: É verdade...

Mediador: Eu gosto das duas salas, são duas salas muito boas...

A Vida:

Ao lado do tema Amor, o tema Vida foi um dos mais discutidos pelo grupo durante as Sessões. Aqui ele está subdividido em quatro subclasses que abarcam várias Categorias que estão relacionadas ao tema. Ficou evidente a necessidade dos participantes de falar sobre o tema e assumir posturas perante o que estava sendo discutido.

Vida e suas dificuldades

Esta subclasse relaciona Categorias que estão ligadas às dificuldades apresentadas pela vida e estão espalhadas em várias Sessões.

Aproveitar a vida.

A necessidade de se aproveitar a vida aparece em duas Sessões: I e II e o grupo defende que é importante aproveitar a vida enquanto se está vivo, aproveitando tudo que a vida proporciona. Sessão I.

Mediador: Olha, para a época que ela viveu, ela era uma mulher bem à frente do tempo dela.

Participante F: Dá para perceber mesmo. Ela fala que tem que aproveitar enquanto você tem vida. Mas não que você vai fazer determinadas coisas erradas. Tem que aproveitar quem gosta de você e viver. Eu acho que é isso.

Participante M: Ela quer apenas amar, não quer sofrer, ela só quer amar. Não quer sofrer. Não quer lembrar, ela só quer amar.

Arriscar-se na vida para aprender a viver.

Continuando a discussão da Categoria anterior, o grupo centrou-se na importância de se arriscar na vida para poder aprender a viver. De acordo com os participantes, não há vida se não houver riscos. Sessão I.

Mediador: Beleza, gostei, muito legal o que ele falou. Mas, será que amar não está diretamente ligado ao sofrimento? Doe a não é? E aí gente, é com vocês.

Participante F: Mas se você não se arriscar como você vai viver? Você, o amar é complicado...

Mediador: Você quer falar alguma coisa?

Participante M: Não.

Participante F: Acho que tem que dar atenção nisso, sofrer é isso: faz parte, se você ficar com medo de dizer alguma coisa a vida inteira, ué que vida que é essa?

Vantagem de viver a vida ao contrário.

Um dos poemas trabalhados na Sessão trata da vantagem de viver a vida ao contrário e o grupo apresenta seus pontos de vistas acerca do assunto apontando que, no mínimo, seria interessante começar a vida como adulto e com toda a experiência já acumulada. Sessão II.

Mediador: O poema do (ininteligível: 00:18:15) é um poema que fala que ao invés de a gente viver a vida no sentido reto dela, nascer, crescer, envelhecer e morrer, ele está propondo que a vida deveria ser?

Participante F: Ao contrário.

Mediador: Ao contrário. Primeiro morrer, e a partir daí ir até voltar para o útero da mãe.

Mediador: Tudo bem. Mas é uma proposta do poeta. Vamos supor que a proposta do poeta fosse válida. O que é que ela tem de bom. Qual seria a grande vantagem de viver a vida dessa forma?

Mediador: Ia ser o quê?

Mediador: O que é que vocês acham disso?

Participante: Acho interessante.

As pessoas fazem a vida difícil.

Durante as discussões do texto trabalhado, o grupo aponta que o fato de a vida ser difícil é, na verdade, porque as pessoas a fazem difícil, principalmente, no que diz respeito às relações interpessoais. Sessão III.

Mediador: Uma coisa que ficou na minha cabeça: ela fala que muitas vezes as coisas são difíceis. Eu acho que o grande tom do poema é ele falar que muitas coisas são difíceis, mas na verdade é porque, será que elas são de fato difíceis ou é porque nós as fazemos difíceis?

Participante F: Porque nós, independente se a pessoa (ininteligível: 00:06:48), quer dizer que ela não vai querer fazer nada. Não vai querer, por exemplo (ininteligível: 00:06:55). Difícil é ela falar o que ela sente para os outros.

Mediador: Eu estou aqui intrigado, você falou, o difícil é ela falar o que ela sente para os outros. Por que é que você acha que é difícil você falar o que você sente para os outros?

Participante F: Porque as pessoas não vão entender.

Mediador: Qual é a importância disso?

Participante F: Para você se dar bem com as pessoas.

A vida não é fácil.

Contrapondo o exposto na Categoria anterior, o grupo aponta nesta passagem que a vida não é fácil para ninguém. A dor da vida pesa sobre todas as pessoas, conclusão apreendida através da letra da música trabalhada durante a Sessão IV.

Mediador: E que dor seria essa?

Participante M: Da vida. Está escrito aqui.

Participante F: A vida não é fácil para ninguém.

Participante M: A dor da vida me devora.

Mediador: Por que você trouxe essa música?

Participante M: Porque ela fala, se a vida fosse fácil, ele não nasceria chorando.

Mediador: Gente, a gente está se perdendo. Por que você chegou a essa conclusão de que se a vida fosse fácil a gente não nasceria chorando?

Participante M: Se fosse tudo fácil não ia nascer chorando, não é?

Mediador: Explica isso.

Participante M: Mas, por quê?

Mediador: Isso faz sentido?

Participante F: Mas, por que se a vida fosse fácil a gente não nascia chorando? De todo jeito tem que chorar, vai bater.

Mediador: Mas ele fala: se a vida fosse fácil, ninguém nasceria chorando. Não nasceria chorando, na verdade, todo mundo chora quando nasce.

Participante F: Não, tem uns que não nascem não.

Participante M: Aí, o médico ajuda.

Mediador: Mas a vida é dura para todo mundo.

Participante F: A gente tem que batalhar pelo que a gente quer...

Fuga da vida planejada pelos pais.

A vida do poeta do poema trabalhado durante a Sessão levanta uma discussão acerca da necessidade de romper aquilo que os pais planejaram para a vida dos filhos. De acordo com o grupo, é a própria pessoa quem deve ter controle de sua própria vida. Sessão IV.

Participante F: Isso que você falou eu acho que é um exemplo de vida, porque, os pais estavam planejando uma coisa para ele, e ele seguiu um rumo totalmente diferente.

Mediador: E na verdade, os pais não apenas planejaram uma coisa para ele, como fizeram. Mandaram-no para São Paulo.

Participante F: Mas será que ele não estaria indo contra o princípio dos pais?

Mediador: Ele não podia ir contra os princípios dos pais porque, naquela época, os pais mandavam muito, não é como hoje.

Participante F: Ele quis se rebelar, por exemplo... Ser independente.

A vida hoje é mais fácil que antes.

Na sequência da discussão levantada na Categoria anterior, os participantes apontam que a vida no passado era mais difícil que hoje em dia. O grupo avalia ainda que no passado não havia tantas comodidades que existem hoje e que, muito do que é feito por máquinas ou aparelhos

eletrônicos, antes era feito pela própria pessoa, além disso, os costumes familiares eram bem diferentes dos atuais. Sessão IV.

Participante M: Sei lá, que a vida hoje em dia é muito, sei lá, muito complicada.

Participante M: Antes era mais difícil do que hoje. Hoje tem mais tecnologia.

Participante M: A vida não é fácil para ninguém.

Participante M: Hoje é mais fácil, antes era tudo na mão de obra e tal, mais difícil, agora tem as máquinas.

Participante F: Hoje tem tudo o que faz para a gente.

Participante M: Hoje tem tudo o que você precisa, tudo o que você precisa tem.

Participante F: A gente não precisa fazer nada praticamente.

Participante M: Quase tudo o que você precisa tem, o que imaginar, tem.

Se houver luta, há melhoria na vida.

Ainda na mesma Sessão, continuando a linha de pensamento, o grupo discute que apesar das dificuldades se há luta, há melhoria na vida. Sessão IV.

Participante M: Esse mundo é muito ruim.

Mediador: Então não é fácil para ninguém.

Participante F: Mas se você batalhar, você vai ter uma vida melhor.

Na vida há momentos bons e ruins.

A constatação que há, na vida, momentos bons e ruins dá o tom da discussão do grupo. Os participantes apontam que há momentos na vida em que a pessoa “dança”, sai perdendo e que se a vida dá, ela tira. Sessão V.

Participante F: Tem momentos na vida que você dança.

Mediador: Explica melhor isso.

Participante F: Tem momentos que você, ah, sei lá.

Participante M: Você dança.

Participante F: É que você, às vezes, sei lá, dança...

Mediador: Mas dança em que sentido?

Participante F: Dança, assim, porque, às vezes, sai perdendo.

Participante M: Nos dois sentidos, pode ser?

Mediador: Como assim?

Participante M: No sentido bom e no sentido ruim.

Mediador: Ok. Mas, explica qual é o sentido bom então?

Participante M: Você dança com felicidade ou você dança porque perdeu alguma coisa.

Mediador: E a vida é assim?

Participante M: É.

Participante M: Não, não é não. Se ela te dá ela sempre vai tirar alguma coisa.

Continuar a vida apesar das dificuldades.

A discussão do texto lido leva à constatação que é necessário continuar a vida apesar das dificuldades encontradas. Sempre existirão problemas e a pessoa precisa persistir e passar por eles. Sessão V.

Participante F: Eu acho que ele quis colocar isso na primeira estrofe, como se fosse uma experiência vivida por ele, para que outras pessoas se também vivessem, continuassem, não desistissem.

Mediador: O que é que vocês acham disso que ela falou?

Participante F: O lugar onde ele está hoje pode ser um exemplo para muitas pessoas, porque no começo, quando recebem pedradas, já querem desistir. Ele continua levando várias e continua caminhando.

A agonia da vida vazia.

A música trabalhada na Sessão suscita a discussão sobre a agonia da vida vazia, sem ninguém ou nada com quem ou com o que se preocupar. Sessão VII.

Participante F: Essa agonia que ele se refere seria da vida.

Mediador: A agonia da vida vazia. Eu também acho. Aí ele fala ali, “É você”. Quem é você? Por que “é você”, que ele colocou aqui?

Participante M: É a escolhida.

Enfrentar os problemas para aprender a ser alguém melhor na vida.

A necessidade de se enfrentar os problemas para crescer e aprender a ser alguém melhor na vida está presente nesta passagem da discussão do grupo. Os participantes apontam que, à medida que o tempo passa, a pessoa aprende a lidar com os problemas da vida. Sessão VIII.

Mediador: Vamos tentar pensar em moinhos de vento com os problemas da vida. Qual é a relação?

Participante M: Você não consegue resolver todos os problemas.

Mediador: Consegue resolver todos os problemas?

Participante F: Não.

Participante M: Não.

Mediador: Mas você não tem que tentar?

Participante M: Tem.

Participante F: Você tem que tentar...

Participante M: Parece grande, mas é pequeno.

Mediador: Ou você vai passar o resto da sua vida fugindo deles só porque eles são grandes?

Participante M: Com o passar do tempo, eu acho que consegue.

Mediador: E como é que eu sei que, com o passar do tempo, eu consigo?

Participante M: Porque vai passando o tempo, você vai aprendendo.

Mediador: Eu vou me tornando uma pessoa mais?

Participante M: Mais sábia.

Mediador: E por que é que eu vou me tornando uma pessoa mais sábia?

Participante M: Porque vem a sabedoria.

Participante M: Porque você vai tentando.

Não aceitar que alguém controle sua vida.

Retomando a discussão da Sessão IV, os participantes apontam a importância de não aceitar que alguém controle sua vida, não apenas os pais, mas qualquer forma de controle. Sessão XI.

Participante F: Ah! É! Eu acho que cada um deve escolher o que quer.

Participante M: Deixa eu falar uma coisa...

Participante F: Eu acho que cada um tem o livre arbítrio pra escolher o seu destino. Assim, o pai e a mãe podem não aprovar: filha esse rapaz não é bom pra você.

Participante M: Uma sugestão, né?

Participante M: Uma sugestão.

Participante F: É, tipo uma sugestão.

Participante M: Ele tem os erros dele, mas pode mudar.

Participante F: É, vai ver ele pode ter até os erros dele, mas pode mudar, né?

Participante M: Pode contar como amigo.

Participante F: Pode acontecer.

Participante M: Minha irmã, ficou apaixonada por um homem, eles já são casados desde dois mil e sete, ele era ex-presidiário, em outra cidade. Meu pai não gostava dele, minha mãe não gostava dele, minha prima não gostava dele, minhas outras três irmãs não gostavam dele...

Participante F: Você tem outras irmãs?

Participante M: Duas... Acabaram se casando, agora, tipo meus pais, são os melhores amigos dele.

Participante F: Ele mudou.

Participante M: É, ele mudou.

Participante F: Ele fez por merecer, ele merecia a filha deles.

Não saber como iniciar um projeto de vida.

Nesta Categoria o grupo aponta a indecisão da personagem em começar o projeto do bordado que depois se tornaria sua realidade paralela. A discussão depois extrapola para a vida real. Sessão X.

Mediador: Pessoal, uma coisa me chamou atenção nesse texto... Na verdade várias coisas, mas repare logo na primeira linha, ela fala assim: “Começou com linha verde...”

Participante F: É o básico...

Mediador: Espere aí... É o seguinte...

Participante M: Ela não sabia começar.

Participante F: Sei lá.

O impacto da vingança na vida de uma pessoa.

A discussão do grupo gira em torno do impacto da vingança na vida de uma pessoa e até onde vai um desejo de vingança. Sessão XII.

Mediador: Olha até onde chega uma vingança, pode isso? No caso da Nina... Tudo o que ela passou em toda a novela? Vale o que ela tá fazendo agora?

Participante F: Não!

(todos falam ao mesmo tempo)

Participante M: E a foto?

Participante M: E o dinheiro?

Mediador: Ela não podia ter parado antes a vingança? (Todos falam ao mesmo tempo.) Então tá gente vamos parar por aqui...

Participante M: Nossa! Fiquei contente hoje. Consegui desvendar um texto enorme e entendi tudinho.

Vida e suas necessidades

Esta subclasse abarca Categorias que tratam das necessidades da vida em todos os sentidos. Nela estão nove Categorias que aparecem em algumas Sessões, notadamente na Sessão V.

Saber se perder na vida para se encontrar.

O poema trabalhado durante a Sessão III trata da ideia de se perder na vida para, de fato, se encontrar. O grupo avalia que é importante tal proposta uma vez que é somente se perdendo, tirando as coisas de seu lugar que a pessoa se encontra e, assim, provoca mudanças em sua vida.

Mediador: Quer dizer, que saiba me perder para me?

Participante F: Encontrar.

Mediador: Encontrar. E que saiba perder para me encontrar. E para eu me encontrar, para eu saber quem eu sou na verdade

Participante M: Você precisa perder.

Mediador: Perder em que? Me perder na imensidão que é a outra pessoa. Ele tem uma vivência, ela tem outra vivência. Ele é um universo, ela é outro universo. Se eu quero conviver com ele, se eu quero conviver com ela, eu preciso me perder nesses dois universos. Tirar o que é bom e o que não é bom e ver aquilo que eu posso ceder e o que eu não posso ceder. Conviver é um jogo direto disso. (ininteligível: 00:15:18). Hoje eu cedo, amanhã eu cobro (ininteligível: 00:15:34).

Mediador: Ao mesmo tempo.

Participante F: É.

Participante F: Eu acho que nenhum poeta tem (ininteligível: 00:16:18), porque a gente (ininteligível) nas outras (ininteligível) hoje.

Mediador: E a ideia é essa.

Participante F: E a ideia é essa. Talvez possa acabar agora (ininteligível: 00:16:30)

Participante F: Eu falo assim, porque ele está falando que ele vai dar o troco e vai fazer muito pior. Vai saber. (ininteligível: 00:22:10) com a vida dele, o que ele pode e o que ele não pode fazer. Ele que decide, não ela.

Participante F: (ininteligível) mas, ao mesmo tempo ele pode amar ela tanto que ele pode perdoar o jeito dela. Talvez (ininteligível: 00:22:47).

Participante F: Porque foi preciso ele perder para poder se encontrar. Ele perdeu para depois ele se encontrar.

Participante F: Ele se perdeu nela para poder se encontrar. Talvez aquilo lá era uma ilusão. Ele achou que ela (ininteligível: 00:23:08). Ela era um sonho, ela era uma ilusão.

Começa-se de baixo para subir na vida.

A partir da discussão da música, depreendeu-se que na vida deve-se começar de baixo para poder subir e conquistar novos horizontes. Os participantes apontam que essa ideia acontece com muitas pessoas, incluindo famosos. Sessão V.

Mediador: Como é que vocês chegam a essa conclusão?

Participante M: Sei lá. Porque já aconteceu de verdade.

Participante M: Um monte de cantor brasileiro que começa a cantar por necessidade.

Participante M: Zezé de Camargo e Luciano começaram desse jeito.

Participante F: A maioria dos cantores que começaram, começaram pobres. Começaram do zero.

Mediador: E tirando o cantor?

Participante M: Artista.

Participante M: Jogador de futebol.

Mediador: Artista, jogador de futebol, quem mais? E será que, tirando artista, tirando cantor, tirando jogador de futebol, dá para a gente ligar, por exemplo, com as pessoas mais simples?

Participante M: Dá.

Participante F: Dá, porque passou (ininteligível: 00:15:55). Dependendo da pessoa, ela vai (ininteligível) um sonho bom para conseguir coisas.

Participante F: Quanto mais ela trabalha mais ela ganha experiência no trabalho. Então, se ela ganhar muito experiência em lugares ruins, ela não vai ficar (ininteligível: 00:16:18), e assim vai sempre.

Na vida tem-se que fazer o que gosta.

Continuando a discussão anterior, o grupo avalia que, para se conseguir algo na vida, é importante fazer aquilo de que gosta, pois assim, haverá dedicação, foco, muito trabalho e recompensa. Sessão V.

Mediador: Então, vamos lá. “Que muita gente boa pôs o pé na profissão”. Que profissão? “De tocar um instrumento e de cantar”. Essa era a profissão. “Não importando se quem pagou quis ouvir”. Não importava. Ele queria...

Participante M: Ele cantava porque gostava.

Mediador: Exato. Queria cantar por que...

Participante M: Gostava.

Participante F: Gostava.

Mediador: E a gente tem que trazer isso para a nossa vida de que jeito? Fazendo o quê?

Participante M: O que eu gosto. Não o que os outros gostam.

Participante F: Você tem que... Não importa o que estão dizendo, o que importa é que você esteja feliz consigo mesmo.

Participante M: (ininteligível: 00:17:35) passa pelo (ininteligível), depois vai ganhar a vida.

Participante F: Ela ficou feliz porque ela gostava.

Mediador: Então, fala para mim da primeira estrofe, o que é que vocês acharam?

Participante M: Da hora. Que é o começo para ganhar a vida. Primeiro ele gostar do que faz, sem se importar com os outros.

Mudar de vida como algo necessário.

A discussão avança e agora o grupo foca na necessidade que as pessoas têm de mudar de vida para vislumbrarem novos objetivos e, conseqüentemente, uma vida melhor. Sessão V.

Participante M: Você vai cantar, aí você vai conquistando as coisas, você tem a vida que você vai trilhar.

Mediador: Legal. Olha aí, gente. Mas, olha o que ele fala embaixo, “tenho comigo as lembranças do que eu era”.

Participante M: Aí já melhorou de vida já.

Participante F: Aí já melhorou de vida. Ele já melhorou do primeiro (ininteligível: 00:19:27).

Mediador: Ele não se esquece...?

Participante F: De quem ele era.

Mediador: De quanto...

Participante M: Ele sofreu para conseguir o que ele mais queria.

Mediador: Legal isso.

Participante M: Ele já viveu o Silvio Santos e lembra.

Participante F: Ele coloca uma coisa, “foi assim”, então, quer dizer, ele pode ter mudado de vida, desde o primeiro parágrafo, da primeira estrofe.

Não desistir de lutar por uma vida melhor.

Ainda na mesma Sessão, os participantes focam seus comentários no fato que as pessoas não devem desistir de lutar por uma vida melhor e assim conquistar novos objetivos. Sessão V.

Participante F: É verdade. Ele não desistiu, porque se ele tivesse desistido ele nunca teria chegado no lugar onde ele está. A gente nunca pode desistir de um sonho, uma vontade. Tem que persistir.

Participante M: Do que ele gosta, de cantar.

Mediador: Exatamente.

Participante M: E ele se expressa cantando.

Mediador: Ele se expressa cantando. O que mais vocês acham? O que é que você acha? Por que é que você acha que ele fala assim, “não me canso de viver, nem de cantar”?

Participante F: Porque ele não se cansou da vida. Ele lutou tanto por aquilo lá e agora...

Mediador: Mas por que é que ele não se cansa de viver nem de cantar?

Participante F: Porque a vida dele é cantar.

Participante F: Muito mais, porque ele viveu mais experiência para ele cantar.

Participante M: Quanto mais ele viver, ele tem mais experiência para cantar a vida. A vida é assim: a gente tem que viver para poder ter o que contar.

Mediador: Legal.

Participante F: É, a vida dele é cantar, e se ele...

A importância do amor na vida.

Nesta Categoria o grupo discute a importância de se ter um Amor na vida. Aponta ainda que se a pessoa não tiver esse sentimento não há vida. Sessão VIII.

Participante M: Da sua vida. Para aproveitar a vida.

Mediador: Mas em que sentido, Marcos?

Participante F: Amar, ser amado.

Mediador: Será que é só no amor? O que é que vocês acham?

Participante M: Acho que não.

Participante F: O amor (ininteligível: 00:05:38) a vida. Se você não tiver amor pelo próximo não tem como viver. Você vai ser uma pessoa renegada, porque você não amando ninguém vai retribuir seu amor. Ah, eu gostei gente.

Aproveitar ao máximo o que se tem na vida.

A discussão aqui foca a importância de se aproveitar ao máximo o que se tem na vida, visto que a vida é célere e quando menos se espera, acabou. Sessão IX.

Participante F: Por exemplo, tem gente que fica brincando o dia inteiro na sala, mas acha que sei lá, não vai precisar de nada.

Participante M: Para que a gente vai aprender isso, para que isso vai servir?

Participante F: Para que isso vai servir na vida?

Participante F: Em matemática, a gente sempre pergunta, para que a gente vai usar no futuro? Para que vai usar?

Participante F: Então, o menino que estava na nossa sala, falou: para que eu vou estudar, eu vou ficar brincando o dia inteiro na sala de aula, porque eu não vou precisar disso.

Participante M: Ela falou que a professora de artes não ia ser artista, isso eu me lembro. Ele olhou para ela: eu não vou ser artista, eu não preciso disso.

Participante F: Mas quanto mais conhecimento você tem...

Necessidade de se crer em algo na vida.

Na Sessão XV a discussão assumiu um caráter mais sério e centrou-se no quesito crença de vida. O grupo discutiu a necessidade de se acreditar em algo na vida, principalmente, na vida após a morte. Sessão XV.

Mediador: Então, vão mudar um pouco o rumo dessa conversa. Por que a gente tem essa necessidade de crer ou não em alguma coisa?

Participante M: Por que se você não crer, você vai viver para quê?

Participante F: Para ter uma esperança para viver, sei lá.

Participação M: Uma efetivação.

Mediador: Então, deixa-me ver, se eu estou entendendo o que vocês estão falando. Vocês estão falando que, me corrijam-me se eu estiver errado, que é importante ter essa esperança que vocês estão falando, que haverá uma recompensa no pós-vida que compensaria alguma coisa na atual situação. Mas, ao mesmo tempo, vocês não têm certeza de que isso exista ou não.

Mudança de vida.

O grupo discute a possibilidade de deixar a escola no ano seguinte e a mudança que esse fato importaria a suas vidas, visto que, todos seus amigos estão na mesma escola e estão juntos há muito tempo. A separação e a mudança de vida preocupam os integrantes do grupo. Sessão XV.

Participante F: Para de me lembrar disso.

Mediador: Gente, faz parte. Assim como esse assunto que a gente acabou de discutir que a morte faz parte da nossa vida, faz parte.

Participante F: Eu fico triste.

Mediador: Eu não posso querer que vocês fiquem aqui o resto da vida, não tem jeito. Vocês têm que seguir o caminho de vocês. Mas, eu quero que vocês sempre pensem o que significou a escola para vocês. Entenderam? É isso que vocês têm que pensar. O que significa isso? Isso é muito importante.

Participante M: As advertências.

Participante M: A minha história está aqui.

Vida e suas peculiaridades

Esta subclasse agrupa Categorias que estão ligadas aos detalhes da vida. Detalhes esses que fazem vida o que ela é. Ela agrupa dez Categorias que estão dispostas em várias Sessões.

Pecado.

A formação religiosa de alguns participantes do grupo vem à tona nesta discussão quando o assunto focado é o Pecado. A noção de punição divina por um erro cometido é bastante evidente na fala deles. Sessão II.

Participante M: Talvez quem pecou não acredita na *Bíblia*, não acredita em Deus (ininteligível: 00:17:40). Eu acredito (ininteligível) só que eu não acredito na *Bíblia*.

Relação do poema com a vida.

Categoria criada para mostrar a relação do poema com a vida em geral.

Participante F: Eu acho que isso liga, da Cecília Meireles, liga um pouco com a vida. Porque a nossa vida é um barquinho. Nossa vida, a gente está lá, joga no mar. É igual o barquinho, ela está sujeita a naufragar, está pode ser em ondas, pode estar na maré calma. Eu acho que (ininteligível: 00:45:55)

Participante F: Eu penso assim, (ininteligível: 00:46:24). Eu acho assim, que tudo é questão de tempo. Às vezes, eu tenho um sonho e na (ininteligível: 00:46:33). É tipo assim, ela falou aqui: “chorarei quanto for preciso, para fazer com que o mar cresça, e o meu navio chegue ao fundo, e o meu sonho desapareça”. Aí, tem essa parte muito bonita: “depois, tudo estará perfeito; praia lisa, águas ordenadas, meus olhos secos como pedras, e as minhas duas mãos quebradas”. Será que ela tem que sofrer para depois aprender o que é certo e ser feliz?

Participante: (ininteligível) qualquer coisa a gente pode desviar, mas uma maré que vem, uma maré (ininteligível: 00:47:52) eu acho que (ininteligível).

Suposição sobre se é uma confissão amorosa de mulher para mulher: o preconceito homofóbico.

Nesta Categoria, os participantes discutem a possibilidade de o poema lido ter sido escrito por uma mulher e endereçado a outra mulher. A questão da homofobia é discutida pelo grupo.

Sessão IV

Mediador: Muda alguma coisa?

Participante M: Não.

Participante F: Eu acho que muda, gente.

Mediador: Muda o quê?

Participante F: Aqui fala que ela se sente culpada de não ter falado.

Participante M: Aí, ela queria ser só a primeira pessoa.

Mediador: Por quê?

Participante M: Eu não entendi. O sorriso, o sorrisão.

Mediador: E aí gente, muda alguma coisa o fato de ser de uma mulher para outra mulher? Por que vocês ficaram quietos de repente?

Participante F: Mas olha aqui, no terceiro parágrafo, ela fala... Por exemplo, aqui no terceiro parágrafo ela fala, eu acho que é um menino. Estou viajando. Ela está assim, como se os dois nascêssemos irmãos. Se fosse menina ela não teria que dizer: se nós duas nascêssemos irmãs? Ou ela quer subentender algo que ela quer deixar... Por exemplo, pode ser uma menina, mas se ela quiser estar subentendendo? Ai, eu não entendi isso.

Participante F: Eu falei que eu não sabia. Eu tento, mas eu não consigo saber isso não.

Mediador: Na realidade eu só perguntei para vocês se mudaria alguma coisa se tivesse, se quem tivesse escrito fosse uma menina escrevendo para outra menina.

Participante M: Lógico que não. Porque menina escrevendo para outra menina tem preconceito. Vai escrever para a sua irmã. Todo mundo vê maldade já.

Expressão do último desejo perante o último dia de vida.

Neste trecho de discussão, os participantes são instigados a posicionarem suas opiniões sobre qual seriam seus últimos desejos se fosse seu último dia de vida. Nota-se que as colocações se dividem e mostram as posturas bem interessantes de cada um deles. Sessão IV.

Mediador: E se você morresse amanhã, o que você faria hoje?

Participante F: Nossa!

Participante M: Mas que eu sabia que eu ia morrer amanhã?

Mediador: Se você soubesse que você morreria amanhã.

Participante M: Eu ia esperar dar meia noite, (00:35:52 ininteligível).

Mediador: Se você soubesse que hoje é o seu último dia, o que você faria hoje? Eu quero ouvi-los, o que você faria hoje se hoje fosse o seu último dia?

Participante F: Eu?

Participante M: Eu pegaria a minha família e iria lá para o *Hopi Hari*.

Mediador: Não naquele brinquedo que despencou, não é?

Participante F: Aí, morria antes.

Participante F: Premonição.

Participante M: Eu iria na igreja.

Mediador: O que você faria se hoje fosse o último dia?

Participante M: Eu ficaria o dia inteiro com os meus amigos, já que estaria certo.

Participante M: A mesma coisa.

Participante F: Mas, e se fosse a vontade de Deus que você morresse? Você sabe, mas não tem como fazer mais nada.

Participante M: Eu ficaria com a minha família.

Participante M: Eu pediria para Deus deixar eu ficar mais um pouco.

Participante F: Mas e se Ele quisesse te levar? Por exemplo, você ia sofrer. Você falou uma coisa importante, ele falou assim, que ele iria para a igreja. Mas, vamos supor, se Deus quisesse levar ele antes? Por exemplo, no futuro vai acontecer uma coisa com você que eu não quero que aconteça, Ele vai te levar antes para que você não sofra.

Participante M: Esse é o problema das pessoas, só vai na igreja quando está na pior.

Participante F: Todo mundo quer ir para o céu, mas ninguém quer morrer.

Participante M: Na igreja, os caixões ficam todos atrás de mim já.

Participante M: Eu sei lá, eu ficava com a minha família. Eu ia pegar, reunir a minha família, os meus amigos, e jogar um futebol, pegar, fazer um churrasco, ir para o *Hopi Hari*. Eu ia direto para a funerária. Direto, não é isso?

Mediador: Você ia ter um dia.

Participante M: Então, rapidão, já ia acabar o dia.

Participante M: Eu ia fazer o meu caixão, a minha cova.

Mediador: Você vai gastar o seu último dia trabalhando?

Mediador: Pessoal, vamos escutar, o que você faria no seu último dia?

Participante F: Eu catava o cartão do meu avô, uns três dias, eu ia para o shopping e detonar tudo.

Participante F: Mas você ia morrer.

Participante M: Você ia usar no caixão?

Mediador: Ia ser o defunto mais na moda então, o mais *fashion*. Um cabelo assim, cheio de anéis.

Participante F: Tudo o que você não fez antes.

A vida de um casal de namorados separados pela morte.

A discussão aqui se centra na suposição de como seria a vida de um casal separado pela morte. O grupo liga a temática do texto a um vídeo exibido em sala de aula. Sessão VI.

Participante F: Qual o professor que deu o vídeo para a gente? Que eles...

Participante M: Foi (ininteligível: 00:21:50).

Participante F: Que eles estavam felizinhos da vida, aí de repente eles estavam sem cinto, ele estava sem cinto, aí ele bateu nela aí ela morreu por causa dele.

Mediador: Nossa.

Participante F: É. Eles estavam lá felizes andando de carro, os amigos, estava todo mundo com cinto, menos ele, aí o carro bateu e começou a sair um monte de coisa...

Participante M: O pneu foi bater na cabeça dele e ele bateu na cabeça dela.

Participante F: O pneu foi bater nele, daí ela teve traumatismo e ele viveu. Eu achei um negócio muito...

Mediador: Ele bateu a cabeça na cabeça dela...

Participante F: Com o choque eles foram se...

Participante M: Ela morreu.

Arrependimento por uma ação executada.

Esta Categoria mostra o arrependimento de um integrante do grupo por uma ação executada por ele mesmo durante o período letivo, antes do encontro do dia. Sessão VIII.

Mediador: Eu acho que, não é pior a sensação de, puxa, podia ter feito isso e não fiz.

Participante F: Nossa, que aflição.

Participante M: Nossa.

Participante F: Muitas vezes você faz e se arrepende.

Participante F: Aconteceu isso comigo hoje.

Participante M: Ah, eu não.

Participante M: Mas seria melhor você ter feito.

Mediador: Não seria melhor você ter feito?

Participante F: É. Talvez, você teria se arriscado. Você teria sofrido...

Participante F: Aconteceu isso comigo hoje. Eu falei, ah, será que eu levo o celular? Aí eu falei, vou levar.

Mediador: Está vendo.

Participante F: Se arrependeu.

Viver o momento.

Diante da constatação do grupo que o ano letivo terminará e todos os amigos dos participantes irão para outras escolas, o sentimento que paira é de chateação e o mediador alerta

para o grupo que eles precisam viver mais o momento para assim terem boas recordações.
Sessão X.

Mediador: Estou dizendo pra vocês viverem mais o momento.

Participante M: Fazer bagunça.

Mediador: Não necessariamente, fazer mais ou menos bagunça, viu o segredo, vocês devem estar com as pessoas que são legais com você, pra vocês nesse momento.

Participante M: Verdade.

Mediador: Porque você chegou aqui à uma hora da tarde, cinco e meia vocês vão embora, às vezes, seis e vinte.

Participante F e Participante M: Acabou.

Mediador: Acabou. Parem e pensem que vocês ficam da uma hora da tarde até às cinco e meia da tarde todos juntos, e não estão juntos de fato.

Participante M: Verdade.

Participante M: Faz parte.

Mediador: É o que se espera.

Participante M: É piração.

Mediador: O que além disso? Porque depois, pois, o que mais dói no coração saber o que é...

Participante M: Lá na frente à gente fala porque isso, porque não fiz isso...

Participante M: Eu não estudei

Participante F: É verdade...

Participante M: Se fizesse um *Hopi Hari* ou coisa assim...

Participante M: Eu aproveito a escola, eu aproveito.

O limite da responsabilidade na vida.

A discussão do limite da responsabilidade na vida surge a partir da fala de uma participante ao exprimir seu desejo por uma brincadeira na escola. Diante da negativa da direção, o grupo avalia que não há responsabilidade suficiente por parte deles para que tal brincadeira aconteça.
Sessão X.

Mediador: Se vocês tivessem a cabeça mais no lugar eu podia fazer isso. Porque a gente não faz isso.

Participante M: Por quê?

Mediador: Porque vocês não sabem até onde vai a zoeira.

Participante M: As responsabilidades. Nós não temos responsabilidade.

Mediador: Já aconteceu aqui de fazer as meninas de homens e os meninos de meninas.

Participante M: Eu já vi alguma coisa assim.

Mediador: Aí, todo mundo tira sarro, sabe? É errado.

Participante M: Vou te contar...

Perder para descobrir o valor que se tinha.

A ideia de perder algo ou alguém para descobrir o valor que aquele ser ou objeto tinha é apreendida a partir da leitura do texto da Sessão IX. O grupo expõe que é comum tal postura nos dias de hoje.

Mediador: Quem quer completar? Você quer falar?

Participante M: Não.

Mediador: Você sempre tem uma coisa legal para falar. Está tímido hoje porque está voltando?

Participante M: Não, estou sem ideia.

Participante M: Pode descobrir. Ela queria um marido, era a necessidade dela, mas ela descobriu que ele não fazia ela feliz.

Participante F: Depois que a pessoa perde, ela consegue ver o que ela tinha antes. Depois que ela consegue ter tudo.

Agir por impulso na vida.

Nesta Categoria, o grupo discute as implicações de se agir por impulso na vida. Os participantes concordam que, na maioria das vezes, as pessoas agem por impulso, não pensando nas consequências do ato praticado. Sessão XIX.

Mediador: Eu fico meio encucado com uma coisa, se a gente sabe que o que a gente faz para alguém, mais cedo ou mais tarde vai voltar para a gente, para que eu vou fazer o mal para alguém então?

Participante M: Porque na hora você não pensa.

Mediador: Como assim?

Participante M: Você age por impulso.

Participante M: Depende da situação, se você estiver nervoso.

Participante M: Você age, na maioria das vezes, por impulso.

Participante M: Você pensa que aquilo vai valer a pena lá na frente, vai te deixar melhor.

Participante M: Ou aquilo para você é normal.

Participante M: É tipo um orgulho.

Vida e seus sentidos

Os sentidos da vida são tratados nesta subclasse que contém oito categorias que aparecem ao longo de várias Sessões.

Propósito da vida.

Na Sessão II, surge a necessidade de discutir o que seria o propósito da vida. A partir da ideia que a vida não é vã, o grupo foca seus comentários no objetivo da vida, segundo eles. A ideia que a vida é uma experiência a ser provada, também faz parte da longa discussão.

Mediador: Qual é a vantagem desse viver a vida hoje sem saber qual vai ser o nosso futuro? Porque eu não posso viver a minha vida como pode essa proposta. Por exemplo, (ininteligível: 00:21:27). Não tem como viver minha vida daquela forma. Seria interessante. Seria mais sábio e iria perdendo a minha sabedoria ao longo que eu retrocedesse. O contrário hoje é verdade, eu nasço sem saber nada, vou envelhecendo e vou adquirindo sabedoria. E um dia (ininteligível: 00:22:07)

Participante: Teria que (ininteligível: 00:22:12)

Mediador: (ininteligível) Mas a vida não é vã. A vida não é vazia.

Participante M: Se não tivesse um propósito nós não estaríamos aqui não. Então, tipo assim, (ininteligível: 00:22:36)

Mediador: E eu pergunto para você, e aí, valeu a pena?

Participante M: Na minha mente não, mas (ininteligível: 00:23:02) para ajudar (ininteligível) para mim (ininteligível) mas para a outra pessoa (ininteligível).

Participante F: É. Eu acho que (ininteligível: 00:23:13). É, mas tem gente que já sabe (ininteligível: 00:23:27). O médico fala para você, daqui um minuto, por exemplo, daí faz de tudo aquilo que nunca fez para poder viver (ininteligível: 00:23:43). A vida tem que ser vivida algum tempo.

Participante M: Na maioria das vezes não.

Participante F: Na maioria das vezes não, mas (ininteligível: 00:23:53)

Participante F: É, um milagre. (ininteligível: 00:24:18). Eu acho que no caso, o que ela queria, deveria ter feito na adolescência, na vida adulta, (ininteligível), o objetivo então (ininteligível). Mas eu acho triste assim, a gente ter um plano de vida, fazer tudo aquilo que a gente pensa em fazer, aí chega uma hora você morre, aí você vai deixar só saudade para pessoa que você (ininteligível: 00:25:00). A única coisa que você vai deixar é (ininteligível) saudade.

Mediador: E aí?

Participante M: A vida é, sei lá, a gente tem uma experiência e vai passar essa experiência (ininteligível: 00:25:25)

Mediador: Alguém mais quer falar? (ininteligível: 00:25:55)

A vida dá oportunidades.

Em continuidade, na mesma Sessão II, o grupo comenta o fato que a vida dá oportunidades inesperadas e é preciso saber aproveitar tais oportunidades, pois, a vida é passageira.

Participante F: A vida, de certa forma, dá oportunidades inesperadas.

Mediador: Explica.

Participante F: (ininteligível: 00:26:40). É assim, a vida é inesperada porque tudo pode acontecer. Da mesma forma que eu estou vivendo, de repente eu morro. É uma coisa inesperada. Ninguém espera a morte. Outra coisa inesperada, é isso que eu já disse, você não espera por aquilo e acontece. A vida é (ininteligível: 00:27:10).

A importância da saúde em detrimento do dinheiro.

Na Sessão IV, o grupo discutiu a importância da saúde em detrimento do dinheiro, ou seja, de acordo com as colocações dos participantes, o dinheiro não significa nada se não houver saúde.

Mediador: Pessoal, e você acha que isso... Qual é a relação disso? Tem dinheiro, mas não tem saúde. O que isso provoca?

Participante F: Se eu não tiver saúde, não tem nada.

Mediador: Mas, se eu tenho saúde, eu estou pensando aqui comigo, se eu tenho dinheiro, mas eu não tenho saúde. Mas o dinheiro pode me proporcionar pagar os melhores tratamentos.

Participante F: Mas, não quer dizer que você vai ser curado.

Participante M: Mas, pode ser que essa doença, chega uma hora que ela mata, tem que ter comida na boca.

Mediador: Por quê?

Participante M: Eu não sei a doença dele.

Participante M: Às vezes, a pessoa tem tudo e acaba perdendo.

Deixar o amor entrar na vida.

O grupo discute a ideia que a vida das pessoas torna-se mais completa quando elas se abrem para o amor, ou seja, deixam-no entrar em suas vidas. Os participantes ainda apontam que a solidão não leva a nada. Sessão VIII.

Mediador: Mas, mesmo assim, eu volto para o verso que você falou. “Mesmo o amor que não compensa é melhor que a solidão”. Ai ele fala no verso de baixo assim, que eu acho lindo, “abre os teus braços meu irmão, deixa cair”. Deixa cair o quê?

Participante F: O amor?

Mediador: O amor. Deixa-o vir com você. Não fica assim de braços cruzados.

Participante F: Porque é melhor amar do que estar na solidão.

Participante M: Porque vai ser bom, pelo menos um pouco, do que a solidão.

Participante F: É.

Mediador: Por que é que esse amor que não compensa vai ser bom? Melhor que a solidão?

Participante M: Porque a solidão não vai ser boa nunca.

Mediador: Ele fala assim, gente. Eu gosto desse verso, “Ai de quem não rasga o coração. Esse não vai ter perdão”.

Participante M: Ai de quem não sofreu.

Mediador: Rasgar o coração...

Participante M: É você sofrer.

Participante M: É você se abrir.

Participante M: Porque vai ficar na solidão.

Participante F: Vai ficar na solidão.

Mediador: E, compensa a solidão?

Participante M: Não.

Participante F: Não.

Participante F: Se estiver fechado, ninguém vai poder ajudar ele.

Mediador: Se estiver fechado, como é que você vai poder ajudar alguém?

Participante F: É.

Mediador: Verdade.

Participante M: E como alguém vai poder te ajudar?

Mediador: Exatamente. Como é que alguém vai chegar, como é que você vai aprender a ser uma pessoa melhor se você não dá a chance?

Ter objetivo na vida.

A importância de se ter objetivos na vida é focada pelo grupo nesta categoria. A discussão a seguir ilustra bem a necessidade dos participantes de falar sobre objetivo de vida. Sessão IX.

Participante F: tem que batalhar para conseguir o que você quer.

Mediador: E aí, a que conclusão que eu cheguei? Para eu conseguir o que eu quero, o que eu preciso?

Participante M: Estudar.

Participante M: A pessoa só se esforça bastante quando ela tem um objetivo a alcançar.

Mediador: Aí eu pergunto, você tem um objetivo a alcançar aos quatorze anos de idade?

Participante F: Eu tenho.

Mediador: Você já parou para pensar nisso?

Participante M: Eu quero ter um trabalho, ganhar bem.

Participante M: O que mais você escuta hoje é que no futuro, vai ser tudo mais difícil.

Participante M: Antes era mais difícil do que agora.

Participante F: Podia ter desistido na metade do caminho. Vai ser mais fácil do que eu estudar.

Participante F: Sendo que você podia ter batalhado por uma coisa que você vai ter todos os dias.

A esperança como algo criador na vida.

Categoria criada a partir da discussão de que a esperança é um sentimento criador na vida das pessoas e, portanto, necessária para a continuidade da própria vida. Sessão X.

Mediador: Com o bordado?

Participante F: Por isso, talvez quando você cria esperança com alguma coisa, algo, sempre tem uma coisa pra te tirar daquela coisa. Não é tão assim, senão você fica aquela coisa, aquela coisa. Aí, você já perde a esperança.

Participante M: Verdade, sempre que a gente tem esperança, a gente tem a capacidade de criar alternativas para resolver os problemas da vida. Ver uma luz no fim do túnel.

Fazer a vida valer a pena.

A importância de fazer a vida valer a pena é discutido aqui pelo grupo. Tal discussão surge do interesse de os participantes conviver com os alunos de outras oitavas séries da escola, deixando suas diferenças de lado. O Mediador instiga os participantes a refletirem sobre essa necessidade. Sessão X.

Participante M: Não tem praia natural, mas tem artificial...

Mediador: Não vale a pena você se um dia disser: professor, vamos fazer um piquenique com a classe. **Participante M:** Como agora.

Mediador: Juntar todo mundo, esse é o momento fantástico, porque a camiseta, se um dia vocês estiverem, vai embolorar, vai estragar, vai rasgar, mas esses momentos de que estou falando jamais sairão da sua cabeça. Pessoal, desculpa o que eu vou falar agora, não estou vendo ninguém das oitavas séries fazendo alguma coisa que valha a pena.

Participante F: Estamos estudando.

Mediador: Estudar é o que se espera. O que vocês estão planejando ou fazendo pra marcar? Para marcar que vocês estiveram aqui, marcar a lembrança nos outros. Um hoje é a última etapa, mas a festa junina? Quem que realmente veio à festa junina? Era um grande momento que eu esperava que vocês fizessem? E não foi feito, eu dei a dica.

Participante F: Você não deu a dica.

Mediador: Você não pode falar que não dei a dica, eu dei a dica. Porque você não montam uma quadrilha, porque vocês não dançam.

Participante M: Não sei dançar.

Mediador: Aprendam, divirtam-se.

Participante M: Ninguém nasceu sabendo.

Mediador: Divirtam-se, venha aqui dance tudo errado.

Participante M: Não.

Mediador: É isso que vale, lembra bom aquele dia a quadrilha lá na escola? A gente dançou daquele jeito é verdade.

Participante F: A gente faz uma reunião...

Mediador: Vocês vão ter o que contar depois.

Participante F: Depois, a gente se encontra, marcar o lugar.

Objetivo da vida.

Esta Categoria foi criada para abarcar as discussões do grupo sobre a importância de se ter objetivo na vida. Sessão XV.

Participante M: Quem tenta compreender o mundo fica louco.

Mediador: Como assim?

Participante M: Porque como saber o objetivo da vida, sabe?

Mediador: Mas, tem um objetivo? Você acha que tem um objetivo?

Participante M: Eu não sei, eu não sei de nada. A pergunta, eu acho que não tem uma resposta. É muito difícil, e você vai saber um dia.

Participante M: Você não tem uma prova concreta.

A Morte:

O tema Morte também aparece nas discussões do grupo, porém, em menor quantidade que outros temas, como por exemplo, amor e vida. As sete Categorias aqui listadas mostram a incidência de tal assunto.

Temor à morte.

O temor à morte foi tratado pelo grupo na Sessão II e a colocação é que esse sentimento é comum em todas as pessoas, pois, de acordo com os participantes, você constrói sua vida com sacrifício e trabalho árduo e a morte acaba com tudo num piscar de olhos.

Mediador: Mas, você falou uma coisa que eu achei interessante, que o que a maioria das pessoas teme é a morte. É verdade isso?

Participante F: É. Eu acho que sim. Você constrói a vida para depois chegar num ponto e morrer? Eu acho que não precisa ser velho para morrer, mas...

Participante M: (ininteligível: 00:06:50) Problema qualquer um tem.

Participante: É.

Morte como consequência da vida.

Em continuidade à discussão da Categoria anterior, o grupo aponta que mesmo temendo a Morte, ela é uma consequência da vida e, portanto, inevitável. Sessão II.

Mediador: A morte não é uma consequência da vida?

Participante F: Por isso que a gente tem que aproveitar a vida ao máximo não é. (ininteligível: 00:07:02), aí, você morre.

Vida após a morte.

Nas Sessões II e XV, o grupo foca seus comentários na crença na vida após a morte. A dúvida de alguns sobre o tema, o ceticismo de outros e a postura religiosa de outros dividiu o grupo e a longa discussão que segue surgiu. Sessão XV.

Participante M: Não, para mim, eu penso assim, se é inevitável que vai morrer um dia, tem uns que acreditam, e eu acredito, vai ter outra vida. Não é assim sair matando todo mundo.

Mediador: Gente, espera aí. A gente tem que discutir isso. Mas, por que você chega a essa conclusão? Por que você chegou a essa conclusão que tem que acabar com tudo?

Participante M: Coisa de adolescente.

Participante F: Por que tem que acabar com tudo?

Participante F: Mas, quem te garante que você vai ter outra vida? Tem que aproveitar essa vida.

Participante M: Não, eu acredito.

Participante F: Mas quem vai te garantir? Eu acredito que morreu, morreu.

Participante M: Não dá para pensar desse jeito, que você vai morrer, não vai...

Participante F: Eu não sei, mas por eu ser evangélica eu acho que morreu acaba, ou vai para o céu ou para o inferno. É isso.

Mediador: Mas, se você está falando que você vai viver no céu ou no inferno, como você fala que se acabou, acabou?

Participante F: Acabou na terra, mas, pode continuar.

Mediador: Então você está se contradizendo. Aí, eu já fiquei confuso. Porque se você fala que morreu acabou, mas, você fala, na sequência, que vai viver a vida no céu ou no inferno. Não, mas, eu quero entender o que ela falou. Ela falou que morreu acabou. Depois ela disse que na hora que você morrer vai viver no céu ou no inferno.

Participante F: Não vai ser a mesma terra. Não vai ser a mesma pessoa que viveu aqui na vida. Vai ser o seu espírito lá. Aí, depende da opinião de cada um. Eu acredito nisso.

Participante M: Para mim, morreu, acabou.

Mediador: Você acredita em reencarnação?

Participante M: Sim.

Participante M: Eu não.

Participante F: Cada um tem o direito de pensar o que acha.

Mediador: Então, mas, você disse uma coisa interessante.

Participante M: Você lembra, não lembra? Você acredita na reencarnação. E vai reencarnar numa outra pessoa daqui para frente? Como você sabe? Eu morri. Eu não vou saber.

Participante F: Explica a sua teoria.

Participante M: Assim, por exemplo: ela morreu atropelada. Ela morre e eu acredito que a vida dela comece de novo em um bebê. Entendeu? Mas, depois ela não lembra.

Participante M: Eles falam da vida após a morte, só que depois que você morre.

Participante F: Você vai para onde?

Participante M: Se for assim, não tem fim. Não dá para imaginar um fim assim.

Participante M: Eu também não consigo imaginar assim, por exemplo, morreu, morreu, pronto.

Participante M: Eu estou falando assim, no espaço, onde é que tem o fim, se só tem esse tanto de planetas e o resto é só espaço?

Participante M: Deve ser um planeta gigante que tem outro planeta lá dentro, não é possível.

Participante M: É? Como assim? O que é?

Participante F: É só você imaginar uma coisa infinita.

Participante M: Mas eu não consigo, morreu, acabou, pronto.

Participante M: O planeta fica no espaço, e o espaço fica onde?

Participante M: E se o planeta explodir? O que acontece?

Participante F: Essa é a que é a questão...

Participante M: Não sei.

Participante F: Eu sou evangélica só que não penso muito assim.

Participante M: Ela pensa na vida no céu.

Participante F: Depende. É o que ele falou, depende. Bom, foi o que eu escolhi para crer, se existe uma, é o que eu creio. Você acredita numa coisa...

Participante: Eu acho que a resposta vem depois da morte, então.

Participante M: Mas, depois da morte, sempre vem uma resposta, por que o que vai acontecer depois da morte? A gente ainda não sabe. Então, a gente vai ter uma resposta, não é?

Participante M: Quem te garante isso?

Participante M: Você sabe o que é depois da morte? Então, ninguém sabe a resposta.

A morte como única certeza da vida.

A ideia que a morte é a única certeza da vida, toma conta das discussões do grupo nesta Categoria. Paralelamente aos comentários do tema, surge também a necessidade de se aproveitar a vida. Sessão II.

Participante F: Eu acho que só uma coisa é certa na vida, é a morte. É a única coisa que a gente tem certeza na vida.

Mediador: Muito bem, se a morte é a nossa única certeza, por que tanto (ininteligível: 00:27:28).

Participante F: (ininteligível) certeza que ela segue, entendeu?

Participante F: É, quem vai querer largar a família, os filhos, os parentes?

Participante F: Vai, mas, por isso que eu falo, aproveitar enquanto você tem, porque uma hora você pode perder. Os amigos, a família, entendeu. (ininteligível: 00:27:50)

Participante M: (ininteligível) ele tem que pensar, pelo menos uma hora no dia, um minuto no dia, que ele pode morrer. É muito raro a gente pensar que um dia a gente vai morrer. Mas, na verdade, um dia nós vamos. (ininteligível: 00:28:43)

Participante F: A vida não é (ininteligível: 00:28:46). Uma hora você está bem, outra hora você está mal. Hoje você pode estar de um jeito, amanhã você pode estar de outro.

Mediador: (ininteligível: 00:29:00) que a vida não é (ininteligível). Não é só (ininteligível). Dá para ligar se a vida (ininteligível) ou se a vida não é (ininteligível) com o que nós conversamos na reunião passada?

A morte possui um lado bom e outro ruim.

A discussão que a morte apresenta um lado bom e outro ruim aparece na Sessão IV e está ligada à próxima Categoria, pois, o grupo aponta que um lado positivo para a morte seria a solução dos problemas da pessoa.

Participante F: Aí eu já acho que liga a pessoa amanhã. Assim, esse cara (00:23:00 ininteligível), como vocês falaram, aí se ele morresse amanhã ele não ia fazer. Mas, o que me deixa intrigada...

Participante F: Ele estava com tanto medo de morrer.

Participante M: Ele fala assim: se ele morresse amanhã, ia ter o lado bom e o lado ruim. A família dele ia ficar com saudade. “A dor no peito emudecer ao menos, se eu morresse amanhã”.

Mediador: Mas, vocês disseram antes, no caso, se ele morresse amanhã, tem dois lados, um lado bom, e um lado ruim. Foi isso que vocês disseram?

Participante F: O lado bom seria talvez a solução para alguns problemas dele. Talvez para ele, ele pensava que a solução dos problemas dele eram grandes. E o lado ruim é que ele não poderia viver o futuro dele loucamente quando ele havia vivido antes.

Participante M: É que a família dele não ia conseguir viver sem ele.

Morte como solução para os problemas.

Dando continuidade à discussão iniciada na Categoria anterior, aqui o grupo centra-se na ideia depreendida pelo poema que a morte seria a solução dos problemas do eu-lírico, os comentários extrapolam o universo poético e chegam à vida real. Sessão IV.

Participante F: Mas será que essa é a solução, a morte é a solução para tudo isso?

Participante M: Para quem está com o problema.

Participante M: Mas eu causo problema, você causa problema, ela causa problema.

Vida *versus* Morte.

A relação entre Vida e Morte é enfocada nesta Categoria. Os participantes do grupo discutem o que pensam sobre o assunto e apontam que tudo depende de como foi a vida da pessoa, se ela foi boa, será bem lembrada pelos parentes e conhecidos depois da morte. Sessão XV.

Mediador: Qual é o grande problema com vocês, que vocês pensam em relação a esse assunto?

Participante F: Eu entendi o que ele quis dizer. Ele quis dizer que se ele não morreu ainda, ele não vai ficar pensando nisso.

Mediador: Mas, se morrer vai pensar nisso?

Participante F: Eu, graças a Deus, não tive muita experiência com morte, só com o meu bisavô, que ele morreu.

Mediador: Mas, o que vocês acham sobre?

Participante F: Não é uma coisa bonita.

Mediador: Como assim não é uma coisa bonita?

Participante M: Como assim? Eu não entendi qual foi a pergunta.

Participante M: Depende, se você foi uma pessoa boa...

Participante F: É, se você for uma pessoa boa, você vai ser lembrada também.

O Sofrimento Humano:

Esta classe relaciona seis Categorias que tratam do sofrimento de uma forma geral, seja ele amoroso, físico ou psíquico.

Dor da perda de um sentimento amoroso.

Nesta Categoria estão os comentários do grupo sobre a dor de se perder um Amor. Os participantes apontam que o difícil é saber se estão sofrendo pela pessoa certa, ou seja, se a pessoa amada é a certa, pois, na adolescência os sentimentos são mutáveis. Sessão II.

Mediador: De repente vocês já passaram (ininteligível: 00:31:04). E de perder um amor? Já? Doeu?

Participante F: (ininteligível) ela chega e passa com outro na frente dele, porque ele está (ininteligível: 00:31:30). (ininteligível) ele vai ficar lá sofrendo por ela?

Participante F: Eu acho que a vida já é (ininteligível: 00:31:48). Eu acho.

Mediador: Ou é o contrário?

Participante F: Pode ser que o amor seja certo. O amor é certo. O que é incerto na vida é que a gente acha alguém que a gente gosta e que combina com a gente. Mas, eu falo assim que o amor não é certo, hoje, na fase de adolescência, na mesma hora que pode estar sendo amor, na mesma hora pode acabar. Na fase de adolescência. (ininteligível: 00:32:15). Você nunca teve um amor, como é que você sabe que não é certo? Não é certo. Eu estou namorando, na mesma hora você, acontece, vamos supor, que a pessoa te trai ou você a trai, vocês vão terminar. Consequência, então.

Participante F: (ininteligível), mas pode acontecer também de (ininteligível) uma pessoa e ficar com ela para o resto da vida. Só entra na adolescência. Desde que você se separa dela depois de um tempo você acaba... Pode acontecer.

Sufrimento como algo bom.

Nesta Categoria, o grupo aponta que o sofrimento amoroso é algo positivo, pois, ele serve para despertar a compreensão sobre o que é Amor. Sessão IV.

Participante F: Porque tem pessoa que precisa sofrer para ela entender o que é amor. Tem pessoa que precisa sofrer para aprender o que é certo e o que é errado.

Participante M: Vale a pena.

Mediador: Não entendi.

Participante M: O amor que ela está vivendo vale a pena.

Mediador: Explica melhor, por que vale a pena sofrer?

Participante M: Sei lá, porque ela se sente bem.

Participante F: Não, eu acho que vale a pena, posso falar? Eu acho que vale a pena ela sofrer, assim, porque ela talvez pensava que ela, a gente comentou, que talvez ela pensava assim, que isso para ela pode ter sido uma decepção.

Participante M: Ela prefere sofrer do que não ser nada dele.

Participante F: Ela prefere sofrer sendo amiga, e não ter nada. É.

Participante M: Porque ela quer sofrer, só que com ele.

Mediador: Interessante.

Participante F: Mas tem coisa que vale a pena sofrer para aprender. É lógico, tem coisa que você tem que sofrer para aprender. Porque se você não sofrer você não vai aprender nunca.

Sufrimento ao saber que o ser amado está com outra pessoa.

A ideia de sofrimento ao saber que o ser amado está com outra pessoa é discutida nesta Categoria. Participantes apontam que dói ao descobrir que a pessoa amada está com outro. Sessão IV.

Participante M: Porque, por exemplo, você é um grande amigo, você está de olho, você está ligado faz tempo no seu amigo, de repente ele vai lá e fica com outro, você já era, você bate a cara.

Mediador: Mas é uma consequência, não é uma consequência?

Participante M: Até você esperar os dois se largarem, vai demorar muito.

Mediador: Mas, não é uma...?

Participante F: Mas, se você está gostando desse amigo, e ele ficar com outro. Eu não estou entendendo o que você quis dizer.

Participante M: Ele fica com outra.

Participante F: Entendi.

Constatação que a alegria e o sofrimento coexistem.

Na Sessão IV, entre outras discussões, o grupo apontou que alegria e sofrimento coexistem na mesma pessoa, pois, de acordo com eles, para se chegar à alegria é preciso passar pelo sofrimento antes.

Participante M: Enquanto existir a alegria, a dor também vai existir.

Mediador: Sempre. Tristeza e alegria caminham lado a lado. Para que uma exista, a outra tem que existir. Tristeza e alegria, feiura e beleza, riqueza e pobreza.

O sofrimento amoroso como forma de aprendizagem.

A leitura do poema suscita no grupo várias discussões, dentre elas a ideia que o sofrimento amoroso é uma forma de aprendizagem para o ser humano, uma forma de aprender a viver e ser melhor. Sessão VIII.

Participante F: Não. Eu acho que não, porque vai ter a solidão depois.

Participante M: De qualquer forma vai ter a solidão.

Participante F: É, mas a gente tem que sofrer para aprender.

Mediador: A gente já conversou sobre isso aqui. E aí?

Participante F: Aí, entra assim mesmo. Mas você já vai saber o que vai acontecer. Você já sabe as consequências.

Participante M: Porque, afinal, ele não tem ninguém, ele aprende que a solidão traz a dor de não ter ninguém para ficar do lado.

Mediador: Mas sabe de fato? O que aconteceu com uma pessoa, eu estando com uma pessoa, é prova de que vai acontecer com outra pessoa exatamente igual?

Participante F: Não.

Participante F: Não. Depende da pessoa, do caráter, da...

Mediador: Será que é porque eu sofri com uma pessoa porque ela não me levou a sério, porque ela, isso quer dizer que obrigatoriamente eu vou sofrer com outra pessoa da mesma forma?

Participante M: Não.

Participante F: Não. Cada pessoa é de um jeito. Você só aprendeu para viver melhor.

Participante M: Se eu tiver errado, você fala que eu estou certo (ininteligível: 00:07:55).

Mágoa.

Na Sessão XIX, entre outros temas, o fato de as pessoas guardarem mágoa de algo ou de alguém passa a ser o foco das atenções do grupo. Uma participante coloca que o perdão é necessário quando alguém a magoa, pois, você também proporciona tal sentimento em outra pessoa.

Participante F: A pessoa te magoou, você tem que perdoar. Você também magoa.

Mediador: Eu venho aqui e piso no seu pé, você estava com a unha inflamada. Olha, desculpa. Tudo bem. Eu não sabia, mas daí a cinco minutos eu piso novamente no seu pé. Oh, desculpa.

Participante F: Se você não estava sabendo, não prestou a atenção no machucado.

Mediador: Mas a primeira vez, eu não sabia.

Participante M: Quando acontece acidente, que as pessoas estão embriagadas, matam as pessoas, as mães ficam chorando. Não adianta pedir desculpas, não vai voltar o filho de novo.

Participante F: A dor vai ficar.

Participante M: Vai ficar com a mágoa para o resto da vida.

Participante F: Agora você lê o texto e já tem como entender.

A Felicidade na vida:

Esta Classe abarca sete Categorias cujo tema principal é a Felicidade. Desde a noção mais simples de felicidade até a mais existencialista foi encontrada nas Sessões.

A Felicidade depende de cada um.

A constatação que a Felicidade depende de cada um, foi um dos assuntos discutidos na Sessão II e os participantes concluíram que, além de depender de cada um, a felicidade está ligada à maturidade da pessoa. Sessão II.

Mediador: Gente, espera aí. A (ininteligível: 00:36:00) falou uma coisa aqui. Fala.

Participante F: Depende da pessoa.

Mediador: Por quê?

Participante M: Porque cada um sabe (ininteligível: 00:36:05).

Mediador: Será que a gente tem alguém que realmente sabe (ininteligível: 00:36:13)?

Participante M: Não.

Participante F: É, quando você está numa situação você pode não ver, agora, quando você quer (ininteligível).

Mediador: E aí gente, (ininteligível: 00:38:22)? E aí?

Participante M: Depende da mentalidade da (ininteligível: 00:38:37).

Constatação que a riqueza não traz felicidade.

Durante a sessão IV, o grupo discute a constatação que a riqueza não traz felicidade depreendida pelo texto lido, junto com essa constatação os participantes avaliam que o amor não tem preço e que não adianta ter todo dinheiro do mundo e não ter amor.

Participante M: Ele era rico, mas isso não bastava, ele não era feliz.

Participante F: Ele não era feliz, e mesmo assim ele não ia ser feliz com o que os pais queriam para ele.

Participante M: Mas se eu sou rico eu sou feliz.

Mediador: Não necessariamente. Por que você sendo rico, você seria feliz?

Participante F: Dependendo, tem gente que tem muito e não tem nada. Tem gente que tem tudo o que quer, mas não tem o que precisa ter realmente. Tem gente que é pobre e tem família unida. E tem gente que é muito rico e não tem nada disso. Do que adianta ela ser tão rica se ela não tiver os princípios básicos?

Participante M: Não adianta o cara ter todo o dinheiro do mundo e não ter o amor da família, em casa.

Participante F: É isso que eu estou falando. O dinheiro não compra felicidade, não compra amor.

Participante M: Tipo assim, lá em Higienópolis tem um cara muito rico mesmo, mas ele não é feliz. Ele tem tudo, mas ele não é feliz com o que ele tem.

Mediador: E por que ele não é feliz?

Participante M: Eu não sei. Ele tem tudo. Como a pessoa que tem tudo não é feliz?

Mediador: Mas a riqueza, o dinheiro traz felicidade?

Participante M: Não.

Participante F: Ele traz felicidade mais na hora. Você vai comprar, mas a felicidade vem só nesse momento.

Mediador: Nesse momento como assim?

Participante M: Ele compra uma coisa e fica feliz, mas depois de um mês, de um ano...

Mediador: E se você compra uma coisa que você queria muito, você fica feliz, você enjoa dessa coisa, logo você vai querer outra coisa para te deixar feliz.

Participante M: O dinheiro compra o que é bem material. Alegria não é bem material.

Participante M: Ele não falou o que é, ele não está falando o que é.

Participante M: Alegria.

Mediador: Então pessoal, a gente precisa, a vida não é fácil para ninguém. Até mesmo aqueles que nascem com muito dinheiro, também não é fácil para eles. Porque, no mínimo, eles precisam se preocupar em como manter aquilo que eles têm para eles não terem que precisar de dinheiro.

Participante F: Mas tem essa questão aí, o dinheiro nem sempre traz felicidade, ele vai sofrer por isso também, pode ser.

Receber um elogio e ser feliz.

Baseada na letra da música trabalhada na Sessão, uma participante do grupo comenta o quanto ficaria feliz ao receber um elogio do ser amado como o feito pelo eu-lírico. Sessão VI.

Mediador: Uma avenida não. É uma praça. Não é uma praça, é um aberto. Não é praça como a gente conhece aqui no Brasil. Ele fala: “Times Square não consegue brilhar tanto quanto você”.

Participante F: Nossa.

Participante F: Nossa, se um dia eu receber um elogio desses do meu namorado, eu seria bem feliz.

A felicidade com o pouco que se tem.

Esta Categoria foi criada para mostrar o quanto a personagem principal do conto sentia-se feliz com o pouco que tinha. Sessão IX.

Mediador: As coisas simples, do dia a dia. Ela estava com fome, ela tecia um peixe, e o peixe aparecia em cima da mesa. Se ela estava com sede, ela tecia um copo de leite, e o leite aparecia para ela beber. A minha pergunta para vocês é: a gente pode considerar que ela é uma moça feliz, com essa vidinha simples, tecendo o que era preciso?

Participante F: Tem gente que com o pouco que tem é feliz.

Participante M: Tudo o que ela queria, ela fazia.

A verdadeira felicidade está dentro da pessoa.

Dando continuidade à discussão da Categoria anterior, o grupo avalia que a verdadeira felicidade está dentro da pessoa e não além. Sessão IX.

Mediador: Ela descobriu que a verdadeira felicidade sempre esteve onde?

Participante M: Com ela.

Mediador: Com ela mesma, ao lado dela. E aí, o que vocês me dizem disso?

Participante F: Tem gente que quer ir além, vai buscando o que está próximo, mas ela não enxerga, quer sempre mais, mais. E é uma pessoa que, às vezes, está fazendo errado. Ou uma pessoa que não tem nada e quer ter muito. Acho que se você tiver pouco você pode ser feliz.

A felicidade vale a pena.

Ainda relacionada às Categorias anteriores, o grupo agora avalia que a felicidade vale a pena ser buscada e vivida, independentemente da situação. Sessão IX.

Participante M: Tem que ver o que você quer.

Mediador: Eu tenho uma pergunta para você: vale a pena?

Participante M: Vale.

Mediador: Por que vale a pena? E se você chegar à conclusão de que você errou, como ela? Ela errou fazendo isso.

Participante F: Mas, é o porém, na vida real você não vai poder desfazer o que você fez, vai ficar ali do mesmo jeito. Na história, depende, tem coisa que tem como voltar atrás, tem coisa que já não tem mais jeito. Por exemplo, ela como ficou insatisfeita com o homem, ela pegou e simplesmente desfez. Mas tem coisa que você pode ter feito querendo, que depois viu que não é bom, mas não tem como desfazer. Mas talvez para ela não podia ser tão simples assim, na vida real para ela poderia ser mais difícil deixar ele, sabendo que ele estava existindo, se ela gostasse dele.

Participante M: Mas ninguém ia ficar com uma pessoa que não tem o interesse nela.

Busca da verdadeira felicidade.

Retomando a discussão da Sessão anterior, o grupo conclui que as pessoas devem sempre buscar a verdadeira felicidade e que ela está mais perto do que se imagina. Sessão X.

Participante F: Que a gente pode buscar...

Mediador: A nossa verdadeira felicidade.

Participante F: Pode estar mais perto do que a gente imagina! Ela era feliz, não ela sabia que era feliz, só que depois que ela teve tudo o que ela imaginava.

Mediador: No encontro passado, essa ideia da gente encontrar a felicidade, isso acontece na vida real?

Participante F: Oh! Acontece, sabe acho que a pessoa... Porque tem uma coisa lá que não é, sei lá. (cadeiras sendo arrastadas e conversas paralelas, risadas).

O Tempo na vida Humana:

O tema Tempo nomeia esta Classe com seis Categorias relacionadas e abarca a ideia de tempo no senso geral, a relação entre passado, presente e futuro e a brevidade do tempo.

O uso do tempo para cura de uma dor.

O grupo avalia a questão do uso do tempo para curar uma dor, principalmente a perda do ser amado. Sessão VI.

Mediador: Entendi. Mas ele fala assim, olha: “Às vezes, eu preciso de um tempo para mim. Às vezes, eu preciso de um tempo sozinho. Todos precisam de um tempo para si”. E aí?

Participante F: Será que é um tempo sozinho para se curar da dor de ela ter partido?

Participante F: Aquele clip que eu estava falando é que a gente percebe que ela, de repente, joga, é que ele é era um artista, quando ele estava pintando um quadro ela pega e joga tinta no quadro dele, ele se irritou com ela. Tiveram vários momentos que eles estavam, aí, uma hora que ele ficou meio nervoso, estressado com ela, ela já pega e se precipita e sai, cai uma lembrança dela e ele acaba morrendo e ela fica triste por não ter vivido o que era para ela ter vivido com ele.

Consciência do passado para projetar o futuro.

Durante a Sessão V, o grupo discute a importância de se desenvolver uma consciência do passado para poder projetar o futuro e, assim, poder desfrutá-lo melhor.

Mediador: “Todo artista tem de ir onde o povo está”.

Participante F: É, isso é importante para ser um artista.

Participante F: Eu acho que cada vez mais ele se torna um artista porque ele esquece de onde ele veio e sai passando por cima de todo mundo. Então eu acho que aqui, pelo que ele fala, pelo que ele sofreu, pelo que ele viveu, ele não esquece aquelas pessoas que estão numa situação pior do que a dele.

Mediador: O que é que vocês acham? Concordam com o que ela falou? Querem discutir isso?

Participante M: O que ela falou?

Participante F: Repete, por favor.

Participante F: Eu acho que, assim, tudo o que ele está descrevendo que a gente leu até agora, ele está falando da experiência vivida por ele e que ele não desistiu, até mesmo onde ele está. Eu acho que ele é um verdadeiro artista por causa disso, ele não se esquece do que um dia ele foi...

Participante M: Quer dizer, ele fez por merecer.

Participante F: Ele fez por merecer também, mas ele não se esquece de o que ele foi para não maltratar aqueles que são.

Mediador: Dá para trazer isso para a vida da gente?

Participante M: Tem muita gente que consegue alguma coisa já acha que, quer ser melhor que os outros. Esquece da própria origem. Pisa nos outros que ajudaram.

Participante F: Cresce na vida sem fazer os seus próprios degraus.

O tempo como fator decisivo em uma conquista.

Categoria criada para discutir a função do tempo em uma conquista pessoal ou amorosa.
Sessão VII.

Participante M: Eu entendi, tipo assim, ele vai fazer de tudo para impressionar ela, aí, com o tempo ele vai conquistar ela. Com o tempo ela vai gostar dele. Ela vai ver a segunda metade que ele tem. É assim que a gente faz na vida.

Planejar o futuro com o conhecimento que se tem.

Ao término da Sessão IX, o Mediador conclui as discussões do dia apresentando a ideia de planejar o futuro com o conhecimento que se tem no presente para que, assim, os participantes possam ter uma vida plena e feliz. O Mediador salienta que em pouco tempo os participantes estarão fora da escola e suas vidas mudarão e é necessário parar um momento para refletir sobre o presente.

Mediador: Eu acho que vocês, assim, a gente fugiu completamente do texto, mas eu acho que vocês estão em um ponto crucial na vida de vocês, de terem que tomar essas decisões. Gente, vocês já pararam para pensar que daqui a quatro meses vocês estão fora dessa escola? Agosto, setembro, outubro, novembro, dezembro já era. A formatura de vocês é 19 de dezembro. Daqui a quatro meses, cada um vai tomar um rumo na vida. E as decisões que vocês vão tomar esse ano, essas decisões vão valer para o resto da vida de vocês. E cada hora vocês vão ter que tomar mais. Como a moça, ela tomou uma decisão. Duas, na verdade, a primeira foi de ter um marido e se arrependeu, ela era mais feliz do jeito que ela estava. A felicidade, como vocês disseram, sempre esteve com a mulher. Depois ela tomou a segunda decisão, voltar atrás, não quero mais isso. É claro que eu não volto atrás na vida, mas eu posso tomar a decisão de não querer mais isso e mudar o meu caminho. Não é verdade? Então, essa conversa nossa eu acho que é muito importante. Eu acho que talvez de todas as nossas conversas aqui, foi a mais séria que nós tivemos. Porque, vocês vão ser cobrados pelas decisões de vocês. Seu pai e sua mãe vão chegar para você, e aí filho, o que você decidiu?

Participante F: O que você vai querer ser?

Mediador: O que você vai fazer? Porque por enquanto vocês têm quatorze anos, vocês são muito bonitos, é fácil, é bonito, é tudo engraçado. Mas, um dia vai chegar que você vai ter que mexer, botar a mão na massa, e você vai falar assim: nossa, isso aqui o meu professor me explicou lá na época, eu não me lembro disso aqui. Aí, você vai ver que o que você não aprendeu era o que você falou para a professora não que ia aprender aquilo porque não ia usar. Como é que você pode ter certeza de que você não vai usar determinado conhecimento? Como é que você pode, aos quatorze anos de idade, falar que você nunca vai usar um conhecimento que estão te passando?

Participante F: Você não tem noção da vida ainda, praticamente.

Mediador: E mesmo que você não use hoje.

Participante M: É uma fonte de conhecimento a mais.

Mediador: O conhecimento não é inútil. Vai, o que é inútil no conhecimento? Você aprendeu a fazer sei lá o que, florzinha com papel. Legal. Mesmo que você ache que aquilo não serve para nada, vai servir para você matar o seu tempo.

A brevidade do tempo.

A noção da brevidade do tempo também é discutida na Sessão X e o grupo avalia que o tempo passa muito rápido e que não há como voltar atrás para consertar erros ou mudar o curso das coisas. Sessão X.

Mediador: Inútil pra você que não fazer valer aquilo que te resta, porque ao invés de você ter uma recordação positiva você pode ter uma negativa...

Participante M: Negativa...

Mediador: Se você não fizer nada que vale a pena você se lembrar de depois. Aí eu pergunto pra classe, o que o Ulisses está fazendo este ano com o resto dele... Quatro meses gente... Pensa gente...

Participante M: Nossa passa rápido.

Mediador: Passou muito.

Participante F: É passou mesmo.

Mediador: Pra que você possa depois olhar pra uma camiseta e falar assim: eu amei.

Participante M: Então vou fazer.

Projetar o futuro para entender o presente.

Na Sessão X, o Mediador propõe exercício de adiantar o tempo e projetar o futuro a fim de provocar uma reflexão dos participantes sobre os atos do presente e avaliar o quanto o momento vivido está ou não valendo a pena.

Mediador: Vamos marcar então? Hoje dia 31 de julho de 2022.

Participante F: O quê?

Mediador: Vamos fazer de conta? Que hoje é 31 de julho de 2022.

Participante M: Vamos lá...

Mediador: 2022, dez anos.

Participante M: Vou dar 24 anos pra vocês.

Mediador: E aí, gente, como foi a formatura de vocês lá na oitava série? Como foi o ano de vocês na oitava série.

Participante M: Foi boa, fora essa “tormência”. (risadas, conversas paralelas) Foi bom.

Participante M: “Pisões”.

Mediador: O que vocês fizeram na oitava série pra vocês lembrarem-se daquela escola?

Participante F: Nossa!!!

Mediador: Foi mais *light*?

Participante F: Com certeza naquele vou prestar.

Os Sonhos:

O tema Sonho nomeia esta Classe de Categorias e ao lado de outras classes como Amor e Vida é uma das mais discutidas durante as Sessões. Esta Classe está subdivida em duas subclasses: Sonho e suas necessidades e Sonho e suas possibilidades e agrupam várias Categorias que foram levantadas ao longo de várias Sessões.

Sonho e suas necessidades

As necessidades advindas dos sonhos das pessoas estão representadas nas doze Categorias abaixo.

Sonho *versus* Ilusão.

Na Sessão II, o grupo também discute a relação entre Sonho e Ilusão e conclui que a Ilusão marca a vida da pessoa para sempre. Sessão II.

Mediador: Fica marcado quando nosso sonho na verdade era uma ilusão?

Participante F: Sim.

Mediador: Isso marca a gente?

Participante F: Porque você (ininteligível: 00:54:27) e ele continua lá. É uma marca.

Correr atrás do sonho.

A ideia de correr atrás de um sonho para poder realizá-lo também é discutida na Sessão V. O grupo aponta que é necessário lutar por um sonho para que ele se torne realidade. Sessão V.

Participante F: Porque a pessoa queria aquilo lá, a pessoa precisava, e para quem gosta, para quem quer, tudo é possível. Você vai atrás.

Mediador: O que é que tem a ver isso com o sonho?

Participante F: Tipo assim, você tem um sonho, você tem que lutar para realizar ele. Você não vai ficar de braços cruzados esperando ele chegar.

Participante M: Esperando ele bater na sua porta.

Mediador: Tem que fazer o quê, então?

Participante F: Tem que correr atrás do que você quer.

Mediador: Está entendendo agora?

Participante M: O cara quer ser jogador de futebol, vai ficar lá esperando o técnico...

Busca constante por um sonho para substituir outro.

Esta Categoria foi criada para discutir a necessidade de constantemente buscar um sonho para substituir por outro assim que o primeiro é realizado. O grupo conclui que tal necessidade impulsiona a vida e dá sentido a ela. Sessão V.

Participante F: Nessa ideia, toda pessoa é certa do que quer?

Participante M: Tem gente que mata por causa de dinheiro, aí...

Participante F: Não, sem querer interromper, mas será que toda pessoa é certa do que ela quer realmente? Talvez ela está pensando naquilo, que aí entra a questão...

Participante M: Mas ela sabe o que ela quer?

Participante F: Se ela quer aquilo ela vai atrás daquilo.

Participante F: É. Ela vai atrás daquilo. Mas, vamos supor que ela chega lá e ela vê que não era aquilo que ela queria, aí ela vai ficar desiludida.

Participante M: Quem ousa não vai desistir, vai atrás de outro.

Participante: É. Vai atrás de outro. Vai ter que se virar.

Mediador: “Pus meu sonho no navio e o navio em cima do mar. Depois com as duas mãos abri o mar para o meu sonho...”?

Participante F: Naufragar.

Mediador: Naufragar.

Participante M: Ela queria esquecer esse sonho para poder ir atrás de outro.

Participante M: E se arrependeu não é? Porque ela mesma destruiu o sonho que ela queria.

Mediador: Quem é que tem o poder de falar que esse sonho que eu tenho não serve mais, não quero mais?

Participante M: Por exemplo, quando ela era menor ela gostava. Se ela cresceu mudando, talvez ela pode deixar de gostar. Ou quando ela chegar e se desafogar também...

Mediador: Mas, para eu ter um sonho, eu preciso acabar com aquele outro...

Participante F: Por que é que será que tem tanta pessoa insegura de seguir em frente? Pelas consequências.

Viver um sonho para conseguir algo na vida.

Na Sessão VIII, o grupo discute a importância de se viver um sonho para conseguir algo na vida e assim dar sentido a ela.

Mediador: Já ouviram falar da história do Cervantes, Dom Quixote de La Mancha.

Participante F: Já.

Participante M: Já ouvi falar.

Mediador: Um dia, se vocês tiverem curiosidade, tem o livro na biblioteca. Ele é bem fininho e é muito interessante. Dom Quixote conta a história de um homem que ele era um fidalgo, com muito dinheiro. Muito, muito dinheiro, mas ele um dia resolveu que ele não queria mais ficar em casa gastando o dinheiro à toa. Ele queria sair pelo mundo e viver aventuras.

Participante F: Nossa, que sonho.

Mediador: E aí, ele foi viver o sonho dele. Ele pegou o grande companheiro dele, um homem gordinho, baixinho, chamado Sancho Pança. Ele pegou esse cara e os dois foram, ele num cavalo, o Sancho num burrico. Então foram, e eles viveram muitas aventuras. Mas das muitas aventuras que o Dom Quixote viveu, a maior delas foi a do moinho de vento. Ele chegou, o moinho de vento não tem aquelas pás que ficam rodando? Eles chegaram à frente do moinho de vento e ao invés de ver moinhos de vento, Dom Quixote viu gigantes.

Participante M: Eu já ouvi essa história.

Mediador: Então, ele não foi lutar contra os moinhos de vento. Ele foi lutar contra os gigantes, que na cabeça do Dom Quixote, estavam fazendo mal a uma vila na qual morava a sua grande paixão, a Dulcineia. Ele foi lutar contra os moinhos de vento. Se os moinhos de vento são, teoricamente, os gigantes, dá para a gente vencer? Gente, vence essa luta? Mas mesmo sabendo que não dava para vencer, ele tentou.

Participante M: Ele tentou.

Mediador: Ele tentou.

Participante F: Não importa o tamanho do problema, tem que lutar para conseguir vencer.

Entregar-se a um grande sonho.

Nesta Categoria, o grupo discute a importância de se entregar a um grande sonho para poder ser feliz. Sessão X.

Mediador: Pessoal, é claro que ninguém vai ficar preso no bordado, mas é possível a gente se entregar assim ao sonho, a uma vontade? A ponto de...

Participante F: Quando você quer, acontece.

Mediador: E aí?

Participante F: É quando acontece, você tem que dar uma parada. Vai que, vamos supor, não der certo.

Participante F: Não se você achar que é uma coisa que vale a pena pra você ser feliz.

Mediador: Vale muito a pena?

Participante F: Se um sonho valer muito a pena.

Mediador: E como você vai saber se um sonho valeu muito a pena?

Participante F: Tentando...

Mediador: Nós já conversamos sobre isso.

Realização de um sonho.

Nesta Categoria, o grupo avalia que a realização de um sonho é uma das coisas mais importantes na vida de uma pessoa. Um participante comenta que realizou seu sonho recentemente. Sessão X.

Participante M: Eu realizei meu sonho

Mediador: Mas, agora?

Participante M: Eu, sábado agora, realizei meu sonho.

Mediador: É?

Participante F: Quando foi seu sonho? Conta.

Participante M: Uma a caixa de som.

Participante F: Ah!

Participante M: Com bateria. (risadas e conversas paralelas)

Mediador: Como aconteceu?

Participante M: Eu estava trabalhando com meu tio na feira, eu falei, sabe do meu sonho? Eu estava lá levando abacaxi pra ele vender, apareceu a caixa pra vender.

Participante F: É, acontece do nada. O que a gente mais quer.

Mediador: Você queria essa caixa de som pra que?

Participante M: Pra mim mesmo. Meu primo, todo mundo.

Participante M: Nossa que objetivo.

Participante F: Meu sonho.

Participante M: Seu sonho é o um par de microfones.

Participante F: Meu sonho é quase igual o seu, ganhei uma guitarra, meu pai chega lá com o presente e eu peço um monte de coisa.

Participante M: Que papelão!

Participante M: Com aquela camiseta com barra de todo mundo. Que feio!

Participante F: Hã?!? Não é bonitinho? Eu posso falar meu sonho de novo? É uma camiseta de oitava série.

Participante F: Meu maior sonho é ter meu nome lá em baixo com o nome de todo mundo lá, com todos os meus colegas em cima com desenho, é meu sonho eu quero...

Substituição de um sonho já realizado por outro.

O tema Sonho encontra terreno fértil na Sessão X e é discutido sob várias perspectivas. Aqui o grupo comenta a importância da substituição de um sonho já realizado por outro, para assim, poder continuar sonhando na vida.

Mediador: Não sei. Será que quando você tem um sonho grande Será que seu sonho não será substituído por outro sonho? Quando a gente realiza nosso sonho, a gente não substitui aquilo por outra vontade?

Participante F: Agora não sei.

Mediador: Os meus sonhos num navio, o navio...

Participante F: No mar...

Mediador: Em cima do mar.

Participante M: Nossa é mesmo.

Mediador: Oi? Depois, as minhas mãos para o meu sonho.

Participante F: Havia aberto.

Mediador: Porque a gente chegou a essa conclusão?

Participante F e Participante M: Porque ela realizou o sonho.

Mediador: Então a gente vive só de um sonho?

Todos: Não.

Tentar fazer um sonho dar certo.

A longa discussão abaixo ilustra a importância que o grupo dá ao tentar fazer um sonho dar certo. O Mediador pergunta a cada participante qual o seu sonho e eles emitem suas opiniões, mostrando que são adolescentes cheios de sonhos e que lutam para poder realizá-los. Sessão X.

Participante F: Tentar, né? Não vamos imaginar temos que tentar, se não der certo...

Participante M: Você aprende.

Participante F: Você aprende e, quem sabe, não faz mais errado.

Participante M: Você pode ser outra coisa ao mesmo tempo.

Mediador: Quem já se pegou assim num sonho? (Silêncio) Ou já foi em busca de algum sonho?

Participante F: Ah, talvez me ver tocando. Sonho musical.

Participante M: Aí, você desiste desse sonho.

Participante F: Meu sonho de tocar guitarra, meu pai comprou pra mim, mas não adianta querer mostrar.

Mediador: Qual o seu grande sonho?

Participante F: Vixe, ser uma *pop star*.

Mediador: Sem ser isso.

Participante F: na verdade eu tenho vários... Mas o maior que eu tenho assim é esse cuidar de crianças.

Mediador: Tem certeza? E seu sonho?

Participante F e Participante M (falam ao mesmo tempo): Ser aventureiro, viajar, conhecer outros lugares.

Participante M: Passear.

Participante F: Fazer uma faculdade.

Participante M: Se aventurar por aí.

Participante F: Ser a próxima Fátima Bernardes. Meu sonho mesmo é ser a Fátima Bernardes.

Mediador: Nossa! Que sonho!

Participante F: Ter família, meus filhos.

Mediador: Ai, meu Deus do céu.

Participante M: O que vier é lucro.

Mediador: Mas você não tem um, assim...

Participante M: Ser especialista, sei lá.

Mediador: Um que você pudesse falar assim é o mais importante também.

Participante M: (vários falam antes de ele falar) Preciso tocar minha vida.

Participante F: Quero viajar.

Mediador: Viajar pra Paris?

Participante F: Isso.

Participante M: Correr o mundo.

Participante F: Tenho que levar meu marido e minha filha.

Participante M: Ser político.

Participante F: Fazer uma faculdade.

Participante M: Prefiro estudar ser alguém na vida.

Participante M: Ter um negócio que é meu.

Mediador: Ser patrão?

Participante M: É claro.

Participante F: Oh!

Mediador: E que tipo de negócio?

Participante M: Qualquer um.

Participante F: Eu quero ter meu sonho de novo...

Sonho como meta.

Ainda na Sessão X, em continuidade às discussões anteriores, o grupo comenta que o sonho é uma meta na vida, as pessoas “têm que correr atrás” dele, “fazer por onde” a fim de que ele se torne realidade.

Mediador: O sonho que a gente tem, é uma meta. Eu tenho o sonho de ser alguém, de fazer faculdade, essa é a minha meta, meu objetivo. Pra eu alcançar ele o que eu preciso fazer? Entenderam? Porque se não, o sonho fica pelo caminho, tem que correr atrás, não tem como fazer por onde.

Participante F: É, tem que correr atrás.

Mediador: Tem que fazer por onde. Ele deve ter feito alguma coisa que despertou no tio dele a vontade de dar a caixa de som, ou porque ele ajudou o tio.

Participante M: Porque ele fez a parte dele.

Mediador: Ou porque ele foi um menino legal com ele. Alguma coisa ele deve ter feito pra que o tio respondesse com a caixa.

Participante M: Tá vendo?

Participante F: Estava até viajando.

Participante M: Fez até demais.

Participante F: Mas.

Sonho como sentido da vida.

Esta Categoria, ainda relacionada às anteriores, foi criada para discutir a importância do sonho para dar sentido à vida das pessoas. Sessão X.

Mediador: Então alguma coisa tem que acontecer para que eu realize o sonho. É claro que esse sonho daqui é igual o morro, como chegar a ele...

Participante M: Tem que voar...

Mediador: Tem que voar, exatamente. Aí, eu vou ver outro lá na frente.

Participante M: Altinho.

Participante F: É. Olha os óculos. Onde compra esse negócio?

Mediador: Aí eu pergunto: se isso que eu estou falando é verdadeiro, a vida perde o sentido?

Participante F: Não.

Mediador: Exatamente.

Trabalhar para realizar um sonho.

Esta é mais uma Categoria da Sessão X relacionada ao tema Sonho e dá continuidade às discussões anteriores. A necessidade de trabalho para a realização de um sonho é discutida agora pelos participantes do grupo.

Participante F: Ah lá, meu sonho foi pra casa.

Mediador: Seu sonho.

Participante F: Meu sonho é o de milhares de pessoas que estudam nessa escola.

Participante M: Também queria essa camiseta.

Participante F: Tá vendo? Ele tá querendo colocar.

Mediador: Pessoal, quando a gente quer uma coisa e não consegue essa coisa...

Participante M: Se for ouvir ele.

Participante F: Esse sonho... Esse sonho...

Participante M: Eu quero.

Participante F: Ah lá, ele também.

Mediador: Se vocês estão querendo a conseguir a camiseta de formatura, vocês não precisam trabalhar pra conseguir a camiseta?

Participante F: É, mas, eu tinha um sonho melhor ainda: a camiseta da quinta série. Quando eu tinha...Não tem só essa. Desde a quinta série que eu via todo mundo, eu queria a da quinta série, agora...

Mediador: Gente, o que significa a camiseta da turma pra vocês?

Participante F: Sonho.

Participante M: É.

Participante M: Pode ser.

Participante F: Porque a maioria aqui estudou comigo faz uns quatro anos.

Participante M: Só bebê.

Mediador: Então, até é legal, mas eu acho...Eu acho que o mais importante é outra preocupação de vocês.

Participante M: Estudar.

Participante M: Se formar?

Não fugir daquilo em que se acredita.

Esta Categoria foi criada para discutir a importância de não fugir daquilo em que se acredita, pois, esta seria uma parte vital do ser humano. Sessão XI.

Participante F: Ela viu que não podia fugir daquilo que acreditava. Aí, ela viu que era o destino dela, ela resolveu, decidiu ir em frente. Ela viu, ficou mais triste por que começou a se apaixonar pelo rei. Mas, seria mais interessante se rei fosse o que o pai ia apresentar pra ela, né? Assim como pretendente.

Mediador: Se o pai, tivesse apresentado o rei pra ela, teria tido o mesmo impacto?

Participante F: Naquela época tinha muita rebeldia, pois eram os pais que arrumavam o casamento. Parece aquele filminho da Disney, né?

Participante M: Tem um monte de filme da Disney assim, um monte.

Participante F: Eu assisti um assim, igualzinho o vestido dela. É muito lindo!

Mediador: E aí?

Sonho e suas possibilidades

Esta subclasse relaciona as possibilidades que estão contidas no Sonho e abarca quatro categorias.

Não se entregar totalmente a um sonho.

O grupo aponta que quando o sonho extrapola é necessário voltar à realidade, ou seja, a pessoa não deve se entregar totalmente ao sonho. Sessão X.

Mediador: Quando começa a extrapolar você tem que voltar pra realidade é isso?

Participante F: Voltar pra realidade, não deixar de sonhar não é isso. Mais cabeça. Pensar, é fugir você não tá na realidade, não tá pensando, você tem que pensar lá. Pensar no seu sonho, mas, sendo sério não ao ponto de se dar tanto assim.

Mediador: Tipo...

Participante F: Se entregar.

Acreditar na possibilidade de um sonho.

O grupo continua a discussão do tema Sonho e agora foca seus comentários na necessidade de se acreditar na possibilidade de um sonho, acreditar que um Sonho é possível, pois, isso dará alento às pessoas. Sessão X.

Mediador: Porque a gente tem que acreditar que é possível aquilo que a gente sonha?

Participante F: A gente não sabe, se você desistir vai ter um pensamento.

Mediador: Ela quer ser médica pediátrica, ela tem que acreditar que isso é possível.

Participante F: É o sonho.

Mediador: Ela não tem que acreditar que isso é possível?

Participante M: Claro que tem.

Participante F: Se ela não tiver confiança.

Mediador: Tem que acreditar, eu como amigo posso até...

Participante M: Incentivar.

Mediador: Olha, vai lá, vai ser legal. Qualquer amigo pode fazer isso.

Participante M: Incentivo.

Mediador: Tem que incentivar, mas, é ela que tem que continuar sonhando.

Participante F: Mas, será que esse próximo...

Mediador: Mas, ele tem que acreditar que o próximo sonho vai se tornar realidade.

Participante M: Será que Deus vai permitir?

Mediador: Porque isso vai te dar o quê? Fôlego pra você seguir em frente.

Sonhos para o final de ano.

Esta Categoria mostra a discussão do grupo sobre os sonhos e preparativos para o final de ano. Com a proximidade do término do ano letivo, os participantes do grupo, instigados pelo Mediador, tecem planos para os festejos do final do ano. Sessão X.

Mediador: Gente, eu não deveria estar falando isso, mas sempre que estou com vocês eu tenho dado uns toques, eu sempre espero que vocês captem, mas estamos praticamente em agosto. Vamos contar: agosto, setembro, outubro, novembro, 19 de dezembro. Vou fazer uma aposta com vocês que em dezembro terminadas as provas, eu duvido que vocês vão aparecer aqui.

Participante M: Na aula passada, professor, nós dissemos isso 27 de novembro já não viremos mais.

Participante M: Só volto na formatura.

Participante M: Quando termina?

Mediador: 19 de dezembro.

Participante M: Eu já passei.

Mediador: Daqui a pouco, eu vou dar uma câmera pra vocês tirarem fotos.

Participante M: Da sala?

Mediador: Da sala.

Participante M: Nossa que legal.

Planos para aulas fora da escola.

Em continuidade à discussão relatada na Categoria anterior, o grupo faz planos para aulas fora do ambiente escolar, excursões, etc. Sessão X.

Participante F: Mas professor, se a gente falasse pra você: ah! A gente quer sair, nossa sala com o professor, ir em algum lugar, ir no curupira, por exemplo.

Mediador: Legal.

Participante F: Pra gente se divertir um pouco lá.

Mediador: Sabe como você faz isso? Fale para o professor Ricardo e fala pra ele: professor vamos ao curupira fazer alguma coisa lá?

Participante M: Eu conheço um sítio.

Mediador: É um pensamento individual.

Mediador: Vê com o Ricardo se ele não conversa com o professor de história, pra vocês irem ao museu fazer um piquenique legal.

Participante M: Legal.

Participante F: Vai ter vários momentos legais, professor.

Mediador: Vai ter vários lugares que vocês tem que ir.

Participante F: Ai, fiquei.

Mediador: Exatamente atividade no curupira.

Participante F: Ai, eu fiquei contente! Dá pra jogar bola, os moleques jogar bola.

A Amizade:

O tema Amizade nomeia esta Classe com oito Categorias. As discussões sobre o assunto foram bastante variadas e contundentes.

O que é um amigo?

A noção do que define um amigo é tratada pelo grupo nesta Categoria. Os participantes apontam, quando perguntado pelo Mediador, que amigo é uma pessoa próxima. Sessão III.

Mediador: O que é um amigo?

Participante F: (ininteligível) pessoas próximas (ininteligível).

Mediador: Você está me perguntando ou você está respondendo?

Participante F: (ininteligível) a pessoa está ali te ajudando (ininteligível) te ajudar. Te ajudar (ininteligível)

Participante F: Mas é diferente entre colega e amigo.

Diferença entre amigo e colega.

Em continuidade à discussão anterior, os participantes agora tratam da diferença entre amigo e colega, o que dá origem a uma longa discussão. Eles ainda apontam que é necessário quebrar muros e construir pontes entre as pessoas em prol de uma vida mais harmoniosa. Sessão III.

Mediador: E qual a diferença entre colega e amigo?

Participante F: Por exemplo, colega, a gente conversa (ininteligível: 00:31:00) só que você não fala as coisas que você fala (ininteligível: 00:31:06) você fala para um amigo. Você tem mais confiança num amigo do que num colega. Para a gente começar uma grande amizade tem que ser colega primeiro.

Mediador: Tem que ter o quê?

Participante F: Tem que ter confiança.

Mediador: E como?

Participante F: É vivência.

Mediador: Fala.

Participante M: Amigo é um irmão, mas só que (ininteligível: 00:31:30).

Participante F: É, só que de outra mãe, não é.

Mediador: É.

Participante M: (ininteligível: 00:31:40). Até quem cuida (ininteligível).

Participante F: Pode ser considerado, se você gosta dele pode ser considerado um membro da família dele. É o que a gente fala, eles conversam, são irmãos (ininteligível), então um amigo (ininteligível) sangue (ininteligível). Então é um amigo, mas só que de mães diferentes, são irmãos diferentes.

Participante M: (ininteligível: 00:32:16).

Participante F: Queria fazer uma pergunta para você. O que é que você considera um amigo seu assim, para te ajudar a (ininteligível), para quebrar o muro e você (ininteligível)?

Participante M: (ininteligível: 00:33:00). Eu não sei te explicar assim.

Participante F: Assim, uma pessoa (ininteligível) que está com você na hora que você precisa (ininteligível) ou você mais, assim, de exigir muito e guardar para si?

Participante M: Olha, eu guardo (ininteligível: 00:33:17). Nem minha mãe (ininteligível: 00:33:27). Ninguém. (ininteligível: 00:33:32)

Participante F: Mas, também tem que ver se os amigos que você tem são realmente amigos. Por exemplo, eu tive muito amigos assim que me mostraram que não eram tão (ininteligível: 00:33:50) como a gente falava. Na primeira coisa que teve já virou (ininteligível).

Participante M: Para mim (ininteligível: 00:33:57) fazer um poema (ininteligível).

Participante F: Perdeu a confiança, já não é mais um amigo.

Participante F: É, aí perdeu a confiança já passa a ser colega já. (ininteligível: 00:34:14)

Participante M: Depende.

Participante F: Só que os (ininteligível: 00:34:19) acham que não.

Confiança na amizade.

A longa discussão abaixo está relacionada às Categorias anteriores, ainda no tema Amizade e na importância da amizade na vida das pessoas, os participantes agora discutem a confiança que se deve ter em um amigo, pois, de acordo com eles, isso define uma amizade. Sessão III.

Mediador: A coisa é uma só. Olhem para aquelas cortinas (ininteligível: 00:34:34), aquela toda rasgada. Eu tenho uma pergunta para vocês. Tem como ela voltar a (ininteligível: 00:34:40)?

Participante F: Não.

Mediador: A amizade é assim. Não volta (ininteligível: 00:34:45). A verdadeira amizade, uma vez abalada, é uma (ininteligível)

Mediador: Será que depende? (ininteligível)

Mediador: (ininteligível) amigos, gente?

Participante F: Tem. Depende do amigo (ininteligível: 00:35:10) passaram a mesma coisa.

Participante F: A amizade vai continuar, mas...

Mediador: Então, mas eu tenho amizade que uma pessoa, a minha confiança naquela pessoa foi abalada...

Participante F: Aí, você não vai mais confiar nela (ininteligível: 00:35:28).

Mediador: Eu vou voltar a confiar naquela pessoa como eu confiava antes?

Participante F: (ininteligível: 00:35:30) depende de você. (ininteligível)

Mediador: Você já conseguiu dar esse espaço de voltar a confiar numa pessoa da mesma forma que você confiava antes? Você conseguiu fazer isso?

Participante F: Não, do mesmo jeito que era amigo, amigo, não volta. Continua (ininteligível: 00:35:50) normal, de boa (ininteligível).

Participante M: Mas vai ser muito diferente do que era antes.

Participante F: Mas, você tem medo de se magoar, por exemplo, (ininteligível: 00:37:05) amigo, seu amigo falou (ininteligível) te trair, por exemplo, perde a confiança, vai voltar, vai (ininteligível) de novo a (ininteligível) que você tinha antes. Isso que você fala, tem medo de magoar (ininteligível).

Participante M: Isso. (ininteligível: 00:37:23).

Participante F: Mas a gente não tem que se arriscar, se perder para depois de achar? No caso, você está se perdendo para depois se encontrar em alguém, alguma pessoa, talvez (ininteligível: 00:37:38) se perdido para depois se encontrar. (ininteligível)?

Participante M: Tem esperança, só que (ininteligível: 00:37:42).

Participante M: É como a gente estava falando, aqui você pode errar, mas só que lá fora (ininteligível: 00:37:50).

Participante F: Talvez você vai achar uma pessoa que vai te ouvir toda hora, (ininteligível: 00:38:26) amigo, amigo mesmo, (ininteligível). Talvez, se você achar que é aquilo, aquilo, pode ser diferente na convivência.

Família como primeiro amigo.

Mais uma Categoria ligada às anteriores. Aqui o grupo aponta que a família é o primeiro amigo que uma pessoa pode ter. Deve-se sempre confiar na família, de acordo com eles. Ainda de acordo com eles, tudo do que se precisa, encontra-se na família. Sessão III.

Participante M: (ininteligível: 00:38:38) na minha família.

Participante F: (ininteligível) Sim, primeiro na família (ininteligível) se sentir como se fosse (ininteligível: 00:38:57) dessa família (ininteligível) dividir suas experiências. Eu acho que amigo (ininteligível: 00:39:07).

Participante F: (ininteligível) não, com a família é claro. A família é (ininteligível) primeiros amigos que a gente tem (ininteligível), que tudo que a gente precisar (ininteligível: 00:39:29) está lá. E está perto toda hora, porque têm amigos que também na hora que você precisa eles não estão perto. Pode estar longe, então, primeiro...

Como distinguir um verdadeiro amigo.

Embora tenha sido lido outro poema para o grupo, a discussão não muda, os participantes, na continuação, comentam como distinguir um verdadeiro amigo. Sessão III.

Mediador: E como distinguir um do outro? Um verdadeiro amigo de um amigo que é secundário?

Participante F: Bom, o verdadeiro amigo (ininteligível: 00:43:45). Um verdadeiro amigo, a primeira coisa que (ininteligível).

Participante F: (ininteligível: 00:44:30) um amigo bom, uma companhia boa (ininteligível), vai continuar (ininteligível), uma maré ruim (ininteligível).

Participante F: (ininteligível) que o barquinho dele sobreviva (ininteligível).

É, mas, o primeiro problema que surgir, seu amigo sempre vai estar ali para te ajudar. Esse é o verdadeiro amigo. Aí, um problema que você tiver (ininteligível: 00:45:00).

Participante M: Aí, você vai ver quem o é verdadeiro.

Participante F: O falso amigo também pode se passar por um ótimo amigo. Excelente.

Participante F: Eu acho que só a convivência para você chegar a essa conclusão.

Participante F: Depende da pessoa. Tem gente que nem percebe.

Mediador: Por que nem percebe?

Participante M: Porque não abre o olho. (ininteligível: 00:45:38).

Participante F: Tem gente que é cega. Tem gente que está cego achando que aquilo ali é uma coisa boa (ininteligível: 00:45:43) está perdida. (Ininteligível).

A importância da amizade em detrimento do dinheiro.

Na Sessão IV, o tema amizade suscita discussões sobre a importância desta em detrimento do dinheiro. O grupo aponta que existem coisas que o dinheiro não compra e a verdadeira amizade é uma delas.

Participante M: Tem coisa que não se compra, tem coisa que não tem preço, igual amizade.

Mediador: Dinheiro ou amizade?

Participante M: Amizade.

Participante F: Dinheiro.

Participante M: Dinheiro, eu pego o dinheiro.

Participante M: Mas isso compra?

Participante F: É, mas só amizade falsa.

Participante M: Mas compra.

Participante M: Aí, você vai ter dinheiro e um monte de amizade falsa.

Participante F: Olha aqui, vamos supor que ele fique rico, famoso, ele cresça, vire jogador de futebol, um exemplo. Ele cresça e fique famoso. Aí, começa a aparecer um monte de gente para querer ser amiguinho dele. Ele pode estar indo nas festas, ele pode estar namorando com um monte de mulher e tal, com atriz famosa e tudo. Quando ele perde, por exemplo, ele quebrou a perna lá, ficou paraplégico. Sei lá, ele teve um problema nas pernas, vamos supor, ele teve que amputar a perna, ele ficou sem perna. Consequentemente, ele teve um problema, ele caiu lá no campo, machucou.

Mediador: Tudo bem, a gente já entendeu que você não vai com a cara dele.

Participante F: Não, não. Aí, me deixa continuar a minha ideia. Ele vai deixar, vamos supor... Posso continuar? Vamos supor que ele tenha um problema, não querendo que isso vá acontecer, pelo amor de Deus. Vamos supor que ele vai ter um problema lá, consequentemente ele vai ter que usar as pernas para jogar e ele não vai poder mais jogar. Não que ele quebre a perna, sei lá, tem um problema, sei lá, ele teve um problema. Eu estou querendo chegar a uma conclusão.

Mediador: Então chegue à sua conclusão.

Participante F: Os amigos que ele tinha vão ver que ele vai começar a perder dinheiro, vai entrar em dívida. Esses amigos que estavam com ele, vão querer continuar com ele mesmo assim? Exceto um ou outro que vai perceber as características dele. Esse cara é um cara legal, é um cara sincero. Agora, noventa e nove por cento vai largar ele, por quê? Porque ele vai parar de ter dinheiro, que ele vai parar de aparecer na mídia, não vai pagar mais festas.

Mediador: Então, na verdade, a amizade com dinheiro...

Participante F: Você compra amigos, mas é falsa.

Participante M: Você tem primeiro que arranjar a amizade, depois falar que você tem dinheiro, senão...

Ação de amigos perante um relacionamento.

Nesta Categoria, os participantes comentam que quando estão em um relacionamento amoroso com alguém, os amigos se afastam ou falam mal da pessoa com quem o participante está. Sessão VI.

Mediador: O que é que vocês acham desse verso que fala assim “eu sei que é difícil manter aberto o coração quando até mesmo os amigos parecem te prejudicar”?

Participante F: Prejudicar talvez o lance deles?

Mediador: Não necessariamente. Mas, o que é que a gente pode tirar dessa frase, desses dois versos, “eu sei que é difícil manter aberto o coração quando até mesmo os amigos parecem te prejudicar”.

Participante F: Porque geralmente quando fala ao coração, a gente fecha.

Mediador: Como assim?

Participante F: É. Por exemplo, eu vou namorar um menino, aí minha melhor amiga não gosta dele. Ela fica me falando, nossa, pelo amor de Deus, que coisa horrível. Não. Não faz isso não. Você vai ficar mais recuado. Você vai ficar, assim, você vai namorar com ele, ela vai ficar chateada. (ininteligível: 00:16:45).

Valor de uma amizade.

Já na Sessão X, o grupo foca seus comentários no valor que uma amizade tem para eles. O Mediador instiga o grupo a respeito do assunto.

Participante M: Ah! Professor, é assim todo mundo em casa.

Mediador: Mas, vocês estão se prendendo ao um objeto. Gente, a amizade de vocês significa um objeto?

Participante F: Vale mais.

Mediador: A história de vocês nessa escola pode ser resumida num objeto?

Participante M: Prioridade.

Mediador: Vocês entenderam aonde eu quero chegar.

O Perdão:

Nesta Classe, estão relacionadas quatro Categorias que têm o Perdão como tema principal. Elas aparecem, notadamente, nas Sessões VI, VII e XIX e tratam das diferentes nuances do sentimento.

A importância do perdão em um relacionamento.

Nas Sessões VI e VII o grupo discute a importância do perdão em um relacionamento, seja ele qual for. Independentemente do tipo de mágoa provocada, o perdão deve sempre ser dado, de acordo com os participantes. Sessão VI.

Participante F: Não, porque se você chorar não vai adiantar, não vai trazer a pessoa de novo.

Participante M: Tudo bem que vai ficar a marca.

Mediador: Mas, vai ficar a marca, gente, legal. Mas, e aí? Ele fala, “eu sei que é difícil manter aberto o coração quando até mesmo os amigos parecem te prejudicar”. Isso é muito claro para mim, ele fala, como é que eu vou continuar perdendo se quem eu mais amo está me ferindo? É isso que ele está falando.

Participante F: Mas isso é um dos lados do amor não é. Por exemplo, se eu fizer alguma coisa para você, você sabendo que eu te amava, mesmo que passe, por exemplo, mesmo, fizeram alguma coisa para te magoar. Mesmo que demora algum tempo para você entender, mas mesmo assim você acaba perdendo, porque aquele alguém que você ama ou que te ama, aí (ininteligível: 00:24:39).

A dificuldade de se perdoar alguém que errou.

Porém, contrariando o exposto na Categoria anterior, alguns participantes apontam que é difícil perdoar alguém que errou. A questão da persistência da mágoa é muito grande e o perdão, às vezes, demora a acontecer. A longa discussão abaixo ilustra essa passagem. Sessão VI.

Mediador: Mas, é fácil perdoar?

Participante F: Não.

Participante F: Não é fácil.

Mediador: Por que não é fácil?

Participante F: Não é fácil, mas com o tempo você acaba perdendo.

Participante F: Mas, tem gente que mesmo assim, com o tempo, não perdoa.

Participante F: Depende da pessoa.

Participante M: Eu acho que depende da causa também.

Participante F: Ou a causa, que para essa pessoa é tão marcante.

Participante M: Mas também depende da pessoa.

Participante F: Isso. Tem gente que tem mais facilidade de admitir. Tem gente que, mesmo a pessoa estando errada, assume os erros e perdoa.

Mediador: E ela, perdoou ou não?

Participante M: Eu acho que não.

Mediador: Por que não?

Participante M: Ele não fala isso. Depende da pessoa (ininteligível: 00:25:40)

Participante M: Você vai ficar marcado. Você vai (ininteligível: 00:25:50) a mesma pessoa, como a gente já falou. Não vai ter a mesma relação com ele.

Participante F: É, não vai ter a mesma relação que tinha antes.

Participante M: Eu perdoo só que, tipo, a relação com a pessoa que eu perdoei nunca vai ser a mesma.

Participante F: Mesmo que você perdoa, você não conseguir confiar como antes.

Mediador: A relação não vai ser a mesma. Como assim? Por quê?

Participante M: Porque se ela fez alguma coisa que magoou, quando a pessoa te destruiu a confiança eu não vou voltar a ter confiança nela.

Participante F: Por exemplo, mesmo assim se ela for falar para você que ela mudou, você não vai acreditar nela mesmo assim?

Participante M: É. Se ela fez uma vez.

Mediador: Mas, quem erra uma vez vai sempre errar? É isso que vocês estão dizendo.

Participante F: É, talvez essa pessoa aprenda com os erros.

Participante M: Depende também de quem é.

Participante F: É. Depende da personalidade da pessoa.

Mediador: E como é que eu vou saber?

Mediador: Mas, é fácil perdoar?

Participante F: Não.

Participante M: Não.

Mediador: Aí, fica outra pergunta na minha cabeça, por que não é fácil perdoar?

Participante: Porque você vai lembrar do que a pessoa fez com você, (ininteligível: 00:27:40).

Mediador: Fica remoendo.

Participante M: É.

Participante F: Se ela vai fazer de novo, se ela pode fazer de novo.

Mediador: Mas, espera aí, se eu estou perdooando a pessoa, quer dizer que eu estou virando a página. Eu entendo assim.

Participante M: Tem gente que vira a página e tem gente que fica parado na página.

Participante M: Então, se você não virar a página você não perdoou.

Mediador: Se eu não virei a página, eu não perdoei, não é verdade?

Participante M: A pessoa fala, eu perdoo (ininteligível: 00:28:10).

Mediador: E a todo o momento arranja uma (ininteligível: 00:28:15).

Participante F: Isso é o pior, falar que perdoou e não virar a página. É a pior coisa que tem.

Participante M: Assim, por exemplo, eu teria o perdão como um livro, eu e ele brigamos, a gente vira a página, só que aí eu perco uma frase dessas (ininteligível: 00:28:50) daí eu volto.

Mediador: Está bem. Eu perdoo ele. Você está perdoado pelo que você fez. Mas, a cada momento, à menor oportunidade que eu tiver, eu me lembrar da frase que você está falando, eu vou jogar na cara dele.

Participante F: Mas, depende. Talvez, você não fez por merecer. Se você está levando o outro para mesma coisa. Você entendeu? Não, eu sei que foi completamente diferente, mas, por exemplo, você levou uma advertência porque está fumando na sala, você faz de novo, a pessoa vai vim...

Participante M: Você não gosta de mim, jogou na cara. Ele não te perdoou.

O limite do perdão.

Ainda na mesma Sessão, em continuidade à discussão anterior, o grupo avalia o quão é difícil estabelecer um limite para o perdão, ou seja, quantas vezes deve-se perdoar a pessoa pela mesma falta. Sessão VI.

Mediador: Mas, eu pergunto, o perdão tem limite?

Participante M: Tem.

Participante F: Tem.

Mediador: Com certeza tem?

Participante F: Tem

Participante M: Tem.

Mediador: Qual?

Participante M: Porque os crentes falam não, não é?

Participante F: Pense duas vezes...

Mediador: E você? Perdoa?

Participante M: Perdoo.

Mediador: Perdoa mesmo?

Participante M: Perdoo.

Participante M: Não foi convincente.

Mediador: Você perdoa?

Participante F: Depende do que a pessoa fez. (ininteligível: 00:30:13).

Participante F: E se amar outra pessoa acaba perdando porque a vida é feita de erros e acertos.

Mediador: Legal. Gostei.

Participante F: Se você amar uma pessoa, você perdoa qualquer coisa que ela está fazendo.

Participante F: Demora um pouco.

Mediador: Se perdoa tudo mesmo?

Participante F: Se amar ela ou ele...

Mediador: Tudo?

Participante M: Não. Tudo não.

Mediador: Até uma traição você perdoa?

Participante F: Se amar ela... E se ela não te amar é diferente, mas, ela amando, você vai perdoar ela.

Mediador: O que é mais difícil de perdoar?

Participante M: O amor.

Mediador: O amor? O amor ou a traição?

Participante M: Traição.

Participante M: A traição de um amor.

Mediador: Os meninos acham isso. E as meninas, o que é que elas acham? O que é mais difícil de perdoar?

Participante F: Traição.

Participante F: Traição.

Participante F: Eu também acho. Você se conforma, mas não perdoa. Vai ser difícil você confiar na mesma pessoa depois de tudo o que ele fez.

Mediador: Tudo bem. Então, meu namorado, minha namorada me traiu, eu perdoo? Ele perdoa.

Participante: Já pensou se ele te trai com a minha melhor amiga?

Mediador: E se não fosse sua melhor amiga, você perdoaria?

Participante F: Se fosse uma desconhecida?

Mediador: Você perdoaria?

Participante F: Não sei. É o que ele falou, se eu amasse ele e ele provasse o contrário, tipo, ah, mas é difícil. Sempre tem uma segunda chance, mas...

Participante M: Para você perdoar a pessoa ela tem que mostrar para você que está arrependida.

Participante F: Eu corto relações (ininteligível: 00:32:12).

Participante M: Eu não acho.

Já na Sessão XIX, o grupo aponta que por mais que uma pessoa fale que tenha perdoado a ação de alguém, na verdade ela não perdoa por completo, sempre há de se lembrar de algo que a magoou, portanto, para eles, o perdão verdadeiro é difícil.

Participante M: Nunca vai perdoar, você vai sempre lembrar o que ela fez. Por que ela não poderia fazer isso de novo?

Participante F: Você vai ficar imaginando.

Participante M: Vai ficar desconfiado.

Participante F: Será que ela vai fazer de novo?

Participante M: Só perdoa da boca para fora.

Mediador: Então, não foi perdoado.

Participante F: Foi uma desculpa.

Participante M: Foi da boca para fora.

Participante M: Você apenas aceitou, concordou, é diferente.

Mediador: Mas agora eu fiquei confuso de novo, se eu perdoei a pessoa, e esse perdão foi da boca para fora, eu perdoei essa pessoa? Ela queria amizade, queria relacionamento, valia a pena? Mas, valia de fato a pena se eu perdoei aquela pessoa somente da boca para fora?

Participante F: Não, só vale a pena mesmo se perdoar de verdade.

Mediador: Mas, você consegue esquecer uma pessoa que te magoou?

Participante M: Não tem dessa, eu esqueci.

Participante M: Depende de mágoa.

Participante M: Nunca perdoa totalmente.

Participante M: Depende da mágoa, se o cara arrancar a sua mão, você vai ficar marcado para o resto da sua vida. Te perdoo, mas a minha mão não vai voltar no lugar.

A Expressão de um Desejo:

As noções de Desejo ou uma simples vontade qualquer estão representadas aqui nesta Classe com seis Categorias que ocorrem em várias Sessões.

Vontade de inverter papel com o mediador.

Nesta Categoria, alguns participantes expõem o desejo de trocar de papel como o Mediador, propondo que eles devem conduzir as Sessões. Sessão VIII.

Participante F: Ele resumiu tudo. Gente, como pode ter existido um cara bom desse jeito.

Mediador: É. O cara era bom.

Participante F: Nossa. Que orgulho dele ter sido aqui do Brasil.

Mediador: Isso é verdade.

Participante M: Vamos fazer diferente, pegar uma música e nós te entrevistamos, só.

Participante F: É verdade.

Participante M: Pode ser bem interessante.

Participante F: Não. Faz assim, no último dia...

Mediador: No último dia então.

Participante F: A gente faz isso.

Mediador: No último dia.

Participante M: Hoje você já trouxe duas músicas já.

Mediador: Mas eu trouxe as músicas porque eu tinha que trazer as músicas.

Participante F: Por que o Sr. escolheu essa música?

Mediador: Eu escolhi essa música porque eu gosto muito dela e eu acho que a letra fala bastante coisa. E é isso que a gente está aqui para conversar. Do que a música está falando?

Lutar para conseguir o que se deseja.

O grupo avalia que para se conseguir o que deseja é necessário muita luta, pois, as coisas não vêm facilmente. Sessão IX.

Mediador: Bom, voltando ao texto então, a moça tecelã ia lá e tecia o que ela queria, o que ela precisava, e ela tinha. Na vida real, a gente consegue fazer o que a gente quer? Tudo o que a gente quer?

Participante M: Não.

Participante F: Lutando.

Mediador: O que a gente quer a gente consegue. Ele como que a gente consegue, explica para mim melhor, como assim lutando a gente consegue? De que forma lutando, de que jeito lutando?

Participante M: Se você quer ser alguém na vida você tem que estudar. Você vai depender de sorte se você não estudar.

Mediador: E a gente pode falar de sorte hoje em dia? Será que ainda tem essa questão da sorte? Vocês acham que tem sorte hoje em dia ainda? Gente, eu quero entender a seguinte coisa de vocês...

Participante M: Eu conheço gente que parou de estudar na quarta série e está bem de vida hoje.

Mediador: Mas parou na quarta série. Há quanto tempo foi isso. Eu pergunto hoje, se ele parar de estudar hoje, será que ele vai ter sorte?

Participante M: Não, nem lixeiro ele vai poder ser.

Participante M: Não vai ter trabalho, porque lixeiro precisa ter ensino médio. Ele não vai ter nenhum trabalho.

Participante F: Mas isso aí não é trabalho.

Desejo versus Realidade.

Nesta Categoria, o grupo foca a discussão sobre o que é desejo de uma pessoa e a realidade de aquele desejo poder se concretizar. Os participantes apontam que a realidade é sempre mais difícil que a vontade e que optar por viver apenas na realidade impede o sonhar. Sessão X.

Participante M: É assim: prefere esquecer a realidade e pensar que tudo é possível, e assim a pessoa esquecer a realidade e ir atrás do que sempre quis.

Mediador: Na verdade, eu ia te fazer uma pergunta, mas eu acho que você já tem a resposta.

Participante M: Você falou de realidade.

Mediador: O que você acha disso?

Participante M: A realidade?

Mediador: A realidade é difícil?

Participante F: A gente precisa entender.

Mediador: Se a gente ficar só na realidade, e aí?

Participante M: Não tem sonho.

Mediador: Se a gente ficar só na realidade, o que acontece?

Participante M: Fica maluco.

Mediador: Enlouquece.

Participante M: Tem que ter um sonho.

Mediador: Por isso que tem que buscar. Olha a importância, não é importante?

Participante M: Com certeza.

Mentira para realizar um desejo.

Na Sessão XII, o tema desejo surge nas conversas dos participantes sob o aspecto da necessidade de algumas pessoas mentirem para realizar uma vontade.

Participante F: Crepúsculo é uma coisa o texto é outra.

Participante M: Crepúsculo não é de fato.

Participante M: Será que...Ele mentiu?

Mediador: Mentiu pra quê?

Participante M: Por causa do sol.

Participante M: Mas ele falou que não queria matar ela.

Participante M: Será que ele queria ser, tipo... O noivo dela, por exemplo?

Mediador: Como assim?

Participante M: Será que ele...

Participante M: Tipo assim, será que ele queria matar ela? Matar essa última pessoa?

Participante M: Se ela morresse, ela não seria de outra pessoa só dele!

Mediador: Olha o que ele está falando.

Vontade de fazer mal a alguém.

Ainda na Sessão XII, o grupo avalia a vontade que alguns participantes têm de fazer mal a alguém, ou de devolver o mal feito por alguém a eles.

Mediador: Quem tem vontade de fazer mal pra alguém que te fez mal?

Participante F: Eu já até senti mal. (todos falam ao mesmo tempo) tá se perdendo, ó...

Participante M: Vou pegar aquele cachorro do...

Participante F: Aí, quis fazer graça levou.

Mediador: Por que quer se vingar do cachorro? Coitado.

Participante M: Eu fui na minha avó e dei banho nele, ele fugiu e enfiou o focinho na terra. Eu chapei!

Participante M: Aí ó, bate nele e espantar, no outro dia, se acontecer com o Pierre, ai. Todo sujinho.

Mediador: Eu acho que tem uma pessoa muito, meio vingativa aqui na sala.

Mediador: Não ele, já falou da vingança dele com o cachorro. Eu acho ela vingativa.

Participante M: Ela é.

Participante M: É.

Mediador: Ela tem cara de vingativa. Você é vingativa? Já fez mal pra alguém?

Participante F: Já.

Participante M: Vai viu. Você não viu a vó dela.

Participante F: Mas, não deu certo.

Mediador: Não, não. E quando alguém te chateia?

Participante M: Chateia? Eu vou lá e chateio ela também.

Desejo de vingança.

Ligada à Categoria anterior, esta trata do desejo de vingança que alguns participantes podem ter em relação a várias situações de suas vidas particulares. A discussão foi bastante produtiva, como se pode perceber pelo trecho selecionado abaixo. Sessão XII.

Participante M: Imagina, eu amo uma pessoa e descubro que ela me largou porque sou pobre. Fico rico.

Mediador: E aí? E você?

Participante M: Eu? De boa.

Mediador: Você?

Participante M: Eu? Se ela me furar eu furo a pessoa.

Participante M: Se tiver que matar a pessoa, é o professor de matemática...

Participante M: O quê?

Mediador: Quem foi vítima de uma vingança, então?

Participante M: Ah! Sei lá, eu fui.

Participante M: Eu fiz outra vingança com o cachorro, tranquei ele lá no banheiro.

Participante F: Coitadinho.

Mediador: Vamos escutar a vingança dela, fala a sua vingança.

Participante M: Ela? Já jogou sal na máquina de lavar da vó dela.

Participante F: As ideias de jerico.

Participante M: Jogou sal.

Mediador: Não foi sal? Foi o quê?

Participante M: Álcool, fósforo...

Participante M: Você é escorpião, né?

Participante F: Não sou aquariana. Tipo assim, ela pegou meu estojo, ela falou com minha vó e eu não gosto.

Participante M: Eu? Não implico com nada não.

Participante M: Ele estava aqui na classe e deu um tapa no outro.

Mediador: Isso é normal, é saudável?

Participante M: Totalmente normal, se sente aliviado.

Mediador: Vocês estão vendo a novela? A vingança dela com a Carminha?

Participante F: Ela merece, ela merece.

Participante M: Acabou com a família dela, enterrou ela.

Participante M: Matou o pai.

Participante M: Professor, professor, não é vingança.

Participante M: Minha tia me obrigou, eu fiquei tão nervoso... Que eu peguei a pipoca, eu e meu primo, fritei, estragou, eu taquei *catchup* e mostarda e a pimenta daquelas que ardem, já viu? Que ardem o olho. Eu despejei na pipoca, eu ele começamos a misturar a pipoca com pedaço de malagueta.

Participante F: Aí...?

Participante M: Depois ela comeu?

Participante M: Aí eu fiz suco de fruta pra minha tia também.

Participante M: Olha o juízo.

Mediador: Onde você falou que não é vingativo mesmo?

Participante F: A partir do cachorro.

Mediador: O cachorro foi o mais simples, né?

Participante M: O cachorro foi lá em cima.

Mediador: É pessoal, estou vendo que vocês têm um lado muito sádico, sádico e anormal.

Participante M: Aí foi eu, minha prima e minha tia pro postinho.

Mediador: Lavagem estomacal?

Participante M: Eu disenteria, eu bebi pouco.

Participante F: Com peso na consciência.

Participante M: Eles me mandaram tomar água com açúcar e sal.

Mediador: Soro.

Participante M: É soro, soro é maior ruim de beber.

A Solidão:

O tema Solidão está representado nesta Classe com três Categorias retiradas de duas Sessões: VIII e IX.

Solidão como forma de aprendizagem.

A noção de Solidão como forma de aprendizagem foi discutida na Sessão VIII e está representada nesta Categoria. A partir dos comentários sobre o poema lido, o grupo foca que estar sozinho é uma forma de aprender.

Mediador: E é melhor que a solidão?

Participante M: É.

Mediador: Mesmo o amor que não compensa? Mesmo você sabendo que vai sofrer?

Participante F: Não. Eu acho que não, porque vai ter a solidão depois.

Participante M: De qualquer forma vai ter a solidão.

Participante F: É, mas a gente tem que sofrer para aprender.

Mediador: A gente já conversou sobre isso aqui. E aí?

Participante F: Aí entra assim mesmo. Mas você já vai saber o que vai acontecer. Você já sabe as consequências.

Mediador: Mas, sabe de fato? O que aconteceu com uma pessoa, eu estando com uma pessoa, é prova de que vai acontecer com outra pessoa exatamente igual?

Participante F: Não.

Participante F: Não. Depende da pessoa, do caráter, da...

Mediador: Será que é porque eu sofri com uma pessoa porque ela não me levou a sério, porque ela, isso quer dizer que, obrigatoriamente, eu vou sofrer com outra pessoa da mesma forma?

Participante M: Não.

Participante F: Não. Cada pessoa é de um jeito. Você só aprendeu para viver melhor.

Participante M: Se eu tiver errado, você fala que eu estou certo (ininteligível: 00:07:55).

Solidão como preparo para um novo relacionamento.

Na mesma Sessão, o grupo centra seus comentários no fato de a solidão ser uma espécie de preparo para um novo relacionamento, pois, de acordo com eles, ao estar sozinho a pessoa pode refletir sobre o relacionamento antigo e se preparar para o novo, consertando possíveis erros. Sessão VIII.

Participante F: É, mas tem gente que prefere a solidão para dar um tempo para, talvez, depois viver outro amor.

Participante M: Mas, isso acontece naturalmente.

Mediador: Exatamente.

Participante M: Para esquecer, senão...

Dividir a solidão com outra pessoa.

Ainda na Sessão VIII, o poema lido incentiva a discussão que em um relacionamento amoroso é importante dividir tudo e as pessoas precisam evitar somar o que é negativo, como a solidão.

Mediador: Se a gente parar para pensar que em dois versos, duas linhas, esse cara falou tudo isso que vocês falaram aqui, olha que legal. Duas linhas. Tudo isso que nós falamos aqui está em duas linhas apenas. Aí ele fala assim, olha, continuemos, “abre os teus braços meu irmão, deixa cair. Para que somar se a gente pode...”?

Participante F: Dividir.

Mediador: Dividir.

Participante M: Para que somar mais solidão, mais sofrimento se você pode dividir com outra pessoa.

Mediador: Olha que bonito isso.

Participante F: Que lindo!

A importância da Religião:

Esta Classe abarca três Categorias que tratam da relação dos participantes com a Religião. Os pontos de vistas dos integrantes sobre o tema tratado é exposto sob diferentes ângulos.

Religião versus Deus.

As convicções religiosas do grupo foram registradas nesta Categoria que abarca a relação entre religião e Deus. Alguns participantes questionam a veracidade da *Bíblia* e outras verdades teológicas. Sessão XV.

Participante M: Se existe uma coisa assim, (00:27:19)

Participante F: Porque Jesus não quer. Bom, com base na *Bíblia*, é o que a história da *Bíblia* conta, se você acompanhar agora...

Participante M: E como a gente pode saber se a *Bíblia* fala a verdade? Eles dizem.

Participante: Como eu vou saber se foi escrito por Deus: Ninguém sabe isso.

Mediador: Você acha que o livro do Apocalipse está faltando Deus?

Participante M: É.

Participante M: E, também, eu penso assim, se Deus inventou o humano, quem inventou Deus? É isso que fica.

Participante M: Se Ele não existe, como Ele vai se inventar? Não dá para saber nada.

Ciência *versus* Religião.

Na mesma Sessão, em continuidade à discussão anterior, o grupo agora foca suas atenções na relação entre Ciência e Religião e conclui que cada pessoa tem o direito de seguir a religião que bem entende. Sessão XV.

Participante M: Não adianta cientista pesquisar porque ele não vai saber.

Mediador: Mesmo porque ciência vai para um lado e religião vai para outro.

Participante M: Exatamente.

Participante M: E religião, eles não acham uma prova, vai no que eles acreditam e ciência vai numa coisa que tem alguma cultura, eles não sabem o que tinha no passado.

Participante F: Mas, eu acho assim, independente de, por exemplo, ele acredita numa coisa, não adianta eu ficar debatendo com ele. Por exemplo, ele vai na ciência e eu vou na religião, não adianta eu ficar brigando com ele, não é assim! Cada um tem e acredita numa opinião. Não adianta ficar brigando nesse sentido.

Participante M: Sobre vida, sobre Deus, sobre religião, eu não tenho uma opinião formada sobre isso, eu acho muito difícil.

Participante F: Mas, quem já tem você não consegue mudar. Da mesma forma que eu não vou conseguir mudar a sua.

Participante F: Todo mundo fala que tem céu, tem inferno, tudo, onde fica isso? Onde fica esse povo?

Participante M: Não existe para onde vai o homem não.

Participante F: Então...

Céu *versus* Inferno.

Nesta Categoria, mais uma vez, as convicções religiosas dos participantes do grupo vêm à tona e a discussão sobre o tema Céu e inferno fica acalorada. Sessão XV.

Participante F: Em minha opinião é igual à dela, o céu e o inferno.

Mediador: É? Céu e inferno?

Participante F: É igual ele falou, por exemplo, eu acho que da mesma forma como ele está dizendo ele acredita na mesma coisa. Pelos seus atos é que você vai ver para onde você vai.

Participante M: Quem prova que tem o inferno?

Participante M: Ninguém prova. E ninguém sabe quem é Deus.

Participante M: Tem gente que fala que, tipo, já viu um túnel, viu Jesus Cristo, viu um sinal.

Participante F: E nesse livro, a mulher disse que foi para o inferno e Deus a acompanhou até lá embaixo. Chegando lá, disse que o inferno é tipo um porco, tem mão, cabeça, perna, tipo uma estrutura. E teve uma parte que ela chegou no pescoço, na garganta do inferno. Chegando lá ela disse que tinha várias almas acorrentadas e brasas e lamas, um canal estreito. Ela sentiu uma presença muito... E ela perguntou para Deus o que era aquilo, e ela olhou para trás e viu que era o Lúcifer. Também tem outro livro chamado Divina Revelação dos Céus, dela, que fala como é que é o céu, ela fala como é, que vai pra lá, eu não sei, eu nunca li.

A Relação dos participantes com a Família:

Esta Classe, com quatro Categorias, trata do tema Família e, especificamente, da relação com os pais.

Coragem de abandonar o pai em um momento de necessidade.

O conto trabalhado na Sessão XVII suscita a discussão sobre abandonar o pai em um momento de necessidade e o grupo expõe seu ponto de vista.

Mediador: Vocês teriam coragem de fazer isso?

Participante M: Não, de jeito nenhum.

Participante M: Nem eu.

Participante F: Eu abriria mão de tudo, eu abriria mão de tudo, pai é um.

Participante M: Ele cuidou tanto de mim, chega na hora que eu vou.

Participante M: Quando chega a hora de você cuidar deles.

Participante F: Quando chega a hora de você cuidar deles, eu vou simplesmente virar as costas? E ainda por um motivo banal, porque baile vai ter outros.

Participante M: Retribuir o que ele fez por você. E você não vai conseguir.

Retribuição ao pai.

Em continuidade à Categoria anterior, o grupo foca atenções na postura de retribuição ao pai durante a vida. Sessão XVII.

Mediador: Vocês têm isso muito certo não é, a questão da retribuição?

Participante M: Sim.

Participante F: Os seus pais fizeram por você.

Participante M: A minha tia já bateu em uma mulher que fez isso. As duas estavam brigando muito, e ela era vizinha da minha tia, e a mãe dela sempre ia na casa dela, só que ela falava que a filha dela entrava no quarto dela e gastava tudo, gastava a aposentadoria dela. Aí elas estavam brigando e a minha tia fez assim na cara dela. Porque a minha tia cuidou, durante onze anos da minha avó, a minha avó era cega, e ela cuidava dela até a morte. E realmente ela fica muito ofendida com isso.

Participante F: Meu pai também fez tudo por mim até hoje, só que ela não podia ter feito isso.

Estar presente na vida de um pai.

Ainda em continuidade às Categorias anteriores, o grupo fala da necessidade de estar presente na vida de um pai. Sessão XVII.

Participante F: Mas, por exemplo, todo dia você ia visitar então.

Mediador: Vamos supor que você tenha que trabalhar, não tem como largar o seu emprego. Porque essas coisas acontecem no pior momento da vida da gente, porque a gente não pode largar serviço para ficar cuidando.

Participante M: E, às vezes, não tem condição.

Mediador: Não tem condição.

Participante M: E o resto da família também.

Participante F: Não pode cuidar.

Mediador: E, às vezes, de repente, a melhor saída, não sei, seria, talvez, colocá-lo em uma instituição, porque lá ele seria cuidado vinte e quatro horas por dia. Porque ele receberia os remédios. Eu quero saber de vocês, o que vocês acham disso? Vocês fariam isso?

Participante M: Eu faria, mas, eu ia visitar ele.

Participante F: Mas é como o professor falou, você não tem opção, melhor.

Participante M: Mas, você tem que ir lá.

Participante M: Ficar uma hora, duas horas no dia.

Participante M: Eles falam que eles não gostam de adulto, de jeito nenhum.

Participante M: Os idosos? Todo mundo vai ficar velho.

Participante M: O que ele está passando você vai passar também.

Participante F: É, se você maltrata o seu pai e a sua mãe que já são de idade, você vai passar também.

Responsabilidade em relação aos pais na velhice.

Nesta Categoria, o grupo discute a responsabilidade deles como filhos em relação aos pais na velhice. Os participantes apontam que será responsabilidade deles cuidar de seus pais no momento de necessidade. Sessão XVII.

Participante F: Mas se esse fosse o caso, fosse para levar para o meu pai morrer sozinho, morria junto comigo.

Participante M: Eu ficava lá o resto da vida, e morria lá também.

Participante F: Tem uma senhorinha, até hoje a minha mãe estava comentando, minha avó chegou e estava comentando com a minha mãe. Ela tem a filha dela, e minha avó chegou chorando. Assim, ela é bem de idade, noventa e tantos anos já, e ela mora com a filha e um monte de neto, quer dizer, uma vida esquecida, os meninos não têm certa autoridade do pai, da mãe, filho drogado em casa assim, e daí ela vive sozinha, e a filha não dá bola para ela. Uma situação assim muito ruim mesmo, e a filha ganha mais que ela, e ela ganha menos que a filha, então ela passa necessidade, a filha,

muitas vezes, não cuida dela, pra cuidar mais dos netos. Porque assim, os netos já são grandes, já têm idade de trabalhar, e ela não quer que os netos trabalhem. Até a minha mãe estava falando que podia ver se alguém ajudava ela, porque se ela continuar daquele jeito, ela já está praticamente no final da vida, então ela chorou para a minha avó ontem, ela falou que a filha está bem longe dali, longe da própria família dela, pelo jeito que ela é tratada.

Mediador: É triste chegar ao final da vida assim, não é?

Participante F: E justo ela que tem os filhos, nossa!

Mediador: Você pensar que você se dedicou por uma pessoa, pela família, e a família...

Participante F: Te largar.

Participante M: Tem uma música que cuidou a vida inteira, a mulher dele morreu ele cuidou a vida inteira, tudo. Chegou no fim, o filho dele virou engenheiro, jogou ele no asilo e não vai nem ver.

Mediador: É triste.

Participante F: Isso é triste, por isso que quando eu ficar maior assim, eu quero poder cuidar do meu pai e da minha mãe, porque eles cuidaram de mim até hoje.

Participante M: Depende de cada um.

Observa-se nessa Classe de Categorias uma grande multiplicidade de temas suscitados pelas leituras realizadas pelo grupo ao longo das Sessões. Salienta-se, porém, que aqui estão incluídas categorias cujos temas extrapolaram o texto e tocaram diretamente os participantes do grupo. Houve uma relação intrínseca do que foi lido com suas próprias vidas. Temas como Vida, Morte, Sofrimento, Amizade, Solidão, Relacionamento amoroso e Sonho assumiram grande importância nas discussões e, conseqüentemente, nas vidas dos participantes. Percebeu-se uma grande necessidade deles de falar sobre tais assuntos, dar vazão a um sentimento preso e incômodo. No início, era comum os participantes usarem “amigos” com exemplos dos problemas discutidos, posteriormente, à medida que foram se sentindo mais à vontade e acolhidos pelo grupo, os participantes falavam de si mesmos, sem constrangimento. Outro aspecto importante a ser notado aqui é que as temáticas levantadas pelos participantes mostram uma preocupação reflexiva sobre o texto. Há que se avaliar o nível das discussões e das colocações individuais, pois, percebeu-se que suas falas, muitas vezes, se referiam a uma integração de vida em comunidade, o que causou surpresa, visto que a imagem que eles passam é contrária ao que foi observado. Até mesmo os silêncios também chamaram atenção, em muitos momentos percebeu-se que, mesmo que não estivessem participando ativamente das discussões, dando suas opiniões, estavam calados, observando e digerindo as informações que circulavam na roda. A postura corporal indicava que havia anuência com o que estava sendo discutido e, algumas vezes, até mesmo discordância, inquietude e necessidade de falar.

São Categorias que expressam uma diversidade de material muito grande, abrindo possibilidade para estudos futuros e também se tornam um dos pontos centrais da presente pesquisa.

5.3.4. Aspectos Gerais das Classes de Categorias das Sessões

De maneira geral, cada Classe de Categoria incluída neste trabalho reforça o que foi explanado anteriormente, desde o momento da organização da sala para a execução das Sessões até o término de cada uma delas, a riqueza do material mostra o quanto o grupo evoluiu ao longo das vinte sessões, tanto no aspecto comportamental e atitudinal quanto na prontidão para a interpretação dos textos lidos.

Na Classe de Categorias Temáticas Relativas ao Modo de Funcionamento das Sessões e de Participação percebeu-se o que o grupo demonstrou quanto à dinâmica da Roda de Leitura. Primeiramente, quanto à própria organização da sala para a execução do projeto. Foi preciso desterritorializar os alunos de uma organização disciplinar de sala de aula para propor uma nova organização. Na primeira Sessão, os alunos organizaram-se em filas, como se estivessem em uma sala de aula regular e quando foi questionado o porquê daquela organização, eles não souberam responder com exatidão. A proposta de uma outra dinâmica de organização do grupo durante as Sessões, em princípio, provocou uma certa desconfiança neles, sob o ponto de vista da funcionalidade do Projeto, porém, à medida que as Sessões foram acontecendo e os participantes perceberam que a organização em círculo propiciava um olhar no rosto a fim de transmitir confiança e solidariedade e que, portanto, a conversa fluía melhor e com melhor resultados.

Importante salientar que o material organizado nessa Classe de Categoria demonstra o desenvolvimento do nível de prontidão dos participantes quanto à organização do grupo no início das Sessões e a consequente implicação no desenvolvimento da participação deles nas discussões dos textos. Sob esse ponto de vista, todas as Classes de Categorias incluídas neste trabalho estão intimamente ligadas. Elas podem ser acompanhadas no Apêndice deste trabalho.

Porém, o cerne do trabalho está na Classe de Categorias Temáticas Relativas ao Texto e na Classe de Categorias Temáticas Externas ao Texto. No que diz respeito a primeira Classe de Categorias, foram consideradas sessão por sessão as discussões suscitadas acerca dos textos lidos. Aqui, a preocupação foi com a estrutura narrativa e o nível de percepção dos participantes quanto a esse aspecto. Percebeu-se que, à medida que as Sessões avançavam, o grupo demonstrou mais cuidado e preocupação com as estruturas narrativas principais do texto, tais como: personagens, ambiente, narrador e tempo. Notadamente, também se percebeu que, paralelamente a essa preocupação, o olhar mais cuidadoso acerca da simbologia metafórica de

determinadas passagens textuais também ocupou a atenção dos participantes e isso se tornou centro das discussões.

Importante salientar neste momento que a reconstrução metafórica e a consequente proposta de um percurso de sentido estão intimamente ligados à interpretação textual mais profunda, denotando um olhar mais cuidadoso e apurado para o tecido textual e propiciando uma riqueza na discussão.

Já na Classe de Categorias Temáticas Externas ao Texto estão os momentos de saída do grupo do texto em si para aventurar-se em outras paragens. Os temas suscitados pelos textos estabeleceram grande relação com as vidas dos participantes da pesquisa e a discussão passou do limite textual e pousou nos limites da própria vida. Texto e vida mesclaram-se e tocaram os alunos que se abriram para o diálogo, expondo aquilo que havia de mais íntimo. São momentos que demonstram a maior abertura dos participantes às discussões realizadas e a maior entrega ao texto lido. O texto deixa de ser papel e passa a ter cores e sabores, às vezes doces, às vezes amargos. As sensações se misturam e não há mais como dissociar leitor – texto – vida. Um se impregnou no outro.

A multiplicidade de temas é enormemente rica e configura material farto para futuras pesquisas sob vários pontos de vistas.

5.3.5. A Cognição Inventiva nas Rodas de Leitura

Tal como já foi citado na Introdução, o conceito de cognição ou aprendizagem inventiva se refere a um modo de contato com o mundo alternativo àquele da reconhecimento. Em lugar de uma representação, a partir de concepções prévias, o aprendiz é levado a experimentar problemas que o tema coloca e, no contato com esses problemas, são inventadas novas concepções de mundo e um novo si mesmo diante deste. Trata-se, portanto, de uma saída dos territórios cotidianos, estabelecidos, do mundo já conhecido, o que é chamado de “desterritorialização”, para se colocar em contato com “signos”, apresentados na forma de problemas e questões. Tudo isso se inicia com um sentimento de estranhamento, de desconhecimento, de não-reconhecimento. A partir deste confronto com o novo, o signo, o problema, é que vão se constituindo as cognições possíveis, dada a multiplicidade de signos, e diante dessas cognições, novos si mesmos também são inventados.

É importante enfatizar que, nesta concepção teórica, mundo e si-mesmo são produzidos como partes indissociáveis de um mesmo processo, produzidos “de fora”, pelo contato com o novo. Isto quer dizer que, não há um sujeito que pensa e produz uma visão de mundo, nem um mundo já pronto que demanda a produção de um sujeito. Os dois nunca preexistem e não têm nenhuma potência de produção. A produção vem da virtualidade contida no problema, na questão que surge da desterritorialização produzida pelo contato do signo com o aprendiz. O estranhamento, a ruptura, diante do novo, são os portadores de virtualidade que vão se atualizando pouco a pouco em cada fragmento, indício, pista, “signo” que o aprendiz vai identificando, após o “*breakdown*”.

A título de exemplo, pense-se num aprendiz de natação que, pela primeira vez é atirado dentro de uma piscina. De imediato ele sofre uma desterritorialização violenta, não há mais chão, terra, literalmente, nos quais possa se apoiar. Afundando e emergindo, ele se vê totalmente perdido, até que, pouco a pouco, descobre contatos novos entre a água e partes do seu corpo que nunca havia imaginado antes. A partir daí, os “signos” da superfície da água e partes notáveis de seu corpo iniciam um processo de atualização de virtualidades conectivas que todo um novo mundo, aquele de como se deslocar sobre a água, surge, e um novo si mesmo, o nadador, simultaneamente, se faz diante dele. Evidentemente, esta é apenas uma situação idealizada, mas, de fato, o que se faz durante todo o curso de um aprendizado de nadar, nada mais é que pequenas etapas do processo geral aqui descrito: a cada aula, novas descobertas de conexões água-corpo vão se dando, pouco a pouco. Trata-se sempre de atualização de conexões virtuais entre “signos” e “partes notáveis do corpo do aprendiz”. Detalhando mais, aprender a usar as pernas para se deslocar na água significa conectar signos da água, a resistência que ela oferece a cada movimento vertical das pernas, com os próprios movimentos destas, para daí extrair o deslocamento. Sempre a atualização de uma conexão virtual entre signos e partes do corpo, que se destacam naquela aprendizagem.

Essa explicação se faz necessária pelo fato de que o que se viu acontecer nas rodas de leitura com os alunos foram etapas, fragmentos, passo a passo, destas aprendizagens inventivas. Em algumas sessões, eles se “entregavam” ao “*breakdown*”, aceitavam a desterritorialização, o estranhamento, mas em outras, principalmente, nas iniciais, eles se defendiam, eles se apegavam a reconhecimentos, tentavam interpretar e até mesmo discutir o texto, reafirmando concepções e vivências que já possuíam. Apenas quando essas tentativas de defesa começaram a falhar, a não dar as explicações que eles esperavam, em alguns casos, pelo fato do texto apresentar-se demasiadamente apoiado na fantasia, ou então, por eles levarem as consequências de suas discussões longe demais e chegarem à conclusão que elas não faziam sentido, é que

então, se entregavam aos problemas, às questões, deixavam-se levar pelos “signos”, e então, novos mundos e si mesmo eram produzidos.

A seguir, dando sequência a essa concepção de aprendizagem ou cognição inventiva, serão consideradas as categorias que melhor ilustram esses momentos de estranhamento, desterritorialização e sucessivas cognições inventivas. A Classe de Categorias Temáticas Externas ao Texto retrata bem o quanto a leitura e a discussão dos textos propiciaram um mergulho mais profundo nas tramas dele, possibilitando uma extrapolação dos temas. Tal movimento tangenciou a vida dos participantes, tocou seus íntimos e produziu falas, confissões que se relacionavam com aquilo que havia de mais profundo neles. Vida e texto mesclaram-se, tornando-se um algo único e indissociável. Nestes momentos foi possível perceber “desterritorializações”, estranhamentos, seguidos de cognições inventivas e até de questionamentos sobre si mesmos. Frisa-se que tais momentos também foram encontrados na Classe de Categorias Temáticas Relativas ao Texto, porém, estão mais presentes na Classe de Categorias Temáticas Externas ao Texto.

Ao comparar essas duas grandes Classes, percebeu-se o quanto os textos “afectaram” os leitores. Na Sessão I foram elencadas treze categorias externas ao texto, com temáticas que giravam em torno do Relacionamento amoroso, Bem-estar consigo mesmo e a Vida, enquanto que no que tange à estrutura textual, o grupo levantou apenas uma categoria: Recordar *versus* Esquecer, assunto do texto trabalhado na Sessão. Interessante salientar que o texto trabalhado nessa sessão foram os poemas “Amar” e “Eu” de Florbela Espanca e a partir dele, a problemática do Relacionamento Amoroso foi uma constante e, basicamente, marcou a sessão: Amor passageiro, Aproveitar o amor, Fazer o amor valer a pena, procurar um grande amor para dar sentido à vida, não fazer aos outros o que não quer para si, amor *versus* perdão, certeza de que a pessoa amada não errará novamente, importância de se esquecer um grande amor, dar valor depois que se perde. Aqui, os temas levantados representam a riqueza das discussões dos participantes e o quanto o poema tocou suas vidas, criando novos problemas além daqueles do próprio texto – além do ato interpretativo. Ainda na mesma Sessão, a temática Vida também esteve presente: aproveitar a vida e arriscar-se na vida para aprender a viver estão, de uma certa forma, ligados ao tema Relacionamento Amoroso. Todavia, provavelmente por tratar-se de uma sessão inicial, o que se observou foi mais uma reafirmação de concepções correntes no cotidiano dos participantes, algo como uma reconhecimento. Eles não se defrontavam ainda com as situações de estranhamento que surgiriam em sessões posteriores.

Na Sessão II foram levantadas treze categorias externas ao texto que também demonstram o quanto os poemas trabalhados “*E tudo termina em um ótimo orgasmo*” – Charles Chaplin; “*O*

Tempo” – Willian Shakespeare; “*Canção*” – Cecília Meireles impactaram os alunos. Importante frisar que os participantes atentaram para a relação do poema com suas próprias vidas “Eu acho que isso liga, da Cecília Meireles, liga um pouco com a vida. Porque a nossa vida é um barquinho. Nossa vida, a gente está lá, joga no mar. É igual o barquinho, ela está sujeita a naufragar, esta pode ser em ondas, pode estar na maré calma” (pg. 197). A discussão sobre a vida não se deteve apenas nesse momento, o propósito da vida também foi palco das atenções do grupo, bem como as oportunidades que esta dá: “É assim, a vida é inesperada porque tudo pode acontecer. Da mesma forma que eu estou vivendo, de repente eu morro. É uma coisa inesperada. Ninguém espera a morte. Outra coisa inesperada, é isso que eu já disse, você não espera por aquilo e acontece” (pg. 202). Percebe-se que as temáticas Vida e Morte são uma constante nas discussões do grupo, pois, nesta sessão, o temor à morte e, esta, como consequência da vida também estiveram presentes nas discussões. Um ponto interessante a ressaltar aqui é que o grupo também centrou seus comentários na temática da Vida após a morte, e a divergência de opiniões foi bastante interessante, visto que estavam, aparentemente, alicerçadas em pressupostos religiosos e polarizou-se naqueles que acreditavam em vida após a morte e aqueles que não acreditavam. As temáticas que finalizam o encontro são A Felicidade depende de cada um e Sonho *versus* Ilusão e ambas mostram o quanto o poema de Cecília Meireles tocou cada um, promovendo discussões para além dele. Nesta sessão, os participantes parecem permanecer ainda num contexto de reconhecimento, reafirmando suas crenças e valores, tanto morais quanto religiosos. Mas, já se pode oportunizar, pelo próprio formato de discussão em grupo, um debate e um questionamento, a partir dos diversos pontos de vista. Todavia, não se pode ainda dizer que ocorriam ali estranhamentos, desterritorializações e subsequentes cognições inventivas. O grupo ainda estava se constituindo, não havia confiança suficiente uns nos outros, para um aventurar-se pelo desconhecido, pelo contrário, parecia tratar-se de uma reafirmação das crenças e valores já constituídos em cada um.

Na sessão III as discussões giraram em torno do relacionamento humano e mostraram o quanto os adolescentes estavam preocupados com tal questão. Temáticas como A difícil convivência entre as pessoas; Aceitar as diferenças; A importância de se dar bem com as pessoas; Diferença entre amigo e colega; Família como primeiro amigo marcaram o tom das discussões que extrapolaram os textos trabalhados “*Nem tudo é fácil*” de Cecília Meireles; “*Apesar de Você*” de Chico Buarque de Hollanda; “*Mergulho*” – Autor desconhecido; “*O que é Amor*” de Domingos Caldas Barbosa e “*Motivo*” de Cecília Meireles. Percebeu-se o quanto os participantes retomam a temática do Relacionamento em suas variadas manifestações. Esses temas com os quais os participantes se viam confrontados já passavam a exigir dos adolescentes

algum tipo de questionamento de suas crenças e valores, algum princípio de desterritorialização e estranhamento.

Na sessão IV, os poemas “*Amiga*” – Florbela Espanca e “*Se eu morresse amanhã*” – Álvares de Azevedo” suscitarão discussões acaloradas e profícuas, levantando dezessete categorias externas ao texto. Temáticas como Amor e Morte foram o cerne do encontro, mostrando o quanto os participantes estavam presos a tais assuntos. Salienta-se que, inclusive, discutiu-se acerca de homofobia – levantada pela suposição de que o eu-lírico feminino estava se declarando para uma outra mulher. Aqui percebeu-se que os alunos apresentavam uma postura muito mais compreensiva e acolhedora em relação à temática do que se esperava. Percebeu-se um aprofundamento nas discussões a partir desta sessão. Este aprofundamento já implicava na revisão de posições estereotipadas e correntes no cotidiano deles, podendo-se pensar em algum tipo de diferenciação.

Da sessão V até a sessão VIII trabalhou-se com letras de música e na sessão V as músicas escolhidas foram “*Nos Bailes da Vida*” e “*Caçador de mim*” ambas de Milton Nascimento. A ideia de se ter de ir atrás de seus sonhos abriu a discussão dos alunos, interessante notar o quanto todos concordavam que era extremamente necessário assumir uma postura ativa em relação àquilo que se queria ou sonhava. Partir para a busca e fazer valer o sonho. Ainda nessa temática, o grupo centrou-se na necessidade de se ter um novo sonho para substituir um já realizado, pois, de acordo com eles, assim dava-se sentido à vida, mesmo que fosse uma decepção. Era, portanto, necessário ir à luta, realizar aquilo que se buscava para ter novo objetivo na vida. A riqueza dessa discussão mostra o quanto os adolescentes estavam preocupados com a importância de se ter um sonho, a necessidade de se ir atrás dele e a sensação de recompensa ao realizá-lo, mas, acima de tudo, a extrema importância de sepultar um sonho já realizado a fim de se buscar novos. Chama atenção também a discussão em torno da necessidade de se conhecer o passado para projetar o futuro – saber de onde se veio e para onde se vai, sem pisar naqueles que fizeram parte dessa caminhada. Pode-se perceber a aventura dos participantes por territórios que, em geral, são bastante complexos para eles, que preferem viver na singularidade de sua solidão, mas que nesse grupo se sentiam acolhidos o suficiente para se abrirem e discutirem. Fica claro que, pelo menos para alguns, os mais envolvidos, as concepções prévias estavam sendo questionadas no confronto com pontos de vistas diversos.

Mais uma vez, a temática Relacionamento humano – Amor toma conta do grupo nas discussões das letras das músicas “*November Rain*” (Tradução) – Guns ‘n Roses; “*Hey There Delilah*” (Tradução) – Plain White T’s na sessão VI. Aqui as dez categorias externas ao texto levantadas mostram o quanto os adolescentes percebem a necessidade de se ter alguém na vida

para expressar o amor; as intercorrências de um relacionamento amoroso a distância; a confiança no outro; a importância e o limite do perdão. Salienta-se aqui o posicionamento deles quanto à dificuldade de se perdoar alguém. As discussões se dividiram entre aqueles que perdoavam e aqueles que não perdoavam o erro do companheiro. Porém, aqueles que perdoavam também apontam que o relacionamento nunca mais seria o mesmo, sempre haveria uma marca que não se apagaria. Interessante notar que os adolescentes apresentaram posturas muito definidas e até mesmo extremas em relação ao assunto. Dada a familiaridade com a temática, já que se trata de aspectos com os quais convivem cotidianamente, mais de uma vez, o que se assistiu nessa sessão foi uma reafirmação de pontos de vistas, com cada um realizando recognições.

A Sessão VII trouxe as letras das músicas “*Duas Metades*” – Jorge e Mateus; “*João Ribeiro*” – Bruninho e Davi e “*Faroeste Caboclo*” – Legião Urbana, todas selecionadas pelos alunos. A partir daqui, opta-se por extrair trechos de falas dos participantes para melhor ilustrar, pois, à medida que as Sessões avançavam, as discussões tornavam-se mais profundas. Mais uma vez, a temática do Relacionamento Amoroso tomou o centro das discussões. Questões como o fato de as pessoas esconderem seu lado ruim num relacionamento: “Depende dos podres que você tem. Se você só faz coisa errada e tiver uma coisa ou outra de bom, não vai compensar o que você faz de ruim.” (p. 171). Embora o comentário esteja no nível da recognição, percebe-se, dentro da discussão, uma abertura para um novo olhar, uma nova descoberta suscitada pelo grupo. Ainda na mesma temática, o grupo levantou a necessidade que muitas pessoas têm em mudar de personalidade para agradar o parceiro e, o que se percebeu foi um posicionamento muito interessante por parte dos adolescentes em defesa da autenticidade da personalidade de cada um, sem, portanto, a necessidade de mudar para agradar outrem, pois, no final as atitudes denotam o que a pessoa realmente é: “Eu acho assim, não adianta você ter um sorriso falso. A pessoa vai perceber o que você é pelas atitudes.” (p. 171). A necessidade de se estabelecer relacionamentos com as pessoas, evitando o isolamento, também foi suscitada pelas letras das músicas e as discussões deles abordaram o tema: “Não vale a pena você se perder para depois se achar? Talvez achar algo melhor? Mas daí você tem que construir ponte, não tem que construir muro. Você tem que ir melhorando tipo uma pessoa que você gosta.”, “Você tem que construir ponte para você cada vez mais ir conquistando a pessoa porque se você construir muro, você vai ficar isolado.” (p. 173). O grupo ainda transita por recognições, conforme se percebeu, mas, à medida que as discussões avançam, nota-se uma disposição e uma abertura cada vez maiores na aceitação do ponto de vista do outro, na construção conjunta da opinião do grupo e o início de novos questionamentos, novos problemas que viriam a caracterizar

inventividade cognitiva. A discussão girou em torno do Relacionamento Amoroso, complexo e problemático para os adolescentes e dentro dessa temática, o dilema da confiança mútua e do respeito dentro do relacionamento. O grupo acata a temática e a discute à exaustão, apresentando soluções para o problema da aluna. A importância da confiança mútua num relacionamento alimentou uma discussão profícua e mais uma vez, percebeu-se a repetição de padrões de comportamentos ditados pela sociedade, sugerindo que os adolescentes tinham pensamentos arraigados nessa tradição: “Eu acho o seguinte: vamos supor que meu namorado saiu com os amigos ou com as amigas, mas você foi para curtir, não fez nada demais e você chegou e contou para ele. E ele, ah, você está me traindo.”; “Eu duvido, eu aposto, se você tiver namorando, sua namorada foi para uma festa cheia de meninos, duvido que você...”; “Também não adianta você amarrar a pessoa. Pode sentir atração pela outra. Por exemplo, eu estou namorando um rapaz, aí eu vou numa festa de formatura, tal, aí eu conheço outro mais legal, mais interessante, eu vou sentir atração, mas eu não vou ficar com ele, que eu vou saber que tem um outro lá.” (p. 174). Percebe-se que o grupo ainda mantém indícios recognitivos, porém, algumas falas e posicionamentos deles começam a indicar um princípio de confronto com aquilo que estava previamente estabelecido em seus cotidianos, indicando princípio de desterritorializações, como exposto nessa última fala de uma participante. O importante é notar que o grupo não chegou à uma conclusão comum, os diferentes pontos de vistas ficaram reverberando no íntimo de cada um, provocando pequenos terremotos internos, desconstruindo valores e instaurando um vazio propício à invenção cognitiva.

Embora a escolha das músicas ficasse a cargo dos alunos, na Sessão VIII, o mediador escolheu uma de última hora, pois a aluna responsável do dia, havia se esquecido de levar. Interessante notar nessa fala que o grupo tenta inverter os papéis e passa a inquirir o mediador sobre a escolha da música: “Vamos fazer diferente, pegar uma música e nós te entrevistamos, só?”, “Pode ser bem interessante.”, “Por que o Sr. escolheu essa música?” (p. 239). O trabalho realizado a partir das letras das músicas: “*Como Dizia o Poeta*” – Vinícius de Moraes e “*O Poeta está vivo*” – Barão Vermelho traz à tona quinze categorias externas ao texto. Relacionamento Amoroso, Vida, Sofrimento Humano, Sonhos, Desejos e Solidão são as temáticas sobre as quais os alunos mais discutiram. De maneira geral, na temática Relacionamento Amoroso, questões como o medo de amar e sofrer, sentir-se bem ao lado de alguém, crescimento ao lado da pessoa amada, abrir-se para as pessoas se aproximarem, aproveitar o que há de bom em uma pessoa estiveram presentes nas discussões. Algumas falas dos participantes chamam atenção: “Porque não vai amar, por medo?”, “Só isso? Você já está sofrendo, não é?”, “Só de você ficar sozinho, já...” (p. 159). Embora muito ligada à anterior, a

temática Vida trouxe discussões interessantes: “É. Talvez você teria se arriscado. Você teria sofrido...”, “Aconteceu isso comigo hoje. Eu falei, ah, será que eu levo o celular? Aí eu falei, vou levar.” (p. 199). Da temática Sofrimento Humano, extrai-se uma passagem importante: “Porque, afinal, ele não tem ninguém, ele aprende que a solidão traz a dor de não ter ninguém para ficar do lado.” (p. 212), assim como da temática Sonhos: “Não importa o tamanho do problema, tem que lutar para conseguir vencer.” (p. 222). A temática Solidão aparece nas discussões também relacionada ao Relacionamento Amoroso, como sua antítese, porém, o grupo avalia como algo necessário para o crescimento pessoal e até mesmo para o sucesso em futuros relacionamentos, embora alguns mostrem preferir estar acompanhados: “Não. Eu acho que não, porque vai ter a solidão depois.”, “De qualquer forma vai ter a solidão.”, “É, mas a gente tem que sofrer para aprender.”, “Aí entra assim mesmo. Mas você já vai saber o que vai acontecer. Você já sabe as consequências.”, “Não. Cada pessoa é de um jeito. Você só aprendeu para viver melhor.” (p. 243), “É, mas tem gente que prefere a solidão para dar um tempo para, talvez, depois viver um outro amor.” (p. 243), “Para que somar mais solidão, mais sofrimento se você pode dividir com outra pessoa” (p. 244). Porém, o momento que mais chama atenção durante a sessão é quando os participantes percebem o quanto as discussões de texto impactaram suas vidas: “Até leitura de livro mais complicado assim, você tenta ler e já dá para pensar, não, espera aí...”, “Melhorar eu melhorei. Bastante.”, “Quando eu estou lendo, parece que vem uma imagem na minha cabeça.” (p. 150). De maneira geral, percebe-se que o grupo ainda oscila entre a reconhecimento e a invenção de novos mundos, mas, cada vez mais, os participantes, talvez não todos, caminham para uma extrapolação do texto. Porém, os últimos trechos recortados mostram a sensação dos alunos em relação à participação nas discussões e, em especial, a última fala deixa claro o quanto a prática da roda de leitura contribuiu com tal percepção. Nela, percebe-se que o participante consegue ficar imerso na leitura e ser retirado do mundo em que está para outro criado pelas linhas lidas, ele consegue ver imagens do que foi lido, é a criação de novos mundos proposta pela cognição inventiva. Conforme observado na sessão anterior, as discussões sobre o texto e para além do texto eram tão produtivas e profundas que em vários momentos o grupo não se fechava em uma opinião desse ou daquele participante. Logo que um ponto de vista era colocado na roda, era prontamente discutido, refutado, reelaborado e recolocado em discussão. Não havia uma opinião final e conclusiva, tudo que era posto, estava livre para ser contestado e reelaborado. As discussões ficavam, na maioria das vezes, em aberto, esperando uma frase que nunca foi dita.

A partir da Sessão IX iniciou-se o trabalho com textos narrativos, contos. Conforme dito anteriormente, optou-se por esse gênero por ser mais curto e apresentar profundidade narrativa

e temática. Na Sessão IX o conto trabalhado foi “*A Moça Tecelã*” de Marina Colasanti. O conto trabalha com várias temáticas do realismo fantástico e proporcionou discussões extremamente ricas tanto para dentro quanto para fora do texto. Foram elencadas dezessete categorias externas ao texto, refletindo as inquietações dos alunos. Basicamente, as temáticas Amor e Relacionamento Amoroso estiveram mais uma vez presentes, além disso, Felicidade e Futuro também ocorreram. A Categoria - A verdadeira felicidade está dentro da pessoa ilustra bem a reflexão de uma participante: “Tem gente que quer ir além, vai buscando o que está próximo, mas ela não enxerga, quer sempre mais, mais. E é uma pessoa que às vezes está fazendo errado. Ou uma pessoa que não tem nada e quer ter muito. Acho que se você tiver pouco você pode ser feliz.” (p. 215). O texto narra a história de uma moça que tecia tudo aquilo de que precisava e o que era tecido, materializava-se. Surgiu logo a necessidade de um marido, o que ela prontamente teceu. Tão logo o marido percebeu o poder do tear, começou a fazer exigências, levando a moça à exaustão e à reflexão da real necessidade de tudo aquilo. Então, ela começou a destecer tudo. O inusitado do texto, levou os participantes a um grande estranhamento, em princípio pela situação em si: “Tudo que ela tecia, dependendo da cor, da linha, da grossura ela ia tecendo e ia saindo as tristezas, eu achei isso interessante.” (p. 145), “Ela foi tecendo o que ela achava que para ela era necessário, mas acabou sendo desnecessário.” (p. 145). Logo depois do estranhamento inicial, o grupo tenta se organizar para interpretar o texto, porém, a multiplicidade de assuntos adjacentes ao conto toma conta das discussões. Há uma tentativa de se manter uma relação estreita entre o que está metaforicamente proposto no tecido textual com a vida real, uma participante fez o seguinte comentário: “Mas é o porém, na vida real você não vai poder desfazer o que você fez, vai ficar ali do mesmo jeito. Na história... depende, tem coisa que tem como voltar atrás, tem coisa que já não tem mais jeito. Por exemplo, ela como ficou insatisfeita com o homem ela pegou e simplesmente desfez. Mas tem coisa que você pode ter feito querendo, que depois viu que não é bom, mas não tem como desfazer. Mas talvez para ela não podia ser tão simples assim, na vida real para ela poderia ser mais difícil deixar ele, sabendo que ele estava existindo, se ela gostasse dele.” (p. 216). Na sequência, a participante continua: “Pode falar a verdade. Se você ficou bravo pelo crédito que ele levou pela outra, então você sentia alguma coisa. Está bom então, ele quer continuar falando sobre as dores dele, vamos escutar.” (p. 167). Aqui, percebe-se que o texto serviu de pretexto para outras discussões. Claro que suscitadas pela leitura e estranhamento deste, mas agora, a problemática proposta na trama narrativa “afecta” os participantes, literário – fantasioso – real fundem-se de forma indissociável. Cria-se, portanto, um novo problema, para além do texto, para a vida: “Mas será que compensa você só ficar? Vai ficar uma meia hora ali e tchau, se você abraçou? Não, pede

em namoro então, fica um tempo com ela. Se ela não quiser... mas você pode tentar.”, “Porque fala: mas ele não gostava de mim, e não chega? Aí fica até meio chato, porque agora fica todo mundo zoando, o irmão dele chega e fala. Agora eu estou mais perto dele, a gente conversa um pouco, não como a gente conversava entendeu?”, “É, porque eu fico com vergonha dele e ele com vergonha de mim.” (p. 161). O conto agora é uma vaga lembrança, o grupo deixou-se levar pela discussão proposta pela situação inicial da protagonista. O problema criado pelo texto refere-se às vidas dos participantes, não mais à moça tecelã, que, talvez, nem exista mais. O problema deixa de ser da entidade fictícia e passa a ser meu, leitor real e a relação estabelecida entre ente humano e objeto lido passa agora por um acoplamento que é um contato imediato e inventivo com uma matéria.

O conto “*Além do Bastidor*” – Marina Colasanti é a base de discussão da Sessão X. Nele narra-se a história de menina que borda uma paisagem num tecido e, sem perceber, vê-se dentro da imagem bordada. Aqui foram elencadas 26 categorias temáticas externas ao texto que mostram a riqueza das discussões. Mais uma vez Relacionamento Amoroso, Sonho, Vida e Felicidade circularam no grupo. Como não podia ser diferente, tais temáticas estiveram presentes até o final dos encontros, mostrando o quanto o assunto era uma constante no imaginário dos alunos. Percebeu-se que, embora tivessem certeza de que era inevitável tal sentimento, as dúvidas sobre ele também eram grandes. Os medos e incertezas acerca do sentimento, da relação com outra pessoa, do que fazer ou não fazer demonstram o quanto os adolescentes tinham necessidade de falar sobre. Trocar experiências, opiniões e conselhos tornou-se uma tônica das discussões quando tais temáticas surgiam. Salienta-se que após a leitura do conto, um silêncio geral tomou conta da sala. O texto ainda reverberava no íntimo de cada um e provocava terremotos internos. Desconstruía o que estava até então sedimentado e esperado como algo que pudesse ser esperado em um texto. Deixa todos boquiabertos pelo inusitado e inesperado, acontece um “*breakdown*” - é o momento da invenção do problema. Logo, a comparação da ação fantástica da protagonista de descer até o bordado pela linha e participar dele com a leitura veio à tona: “é principalmente quando estamos lendo um livro...”, “É, nós estávamos falando disso, parece que você tá lá dentro do navio.”, “ela começou a se transportar pra lá...” (p. 88). Não tardou muito para iniciarem as desterritorializações: “Por isso, talvez quando você cria esperança com alguma coisa, algo, sempre tem uma coisa pra te tirar daquela coisa. Não é tão assim, senão você fica aquela coisa, aquela coisa. Aí, você já perde a esperança.” (p. 204). A proposta do conto de viver um sonho, logo tornou-se o centro das discussões e mais uma vez, texto e vida mesclam-se: “Voltar pra realidade, não deixar de sonhar não é isso. Mais cabeça. Pensar, é fugir você não tá na realidade, não tá pensando, você tem

que pensar lá. Pensar no seu sonho, mas, sendo sério não ao ponto de se dar tanto assim.” (p. 227). Mais uma vez, o texto é deixado para trás e novos problemas e novas realidades são criados: “Meu sonho de tocar guitarra, meu pai comprou pra mim, mas não adianta querer mostrar.”, “Ser a próxima Fátima Bernardes. Meu sonho mesmo é ser a Fátima Bernardes.” (p. 224). O texto volta a ser foco da atenção do grupo que dedica-se a desvelar algumas metáforas: “Será que essa garça que ela bordou no final é, significa paz de tudo o que ela já tinha feito? De tudo que ela já tinha bordado?”, “É, ela começou com o verde, com a esperança que ela queria, depois que ela conseguiu, que ela já estava em paz, ela bordou a garça.”, “É, ela bordou a garça pra ela ter paz, deu paz, pra ela...”, “Bordou ela com a garça porque viu que ela já estava em paz, viu que ela já tinha conseguido a paz.” (p. 90). Porém, a abertura plurissignificativa do texto e sua potência inventiva incitam o pensamento, a criticidade e o espírito crítico, colocando o leitor em contato com novos mundos: “É assim: prefere esquecer a realidade e pensar que tudo é possível, e assim a pessoa esquecer a realidade e ir atrás do que sempre quis.” (p. 240). Mais uma vez, retomando o pressuposto de Kastrup (2008b), a aprendizagem inclui a invenção de problemas, não se resumindo à solução de problemas, o acoplamento com o livro comporta as duas faces da aprendizagem: a invenção de problemas e a solução de problemas, pois, o problema poderia significar um obstáculo quando levar a um afastamento do texto. A discussão de textos nas rodas de leitura propicia a cognição inventiva, uma vez que o contato com a leitura e universos diferentes dos cotidianos provoca o estranhamento, a surpresa e a problematização.

Na Sessão XI, o conto “*Entre a Espada e a Rosa*” – Marina Colasanti abre para novos estranhamentos e problematizações, mais uma vez, o universo metafórico do texto deixou o grupo perplexo e silencioso logo após a leitura. Logo, o grupo se reorganiza e tenta trabalhar com o texto. Esquemas cognitivos reaparecem, mas vão cedendo lugar para discussões que vão para além do texto, rumo à vida real: “Eu acho que cada um tem o livre arbítrio pra escolher o seu destino. Assim, o pai e a mãe podem não aprovar: filha esse rapaz não é bom pra você...” (p. 190), “Minha irmã, ficou apaixonada por um homem, eles já são casados desde dois mil e sete, ele era ex-presidiário, em outra cidade. Meu pai não gostava dele, minha mãe não gostava dele, minha prima não gostava dele, minhas outras três irmãs não gostavam dele...” (p. 190). O fato de o texto trabalhar com um universo simbólico complexo, dificultou um pouco o desenrolar da sessão. O grupo dedicou-se a desvelar as metáforas que estavam no conto: “A voz dela. Ela tem que ser brava pra enfrentar o que vem pela frente, depois delicada pra voltar a ser o que era.” (p. 94), “Ela sabia fazer as coisas como homem, mas também como mulher, né? Por exemplo, ela tinha a sutileza, a gentileza de uma mulher, mas também a valentia do homem, porque você vai lutar.” (p. 92).

O conto “Venha Ver o pôr do sol” de Lygia Fagundes Telles foi usado na Sessão XII. Mais uma vez, o grupo se silencia após a leitura do texto e os estranhamentos começam a ser verbalizados: “Ele tem mais de cem anos?”, “Eu acho que ela morreu, porque depois que ele saiu, ele falou que tava passeando pelo cemitério.”, “Era um vampiro.” (p. 145). O impacto do texto nos alunos foi tamanho que eles não queriam terminar a sessão sem antes chegar a uma conclusão sobre o texto: “Não vou dormir com essa dúvida.” (p. 100). A sessão é marcada por momentos de saída do texto e encontro com a vida, principalmente, quando discutida a temática da vingança: “Eu fui na minha avó e dei banho nele, ele fugiu e enfiou o focinho na terra. Eu chapei!” (p. 241), “Minha tia me obrigou, eu fiquei tão nervoso... Que eu peguei a pipoca, eu e meu primo, fritei, estragou, eu taquei *catchup* e mostarda e a pimenta daquelas que ardem, já viu? Que ardem o olho. Eu despejei na pipoca, eu ele começamos a misturar a pipoca com pedaço de malagueta.” (p. 242). Ao término, a sensação de dever cumprido ao interpretar o texto ilustra bem o quanto estavam engajados no projeto: “Nossa! Fiquei contente hoje. Consegui desvendar um texto enorme e entendi tudinho.” (p. 191). Chama a atenção essa fala, pois, ela denota bem o intuito do grupo: desvendar o que foi lido, no intuito de lhe atribuir novos sentidos, diferentes daqueles cobertos pela cognição expressa pela leitura plana. Sentidos que lhes toquem o íntimo. Sentidos que não preexistiam, que não haviam sido dados antes, mas que eram inventados por eles. A cognição inventiva consistia ali em criar novos mundos significativos para um texto aberto, que não levava diretamente a um sentido dado. Percebe-se, então, a importância da abertura do texto, como “signo”, ao não propor sentido, deflagra, a cognição inventa, pois coloca o sentido como um “problema” a ser resolvido pelo leitor. Mas, percebe-se, correlativamente, também, que à medida que os alunos leem, o acoplamento entre leitor – texto – leitura inevitavelmente acontece, e mostram aos participantes algo de novo, possibilidades interpretativas que havia, virtualidades do texto, mas que, em princípio, eles não ousavam assumir, a discussão em roda, que se revela então como um modo de deixar que o pensamento, legítimo e não cognitivo; inventivo, flua, processe, produza. Assim, os adolescentes se abrem para o universo metafórico do conto, mergulhando na fantasia, discutindo aquilo que é mais amplo na malha textual: o significado possível do texto e do além-texto. Deixando-se, dessa forma, “afectar” pelo arcabouço simbólico proposto pelo autor, disponibilizando-se para possibilidades de inter-relações do texto com a vida, experimentando a inventividade e, conseqüentemente, abandonando processos cognitivos. Frisa-se que a interferência do mediador, a partir dessa sessão torna-se cada vez menor, resumindo-se apenas no incentivo a esta ou aquela participação dos alunos, somente sendo mais notada quando o grupo trabalhava com textos mais complexos. A mediação passa a ser feita por eles mesmos,

autorregulando as participações, cedendo espaço à opinião do outro e, acima de tudo, valorizando, avaliando, discutindo e argumentando sobre os diferentes pontos de vista. Observa-se também, que cada vez mais, o grupo vai caminhando para discussões mais profundas sobre o texto e sobre a vida.

O conto da Sessão XII cria ressonâncias e reverberações nos participantes que ainda incomodados, abrem o encontro da semana seguinte retomando o que havia sido discutido, propondo agora novo final: “Eu mudaria o final, as crianças achando a mulher.”, “Aí ela seria morta com as formigas, porque elas podiam ficar presas lá com a mulher, um cadeado fechado.”, “Aí, eles vão lá resgatar ela, eles conseguem abrir.”, “Eu falei isso, é a minha imaginação. Mas, elas poderiam ter salvado a mulher, sim.” (p. 102). É a imaginação que toma conta, que cria, que inventa, e o grupo ainda navega ao sabor das ondas do conto, num difícil adeus. O emaranhado simbólico dos contos vai aumentando, à medida que as sessões avançam, portanto, os alunos são convidados a experimentar textos cada vez mais metafóricos a fim de que sintam a necessidade de “desvendar” o que estava dito naquelas linhas. E é exatamente com esse desejo que o grupo cada vez mais mergulha nas tramas do tecido textual, tentando se perder para se encontrar. Assim, o conto “*As Formigas*” de Lygia Fagundes Telles marca a Sessão XIII. Nele, os participantes se deparam com o estranho fato de formigas, na calada da noite, montarem o esqueleto de um anão. O inusitado da situação, mais uma vez obriga o grupo ao estranhamento e à desterritorialização. O grupo deixa de perceber o texto como um todo e passa a se preocupar com cada detalhe dele, o título do conto desperta a curiosidade do grupo e os trabalhos já iniciam a partir disso: “Por que será *As Formigas*?” (p. 104). Após a leitura do texto, o estranhamento logo aparece: “Sei lá, um negócio estranho.” (p. 104) e os alunos tentam organizar as imagens suscitadas, propondo um percurso de sentido, apresentando ainda processos cognitivos: “E, por que o grito do gato no final?” (p. 104), porém, mais uma vez a missão de desvendar o texto ocupa o grupo e os processos cognitivos vão dando lugar a novos estranhamentos: “Poderia ser um aviso da parte, não sei de quem para ela, para elas poderem sair de lá, e ela mesma imaginava, era como se o anão encaixasse nos sonhos dela.” (p. 105). Elementos textuais tornam-se parte integrante das discussões a fim de desvendar o sentido do texto: “O anão foi uma vítima dela, e ele estava impedindo que ela fizesse novas vítimas.” (p. 106), “A formiga era um meio do anão avisar.”, “Era o *Facebook*, as formigas.”, “Porque ele usava as formigas para se comunicar com elas.” (p. 106). A ligação da função exercida pelas formigas no texto levou um participante a relacioná-las com o *Facebook*, indo para além do texto, ou seja, o participante destacou, através da leitura e das discussões do grupo, a função do elemento “formigas” no texto e extrapolou tal percepção relacionando-a com um elemento da

vida real que desempenha função parecida – processo de cognição inventiva. A inventividade apresenta-se também na decorrência das discussões sobre o texto ao propor novas possibilidades interpretativas, criando novos problemas: “Então, tipo, o esqueleto sendo montado é como se fosse uma ampulheta.” (p. 107). O encadeamento das discussões leva os participantes a novas descobertas e, conseqüentemente, a novos estranhamentos, num processo contínuo: “Como eu não pensei nisso? Era o grito da bruxa.” (p. 107). Estimulados pelas descobertas feitas a fim de criar um sentido para o texto, o grupo segue numa espiral constante de profundidade até o término da sessão e mais uma vez, as ressonâncias da leitura e da discussão continuam no próximo encontro com os alunos dizendo que ainda se sentiam incomodados com a proposta interpretativa do conto.

A Sessão XIV traz o conto “*Natal na Barca*” também de Lygia Fagundes Telles que abre uma discussão interessante sobre a possibilidade de ter havido ou não um milagre na história, colocando o grupo frente a questões não discutidas anteriormente. Em princípio, a leitura feita pelo mediador provocou um grande silêncio e comentário de uma participante denota o estranhamento provocado pelo texto: “Gostei mais ou menos porque tem muito detalhe, está muito difícil.” (p. 109). Os participantes tentam reorganizar o texto e, conseqüentemente, a compreensão basal dele: “Está... Deixe-me pensar, agora. Espera aí, ela morava com os filhos e com o esposo. Ela perdeu o filho, e depois ela perdeu o esposo.” (p. 109). À medida que a reconstrução do texto ocorre, surgem também novas problematizações: “Gente, eu estou tentando reconstruir, ela tinha esperança e estava indo para outro lugar para ver se o filho dela podia ser curado. E, Natal tem a ver com esperança. Ela tinha esperança que o filho dela ia ser salvo.” (p. 109), “Ah, será que ela entrava na barca com esperança que ia ver o filho dela de novo?” (p. 110), “Ele voou primeiro para o chão e depois para o céu.” (p. 111). As metáforas presentes no conto tornam-se o centro da atenção do grupo: “Porque era de manhã, aí de manhã o rio fica verde, quente e verde, e era dia de Natal.”, “Esperança quente...”, “É esperança viva, sei lá, esperança viva.”, “Esperança muito forte ela tinha.” (p. 113). A preocupação dos participantes em desvendar metáforas ou passagens simbólicas do texto denota o quanto o texto os impactou e provocou estranhamentos – por que tal palavra foi usada aqui? Por que isso ou aquilo? Encaram isso como um mistério que precisa ser solucionado, pois, só assim conseguirão chegar à interpretação e ao entendimento do texto. A fala de uma participante revela o sentimento dela sobre a discussão dos textos, mostrando o quanto é importante a oportunidade de discutir o texto, que por sua vez não é uma ciência exata, constrói-se sob múltiplas mãos: “Qual graça teria se fosse exata?” (p. 113). A aluna ainda arremata dizendo: “É verdade, você não vai discutir o que já sabe que é certo.” (p. 113). As descobertas dos alunos vão tomando

conta das discussões: “Ah, ela achou que o bebê estava morto.”, “Ah, ela não tinha esperança de vida tanto quanto a mulher.”, “Tentando ajudá-la a ter esperança na véspera de Natal para que ela pudesse... A mulher então foi como aqueles espíritos de Natal.” (p. 114). Outros elementos do conto também provocam inquietude: “Mas, tem alguma coisa a ver o velho, sei lá?” (p. 116). A mudança de temperatura do rio durante o dia e à noite também chama a atenção do grupo: “Será que o rio era gelado por que significava a esperança dela?” (p. 116). A ausência de respostas prontas para situações problemáticas do texto leva o grupo a se dedicar ainda mais, propondo possibilidades interpretativas, propondo novos problemas: “De manhã é vivo? De manhã ela vai ter esperança. A esperança dela vai viver.”, “A esperança era viva, quer dizer que a esperança dela não morreu, sei lá.” (p. 117). As inquietações permanecem, pois, o questionamento de um participante, leva a outros questionamentos de outros participantes, criando uma teia viva de discussão: “A esperança dela estava morta.”, “Quem tem esperança é viva e quem não tem esperança é como se estivesse morto.”, “A esperança não tinha morrido, só tinha adormecido.” (p. 117). O acoplamento do grupo ao texto fica muito claro através do engajamento nas discussões e na tentativa de criarem um sentido para o conto. Isso leva os alunos para outras paragens, para dentro do próprio texto, sentindo-se parte indissociável dele: “Eu estava imaginando a mulher lá na barca. Ah, tem até os olhos dela brilhantes.”, “Eu pensei em um barco velhinho.” (p. 118). Ao término do encontro, a maior de todas as constatações: “Todo mundo conseguiu entender.”, “Na semana que vem eu não estarei com um peso na consciência. Vou ficar livre.”, “Ah eu me sinto muito bem.”, “Porque você já evoluiu.” (p. 118) “Vai chegar um dia que nós vamos estar preparados para as perguntas.” (p. 299). Talvez, essa tenha sido a sessão na qual o Pensamento inventivo tenha atingido a potência mais elevada no grupo, deixando-se levar pelas lacunas de sentido, pelo mistério, pelo inusitado, pelo “*no sense*” do texto, o grupo foi passo a passo se entregando às potências dele, o pensamento inventivo, que os brindou ao final da sessão com um novo sentido, produzido e inventado naquele processo, que os tranquilizou, no final da sessão.

O conto “*A primeira História do Viajante*” de Marina Colasanti é a base da Sessão XV e mais uma vez, momentos de estranhamento e desterritorializações são observados: “Primeiro, a personagem seria a morte. Certo? Então, por que durante o texto ele se refere à morte com outros nomes como invencível, essas coisas?” (p. 118). O tema Morte leva os alunos a relacionarem o texto com suas próprias experiências: “Eu, graças a Deus, não tive muita experiência com morte, só com o meu bisavô, que ele morreu.” (p. 210). Novos problemas surgem a partir da leitura do texto e o grupo passa a discutir a vida após a morte: “Não, para mim, eu penso assim, se é inevitável que vai morrer um dia, tem uns que acreditam, e eu

acredito, vai ter outra vida. Não é assim sair matando todo mundo.”, “Mas, quem te garante que você vai ter outra vida? Tem que aproveitar essa vida.”, “Mas quem vai te garantir? Eu acredito que morreu, morreu.”, “Não dá para pensar desse jeito, que você vai morrer não vai...”, “Eu não sei, mas por eu ser evangélica eu acho que morreu acaba, ou vai para o céu ou para o inferno. É isso.”, “Assim, por exemplo: a Ana morreu atropelada. Aí, ela morre e eu acredito que a vida da Ana comece de novo em um bebê. Entendeu? Mas, depois ela não lembra.”, “Se for assim não tem fim, não dá para imaginar um fim assim.”, “Eu também não consigo imaginar assim, por exemplo, morreu, morreu, pronto.”, “Eu acho que a resposta vem depois da morte, então.”, “Mas, depois da morte, sempre vem uma resposta, por que o que vai acontecer depois da morte? A gente ainda não sabe. Então, a gente vai ter uma resposta, não é?” (p. 208). A morte ou a vida após a morte não foram os únicos temas discutidos pelos adolescentes, o objetivo da vida também foi palco das atenções: “Porque como saber o objetivo da vida, sabe?”, “Eu não sei, eu não sei de nada. A pergunta, eu acho que não tem uma resposta. É muito difícil, e você vai saber um dia.” (p. 206). Além disso, a existência de Deus também foi suscitada pelas discussões: “E, também, eu penso assim, se Deus inventou o humano, quem inventou Deus? É isso que fica.”, “Se Ele não existe, como Ele vai se inventar? Não dá para saber nada.” (p. 244). A proposta do texto leva o grupo a outras paragens, outras problematizações. As discussões englobam pontos de vistas diversos sobre assuntos controversos como a Morte e Religião. Criaram-se novos problemas que mereciam a atenção dos participantes. O texto tornou-se pretexto para a discussão e agora era, talvez, uma vaga lembrança do que os havia levado até ali. Curioso como o fato de o texto tratar de tema tão importante para eles, que já havia sido debatido desde as sessões iniciais, levou-os para longe do texto. Distantes deste, sem se entregarem à narrativa, às lacunas e questões que o texto propunha, agarravam-se à suas concepções antigas, suas recognições, debates acalorados, confronto de ideias, mas nada de novo surgia. Parece que o mergulho, que vinha ocorrendo nos textos das sessões anteriores, especialmente no da XIV, estava dificultado pela importância de se posicionarem sobre um tema, tão já debatido, assim como o da Morte. Não se pode dizer que cognições inventivas se passavam, pois, embora problemas estivessem sendo colocados, uns para os outros, a dificuldade do tema e a ausência do mergulho num texto “*no sense*” não parecia garantir que o pensamento inventivo tivesse lugar pleno naquelas discussões, a recognição tranquilizava-os muito mais.

Na Sessão XVI foi trabalhado o conto “*Um chá bem forte e três xícaras*” de Lygia Fagundes Telles e logo no início, antes mesmo da leitura, começam os questionamentos: “Mas aí no caso a Lygia escreve como se fosse ela, igual a mulher lá, da Mulher sem Esperança?” (p. 122). E os estranhamentos continuam: “Parece que flor foi desabrochando e ela foi indo junto...”

A hora que começou a pétala cair é que ela começou a ficar nervosa.”, “Será que o doutor tinha uma relação com essa menina que ela estava esperando?”, “Mas por que ela chama de doutor ele? Se fosse esposa ela não chamaria de doutor.” (p. 122). Mais uma vez, elementos metafóricos do texto são alvo da atenção dos alunos: “Mas o que tem a ver a borboleta, será que a borboleta era porque alguma coisa... ah, quando uma flor está secando ele tem que ser obrigado a ir para outra.” (p. 123). O estado de espírito da protagonista do conto também é observado pelo grupo: “A circunstância, porque a menina ia chegar, ela não poderia estar chateada, ela teria que sobressair, ela teria que falar o que ela sentia.” (p. 125). Esta sessão não apresentou discussões para além do texto. Os participantes se ativeram ao tecido textual como forma de completar a missão, interpretar o conto.

O conto “*Antes do Baile Verde*” também de Lygia Fagundes Telles foi o escolhido para a Sessão XVII. Logo após a leitura, o grupo começa a expor suas primeiras impressões e estranhamentos: “E esse baile verde, a cor, não tem nada a ver com isso? A cor do vestido?” (p. 127), “E aquela flor?” (p. 127), “Mas, eu não entendi porque as cores.” (p. 128). As metáforas presentes no conto chamam a atenção dos alunos e, a partir dos questionamentos, tentam estabelecer um sentido para elas que corrobore com o sentido geral aparente no texto. Hipóteses são lançadas pelos participantes: “Ela não queria acreditar que o pai dela estava morrendo.”, “Ela estava com esperança de que o pai dela não ia morrer naquele dia, só para ter a desculpa para ir para ao baile.” (p. 127). A postura da protagonista ao preferir ir ao baile a ficar com o pai doente em sua última noite de vida também provoca o grupo: “Era ver o desprezo da filha. Por exemplo, ele está morrendo lá e ela não está nem aí para ele. A dor dele foi essa, que a filha prefere um baile.”, “Nossa que pai, a filha despreza... Ela queria deixar ele no hospital para não ter que cuidar.” (p. 128). Essa oscilação na conduta da personagem: ficar com o pai doente ou ir para o baile gera uma grande discussão do grupo: “Ai, eu não faria isso, gente. Não sei quem falou, vai ter outros bailes. Sempre tem carnaval, todo ano, podia deixar para outro, ainda ia ter continuação. Não ia ter outros dias?”, “Ela ia ficar com peso na consciência a vida inteira.”, “Ela podia passar o último dia com o pai dela. Nossa, eu fui para o baile e não fiquei com ele o último dia da vida.”, “É o último dia dele, não dela.” (p. 130). Logo, o grupo se coloca no lugar da protagonista e discute se faria algo semelhante com seus pais, nesse momento, a discussão vai para além do texto, em direção às vidas dos participantes: “Quando chega a hora de você cuidar deles, eu vou simplesmente virar as costas? E ainda por um motivo banal, porque baile vai ter outros.” (p. 246), “A minha tia já bateu em uma mulher que fez isso. As duas estavam brigando muito, e ela era vizinha da minha tia, e a mãe dela sempre ia na casa dela, só que ela falava que a filha dela entrava no quarto dela e gastava tudo, gastava a aposentadoria dela. Aí

elas estavam brigando e a minha tia fez assim na cara dela. Porque a minha tia ela cuidou durante onze anos da minha avó, a minha avó era cega, e ela cuidava dela até a morte. E realmente ela fica muito ofendida com isso.” (p. 246). O dilema vivido pela protagonista torna-se o dilema dos alunos que, agora, extrapola o texto e o vivencia. Cria-se um novo problema que passa a ser deles: o problema de abandonar o pai num momento de necessidade. Surgem sentimentos de retribuição, respeito e consideração nas falas deles. A última fala recortada retrata bem o quanto a problemática da personagem “afectou” a aluna e a ligação com uma passagem de sua vida foi inevitável. Outra aluna completa a fala da anterior com outra passagem de experiência própria: “Tem uma senhorinha, até hoje a minha mãe estava comentando, minha avó chegou e estava comentando com a minha mãe. Ela tem a filha dela, e minha avó chegou chorando. Assim, ela é bem de idade, noventa e tantos anos já, e ela mora com a filha e um monte de neto, quer dizer, uma vida esquecida, os meninos não tem certa autoridade do pai, da mãe, filho drogado em casa assim, e daí ela vive sozinha, e a filha não dá bola para ela. Uma situação assim muito ruim mesmo, e a filha ganha mais que ela, e ela ganha menos que a filha, então ela passa necessidade, a filha muitas vezes não cuida dela, pra cuidar mais dos netos assim. porque assim, os netos já são grandes, já tem idade de trabalhar, e ela não quer que os netos trabalhem. Aí até a minha mãe estava falando que podia ver se alguém ajudava ela, porque se ela continuar daquele jeito, ela já está praticamente no final da vida, então ela chorou para a minha avó ontem, ela falou que a filha está bem longe dali, longe da própria família dela, pelo jeito que ela é tratada.” (p. 248). Logo, um participante estabelece uma relação do que foi relatado com a letra de uma música: “Tem uma música que cuidou a vida inteira, a mulher dele morreu ele cuidou a vida inteira, tudo. Chegou no fim o filho dele virou engenheiro, jogou ele no asilo e não vai nem ver.” (p. 248). O que, em princípio, surge como reconhecimento, na verdade foi suscitado pela leitura do conto que levou a uma ligação direta com fatos das vidas dos alunos. Diante de um problema, colocado pelo texto, ou pelo distanciamento do texto, existirá sempre duas possibilidades, permanecer na reconhecimento, ou elevar-se ao pensamento inventivo, embora, muitos posicionamentos ainda estejam recobertos pela reconhecimento. O que já tinha acontecido na sessão XV é que quando o problema é muito tocante, como o do Morte, os alunos não conseguem mergulhar no texto, ou se elevarem ao pensamento inventivo, eles “taxiam”, como se diz de um avião antes da decolagem, na reconhecimento. No início, o problema era da personagem, mas ao longo das discussões, passou a ser dos participantes. Importante notar que o problema discutido pelos adolescentes, suscitado, claro, pela leitura, não é mais o problema da personagem fictícia, mas sim, um novo problema: real e tangível. A personagem ficcional assume papel humano, pois, os problemas por ela vividos assim a fazem ser, e ao se deparar

com a situação problemática proposta pela literatura, o participante tenta solucionar a questão compartilhando situações semelhantes por ele experimentada e, dessa forma, cria-se um novo problema que passará a ser discutido pelo grupo. Não se chega, necessariamente a uma solução grupal fechada e estanque, mas o compartilhamento de experiências próprias como fator de ligação da problemática suscitada pela leitura sugere inventividade, ou seja, o aluno entendeu a situação-problema da personagem (que agora não é mais de papel, há uma cumplicidade entre ela e os leitores) e como forma de solução para o dito problema, apresenta outra problemática que passa a ser acatada e discutida pelo grupo, inclusive com colocações como: “O baile, tem uma hora que ele vai acabar, não vai durar para sempre. E o pai dela também é o último dia de vida dele.” (p. 128).

O conto “*As Pérolas*” também de Lygia Fagundes Telles foi o escolhido para os trabalhos da Sessão XVIII. Nessa sessão, mais uma vez o grupo centrou seus comentários em elementos constituintes do texto, tentando estabelecer um sentido para ele: “Porque ele fala de dez anos atrás, o jantar de dez anos atrás. Eles deveriam ser casados nessa época.”, “A intenção dele foi pegar o colar e guardar no bolso. Aí depois que ela saiu... para simbolizar que o casamento deles era uma coisa importante, ele foi e colocou no bolso para esconder, aí depois ele lembrou que poderia ser falso e pegou e devolveu.” (p. 131). A estranha relação entre as personagens do conto leva, mais uma vez, o grupo a discutir a temática do Relacionamento Amoroso: “Se ele amava ela, ele queria a ver bem com outro, mesmo que isso fosse sofrimento.”, “Mas ele queria ver ela feliz, então ele deixou ela escapar por entre os dedos.” (p. 132). Logo, as metáforas do texto provocam estranhamentos e as discussões se acirram: “Aquele colar de pérolas significava o fruto do sofrimento dele.”, “Por isso que ele devolveu, que o sentimento era falso.” (p. 132). Ainda no nível textual, metafórico, mas textual, o grupo continua discutindo as intenções do marido da protagonista: “Foi o Tomás. Então, ele preferiu fazer ela ficar feliz com outro homem. Ele ia morrer mesmo. Talvez ele tinha tomado ela dele.” (p. 133), “Para consertar tudo, ele queria levar ela para se encontrar com ele. O colar... Primeiro ele queria que ela colocasse preto. Aí, ela queria também pôr o colar, que só aquele dava certo, mas ele sabia que ele colocava junto com ele. Aí, depois, ele lembrou que era falso, e devolveu para ela.” (p. 133). Mas os estranhamentos continuam a ocorrer, provocando retiradas do eixo, desestruturando os participantes quando achavam que já tinham entendido o conto: “Então, mas uma coisa não está encaixando. O fato de ele ter pegado o colar, e ter tentado esmigalhar o colar.” (p. 133). “Então ela pôs a roupa para tentar, ela pôs a roupa, uma coisa assim, ele colocou o colar para poder agradar o Roberto dois dias antes do casamento dela?” (p. 134), “Mas então o certo é que ele tinha feito uma viagem, que o Tomás disse que ele tinha voltado há um ano. Então, talvez o

Roberto deixou ela para a viagem, e ela acabou se casando com o Tomás.” (p. 135). A literatura tem esse poder: desestruturar aquilo que, aparentemente, já estava organizado, provocar esses terremotos internos, levar o leitor para outras paragens, frente a novas situações. Logo, situações reais das vidas dos participantes começam a surgir: “Para você esquecer uma pessoa você tem que lembrar de outra.”, “O meu cachorro morreu, aí eu peguei outro cachorro para esquecer dele.”, “Gente, hidropisia não é isso, ele morreu de frio. Veja bem, quando está muito frio a água fica gelada, tem que colocar em cima da geladeira, para poder aquecer a água. Aí o que aconteceu? Estava muito frio, aí eu deixei ele no aquário, só que eu esqueci de pôr ele em cima da geladeira, aí ele morreu com o corpo roxinho no outro dia. Aí eu chorei.”, “E não me faz lembrar dessa dor, que essa dor está esquecida já.” (p. 156). Mais uma vez, o enredo aberto do conto leva à consideração de uma aluna: “A história é muito aberta. A gente cria o final.” (p. 156), criando assim, um novo problema, criar um novo final, não dado pelo texto escrito.

A Sessão XIX trouxe talvez o conto mais difícil de todos: “*A Caçada*” de Lygia Fagundes Telles, texto escolhido pelos alunos. O caráter simbólico e metafórico do texto e oposição entre realidade e sonho deixaram as discussões dificultadas, nesse momento, percebe-se que o grupo está perdido, visto que estava relativamente acostumado a ter, pelo menos, ideia sobre o que havia sido lido, o que não ocorreu dessa vez, o processo cognitivo não estava presente: “Não entendi nada.”, “Eu também não.”, “Ele era caçador, pronto. Já entendemos o texto, pode ir embora.” (p.136). Mas logo, o grupo se reorganiza e se lança à discussão e à tentativa de interpretação do conto. A situação vivida pelo protagonista causa estranheza pelo fato de ele se ver dentro da imagem retratada na tapeçaria: “Acho que era a caça. Ele se viu naquela floresta, meio perseguido e de repente sai correndo, e foi atingido pela seta.”, “De tanto ele ficar pensando, de tanto ficar pensando de tanto ficar revendo acabou fazendo parte.” (p.136). Outras passagens do texto também chamam a atenção dos adolescentes: “Mas, é tudo tipo um tapete desenhado?” (p. 137), “Diante da situação dele não podia fazer nada porque ele estava com a mão cortada.” (p. 138). A ligação do presente conto com aquele trabalhado na Sessão X foi inevitável. O grupo tenta se organizar em torno de uma interpretação plausível e apoiada pelas discussões, mas como ela não surge, a sensação de estar perdido toma conta: “Será que foi porque ele mesmo... Não tem ciúme? Não tem uma conclusão lógica, porque ele tinha que ter passado por lá.” (p. 137). Os vários elementos metafóricos do texto e a proposta surreal de fuga para dentro da tapeçaria desestruturaram o grupo, pois, ao darem suas opiniões não encontram respaldo em todos os participantes, visto que cada opinião é ampliada com novas opiniões, não fechando, portanto, uma opinião única acerca do texto. Os participantes se veem, dessa forma, forçados a se lançarem ao texto. O problema, mais uma vez, se instala e o grupo tem de se

reinventar. Claro que temáticas do conto suscitaram discussões sobre experiências próprias dos participantes e a ideia de se agir por impulso e, posteriormente, se arrepender aparece: “Eu ouvi uma história que um pai, que falou para o filho que cada vez que ele maltratava era como um prego. Ele falou que cada dia que ele falava alguma coisa para o pai, pregava um prego na madeira. Aí no final o pai dele falou: agora você vai tirando os pregos um por um. Você furou, deixou uma marca, nunca mais sai, ficou as marcas. Quer dizer, você tirou, mas ficam as marcas.” (p. 182). A temática do difícil perdão também esteve presente: “Nunca vai perdoar, você vai sempre lembrar o que ela fez. Por que ela não poderia fazer isso de novo?”, “Depende da mágoa, se o cara arrancar a sua mão, você vai ficar marcado para o resto da sua vida. Te perdoo, mas a minha mão não vai voltar no lugar.” (p. 238). Percebe-se mais uma vez que a multiplicidade de opiniões leva o grupo a não se fechar num único entendimento. Cada colocação, de cada participante passa a ser um novo problema que o grupo tem de enfrentar e solucionar. E a solução vem com a proposição de um novo problema dado por um outro participante. Importa salientar que essa foi a penúltima sessão e os comentários sobre a relação dos alunos e a interpretação de textos tornam-se bem interessantes: “Agora você lê o texto e já tem como entender.” (p. 213). Apesar do sucesso em construir um significado novo e de consenso, assim como ocorrera na sessão XIV, aqui o grupo permaneceu num estado de “*no sense*”, sem conseguir um consenso sobre o significado que se poderia dar ao texto. Mesmo assim, fica bastante evidente a presença da cognição inventiva, ainda que ao final, os alunos tenham tentado buscar em vivências da vida cotidiana um caminho cognitivo.

A última Sessão – XX – trouxe o conto “*O Peru de Natal*” de Mário de Andrade. Após a leitura, o silêncio toma conta do grupo, percebe-se o quanto o texto os havia provocado e criado terreno fértil para a inventividade. Claro que apenas quebrado esse momento, tentativas de entendimento começam a surgir: “Talvez esse Natal serviu para lembrar que o pai dele não era uma pessoa tão ruim, também foi uma pessoa boa, significativa na vida deles, e também pôr uma pedra na morte, por exemplo.” (p. 141), porém, metáforas chamam a atenção do grupo: “O peru era a felicidade.” (p. 142), “Depois... espera aí, mais ou menos assim que a gente falou, associação do peru ao pai, depois da morte do peru que veio a felicidade. Eles comeram e lembraram da morte do pai.”, “Natal celebra nascimento de Jesus. Aí ele estava celebrando o nascimento da felicidade da família dele, por causa da morte do pai.” (p. 144). “Eu entendi assim, que ele e ia viver com a família dele.” (p. 144). Mais uma vez, as discussões sobre as metáforas do texto levaram os alunos à criação de novos problemas que se pretendia solucionar. Ao tentar a solução com uma opinião, criava-se um novo problema para o grupo

que tinha de avaliar a proposta daquele participante, reorganizar o pensamento, discuti-lo e recomeçar tudo.

A leitura e a discussão dos textos propiciaram a criação de um problema para os participantes da roda de leitura, ou seja, eles tinham de ler e discutir o texto, pois, essa era a meta assumida por eles. Discutir o texto, em princípio, seria apenas ater-se aos elementos constituintes dele, aquilo que o distingue como um texto literário. Seria uma forma de repetição daquilo que já era feito em sala de aula, uma reconhecimento. O aluno lê o texto com o professor, responde a algumas perguntas e espera o aval do educador assinalando o certo e o errado. Ir para além do texto, ligá-lo a suas vidas era criar um novo problema, desconhecido até então, mas que habitava o íntimo de cada um. Torna-se novo para aquele indivíduo. Mais uma vez retomando o pensamento de Kastrup (2008c), a cognição inventiva consistiria num processo de “invenção” de conceitos ou de categorias, partindo da colocação de um novo problema ao qual o conceito ou categoria será a resposta. Mais do que criar novas respostas para problema já existente, trata-se de inventar novos problemas, não ainda colocados pela cognição, ainda não concebidos. Isso só é possível quando a cognição rompe com o ciclo de classificações, reconhecimentos ou representações, e se abre à multiplicidade das sensações ou percepções que originaram um dado conceito pré-existente, buscando colocá-lo em uma perspectiva original, problematizando a sua existência. Torna-se assim, numa experiência transformadora, pois, o leitor adota uma disposição de acolhimento e abertura ao que vem do texto e dos colegas de discussão, levando a uma grande e intensa entrega ao que é narrado e à criação de novas possibilidades e relação de si com o mundo e com os outros, coloca-se em perigo e permite que ocorram transformações a partir do que leu e das ressonâncias que advieram da leitura. É um ato que exige desprendimento e abertura para o desconhecido. Esta ruptura é fundamental, é preciso sair do ciclo de recognições, é preciso recusar a reconhecimento, ou que se está diante de uma representação, é preciso deixar-se afetar por sensações e percepções originais das quais os conceitos ou concepções pré-existentes nos afastavam, “protegem-nos”. Isso é abrir-se a um campo problemático, não ainda concebível, inominável, inclassificável, permitir que as sensações e percepções provoquem novos problemas, novas indagações, novos questionamentos. Só a partir daí, a cognição poderá criar novos conceitos, novos mundos e novos si mesmos diante desses mundos. Isso é cognição inventiva e conforme exposto, no geral, foi verificado ao longo das sessões do projeto.

Mas, se presente em todas as sessões, a cognição inventiva não se apresentava do mesmo modo, como também se buscou demonstrar, assim torna-se importante refletir sobre possíveis aspectos que a favoreceram. Inicialmente, não se pode esquecer que o contexto grupal

facilitador foi fundamental, desde o início, para o envolvimento dos participantes, sem ele, nada do que se obteve poderia ter ocorrido, os próprios alunos, destacaram a importância dele, tanto nas discussões, quanto nas entrevistas finais. Considerando esse aspecto, foi possível verificar também um certo desenvolvimento ou progresso ao longo das sessões, na medida que os alunos se soltavam mais, tomavam mais iniciativa, dispensando o mediador de sua tarefa de chamar pela participação de todos, como nas primeiras sessões. Mesmo a condução das discussões foram se tornando pouco a pouco desnecessárias, os alunos caminhavam sozinhos, o debate parecia ocorrer quase que sem notarem a presença do pesquisador. Em relação a esse aspecto, não seria de surpreender que a cognição inventiva passe a predominar na segunda metade das sessões, enquanto na primeira apenas se anunciava, sem grandes prosseguimentos.

Além do contexto grupal, o recurso utilizado como “texto” revelou-se de grande importância, talvez tão fundamental como aquele. Evidentemente, as músicas, os textos familiares, poesias, também levavam os alunos à discussão, embora, na maioria das vezes, resultassem em reafirmações de posições existenciais preexistentes, caracterizando a reconhecimento. Nessas discussões, problemas novos surgiam, eram colocados e enfrentados, mas, em geral, a saída era recorrer a crenças, valores, ideias que já possuíam a respeito deles. Pela análise sessão por sessão das categorias externas ao texto, que se fez, fica evidente o quanto a cognição inventiva se revelou ampliada, incentivada, estimulada pelos contos metafóricos, surreais, abertos de sentidos que foram utilizados nas últimas sessões. O texto em si já se constituía como um problema, já demandava novas ideias para se produzir novos significados, não havia como fugir da invenção. Mas, mesmo assim, não foram em todas as oportunidades que a invenção pode se produzir de forma consensual. Provavelmente, se fosse possível analisar o processo individual de cada participante a partir de sua perspectiva, com segurança, poder-se-ia apostar em muito mais inventividade do que se presenciou em nível do grupo como um todo. Infelizmente, não dispomos de dados sobre o processo de cada um, apenas de dados sobre o processo do grupo como um todo. Daí, talvez a sensação que tenha ficado de que apenas em poucas sessões o grupo completou a tarefa de invenção de um significado para uma história “*no sense*” ou surreal, o exemplo mais evidente disso foi, sem dúvida, a sessão XIV. De qualquer modo, pode-se apostar, pois os alunos afirmaram isso nas entrevistas finais, que novos si mesmos, diante dos quais novos mundos se abriam, haviam sido inventados em cada um deles.

Importa ainda destacar uma das formas mais frequentes de se buscar uma solução para a situação problemática colocada pelos textos: o recurso a experiências já vividas por eles. Isso tornava a tarefa bem mais fácil, exceto nos casos em que elas não traziam o sentido que se buscava para o texto. Este recurso apareceu diante de diversos contos que recorriam mais a

fantasias e acabou por levar o grupo a uma outra discussão, deixando o problema da ausência de sentido do texto sem enfrentamento. Não se pode negar que, nesse outro plano, das vivências cotidianas, descobertas de novos sentidos também podiam estar ocorrendo em cada um deles, mas a natureza do grupo, marcado pela oposição de pontos de vistas, não permitia que se evidenciassem, tal como ocorria nas ocasiões em que o grupo todo mergulhava na problemática do texto.

Novos estudos, se possível com o acompanhamento dos processos individuais, talvez possam responder melhor a estas colocações, que ficam melhores se consideradas apenas como indagações ou hipóteses sobre a cognição inventiva em rodas de leitura.

5.4. Discussão

Três questões básicas podem ser discutidas a partir dos dados apresentados na presente pesquisa. A primeira, se os resultados obtidos demonstram que a prática de Roda de Leitura proporciona um incremento nas capacidades de compreensão e interpretação textuais; se os resultados quantitativos e qualitativos obtidos nos dois questionários, antes e depois das sessões, demonstram eficácia da Roda de Leitura e, conseqüentemente, uma melhora na capacidade interpretativa dos participantes e se houve produção de aprendizagem inventiva através das análises dos dados qualitativos.

Para tanto, discutir-se-á sobre os resultados quantitativos e qualitativos obtidos nos questionários; sobre as entrevistas inicial e final; sobre as sessões e sobre o alcance dos objetivos traçados.

5.5. Sobre os resultados Quantitativos e Qualitativos obtidos nos Questionários:

A partir das análises estatísticas, é possível dizer que a diferença de resultados obtidos nos questionários é significativa. Antes da aplicação das Sessões a média aferida através da aplicação do Questionário Inicial sobre a Capacidade de Leitura e Interpretação é de 4,5 pontos e logo após as discussões das vinte sessões da Roda de Leitura, a aplicação do Questionário Final sobre a Capacidade de Leitura e Interpretação revelou uma média de 7,1 pontos (Tabela 1, p. 47), mostrando, portanto, que houve uma significativa melhoria na capacidade

interpretativa dos alunos e, portanto, eficácia das Rodas de Leitura. A análise estatística com dois testes não paramétricos comprovou a significância destas diferenças.

A melhoria não se verifica apenas nas médias dos dois questionários aplicados, conforme descrito acima, mas também, no nível de elaboração das respostas em cada um dos questionários. No Questionário Inicial, os alunos deram respostas mais evasivas e curtas às perguntas feitas; já no Questionário Final, as respostas foram mais elaboradas e completas, mostrando uma preocupação com o ato de responder às perguntas. Percebeu-se também uma preocupação com a produção de sentido nas respostas elaboradas, o que não houve no Questionário Inicial. O nível de dificuldade do texto e das perguntas do Questionário Final era mais elevado do que aqueles do Questionário Inicial.

Os estudos de Santos & Oliveira (2010), Coelho & Correa (2010), Soares & Albuquerque (2013) e Joly & Piovezan (2012) sobre a leitura e a aplicação de pré e pós-testes corroboram com a ideia de um incremento na capacidade leitora dos sujeitos participantes após um período de intervenção. Nesses estudos percebeu-se uma sensível melhora nos escores dos participantes após o período de intervenção, dados esses demonstrados na comparação dos pré e pós-testes.

Vale destacar que os estudos acima apresentados, diferem em termos metodológicos da presente pesquisa, pois, a maior parte deles usou a técnica CLOZE como verificador de capacidade leitora nos pré e pós-testes e durante o período de intervenção houve uma diversidade de metodologia, tal como foi exposto na Introdução desta tese (p. 13). A aproximação desses estudos a este está exclusivamente no uso de pré e pós-testes na verificação da capacidade leitora, porém, a técnica CLOZE não foi utilizada aqui para avaliar essa capacidade antes ou depois da intervenção.

Salienta-se também que neste estudo, a gama de textos trabalhados durante as vinte sessões, período de intervenção, também difere bastante dos estudos anteriormente elencados. Visto que aqui foram trabalhados textos poéticos (poema e letra de música) e contos que possuem uma estrutura narrativa mais complexa e uma amplitude metafórica bastante ampla.

A despeito dessas diferenças, também no presente estudo foi possível observar uma melhoria significativa na produção de leitura dos alunos na avaliação posterior à intervenção, tal como foi comum encontrar-se nos estudos utilizando técnicas mais quantitativas e quase experimentais.

5.6. Sobre as Entrevistas Inicial e Final:

Os momentos de entrevista foram de grande valia para a execução do presente estudo, pois, eles contribuíram com informações preciosas sobre a prática e o hábito de leitura dos participantes.

Nas Entrevistas Iniciais, percebeu-se que os alunos estavam mais apreensivos acerca de como deveriam responder às perguntas e, portanto, suas respostas eram mais objetivas e, às vezes, evasivas, sendo necessária a intervenção do entrevistador solicitando uma resposta mais completa. Nessas entrevistas pôde-se perceber que a leitura não fazia parte do cotidiano dos adolescentes, pelo menos, fora do ambiente escolar. Liam aquilo que era solicitado pelo professor durante as aulas regulares, e as dificuldades com o entendimento daquilo que liam foram relatadas durante a entrevista. Percebeu-se também que havia uma certa timidez por parte deles em assumir que tinham dificuldades em entender o que liam.

Já nas Entrevistas Finais, a percepção foi diferente. Os participantes estavam muito mais à vontade para falar sobre suas experiências e, portanto, suas respostas foram mais completas, explicando os porquês. Todos conseguiam localizar com exatidão as melhorias adquiridas durante as Sessões, o uso futuro de tais melhorias e os momentos de maior destaque com o texto que marcou sua participação no projeto. A postura aqui assumida pelos alunos era de total entrega e relaxamento.

Infelizmente, não foi possível, neste momento encontrar outros trabalhos que dialogassem com este no que tange ao uso de entrevistas iniciais e finais antes e depois da intervenção.

5.7. Sobre as Sessões:

No tocante às Sessões realizadas durante o presente trabalho, vale salientar que elas tiveram basicamente o intuito de sensibilizar os participantes quanto ao texto literário, promovendo um encontro entre eles e o que era lido, para assim, facilitar a produção de aprendizagem inventiva. Vale lembrar que o período de intervenção deste trabalho difere de Santos & Oliveira (2010), Coelho & Correa (2010), Soares & Albuquerque (2013) e Joly & Piovezan (2012), pois, todas as sessões tiveram o objetivo de fomentar a discussão do texto lido e, assim, propiciar uma retirada do ser constituído e fechado ao diálogo para uma postura de abertura e receptividade daquilo que era lido.

Passagens dos textos que eram interessantes e que os alunos sentiam como relacionadas com eles eram amplamente discutidas por todos e a extrapolação ocorria no momento em que enxergavam-se no que era lido e expunham seus sentimentos decorrentes de tal relação.

Além disso, o sentido conotativo do texto literário também propiciava uma amplitude de discussões a fim de propor um percurso de sentido no momento da desconstrução textual. A reconstrução era feita a partir dessa discussão, impregnada agora de sentidos que foram colhidos de seus pares. O participante tinha a oportunidade de expor seus pensamentos e conclusões e assim colaborar com o crescimento do grupo em direção à interpretação do texto. O sentimento de unidade e pertinência ao grupo foi construído ao longo das vinte sessões, pois, de acordo com eles mesmos, durante as sessões não havia censura nas respostas, uma vez que todas eram acolhidas, avaliadas, discutidas e aproveitadas pelo grupo.

Claro que o trabalho constante com estratégias de leitura e compreensão de textos propicia um avanço nas capacidades leitoras, o que justifica o uso da técnica CLOZE ou de modelos de prova Brasil nos trabalhos de Santos & Oliveira (2010), Coelho & Correa (2010), Soares & Albuquerque (2013) e Joly & Piovezan (2012), porém, discute-se a qualidade das respostas dadas na solução do problema, uma vez que os participantes deveriam escolher uma palavra que completasse adequadamente uma lacuna a fim de completar o sentido do texto. Tais estudos não possibilitam uma análise mais profunda do envolvimento do participante em relação ao texto – seu acoplamento, nem a qualidade das discussões oriundas das temáticas suscitadas por este, aqui demonstradas pelas categorias levantadas e estudadas.

Vale lembrar também que a qualidade observada não se restringe unicamente às discussões do grupo, mas também às respostas dadas às perguntas dissertativas do pré e pós-testes. É perceptível a diferença qualitativa entre esses dois momentos. No primeiro, as respostas eram objetivas e evasivas, resumindo-se, basicamente, a poucas palavras. Já no pós-teste, as respostas estavam mais elaboradas e procuravam mostrar um sentido que havia sido depreendido do texto lido e da pergunta formulada.

5.8. Balanço geral do alcance dos objetivos

Cumpra agora avaliar o alcance dos objetivos propostos na pesquisa realizada. No que tange ao objetivo geral, conclui-se que os dados coletados e apresentados dão conta de demonstrar o quão eficaz é a prática de Roda de Leitura como dispositivo de interpretação textual.

Sobre a eficácia das Rodas de Leitura e o cumprimento do primeiro objetivo específico torna-se importante frisar os resultados quantitativos obtidos nos dois questionários aplicados: Inicial e Final.

De acordo com o exposto na tabela 1 (pp. 44-45), a média do grupo saltou de 4,5 no Questionário Inicial para 7,1 no Questionário Final. Também pode-se perceber que, individualmente, os resultados são ainda mais animadores. Há saltos de 3,5 para 7,5; de 2,5 para 6,5; de 1,5 para 5,5; indicando, portanto, a eficácia das Rodas de leitura.

Quanto à tabela 2 (p. 48), percebe-se que os resultados dos testes estatísticos revelaram que os valores obtidos pelos alunos no QVCI aplicado após o encerramento da Roda de Leitura foi maior que os obtidos na aplicação inicial com diferenças estatísticas significativas a um nível de $p < 0,01$.

Quando contrastados os resultados quantitativos e os qualitativos, principalmente no que tange aos alunos com grandes saltos de resultados: Márcia, Júlia e Luciano, a diferença na qualidade das respostas nos dois questionários é bem significativa.

Também há que se chamar a atenção para o nível de participação de tais alunos. No início eram bem calados, raramente davam suas opiniões sobre o que era lido e discutido, limitavam-se apenas a anuir com a cabeça ou acompanhar com os olhos quando este ou aquele falava. Mas, à medida que as sessões foram acontecendo e as discussões foram evoluindo, inclusive sendo levadas para níveis pessoais, percebeu-se uma participação mais efetiva desses alunos.

Com isto, os testes estatísticos sugerem eficácia das atividades desenvolvidas na Roda de Leitura em desenvolver e aprimorar as competências interpretativas dos alunos que dela participaram. Sob tais aspectos, avalia-se como positivo o uso da Roda de leitura como dispositivo de interpretação textual.

Conforme já explanado anteriormente, é notória a melhoria do desempenho dos participantes do projeto no que diz respeito ao tratamento do texto em si. Qualitativamente, as interferências dos alunos com suas conclusões sobre o texto lido e discutido foram se tornando cada vez mais pertinentes. A análise de determinados pontos sobre a estrutura textual é, de fato, algo a ser considerado. Percebeu-se que, ao longo das sessões, os alunos estavam mais atentos a determinadas passagens dos textos que suscitavam uma discussão maior. Metáforas e intencionalidades – marcas constituintes e diferenciadoras de um texto literário – que impactam

diretamente a interpretação do texto lido, ampliando sobremaneira o arcabouço simbólico do tecido textual eram centro das atenções.

Interpretar um texto implica em estabelecer um diálogo com o mundo do autor, num movimento que, muitas vezes, coloca o leitor frente a frente com um universo que, muitas vezes, é-lhe desconhecido. Por sua vez, o texto é o mais fiel representante de um pensamento humano decorrente de uma época histórica, concentrando todas as características sociais, políticas, econômicas, culturais e, principalmente, ideológicas. Interpretar, portanto, vai além da simples verificação ou classificação de narrador, enredo, clímax, etc., implica também em decodificar tais elementos intrínsecos e extrínsecos ao texto, como um organismo vivo, ou seja, desvelar as intencionalidades adjacentes ao tecido textual. Não se resume, portanto, a responder a questões pontuais sobre o que se leu, como proposto nos vários materiais escolares e até mesmo em Avaliações oficiais, embora algumas delas tenha até tentado uma aproximação com tal pressuposto de leitura. O nível de percepção dos participantes quanto a esse quesito está demonstrado em transcrições da categoria B - Classes de Categorias Temáticas Relativas ao texto. Nelas, pode-se ver o quanto a dinâmica da Roda de leitura contribuiu para a melhoria da percepção dos participantes acerca dos elementos textuais, levando-os a uma interpretação mais apurada.

Ainda sobre o aspecto qualitativo, discutem-se os resultados apurados nas respostas dissertativas dos alunos aos dois questionários aplicados durante o projeto: Questionário inicial sobre a capacidade de leitura e interpretação e Questionário final sobre a capacidade de leitura e interpretação. Enquanto no Questionário Inicial, as respostas dos alunos às questões do texto apresentado eram mais objetivas, sem muita elaboração do texto que estava sendo produzido por eles. Percebeu-se que não havia uma preocupação com a resposta dada uma vez que ela definitivamente respondesse à pergunta feita. Como se fosse o cumprimento de uma tarefa dada, inclusive usando apenas uma ou duas palavras para a resposta, embora houvesse espaço (quatro linhas para cada pergunta) para uma formulação mais detalhada. Não se percebeu a presença da autoria do aluno no texto que estava sendo escrito, apenas a mera resposta do que havia sido perguntado.

Já no Questionário Final, é perceptível a melhoria na elaboração das respostas dadas ao que foi perguntado. Houve uma preocupação com o sentido daquilo que se queria responder, apresentando um percurso de sentido, aproximando o texto lido do leitor, conforme desenvolvido ao longo dos encontros. Embora aqui não houvesse uma discussão em roda e oral do texto, as respostas escritas às perguntas do texto refletiam bem o comportamento desenvolvido durante o projeto. Não foram evidenciadas respostas curtas e evasivas como

anteriormente, mas um encadeamento de sentidos típico da reconstrução textual sob o pressuposto individual deles, indicando que houve um processo de desconstrução – análise – reconstrução do que fora lido. Percebeu-se, portanto, a autoria nas respostas dadas, numa tentativa de dar sentido ao que estava sendo escrito.

Nesse aspecto, percebeu-se que a simples quebra do paradigma organizacional da sala de aula com a proposta de uma nova dinâmica de discussão de textos, já propicia um nível de prontidão diferente por parte dos alunos. A organização em círculo facilita o enxergar-se e a emissão do ponto de vista. Além disso, possibilita também uma postura de abertura para o acolhimento de pontos de vistas diferentes e a consequente discussão deles, aceitando-os, refutando-os ou ampliando-os. Ver a face desnuda do companheiro e suas colocações destemidas sobre o texto ou sobre o que o outro colocara antes, possibilita uma entrega mais sincera ao grupo e o consequente desenvolvimento do espírito de confiança. Os pensamentos sobre o que foi lido passam a ser partilhados por todos, não é mais desse ou daquele aluno específico, é do grupo e está livre para ser emendado ou até mesmo reconfigurado.

Assim, sem perceber, o texto é desconstruído e reconstruído a todo momento durante a Sessão. Os participantes deixam de ser elementos pacientes da aula e passam a ser agentes da reconstrução textual na Roda de Leitura. Percebem-se responsáveis por dar sentido a uma série de informações que eles mesmos retiraram do texto, numa costura feita a várias mãos cujo resultado final será um tecido único, diferente de tudo. Sentem como se o trabalho com o texto fosse uma missão a ser cumprida a todo custo e esforços não são poupados, portanto, o papel dos alunos é fundamental para o sucesso da Roda e também é fundamental a sensação de liberdade que lhes é dada ao longo do desenvolvimento do projeto.

Essa liberdade é importante, pois assim o aluno percebe que não será cerceado nas suas opiniões e colocações sobre os textos, mesmo que não sejam tão pertinentes. A postura de acolhimento do grupo, a atenção dirigida ao participante e a possibilidade de se expressar sem censuras são, de certa forma, as chaves para o sucesso da Roda de Leitura.

Por outro lado, é importante também destacar o papel do mediador no processo dessa construção de um contexto grupal. É necessário que o professor desconstrua a imagem que tem sobre o papel que exerce como professor e guardião da disciplina da sala de aula e do conhecimento a ser transmitido aos alunos. É imperativo uma mudança radical: desconstruir uma imagem tradicional de professor e construir uma imagem de mediador, facilitador das discussões que advirão dos textos selecionados e lidos. A atitude fundamental deve passar de um avaliador, aquele que diz o que está certo ou errado, para aquela de alguém que acolhe sem julgamento prévio qualquer tipo de iniciativa de participação, até mesmo as solicita e

incentiva. Esse movimento não é muito fácil, tendo em vista o modelo de educação que existe hoje. Dar voz aos alunos numa proposta de protagonismo discente pode, em princípio, parecer como indisciplina e consequentemente perda do controle da sala, inclusive para os alunos, conforme já explanado. Mas, à medida que o professor desconstrói a imagem pré-estabelecida de profissional da educação de uma sociedade de controle e se reconfigura de acordo com as necessidades do grupo, levando em consideração o papel protagonista dos alunos participantes, desempenhando apenas o papel de incitador e mediador das discussões, a dinâmica da Roda de Leitura flui perfeitamente e passa a contribuir para o crescimento de ambos: alunos e mediador. Portanto, além de apontar a postura dos alunos como chave para o sucesso da estratégia, a função do mediador também deve ser destacada como prioritária. Para o bom funcionamento da roda de Leitura, o momento da discussão dos textos não pode ser uma reprise da sala de aula no que tange à sistemática e dinâmica da aula regular.

Quanto à verificação da aprendizagem inventiva suscitada pelo uso das Rodas de leitura, o item A Cognição Inventiva nas Rodas de Leitura (p. 250) demonstra bem o que se pretendia investigar.

Quanto ao terceiro objetivo específico que propunha contribuir para o incentivo ao uso das práticas de rodas de leituras como ferramentas para o ensino e aprendizagem de técnicas de desconstrução, reconstrução e interpretação textuais conclui-se que o uso de Rodas de leitura é uma ferramenta eficaz para o cumprimento de tal objetivo. Porém, como destacado anteriormente é necessário todo um movimento por parte do professor no sentido de desconstrução do papel de professor e construção paulatina do papel do mediador. É imperativo, para o sucesso da dinâmica, que o aluno tenha um preponderante papel protagonista na construção do saber, o que vai de encontro ao modelo de ensino que existe hoje. Dadas essas duas condições, referentes ao mediador e aos alunos, não se deve descuidar do terceiro componente, tão importante quanto os outros dois, senão até mais determinante, o texto a ser lido e discutido. Ficou bastante evidente nesta pesquisa que, textos abertos, que solicitam muito da fantasia do leitor, com toques de surrealismo, são os que mais incitam a criatividade inventiva. Por se tornar quase impossível ao leitor encontrar um significado que considere toda a narrativa, em todos os seus aspectos, já que muitos deles se contradizem, o leitor se vê diante da insuficiência da reconhecimento, não basta, como em outros textos, utilizar as simbologias, traduzir as metáforas, todas elas somadas não completam um único sentido para o texto, mas ao contrário, apontam em sentidos divergentes. Resta apenas ao leitor que se envolve com esses textos, recorrer à fantasia, sair do real, deixar de imaginar que se trata de uma narrativa realista, que compõe com o que é real, assim ele se vê forçado a inventar realidades outras, outros

mundos e, como consequência, sente seu si mesmo diferenciar-se em outros, diante daqueles mundos novos. Assim, a desterritorialização dos papéis de professor e de aluno precisam serem acompanhada daquela de um texto tradicional, com sentido unívoco, com realismo. Um mediador ou intercessor no lugar do professor, um aluno ativo e envolvido, no lugar de passivo, um realismo fantástico ou surreal no lugar dos textos realistas, essas compõem, sem dúvida, as três condições igualmente fundamentais para a promoção da cognição inventiva, foi o que se aprendeu com as “experimentações” da presente pesquisa.

Também há que se notar que a utilização das Rodas de leitura, conforme proposto neste trabalho, aconteceu no período posterior às aulas regulares, não dentro da grade curricular, nem com o grande grupo, mas com um grupo de doze alunos. Daí decorre que o implemento de tal técnica dentro da grade curricular de ensino pode ser dificultado, tendo mais uma vez em vista o modelo atual de ensino com cargas horárias e grades curriculares fechadas e com turmas de alunos numerosas. Mais uma vez, uma outra desterritorialização, agora em relação à sala de aula faz-se necessária.

O uso das Rodas de leitura apresenta resultados animadores sob vários pontos sobre uma possível implantação de tal recurso nas aulas de língua portuguesa ou como um componente curricular autônomo a fim de propiciar uma participação mais abrangente a todos os alunos. Para tanto, há que se repensar o atual modelo curricular e a organização das turmas, principalmente, no que tange à quantidade de alunos de cada uma.

Claro que pesquisas futuras podem se debruçar sobre tais aspectos, o que não foi o escopo desta que, com o caráter inicial sobre o assunto, preocupou-se basicamente com a viabilidade de tal dinâmica dentro do ambiente escolar.

Estudar a viabilidade das Rodas de leitura num universo com turmas mais numerosas e dentro da grade curricular, ou até mesmo como uma oficina no contra turno dentro de propostas como a da Educação Integral no projeto Mais Educação talvez dirimissem tais dificuldades elencadas por esta pesquisa e contribuíssem para um trabalho mais eficiente do texto.

Por todas as razões apontadas até aqui, não resta dúvida que, o uso das rodas de leitura como estratégia de incentivo à cognição inventiva não se trata de mais uma técnica ou estratégia a ser utilizada no interior de aulas estratificadas, disciplinas organizadas sob um formato tradicional, que nada mais promovem senão a reconhecimento. Muito ao contrário disso, trata-se de uma demanda por mudança na própria escola, de um incentivo à busca por alternativas ao tradicional, ao disciplinar, à estratificação institucionalizada na escola. Alia-se assim às inovações de toda ordem que vemos emergir no momento atual buscando novos possíveis para a Educação.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos resultados e discussões deste estudo, verificou-se que a prática da dinâmica de Roda de Leitura apresenta grande eficácia no que diz respeito ao desenvolvimento da leitura, compreensão e interpretação textuais.

Eficácia não apenas no desenvolvimento da habilidade de leitura e esgotamento do texto pelo texto, ou seja, a atenção apenas aos elementos textuais de cada gênero, talvez, foco exclusivo dos professores de língua portuguesa em diversos níveis de ensino; mas também no desenvolvimento da cognição inventiva, propiciando um mergulho profundo na tessitura textual e na constituição individual do leitor.

Os resultados aqui apresentados demonstram que a contribuição da prática de Roda de leitura para a interpretação textual é muito grande, pois, através de uma dinâmica acolhedora, não castradora nem coercitiva na participação do aluno, dão suporte à vontade de querer participar, expor seus comentários, pensamentos e intimidades. Levando-os de encontro ao texto e ao encontro consigo mesmos. Os escores do pré e pós testes demonstram a eficácia de tal prática e a riqueza das discussões sobre o texto e para além do texto, nas categorias elencadas, demonstram o quanto a atenção sobre o texto foi desenvolvida.

O pensar sobre o texto, naquilo que ele comunica já seria um fator de grande ganho pela Roda de leitura, porém, este projeto foi além, desenvolveu também o olhar para além do texto, o encontro com sua alteridade, a criação de novos problemas não antes propostos – a cognição inventiva.

Desenvolver tal cognição é propiciar o verdadeiro desfrute do texto, é descortinar ao aluno um universo desconhecido, nunca antes experimentado, sequer imaginado. Algo que havia ali, mas que estava escondido, existia apenas como virtualidade. É a prática verdadeira da fruição literária – saborear o texto literário em todas as suas amplitudes. Perceber que o texto literário está além de meras palavras escritas num papel em um dado momento, sem sentido, a esmo – relaciona-se com a vida, toca-a, impregna-a, infecta-a. Leitor – texto – vida tornam-se um só, indissociáveis e indissolúveis.

Desenvolver a cognição inventiva vai além do exercício de interpretação textual, dá poder ao educando de participar de sua própria educação, pois, é ele quem formula novos problemas a partir de conhecimentos prévios, criando assim uma teia de saberes ampla. Dá ao educando

as ferramentas necessárias para o seu desenvolvimento coparticipativo com os intercessores disponíveis, sejam pessoas, textos ou conhecimentos.

7. IMPLICAÇÕES EDUCACIONAIS:

Após o desenvolvimento deste trabalho, das especificidades e resultados que integram o corpo deste texto, sugere-se que:

- a) É importante pensar na prática de Roda de Leitura como instrumento fomentador da leitura, compreensão e interpretação textuais a fim de se desenvolver o gosto pelo texto e alcançar melhores resultados em avaliações externas que aferem a habilidade leitora;
- b) É necessário pensar na estrutura curricular das escolas, principalmente nas aulas de língua portuguesa a fim de implantar tal projeto. Ou criando uma disciplina própria para a leitura e discussão de textos ou inserir a Roda de leitura em programas de educação integral – Mais Educação;
- c) É necessária uma organização em turmas menores (máximo de quinze alunos) para a eficiente prática de Roda de leitura;
- d) É imperativo o repensar do papel e postura do professor em sala de aula a fim de dar subsídios necessários para o desenvolvimento eficaz da Roda de leitura;
- e) É importante a discussão entre os professores e gestores educacionais e governamentais sobre os resultados da prática da Roda de leitura e a possível ampliação para outras áreas do conhecimento;
- f) É urgente o repensar da escola e sua organização disciplinar que estratifica a aprendizagem como reconhecimento, impedindo o incentivo à cognição inventiva que, para ocorrer, demanda desterritorializações as mais abrangentes possíveis, tantos dos papéis sociais, professor e aluno, como de textos, recursos e até mesmo do conhecimento a ser apresentado.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS⁶

- Almeida, L. P. (2008). *Literatura e Subjetividade: Reflexões sobre a Linguagem e o Exercício da Liberdade*. Trabalho apresentado no IV ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, realizado entre os dias 28 a 30 de maio de 2008, na Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador-Bahia-Brasil. Recuperado em 08 de setembro de 2010, de <http://www.cult.ufba.br/enecult2008/14418.pdf>.
- Bardin, L. (2011). *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Bisqueria, R., Sarriera, J. C., & Martinez, F. (2004). *Introdução à Estatística: enfoque informático com o pacote estatístico SPSS*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto: Porto Editora.
- Bolognese, P. M. S. (2012). *Rodas de leitura na escola: do desenvolvimento dos alunos aos processos de reflexão*. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, São Paulo. Recuperado em 06 de maio de 2013, de www.teses.usp.br/.../PRISCILA_MARIA_SBIZERA_BOLOGNESI.pdf.
- Briggs, S. (2010). *Using Literature Circles to Increase Reading Comprehension in Third Grade Elementary Students*. Dissertação de Mestrado, School of Education and Counseling Psychology Dominican University of California, San Raphael, California. Recuperado em 06 de maio de 2013 de <http://www.eric.ed.gov/PDFS/ED511091.pdf>.
- Cabral, M. C. C., & Kastrup, V. (2009). Leitura de acolhimento: uma experiência de devir consciente. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 22, n. 2. Recuperado em 08 de setembro de 2010, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722009000200016&lng=en&nrm=iso.
- Campbell, D. & Stanley, T. (1979). *Delineamentos experimentais e quase-experimentais de pesquisa*. São Paulo: EPU/EDUSP.
- Carneiro, A. D.(1996). *Texto em Construção – interpretação de texto*. São Paulo: Editora Moderna, 2a ed.
- Carvalho, N. C. C., Pereira, R. F., & Pazini, M. C. B. (2004). Leitura e Produção de textos: em busca dos sentidos. In R. F. Pereira (Org.), *Á Roda da Leitura: língua e literatura no jornal Proleitura* (pp. 53-71). São Paulo: Cultura Acadêmica; Assis: ANEP.
- Chartier, R. (1998). *A aventura do livro do leitor ao navegador*. São Paulo: Editora da Unesp.
- Coelho, C. L. G., & Correa, J. (2010). Desenvolvimento da compreensão leitora através do monitoramento da leitura. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 23, n.3, 575-581. Recuperado em 31 de outubro de 2014, de http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-79722010000300018&script=sci_arttext.

⁶ De acordo com o estilo APA – American Psychological Association

- Deleuze, G. (1997). *Crítica e Clínica*. 3 ed. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34.
- Deleuze, G. (2000). *Diferença e Repetição*. 1 ed. Tradução de Luiz Orlandi. Lisboa: Relógio d'água.
- Deleuze, G & Guattari, F. (2010). *O Anti-Édipo*. 1 ed. Tradução de Luiz Orlandi. São Paulo: Ed. 34.
- Deleuze, G & Guattari, F. (2011). *Mil Platôs*. 2 ed. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira. São Paulo: Ed. 34.
- Failla, Z. (Org.). (2012). *Retratos da Leitura no Brasil 3*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Instituto Pró-Livro. Recuperado em 10 de junho de 2014, de <http://www.prolivro.org.br/images/antigo/4095.pdf>.
- Ferreira, S. P., & Dias, M. G. B. B. (2002). A Escola e o Ensino da Leitura. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 7, n.1, 39-49. Recuperado em 12 de setembro de 2010, de <http://www.scielo.br/pdf/pe/v7n1/v7n1a05.pdf>.
- Ferreira, S. P., & Dias, M. G. B. B. (2005). Leitor e Leituras: Considerações sobre Gêneros Textuais e Construção de Sentidos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v.18, n. 3, 323-329. Recuperado em 10 de setembro de 2010, de <http://www.scielo.br/pdf/prc/v18n3/a05v18n3.pdf>.
- Foucambert, J. (1994). *A leitura em questão*. Porto Alegre: ArtMed.
- Hillesheim, B., Cruz, L., Cavagnoli, K. C., & Marquette, V. S. (2011). Leitura: entre leitor e texto. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 23, n.2, 305-315. Recuperado em 06 de maio de 2013, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-02922011000200006&lng=en&tlng=pt. 10.1590/S1984-02922011000200006.
- Joly, M. C. R. A. (2008). Programa Informatizado de Leitura Estratégica (PILE). Itatiba, SP: Universidade São Francisco.
- Joly, M. C. R. A., & Piovezan, N. M. (2012). Avaliação do Programa de Leitura estratégica para estudantes do ensino fundamental. *Paideia*, v. 22, n. 51, 83-90. Recuperado em 31 de outubro de 2014, de <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v22n51/10.pdf>.
- Jung, M. (2009). Dificuldades de Compreensão leitora: um estudo de caso. *Congresso de Leitura do Brasil*, Anais do 17º COLE, Campinas, SP: ALB, 2009. Recuperado em 08 de setembro de 2010, de <http://www.alb.com.br/portal.html>.
- Kastrup, V. (2005). O devir-consciente em rodas de poesia. *Revista do Departamento de Psicologia, UFF*, v. 17, n. 2. Recuperado em 08 de setembro de 2010, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-80232005000200005&lng=en&nrm=iso. doi: 10.1590/S0104-80232005000200005.
- Kastrup, V. (2008a). A Cognição Contemporânea e a Aprendizagem Inventiva. *Políticas da Cognição*, Porto Alegre: Sulina, 93-112.

- Kastrup, V. (2008b). Sobre Livros e Leitura: Algumas Questões Acerca da Aprendizagem em Oficinas Literárias. *Políticas da Cognição*, Porto Alegre: Sulina, 241-266.
- Kastrup, V. (2008c). Cartografias Literárias. *Políticas da Cognição*, Porto Alegre, 267-295.
- Klages, C., Pate, S., & Conforti Jr, P. A. (2007). Virtual Literature Circles. *Curriculum and Teaching Dialogue*, vol. 9, n.1 & 2, 293-309. Recuperado em 08 de setembro de 2010, de <http://web.ebscohost.com/ehost/pdfviewer/pdfviewer?vid=4&hid=109&sid=f5496379-1163-4be8-a661-88d599fa0d1d%40sessionmgr113>.
- Kleiman, A. (2008). *Oficina de leitura – teoria e prática*. São Paulo: Pontes.
- Marcuschi, L. A. (1996). Exercícios de compreensão ou cópiação nos manuais de ensino de língua? *Em Aberto*, v. 16, n.69, 64-82.
- Menezes, A. (2006). *Círculo de Leitura: Uma alternativa para a formação de Leitores em Área Rural*. Recuperado em 10 de setembro de 2010, de http://www.uniara.com.br/nupedor/nupedor_2006/trabalhos/sessao2/12_Anarleide.doc.
- Minayo, M. C. S., & Gomes, S. F. D. R. (2010). *Pesquisa Social – teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Editora Vozes, 29a ed.
- Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa*. (1997). Brasília. DF.
- Ministério da Educação. Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Diretoria de Avaliação da Educação Básica. *SAEB/Prova Brasil 2011 - primeiros resultados*. Recuperado em 02 de abril de 2014, de http://download.inep.gov.br/educacao_basica/prova_brasil_saeb/resultados/2012/Saeb_2011_primeiros_resultados_site_Inep.pdf
- Perrenoud, P. (2002). *Pedagogia diferenciada: das intenções à ação*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.
- Porcacchia, S. S., & Barone, L. M. C. (2011). Construindo leitores: uma experiência de oficina de leitura. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 28(3), 395-402. Recuperado em 06 maio 2013, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2011000300012&lng=en&tlng=pt. 10.1590/S0103-166X2011000300012.
- Rangel, J. N. M. (2005). *Leitura na Escola*. Porto Alegre: Editora Mediação.
- Relatório Nacional Pisa 2012 – Resultados Brasileiros*. (2012). Recuperado em 02 de abril de 2014, de http://download.inep.gov.br/acoes_internacionais/pisa/resultados/2014/relatorio_nacional_PISA_2012_resultados_brasileiros.pdf.
- Santos, A. A. A., & Oliveira, E. Z. (2010). Avaliação e desenvolvimento da compreensão em leitura no ensino fundamental. *Psico-USF*, v. 15, n. 1, 81-91. Recuperado em 31 de outubro

de 2014, de http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-82712010000100009&script=sci_arttext.

Smith, F. (1999). *Leitura Significativa* (3ª ed.). Porto Alegre: ArtMed.

Soares, M., & Albuquerque, M. S. P. (2013). Competência leitora de alunos do ensino fundamental em textos de literatura infanto-juvenil. *Revista Letras Raras*, v. 2, n.1, 57-72. Recuperado em 31 de outubro de 2014, de <http://150.165.111.246/revistarepol/index.php/RLR/article/view/143/130>.

Solé, I. (1998). *Estratégias de Leitura*. Porto Alegre: ArtMed.

Stringer, S. J., Reynolds, G., & Simpson, F. M. (2003). Collaboration between classroom Teachers and a School Counselor Through Literature Circles: Building self-esteem. *Journal of Instructional Psychology*, v. 30, n.1, 69-76. Recuperado em 12 de setembro de 2010, de <http://web.ebscohost.com/ehost/pdfviewer/pdfviewer?vid=10&hid=109&sid=f5496379-1163-4be8-a661-88d599fa0d1d%40sessionmgr113>.

Varela, F. J., Thompson, E., & Rosch E. (2003). *A mente incorporada: Ciências cognitivas e experiência humana*. Porto Alegre: ArtMed. (Original publicado em 1991).

Yano, D. C., Rohr, D., & Matos, J. C. M. (2008). A oficina de Leitura e Interpretação de Textos: Fundamentos e Experiência de um Projeto de Extensão da UDESC. *UDESC em Ação*, v. 2, n.1. Recuperado em 10 de setembro de 2010, de <http://revistas.udesc.br/index.php/udescemacao/article/viewFile/1712/1353>.

9. APÊNDICES:

Apêndice A:

Classes de Categorias Temáticas Externas ao Texto Agrupadas pelo Tema

Classes de Categorias Temáticas Externas ao Texto agrupadas pelo tema

- **Relacionamento Amoroso.**
 - O Amor e a sua importância.
 - Amor passageiro.
 - Aproveitar o amor.
 - Fazer o amor valer a pena.
 - Procurar um grande amor para dar sentido à vida.
 - Amor verdadeiro.
 - Expressar-se como ser apaixonado.
 - O fogo da paixão.
 - Entregar-se a um relacionamento para esquecer outro.
- Dificuldades de se entregar a um novo Amor
 - Medo de ao confessar seu amor, não ser aceito por outra pessoa.
 - Constatação de que compensa se declarar à pessoa amada.
 - Uso da carta para expressar um sentimento amoroso.
 - Como uma pessoa se sente ao estar apaixonada.
 - Encontrar a pessoa certa para um relacionamento.
 - Medo de amar e sofrer.
 - Confessar que gosta de alguém.
 - Timidez *versus* orgulho masculino.
 - Tomar a iniciativa em um relacionamento amoroso.
 - Medo da rejeição.
 - Anonimato da internet como facilitador da relação.
- As dificuldades em manter um Amor
 - Dificuldades de convivência.
 - Não fazer para os outros o que não quer para si.
 - Amar como sofrimento.
 - A difícil convivência entre as pessoas.
 - O que é conviver?
 - Aceitar as diferenças.
 - A dificuldade de relacionamento com os sogros.
 - Insociabilidade.
 - Ficar com alguém por interesse.
 - Usar alguém em uma relação amorosa.
 - Dificuldades ligadas à infidelidade.
 - Expressão do fato de se ter mais de um (a) namorado (a).
 - Sofrer por outra pessoa.
 - Estratégias para se superar as dificuldades em manter o Amor.
 - Amor *versus* Perdão.
 - Certeza de que a pessoa amada não errará novamente.
 - A importância de se dar bem com as pessoas.
 - Constatação do excesso de uma atitude.
 - Começar uma relação mostrando o lado bom.
 - Esconder o lado ruim de uma pessoa em um relacionamento.

Continuação

- A importância de mudar a personalidade para agradar o outro.
- A importância da convivência para se conhecer uma pessoa.
- Dificuldade de aceitar os defeitos de uma pessoa.
- A importância de se abrir mão de sua essência para construir pontes entre as pessoas de um relacionamento.
- A importância da confiança mútua em um relacionamento.
- Sentir-se bem ao lado de alguém.
- Crescimento ao lado da pessoa amada.
- Estratégias para se abrir a um novo Amor.
 - Importância de se esquecer de um amor.
 - Abrir-se para as pessoas se aproximarem.
 - Aproveitar aquilo que há de bom em uma pessoa.
 - O homem como agente em uma relação amorosa.
 - Colocar as diferenças entre as salas de lado.
 - Confraternização.
 - Não se importar com as aparências.
 - Costumes familiares.
 - Dar valor depois que se perde.
 - Constatação que o mundo está pior.
- **O Erro no relacionamento.**
 - Consertar para não repetir o erro.
 - Errar como fator positivo na aprendizagem humana.
 - Não há como desfazer as marcas de algo errado.
- **Bem-estar consigo mesmo.**
 - Sentir-se bem ao dar uma opinião.
 - Reconhecimento pelo trabalho.
 - Tratamento igualitário.
- **A Vida.**
 - Vida e suas dificuldades.
 - Aproveitar a vida.
 - Arriscar-se na vida para aprender a viver.
 - Vantagem de viver a vida ao contrário.
 - As pessoas fazem a vida difícil.
 - A vida não é fácil.
 - Fuga da vida planejada pelos pais.
 - A vida hoje é mais fácil que antes.
 - Se houver luta, há melhoria na vida.
 - Na vida há momentos bons e ruins.
 - Continuar a vida apesar das dificuldades.
 - A agonia da vida vazia.
 - Enfrentar os problemas para aprender a ser alguém melhor na vida.
 - Não aceitar que alguém controle sua vida.
 - Não saber como iniciar um projeto de vida.
 - O impacto da vingança na vida de uma pessoa.

Continuação

- Vida e suas necessidades.
 - Saber se perder na vida para se encontrar.
 - Começa-se de baixo para subir na vida.
 - Na vida tem-se que fazer o que gosta.
 - Mudar de vida como algo necessário.
 - Não desistir de lutar por uma vida melhor.
 - A importância do amor na vida.
 - Aproveitar ao máximo o que se tem na vida.
 - Necessidade de se crer em algo na vida.
 - Mudança de vida.
- Vida e suas peculiaridades.
 - Pecado.
 - Relação do poema com a vida.
 - Suposição sobre se é uma confissão amorosa de mulher para mulher: o preconceito homofóbico.
 - Expressão do último desejo perante o último dia de vida.
 - A vida de um casal de namorados separados pela morte.
 - Arrependimento por uma ação executada.
 - Viver o momento.
 - O limite da responsabilidade na vida.
 - Perder para descobrir o valor que se tinha.
 - Agir por impulso na vida.
- Vida e seus sentidos.
 - Propósito da vida.
 - A vida dá oportunidades.
 - A importância da saúde em detrimento do dinheiro.
 - Deixar o amor entrar na vida.
 - Ter objetivo na vida.
 - A esperança como algo criador na vida.
 - Fazer a vida valer a pena.
 - Objetivo da vida.
- **A Morte**
 - Temor à morte.
 - Morte como consequência da vida.
 - Vida após a morte.
 - A morte como única certeza da vida.
 - A morte possui um lado bom e outro ruim.
 - Morte como solução para os problemas.
 - Vida *versus* Morte.
- **O Sofrimento Humano.**
 - Dor da perda de um sentimento amoroso.
 - Sofrimento como algo bom.
 - Sofrimento ao saber que o ser amado está com outra pessoa.
 - Constatação que a alegria e o sofrimento coexistem.
 - O sofrimento amoroso como forma de aprendizagem.
 - Mágoa.

Continuação**•A Felicidade na vida.**

- A Felicidade depende de cada um.
- Constatação que a riqueza não traz felicidade.
- Receber um elogio e ser feliz.
- A felicidade com o pouco que se tem.
- A verdadeira felicidade está dentro da pessoa.
- A felicidade vale a pena.
- Busca da verdadeira felicidade.

•O Tempo na vida Humana.

- O uso do tempo para cura de uma dor.
- Consciência do passado para projetar o futuro.
- O tempo como fator decisivo em uma conquista.
- Planejar o futuro com o conhecimento que se tem.
- A brevidade do tempo.
- Projetar o futuro para entender o presente.

•Os Sonhos.

- Sonho e suas necessidades.
 - Sonho *versus* Ilusão.
 - Correr atrás do sonho.
 - Busca constante por um sonho para substituir outro.
 - Viver um sonho para conseguir algo na vida.
 - Entregar-se a um grande sonho.
 - Realização de um sonho.
 - Substituição de um sonho já realizado por outro.
 - Tentar fazer um sonho dar certo.
 - Sonho como meta.
 - Sonho como sentido da vida.
 - Trabalhar para realizar um sonho.
 - Não fugir daquilo em que se acredita.
- Sonho e suas possibilidades.
 - Não se entregar totalmente a um sonho.
 - Acreditar na possibilidade de um sonho.
 - Sonhos para o final de ano.
 - Planos para aulas fora da escola.

•A Amizade.

- O que é um amigo?
- Diferença entre amigo e colega.
- Confiança na amizade.

Continuação

- Família como primeiro amigo.
- Como distinguir um verdadeiro amigo.
- A importância da amizade em detrimento do dinheiro.
- Ação de amigos perante um relacionamento.
- Valor de uma amizade.
- **O Perdão.**
 - A importância do perdão em um relacionamento.
 - A dificuldade de se perdoar alguém que errou.
 - O limite do perdão.
 - O Difícil perdão.
- **A Expressão de um Desejo.**
 - Vontade de inverter papel com o mediador.
 - Lutar para conseguir o que se deseja.
 - Desejo *versus* Realidade.
 - Mentira para realizar um desejo.
 - Vontade de fazer mal a alguém.
 - Desejo de vingança.
- **A Solidão.**
 - Solidão como forma de aprendizagem.
 - Solidão como preparo para um novo relacionamento.
 - Dividir a solidão com outra pessoa.
- **A importância da Religião.**
 - Religião *versus* Deus.
 - Ciência *versus* Religião.
 - Céu *versus* Inferno.
- **A Relação dos participantes com a Família.**
 - Coragem de abandonar o pai em um momento de necessidade.
 - Retribuição ao pai.
 - Estar presente na vida de um pai.
 - Responsabilidade em relação aos pais na velhice.

Apêndice B:

Classes de Categorias Temáticas Relativas ao Modo de Funcionamento das Sessões e de Participação

Nesta Classe estão as Categorias especificamente relacionadas à Sessão e ao comportamento dos participantes nos encontros. Limitam-se a procedimentos e comparações feitos pelo grupo.

Procedimentos utilizados na condução de cada uma das sessões:

Nesta Subclasse estão seis Categorias que tratam dos procedimentos para a realização da Sessão e são encontradas em, praticamente, todas as Sessões. Vale lembrar que todas as Sessões seguiam uma estrutura semelhante: a abertura, a leitura, a discussão e o encerramento.

Preparação do encontro.

Esta Categoria relaciona-se com o momento inicial da Sessão, desde a entrada dos participantes em sala, até a organização do círculo. Escolheu-se uma passagem da Sessão XVII para ilustrar.

Mediador: Boa tarde pessoal. Hoje é dia 25 de setembro, nós estamos começando hoje a nossa reunião mais cedo, por causa das aulas de vocês, e nós estamos hoje com sete pessoas. Eu selecionei aqui, não é para assustar com o livro não, é um livro de contos, são vários textos dentro do livro.

Participante M: Nossa, nós vamos ter que ler todos?

Participante F: Eu estou com um livro mais lindo, gente.

Participante M: Nossa, eu não sei ler, cadê os desenhos?

Mediador: Vamos lá pessoal? Hoje nós vamos ler o texto que se chama ‘Antes do Baile Verde’, que no meu livro fica na página 31.

Participante M: Qual é o nome?

Mediador: Antes do Baile Verde.

Participante M: Aqui 31, Antes do Baile Verde.

Participante M: Cadê as imagens para a gente distinguir.

Participante M: Não tem imagem professor, eu não sei ler.

Recuperação de conteúdo do encontro anterior.

Em algumas Sessões foi feita a recuperação de conteúdo de Sessão anteriores, a fim de fechar a discussão do encontro. Escolheu-se uma passagem da Sessão XI para ilustrar.

Mediador: Boa tarde pessoal.

Todos: Boa tarde.

Participante M: Passe aí.

Mediador: Tem gente querendo ir embora.

Participante F: Olha que mentira.

Mediador: Mais uma.

Participante F: As últimas são as mais quentinhas, toma.

Participante M: Nossa, quanto.

Participante F: Será que dá tempo da gente.

Mediador: Boa tarde pessoal, hoje é dia sete de agosto, e nós estamos com duas, quatro, seis, oito pessoas. Bom, semana passada nós conversamos sobre o texto da Marina Colasanti, que era da “*Além do Bastidor*”. Como era? Vocês se lembram desse texto?

Participante F: Nossa.

Mediador: E aí, gente?

Participante F: Nossa, essa foi panque.

Participante M: O sonho dela.

Mediador: Se a gente pudesse, transformar por uma ideia, qual seria a ideia central do texto?

Participante M: Ela começa com a garça.

Participante F: Ela começou com a esperança que era verde e terminou com o branco que era paz, ele queria tanto a paz.

Mediador: E ela alcançou essa paz como? De que jeito?

Participante F: Ela foi atrás da realidade que ela queria pra ela.

Mediador: Realidade ou fantasia?

Participante F: Fantasia.

Comentários sobre a assiduidade aos encontros.

O Mediador alerta os participantes sobre a assiduidade aos encontros e o aproveitamento dos mesmos. Sessão XV.

Mediador: Nós estamos numa conversa tão boa, puxa a conversa lá para o chão. Mas, pessoal que bom, eu só tenho elogios para vocês. Estou muito contente com o nível que nós estamos chegando, um nível muito bom mesmo de discussão. É uma pena que, talvez para alguns nem tanto, mas, eu quero deixar bastante claro, e eu quero acreditar que ninguém está aqui obrigado. Acho que, se vocês estão aqui porque vocês gostam de vir, querem estar aqui, eu pelo menos assim, ele faltou uns dias e eu não bati na porta da sala para perguntar por que ele estava faltando. Ela faltou uns dias, o ele também está faltando outros dias. A verdade é uma só: quanto mais eu falto, mais eu vou perdendo.

Participante M: Sabedoria.

Mediador: Vou perdendo o fio da meada das coisas. Então, é bom não faltar muito. E a gente conversou na semana passada, que a gente tem agora mais seis encontros, só mais seis. E termina. Gente, termina. A verdade é que eu preciso entregar vocês para a próxima escola.

Participante F: Ah, não!

Leitura do texto.

A leitura do texto é outro procedimento das Sessões. O texto era lido pelo Mediador ou, às vezes, pelos participantes do grupo. Percebeu-se que a leitura feita pelo Mediador surtia mais efeito, pois, o mesmo fazia as pontuações e entonações necessárias ao texto, e portanto, facilitava o entendimento geral. Escolheu-se uma passagem da Sessão I para ilustrar a Categoria.

Participante M: “Eu quero amar. Amar perdidamente. Amar só por amar: aqui, além. Mais Este e Aquele, o Outro e toda a gente. Amar! Amar! E não amar ninguém! Recordar? Esquecer? Indiferente. Prender ou desprender? É mal? É bem? Quem disser que se pode amar alguém durante a vida inteira é porque mente. Há uma Primavera em cada vida, é preciso cantá-la assim florida, pois se Deus nos deu voz, foi pra cantar. E se um dia hei de ser pó, cinza e nada que seja a minha noite uma alvorada. Que me saiba perder, pra me encontrar”.

Finalização do encontro.

A finalização da Sessão também deu origem a uma Categoria que se repete em várias Sessões. Nela, eram retomadas e fechadas as questões discutidas durante o encontro e a despedida aos participantes. Escolheu-se uma passagem da Sessão XIV para ilustrar.

Mediador: Pode ser qualquer barca.

Participante F: Eu pensei em um barco velhinho.

Mediador: Eu sempre penso numa barca muito antiga, muito velha.

Participante F: Por causa das tábuas não é.

Mediador: Muito bom pessoal, muito contente com vocês, acho que a cada encontro nosso as coisas estão cada vez mais melhorando, porque todo mundo está colaborando, todo mundo está contribuindo.

Participante M: Vai achando uma peça.

Mediador: Exatamente. E no fim está encaixando. Muito bom! Parabéns mesmo, e terça-feira estaremos aqui, novamente.

Participante F: Vai chegar um dia que nós vamos estar preparados para as perguntas.

Mediador: Lembrando que no final vocês vão fazer outro teste, e outra entrevista. Lembram que nós fizemos uma entrevista no começo, e um teste?

Participante F: Que eu saí contando. Até falei: por que você está piscando para mim, Pedro?

Mediador: Muito bem gente. Então ficamos por aqui. Acertem a classe.

Retomada de encontros anteriores.

A fim de preparar o grupo para o texto que seria trabalhado durante a Sessão, o Mediador retomou discussões de encontros anteriores nos quais foram discutidos contos da mesma autora. Tal estratégia foi utilizada para verificar o nível de prontidão e de reconhecimento de assuntos já tratados dos participantes. Sessão XVII.

Mediador: Bom pessoal, assim, nós chegamos à nossa última reunião, estávamos com um texto “*Um Chá bem Forte e Três Xícaras*”, não é, que era um texto bastante complicado, e que em vinte minutos, quinze minutos vocês conseguiram decifrá-lo, montar e desmontar o texto com bastante destreza. Então, a ideia é que nessas quatro reuniões que ainda faltam, nós, a gente vai complicando ainda mais os textos, chegar uma hora que... Já está muito bem, falar a verdade está muito bom. Eu escolhi um texto complicadinho também, chamado “*Antes do Baile Verde*”, e está em um livro no qual foram publicados os contos que nós já lemos. Nós lemos o conto “*As Formigas*”, nós lemos o conto “*Natal na Barca*”, estão lembrados dele? “*Um Chá bem Forte e Três Xícaras*” foi a semana passada. E nós lemos outro também, “*Venha Ver o Pôr do Sol*”.

Participante F: Teve mais um.

Mediador: Foi, “*Venha Ver o Pôr do Sol*”, “*As Formigas*”, que eram aquele dos ossos, depois nós lemos o “*Natal na Barca*”, aquele da mulher e da criança.

Participante M: Do rio verde e quente.

Mediador: Exatamente. E nós lemos na semana passada “*Um Chá Forte e Três Xícaras*”.

Participante M: Aquele da amiga que costuram.

Mediador: Não, aquele era “*Além do Bastidor*”, aquele era da Maria Colasanti. Da “*Moça Tecelã*” também é da Maria Colasanti. Então vamos lá, “*Antes do Baile Verde*”: O rancho azul e branco desfilava com seus passistas vestidos à Luís XV – rancho é uma espécie de escola de samba bem pequena.

Participante M: Eu pensei logo num rancho.

Participante F: Eu também, fazenda.

Estabelecimento de relações entre atividades diferentes:

Esta Subclasse com quatro Categorias agrupa relações de comparação tecidas pelos participantes do grupo ou pelo Mediador.

Comparação entre a roda de leitura e a sala de aula.

Durante a Sessão III, os participantes falam demoradamente sobre as diferenças entre a sala de aula e a roda de leitura. Eles apontam algumas características positivas da roda de leitura que não são encontradas na sala de aula, o que faz daquela um momento de encontro e prazer.

Mediador: Vocês estão vendo que os poemas que nós já conversamos estão conversando conosco a cada reunião.

Participante F: (ininteligível: 00:16:50) Talvez porque a gente tenha gravado mais, não é?

Mediador: Por que é que talvez seja o que ficou gravado mais?

Participante F: Não.

Mediador: Ficou gravado diferentemente.

Participante F: É. Porque também, talvez, porque se a gente não fosse cobrado talvez não tivesse a responsabilidade de fazer.

Mediador: Mas eu pergunto, é importante (ininteligível: 00:17:19)?

Participante F: É.

Mediador: Como assim? (ininteligível: 00:17:24)

Participante: (ininteligível)

Mediador: Qual é, na opinião de vocês, a grande diferença da sala de aula para essa nossa reunião aqui?

Participante F: (ininteligível: 00:17:50) Em sala de aula o professor pensa que só ele sabe e aqui está todo mundo discutindo o que a gente entende. Cada um dá sua opinião. É gostoso.

Mediador: Legal.

Participante M: Na sala de aula é ruim, aqui já é uma coisa boa.

Mediador: Aqui é uma? Repete o que você falou.

Participante M: Coisa boa.

Participante F: Aqui já dá uma vontade de falar aquilo que a gente está pensando.

Mediador: E a convivência se dá exatamente no encontro (ininteligível: 00:18:33).

Participante M: Eu não tenho a vergonha de falar aqui. Na sala de aula, eu não falo nada.

Mediador: Tem a liberdade para se expressar.

Participante M: Na sala de aula, todo mundo zoa você e o professor, de vez em quando, dá umas tiradas.

Mediador: É que na sala de aula quem constrói o conhecimento de vocês é o professor. Aqui, quem está construindo o conhecimento de vocês são vocês mesmos. Eu só estou aqui para falar, hum, eu acho que (ininteligível: 00:19:10) está certa. Se vocês falarem para mim que o poema que ela acabou de falar (ininteligível: 00:19:14).

Participante: (ininteligível)

Mediador: (ininteligível) Garantir que as pessoas tenham o direito de falar. É essa (ininteligível: 00:19:30). Vamos ler outro poema, então?

Comparação entre as duas músicas.

Na Sessão VI, foram trabalhadas duas músicas trazidas pelos participantes. O grupo estabelece uma comparação entre as duas no que diz respeito ao sentimento expresso por ambos eu-líricos.

Mediador: É só colocar lá no *youtube* “*Hey there Delilah*”.

Participante M: Eu já ouvi essa música.

Participante F: Nossa, mas que lindo ele fazer uma homenagem a ela.

Mediador: E aí, já sentiram, as duas músicas estão falando do que?

Participante M: Do amor.

Mediador: Do amor.

Participante M: Só que um é feliz a outra é triste.

Mediador: Por quê?

Participante: Porque ele perde ela.

Participante M: Depende do amor que ele sente por ela. Ele está triste porque ela morreu (ininteligível: 00:54:05).

Participante F: O *Hey Delilah* ele ainda tem chance de ver ela. Ele ainda tem chance. Mas o outro não teve chance.

Mediador: E os dois alimentam o amor como? Pensando, sempre lembrando.

Participante: (ininteligível: 00:54:35)

Participante M: Enquanto um quer lembrar, o outro quer esquecer.

Mediador: Mas, no caso dele aqui, mesmo que ele esteja feliz com o amor que ele tem, vale a pena ficar lembrando esse amor?

Participante M: Vale.

Participante F: No *Hey Delilah* vale, porque ele tem a chance de encontrar ela.

Participante F: Mas, assim, até esqueci o que eu ia falar. Era algo importante.

Comparação entre a letra e o ritmo da música.

Nesta Categoria, o grupo tece uma comparação entre a letra e o ritmo da música trabalhada. Sessão VII.

Mediador: Qual é a relação? Vocês conseguem ver a relação do ritmo com a letra da música?

Participante M: A letra da música é mais correta.

Participante F: É alegre.

Mediador: Que tom que tem a letra da música? Tem um tom engraçado, um tom...

Participante M: Engraçado.

Mediador: É engraçado. A melodia tem esse tom mais irreverente também?

Participante M: Mas só que estragou a música.

Comentários de um texto análogo ao trabalhado na sessão anterior.

Aqui o Mediador faz comentários de outro texto com a mesma temática do conto trabalhado no encontro anterior. Tal iniciativa foi usada nas Sessões XIII, XV e XVII para mostrar a intertextualidade na literatura. Percebe-se que mesmo que o texto tenha sido contado oralmente, o grupo mostrou-se interessado e emitiu suas opiniões. Sessão XIII.

Mediador: Mas é legal, não é? Eu acho que é legal. Eu acho que é bem legal. Esse texto pessoal, esse não, o texto da semana passada que era “*Venha ver o pôr do sol*”, ele foi baseado em outro texto que foi escrito no século dezenove por um autor inglês, que é considerado o pai do mistério, o pai do conto de suspense. É um cara chamado Edgard Allan Poe, que a gente fala “Edgar Allannpô.” Na biblioteca tem livro dele, um monte de contos de suspense. É um pouco difícil de ler porque o texto foi escrito no século dezenove, então com um vocabulário do século dezenove, mas é interessante. Esse texto, ele se chama ‘O Barril de Amontillado’. Amontillado é um vinho muito raro.

Participante M: Um barril.

Mediador: Barril de vinho. Conta a história de um cara que odiava outro cara, o cara tinha humilhado ele na frente de várias pessoas, então ele jurou vingança. Esse cara que humilhou o primeiro se dizia um grande conhecedor de vinhos.

Participante M: O cara que...

Mediador: O cara que humilhou. O cara que foi humilhado fez a seguinte situação: então eu quero comprar um barril de Amontillado. Eu tenho um barril de Amontillado em casa, e gostaria que você verificasse, você que é um grande conhecedor de vinhos, que você desse a sua opinião.

Participante F: Veneno.

Participante M: Muito burro para cair nessa.

Mediador: Ele pega, fala que não, que não existe um barril, etc., e tal, esse vinho desapareceu.

Participante F: Mas era verdadeiramente um barril?

Mediador: Ele falou assim: não, tudo bem, se você não quiser ajudar eu vou chamar o fulano. Fulano deve saber mais que você. Ele fala: Fulano? Fulano não sabe nada. Eu que sei, eu vou lá ver esse barril. Beleza. Ele foi até a casa do cara, chegou lá a casa estava deserta, ele tinha dado folga para os empregados, tudo mais. Então, imaginem a casa, embaixo da casa, embaixo, no subterrâneo da casa havia uma espécie de caverna, muito comprida, que era onde ele guardava os barris de vinho. Porque é mais úmido para conservar o vinho, então era lá que ele guardava. E ele foi com esse cara lá, levou esse cara lá. O cara foi andando, andando, andando, e não acaba mais. E experimentando um gole de vinho de um vinho, um gole de outro vinho, e foi indo. Chegando lá no fundo, ele pegou e falou assim: mas isso aqui não acaba mais, cadê o barril? O barril está aí. O cara já estava bêbado. Nesse momento ele pega o cara e empurra para um afastado da parede. Pensa assim, a parede está aqui, tem um afastado, e ele coloca o homem e encosta ele lá e amarra o homem. No começo ele acha graça. Aí ele pega cimento, e vai subindo a parede. E o cara achando muito engraçado. Quando a parede chega perto da outra, aí que ele se dá conta que ele não está brincando.

Participante M: Mas cimento demora a secar.

Mediador: Não, mas ele estava amarrado, ele estava amarrado, estava preso à corrente.

Participante F: Mas, esse é malvado demais, eu não gostei desse.

Mediador: O cara fala assim: você vai experimentar o melhor vinho da sua vida. E aí ele fecha a parede, olha bem para a parede e vai embora como se nada estivesse acontecido.

Participante M: Com o vinho lá dentro?

Mediador: O cara ficou lá dentro. E o cara gritando. Então gente, para a gente terminar...

Participante M: Era mais fácil matar logo.

Mediador: Mas, será que teria graça?

Participante M: Ele queria torturar o homem.

Mediador: Mas torturar também é legal?

Participante M: A vingança dele.

Participação dos alunos no grupo e nas discussões

Nesta Classe, está representado, em três Categorias, o tema Comportamento. As discussões acerca do assunto foram bastante produtivas e variadas e aparecem em duas Sessões: X e XI.

Comportamento dentro da sala de aula.

O comportamento dos participantes do grupo dentro da sala de aula durante o período letivo é discutido por eles durante esta passagem. Sessão X.

Participante F: Mas olhando desse lado pra fora via todo mundo, mas não via por esse lado também, mas, lá na frente, como eu sou uma pessoa muito chorona, você não olhava, eu começava a chorar, mas as fotos vão ficar guardadas, esse amigo meu, amiga, você nunca mais vai ver.

Mediador: O que você vai falar dele, tudo bem você tem muita amizade por ele, mas o que você vai falar deles?

Participante M: Ah, professor, não fiz nada que ela possa dizer.

Participante M: Você não fez nada?

Participante F: Eles eram da minha sala, só falavam bobeira.

Participante M: Eu falo besteira.

Participante F: Não.

Mediador: Que é isso? É seu colega de classe.

Participante M: Eu sou melhor do que ele.

Participante M: Ah, não, sem querer me gabar.

Mediador: Você não falaria só isso.

Análise do comportamento presente.

Alguns integrantes do grupo avaliam seu comportamento presente durante o período letivo e comparam a facilidade de convivência no momento. Sessão X.

Participante F: Professor, que horas são? Mas, olhando por esse lado não é importante a camiseta, mas...

Mediador: 5h00.

Participante F: A convivência com você agora.

Mediador: Sinceramente vocês estão fazendo isso...Desculpa dizer isso...

Participante M: É verdade.

Participante M: Em Olímpia, todo mundo tem que ir é suplemento de história.

Mediador: Olímpia já está fora pois já é mês que vem.

Participante F: Ah, professor, vamos ver se a gente consegue ir.

Tentar até conseguir resolver um problema.

Nesta Categoria está registrada a fala do grupo sobre o fato de tentar até conseguir resolver um problema, ou no caso deles, interpretar um texto. Sessão XI.

Participante F: Me perdi nisso...

Mediador: Tá certo que o texto é mais complicado, mas vocês estão...

Participante F: Mas, está complicado.

Mediador: Mas você chega lá, é que a gente se perdeu.

Participante F: É, professor, é chato.

Mediador: É chato, mas não é isso.

Participante F: É.

Mediador: Não posso ajudar vocês, eu só vou acertando os pontos.

Participante F: Você explica, parece que fica tão completo.

Mediador: Mas eu não posso explicar toda vez. Na hora da sala de aula, o Professor não vai estar lá com vocês. Na hora de fazer uma prova, o professor não vai estar lá com vocês.

Participante F: A gente tem que tentar até conseguir.

Mediador: Exato.

Participante F: Tá difícil.

Mediador: A gente tem que pensar: vocês já fizeram isso em outro momento, como poesia.

Participante F: Mas esse texto é muito complicado, o estilo do texto parece que ele é surreal.

Mediador: Ele é surreal.

Participante M: Ele é surreal, pois a barba podia ser samambaia.

Mediador: Ou rosas.

Participante M: Isso mesmo.

De uma forma geral, as Categorias elencadas nessa Classe mostram o nível de prontidão dos participantes em relação ao funcionamento das Sessões. Referem-se a situações que tangenciam a organização do grupo e o primeiro contato com o texto trabalhado. Ressaltam-se aqui, os itens 2 e 3 que tratam do enfrentamento dos adolescentes com o texto.

Percebe-se que as Categorias dos itens acima referem-se a Sessões mais adiantadas, ou seja, os alunos já estavam adaptados à dinâmica da Roda de Leitura, já havia um espírito de entrega e confiança no grupo, o que propiciou os comentários surgidos. Importante salientar a percepção dos participantes

quanto à diferença da Roda de Leitura com a sala de aula, comentário que surgiu na terceira sessão. A partir dessa delimitação, percebeu-se uma diferença positiva na participação dos alunos. Até mesmo os mais calados começaram a se expor mais, sem medos de sanções ou repreensões. O clima de cooperação tomou conta do grupo e todos pareciam responsáveis pelos colegas mais quietos e até mesmo pelos mais falantes, completando mutuamente os comentários e pensamentos.

Também percebeu-se que o grupo se preocupava mais com a ideia fixa de tentar compreender e interpretar o texto apesar da dificuldade. Tal sentimento foi extrapolado para a vida pessoal dos participantes, mostrando que houve uma conexão direta do texto com os elementos do grupo.

10. ANEXOS

Anexo 1

Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto

"Campus" de Ribeirão Preto

Of.CEtP/FFCLRP-USP/068/-jsl

Ribeirão Preto, 10 de junho de 2011.

Prezado Pesquisador,

Comunicamos a V. Sa. que o trabalho intitulado "**RODA DE LEITURA E PRODUÇÃO DE APRENDIZAGEM INVENTIVA: UM ESTUDO EM ESCOLA MUNICIPAL DE RIBEIRÃO PRETO**" foi reanalisado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da FFCLRP-USP, em sua 96ª Reunião, realizada em 09.06.11, e enquadrado na categoria: **APROVADO**, de acordo com o Processo CEP-FFCLRP nº 565/2011 - 2011.1.1014.59.8.

Atenciosamente,

Prof.ª Dr.ª ANA RAQUEL LUCATO CIANFLONE
Coordenadora

Ilustríssimo Senhor
Antonio Sérgio Ferreira
Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da FFCLRP - USP

Com cópia para o orientador:
Prof. Dr. Antonio Santos Andrade
Departamento de Psicologia da FFCLRP - USP

Anexo 2

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE RIBEIRÃO PRETO
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO

ESCLARECIMENTOS AOS PARTICIPANTES DA PESQUISA: PAIS DE ALUNOS

- 1- Título da pesquisa: Roda de Leitura e produção de aprendizagem inventiva: um estudo em escola municipal de Ribeirão Preto
- 2- Pesquisador responsável: Antônio Sérgio Ferreira
- 3- Orientador responsável: Prof. Dr. Antônio dos Santos Andrade.
- 4- Descrição das informações obrigatoriamente prestadas aos participantes da pesquisa:

Vimos solicitar a autorização para que seu filho possa participar de uma pesquisa na qual ele irá compor um grupo de alunos que comporá uma Roda de Leitura. Nesse projeto, serão propiciados momentos de leitura, discussão, análise e interpretação de textos a fim de melhorar a capacidade interpretativa dos participantes. Esclarecemos que as atividades acontecerão uma vez por semana com duração de 1h15m, sempre no contra turno escolar de seu filho.

Esclarecemos ainda que, seu filho poderá desistir da participação das atividades, a qualquer momento, se desejar ou precisar. As atividades em grupo serão registradas em gravadores de fita cassete, com a sua anuência. Será mantido o sigilo sobre todo o material registrado e o nome de seu filho não será divulgado no caso de publicação ou exposição do trabalho.

Atenciosamente,

Antônio Sérgio Ferreira

Contato: 3617 1754

Anexo 3**TERMO DE CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIMENTO**

Eu, _____ abaixo assinado, tendo sido devidamente esclarecido sobre todas as condições que constam do documento “ESCLARECIMENTO AOS PARTICIPANTES DA PESQUISA: PAIS DE ALUNOS”, de que trata o projeto intitulado “Roda de Leitura e produção de aprendizagem inventiva: um estudo em escola municipal de Ribeirão Preto”, que tem como pesquisador responsável Antônio Sérgio Ferreira, especialmente no que diz respeito ao objetivo da pesquisa e aos procedimentos que serão utilizados, declaro que tenho pleno conhecimento dos direitos e das condições que me foram asseguradas, a seguir relacionadas:

- 1- A garantia de receber esclarecimentos a qualquer etapa do trabalho, dos riscos e benefícios que a técnica utilizada poderá trazer.
- 2- A liberdade de retirar meu consentimento a qualquer momento sem que isso traga prejuízo à continuidade do trabalho.
- 3- A segurança de que não serei identificado e que será mantido o caráter confidencial da informação relacionada com minha privacidade.
- 4- O compromisso de que me será prestada informação atualizada durante o estudo.

Declaro, ainda, que concordo inteiramente com as condições que me foram apresentadas e que, livremente, manifesto a minha vontade em participar do referido projeto.

Ribeirão Preto, ____ de _____ de _____.

Assinatura do Pai de aluno

Anexo 4

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE RIBEIRÃO PRETO
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO
ESCLARECIMENTOS AOS PARTICIPANTES DA PESQUISA: PROFESSORES

- 1- Título da pesquisa: Roda de Leitura e produção de aprendizagem inventiva: um estudo em escola municipal de Ribeirão Preto
- 2- Pesquisador responsável: Antônio Sérgio Ferreira
- 3- Orientador responsável: Prof. Dr. Antônio dos Santos Andrade.
- 4- Descrição das informações obrigatoriamente prestadas aos participantes da pesquisa:

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa na qual iremos compor um grupo de alunos que participarão de um projeto de Roda de Leitura. Esse grupo reunir-se-á uma vez por semana durante 1h15m por três meses. Durante as reuniões serão lidos, discutidos e interpretados textos e poemas diversos com o intuito de melhorar sua capacidade de interpretação de textos.

Esclarecemos ainda que, qualquer aluno poderá desistir da participação das atividades, a qualquer momento, se desejar ou precisar. As atividades em grupo serão registradas em gravadores de fita cassete, com a anuência dos pais. Será mantido o sigilo sobre todo o material registrado e o nome de aluno ou o seu não será divulgado no caso de publicação ou exposição do trabalho.

Atenciosamente,

Antônio Sérgio Ferreira

Contato: 3617 1754

Anexo 5**Roteiro de Entrevista Inicial com o participante**

1. Nome: _____
2. Idade: _____
3. Sexo: _____
4. Fale sobre o que você acha da escola.
5. Fale sobre seu passatempo favorito?
6. Você gosta de ler? Por quê?
7. Fale um pouco do que você gosta de ler, quando lê.
8. Fale sobre sua compreensão do que foi lido.
9. Fale sobre uma experiência de leitura que foi gratificante para você.

Anexo 6

Roteiro de Entrevista Final com o participante

1. Nome: _____
2. Idade: _____
3. Sexo: _____
4. Fale sobre suas impressões do projeto.
5. Fale sobre suas impressões sobre o ato de ler após a participação no projeto.
6. Fale sobre suas expectativas futuras depois do projeto.
7. Descreva as ações realizadas durante o projeto.
8. Relate uma experiência de leitura que foi gratificante para você durante o projeto.

Anexo 7

Questionário inicial sobre a capacidade de leitura e interpretação

Leia atentamente o texto a seguir e responda às perguntas.

Burro-sem-rabo

São dez horas da manhã. O carroto que contratei para transportar minhas coisas acaba de chegar. Vejo sair a mesa, a cadeira, o arquivo, uma estante, meia dúzia de livros, a máquina de escrever. Quatro retratos de criança emoldurados. Um desenho de Portinari, outro de Pancetti. Levo também este cinzeiro. E este tapete, aqui em casa ele não tem serventia. E esta outra fotografia, ela pode fazer falta lá.

A mesa é velha, me acompanha desde menino: destas antigas, com uma grandinha de madeira em volta, como as de tabelião do interior. Gosto dela: curti na sua superfície muita hora de estudo para fazer prova no ginásio; finquei cotovelos em cima dela noites seguidas à procura de uma ideia. Foi de meu pai. É austera, simpática, discreta, acolhedora e digna: lembra meu pai.

Esta cadeira foi presente de Hélio Pellegrino, que também me acompanha desde a infância: é giratória e de palhinha. Velha também, mas confortável como as amizades duradouras. Mande reformá-la, e tem prestado serviços, inspirando-me sempre a sábia definição de Sinclair Lewis sobre o ato de escrever: é a arte de sentar-se numa cadeira.

- Mais alguma coisa? – pergunta o homem que faz o carroto.

- Mais nada – respondo, um pouco humilhado.

E lá vai ele, puxando a sua carroça, no cumprimento da humilde profissão que lhe vale o injusto designativo de burro-sem-rabo. Não tendo mais nada a fazer, vou atrás.

Vou atrás, cioso das coisas que ele carrega, as minhas coisas; parte de minha vida, pelo menos parte material, no que sobrou de tanta atividade dispersa: o meu cabedal.

Pouca coisa, convenhamos. Mas ali dentro daquele arquivo, por exemplo, vão documentos, originais, cartas recebidas ao longo dos anos, testemunhas do convívio. Vem-me a ideia de que, pobres coisas, com este mesmo carroto é que subirei um dia para dar conta do que fiz e deixei de fazer cá na Terra. E me esbofarei como um propagandista ambulante, tentando fazer entrar pela porta estreita esta carga que me sobrou da aflição do espírito e que, burro-sem-rabo, teimosamente transporto comigo ao longo da vida até o seu termo.

Sabino, F. (1986). *As melhores crônicas*. Rio de Janeiro, Record.

A - São dez horas da manhã. O carroto que contratei para transportar minhas coisas acaba de chegar. Vejo sair a mesa, a cadeira, o arquivo, uma estante, meia dúzia de livros, a máquina de escrever. Quatro retratos de criança emoldurados. Um desenho de Portinari, outro de Pancetti. Levo também este cinzeiro. E este tapete, aqui em casa ele não tem serventia. E esta outra fotografia, ela pode fazer falta lá.

1 – O carroto foi contratado para trazer ou levar as coisas do narrador? Justifique sua resposta.

.....

.....

.....

2 – Pelas coisas do narrador podemos saber muito sobre ele. O que podemos deduzir por meio de seus pertences indicados a seguir?

a. Mesa, cadeira, arquivo, estante, livros, máquina de escrever

.....

.....

.....

.....

b. Desenho de Portinari, outro de Pancetti

.....

.....

.....

.....

c. Cinzeiro

.....

.....

.....

.....

d. Quatro retratos de criança emoldurados

.....

.....

.....

.....

.....

3 – Qual deve ser o motivo da mudança? Justifique sua resposta com informações do texto.

.....

.....

.....

.....

4 – O que o narrador quer dizer com a expressão **meia dúzia de livros**?

.....

.....

.....

.....

5 – De quem deve ser a “outra fotografia”?

.....
.....
.....
.....

B - A mesa é velha, me acompanha desde menino: destas antigas, com uma grandinha de madeira em volta, como as de tabelião do interior. Gosto dela: curti na sua superfície muita hora de estudo para fazer prova no ginásio; finquei cotovelos em cima dela noites seguidas à procura de uma ideia. Foi de meu pai. É austera, simpática, discreta, acolhedora e digna: lembra meu pai.

6 – Qual o tema do segundo segmento?

.....
.....
.....
.....

7 – Quais as fases da vida do narrador ligadas à mesa?

.....
.....
.....
.....

8 – Que palavra do segundo segmento – por ser um termo que hoje não mais se usa – mostra que o narrador não é uma pessoa muito jovem?

.....
.....
.....
.....

9 – No final do segmento, quais os adjetivos empregados para descrever a mesa que são mais adequados à descrição de pessoas?

.....
.....
.....
.....

C - Esta cadeira foi presente de Hélio Pellegrino, que também me acompanha desde a infância: é giratória e de palhinha. Velha também, mas confortável como as amigas duradouras. Mande reformá-la, e tem prestado serviços, inspirando-me sempre a sábia definição de Sinclair Lewis sobre o ato de escrever: é a arte de sentar-se numa cadeira.

10 – Qual o tema central do terceiro segmento?

.....
.....
.....
.....

11 – Qual o duplo sentido da frase “que também me acompanha desde a infância”?

.....

.....

.....

.....

12 – A definição do ato de escrever dada por Sinclair Lewis o considera como prazer ou como trabalho?

.....

.....

.....

.....

D - - Mais alguma coisa? – pergunta o homem que faz o carreto.
 - Mais nada – respondo, um pouco humilhado.

13 – Por que o narrador se sente humilhado?

.....

.....

.....

.....

E - E lá vai ele, puxando a sua carroça, no cumprimento da humilde profissão que lhe vale o injusto designativo de burro-sem-rabo. Não tendo mais nada a fazer, vou atrás.

14 – Que expressão desse segmento aproxima o homem que faz o carreto de um animal?

.....

.....

.....

.....

15 – Por que o narrador considera a designação de **burro-sem-rabo** injusta?

.....

.....

.....

.....

F - Vou atrás, cioso das coisas que ele carrega, as minhas coisas; parte de minha vida, pelo menos parte material, no que sobrou de tanta atividade dispersa: o meu cabedal.

16 – No primeiro segmento o texto apresenta o verbo **transportar** e aqui emprega **carregar**. Qual a diferença entre os dois?

.....

.....

.....

.....

17 – Qual o valor, para o narrador, das coisas transportadas?

.....

.....

.....

.....

Retirado de Carneiro, A. D. (1996). *Texto em Construção – interpretação de texto*. São Paulo: Editora Moderna, 2a ed., pp.40-44.

Anexo 8

Questionário final sobre a capacidade de leitura e interpretação

Leia atentamente o texto e responda às perguntas:

A Ceia

O restaurante era modesto e pouco frequentado, com mesinhas ao ar livre, espalhadas debaixo das árvores. Em cada mesinha, um abajur feito de garrafa projetando sobre a toalha de xadrez vermelho e branco, um pálido círculo de luz.

A mulher parou no meio do jardim.

- Que noite!

Ele lhe bateu brandamente no braço.

- Vamos, Alice...Que mesa você prefere?

Ela arqueou as sobrancelhas.

- Com pressa?

- Ora, que ideia...

Sentaram-se numa mesa próxima ao muro e que parecia a menos favorecida pela iluminação. Ela tirou o estojo da bolsa e retocou rapidamente os lábios. Em seguida, com gesto tranquilo, mas firme, estendeu a mão até o abajur e apagou-o.

- As estrelas ficam maiores no escuro.

Ele ergueu o olhar para a copa da árvore que abria sobre a mesa um teto de folhagem.

- Daqui não vejo nenhuma estrela.

- Mas ficam maiores.

Abrindo o cardápio, ele lançou um olhar ansioso para os lados. Fechou-o com um suspiro.

- Também não enxergo os nomes dos pratos. Paciência, acho que quero um bife. Você me acompanha?

Ela apoiou os cotovelos na mesa e ficou olhando para o homem. Seu rosto fanado e branco era uma máscara delicada emergindo da gola negra do casaco. O homem se agitou na cadeira. Tentou se fazer ver por um garçom que passou a uma certa distância. Desistiu. Num gesto fatigado, esfregou os olhos com as pontas dos dedos.

- Meu bem, você ainda não mandou fazer esses óculos! Faz meses que quebrou o outro e até agora...

- A verdade é que não me fazem muita falta.

- Mas a vida inteira você usou óculos.

Ele encolheu os ombros.

- Pois é, acho que agora não preciso mais.

- Nem de mim.

- Ora, Alice...

Teles. L. F. (1986). *Antes do baile verde*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 9a. ed.

A – O restaurante era modesto e pouco frequentado, com mesinhas ao ar livre, espalhadas debaixo das árvores. Em cada mesinha, um abajur feito de garrafa projetando sobre a toalha de xadrez vermelho e branco, um pálido círculo de luz.

1 – Uma narração se estrutura sobre uma série de elementos fundamentais: **o quê** (o fato), **quem** (os personagens), **como** (o modo), **quando** (o tempo), **onde** (o lugar) e **o porquê** (a causa). Qual desses elementos é o motivo desse primeiro segmento?

.....

.....

.....

2 – Ao descrever o restaurante, o narrador o caracteriza inicialmente com duas qualidades. Quais? Qual delas é explicitada no texto? Por que a outra não é?

.....

.....

.....

.....

3 – Que elementos do texto caracterizam a **modéstia** do restaurante?

.....

.....

.....

.....

B – A mulher parou no meio do jardim.
 - Que noite!
 Ele lhe bateu brandamente no braço.
 -Vamos, Alice...Que mesa você prefere?
 Ela arqueou as sobrancelhas.
 - Com pressa?
 - Ora, que ideia...

4 – Que outro elemento narrativo é introduzido nesse segundo segmento?

.....

.....

.....

.....

5 – Qual o estado de espírito dos dois personagens para o jantar? Como você acha que eles se sentem para esse encontro? Justifique sua resposta com apoio no texto.

.....

.....

.....

.....

6 – A primeira frase de Alice (“- Que noite!”) tem sentido positivo ou negativo? Justifique sua resposta.

.....

.....

.....

.....

7 – Muitas de nossas ideias e sentimentos se traduzem pela linguagem do corpo. Qual o significado de a mulher ter arqueado as sobrancelhas?

.....

.....

.....

.....

C - Sentaram-se numa mesa próxima ao muro e que parecia a menos favorecida pela iluminação. Ela tirou o estojo da bolsa e retocou rapidamente os lábios. Em seguida, com gesto tranquilo, mas firme, estendeu a mão até o abajur e apagou-o.

- As estrelas ficam maiores no escuro.

Ele ergueu o olhar para a copa da árvore que abria sobre a mesa um teto de folhagem.

- Daqui não vejo nenhuma estrela.

- Mas ficam maiores.

8 – Quais as possíveis explicações para o fato de os personagens preferirem um local menos iluminado?

.....

.....

.....

.....

9 – De que maneira o narrador opõe os personagens nesse segmento?

.....

.....

.....

.....

D - Abrindo o cardápio, ele lançou um olhar ansioso para os lados. Fechou-o com um suspiro.

- Também não enxergo os nomes dos pratos. Paciência, acho que quero um bife. Você me acompanha?

10 – Indique o significado dos gestos de “olhar ansioso para os lados” e “fechou-o com um suspiro”.

.....

.....

.....

.....

11 – A palavra **também**, usada pelo homem, indica que, além dos pratos, ele não enxergava algo mais. A que ele se refere?

.....

.....

.....

.....

12 – Como o narrador demonstrou nesse segmento a pressa do homem?

.....

.....

.....

.....

13 – Indique uma possível razão para a pressa do homem.

.....

 E - Ela apoiou os cotovelos na mesa e ficou olhando para o homem. Seu rosto fanado e branco era uma máscara delicada emergindo da gola negra do casaco. O homem se agitou na cadeira. Tentou se fazer ver por um garçom que passou a uma certa distância. Desistiu. Num gesto fatigado, esfregou os olhos com as pontas dos dedos.

14 – A descrição feita nesse segmento se refere ao homem ou à mulher? Justifique.

.....

15 – Justifique o fato de o homem agitar-se na cadeira.

.....

16 – Nesse contexto, qual o significado da ação de esfregar os olhos?

.....

F - - Meu bem, você ainda não mandou fazer esses óculos! Faz meses que quebrou o outro e até agora...
 - A verdade é que não me fazem muita falta.
 - Mas a vida inteira você usou óculos.
 Ele encolheu os ombros.
 - Pois é, acho que agora não preciso mais.
 - Nem de mim.
 - Ora, Alice...

17 – Como o narrador demonstra a intimidade que existe ou existiu entre os personagens?

.....